

# 26

diciembre 2017

# Diálogos Latinoamericanos

**LACUA**

Latin American Center  
Aarhus University  
Denmark



AARHUS UNIVERSITY





### **Consejo Editorial**

Helene Balslev Clausen, José Buscaglia, Juan Carlos Cruz Suárez,  
Mauro Cavaliere, Claudio Cifuentes-Aldunate, Vinicius Mariano De Carvalho  
Susana Silvia Fernández, Steen Fryba Christensen, Jan Gustafsson, Anne Marie E. Jeppesen  
Anne Magnussen, Daniel Escandell Montiel, Francisca Noguero Jiménez, Pedro G. Serra

### **Editores responsables**

Diana González Martín  
Georg Fischer

### **Maquetación**

Diana González Martín  
Martin Munk Stigaard

*Latin American Center, University of Aarhus*

### **LACUA**

Universidad de Aarhus  
Byg. 1481, Jens Chr. Skous Vej 4  
DK – 8000 Aarhus C  
Fax: (45) 89426455  
[www.lacua.au.dk](http://www.lacua.au.dk)

Diálogos Latinoamericanos se publica una vez al año. Los artículos son de exclusiva responsabilidad de los autores. Los trabajos publicados no reproducen necesariamente el pensamiento de la revista.

Copyright: Diálogos Latinoamericanos y autores

Imprenta: Universidad de Aarhus

Indexada en HAPI (Hispanic American Periodicals Index)

On line: RedALyc – <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/index.jsp>

ISSN 1600-0110

# 26

diciembre 2017

# Diálogos Latinoamericanos

**LACUA**

Latin American Center  
Aarhus University  
Denmark

## **Contenidos**

**A la memoria de nuestro amigo y colega Ken Henriksen [5]**

**'Inocentes' caricaturas: eugenia, raça e nação em cores [6]**

Leonardo Dallacqua de Carvalho

**Redes sociais e educação informal: entre o *scemo del villaggio* e o pensamento crítico [23]**

Alexandre Anselmo Guilherme

Bruno Antonio Picoli

**'A lo largo de la vida': ¿educación o aprendizaje? [38]**

Paula Guimarães

**Educação matemática e linguística nos jornais pedagógicos para professores das escolas de imigração alemã do sul do Brasil [53]**

Gelsa Knijnik

Maria Luísa Lenhard Bredemeier

Fernanda Wanderer

**Formación de profesores de educación inicial en Brasil y Colombia: comprensión hermenéutica del discurso del profesor egresado [69]**

Adriana Pineda Robayo

Vera Lucia Felicetti

**'The Intellectual as Transgressor': Richard Shaul and Latin American Pedagogical Thinking [84]**

Danilo R. Streck

**Os *Anales del Museo Nacional de México*: sua importância histórica para construção da identidade nacional [97]**

Ana Carolina Machado

**Memoria agonística en *El hombre que amaba a los perros* de Leonardo Padura (2009) [110]**

Hans Lauge Hansen

**Notas para un abordaje de la literatura policial argentina desde una perspectiva de la sociología de la cultura [125]**

Hernán Maltz

**Dossiê: Amazônia, modernização e desenvolvimento**

**Apresentação [138]**

Antônio A. R. Ioris

Vitale Joanoni Neto

**A Amazônia e a política de Integração Nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente [144]**

Vitale Joanoni Neto

Regina Beatriz Guimarães Neto

**A permanência na terra como suspeita de atos guerrilheiros em Porto Alegre Do Norte/MT – 1970 [158]**

Luciene Aparecida Castravechi

Vitale Joanoni Neto

**O Norte Araguaia mato-grossense como uma nova fronteira de expansão da soja Brasil (2000 a 2015) [172]**

João Carlos Barrozo

Juliana Cristina da Rosa

**Capital paulista no Araguaia: a política de incentivo fiscal da SUDAM como financiadora de empreendedores [189]**

Armando Wilson Tafner Junior

Fábio Carlos da Silva

**Lucas do Rio Verde/MT: modernização agrícola e expropriação dos agricultores [203]**

Fernanda Celina Nicoli da Silva

Edison Antônio de Souza

**Agricultural Frontiers as Controversial Place-making Territories [212]**

Antonio A. R. Ioris

## **A la memoria de nuestro amigo y colega Ken Henriksen**

Elegir el tono conveniente, ese que no filtre ni un solo atisbo de impostura, de desequilibrio, de falta de franqueza, de modelo retórico cargado de clichés y una distancia verbal innecesaria, precisamente innecesaria en estos tiempos de demasiadas distancias. Ese –el tono– ha sido el obstáculo para escribir una nota editorial indeseada, negada mil veces, escrita y deshecha otras tantas veces. Y es que la voluntad desea, pero al mismo tiempo se resiste, se traiciona, se desprecia por tener que hacerlo. Cómo decir si no que ahora escribimos para despedir, desde uno de los núcleos desde los que orbita su presencia de años entre nosotros –sus diálogos latinoamericanos–, a un colega querido y respetado, un compañero amable de trato, provisto de una gran calidad humana y una risa grave de barítono que –creo– resonará por mucho tiempo en los pasillos de quienes muchas veces lo oímos reír. Los que hemos trabajado mano a mano con él en esta publicación sabemos a ciencia cierta cuánto empeño puso en que los estudios latinoamericanos tuvieran un espacio señalado por la calidad dentro de nuestro departamento y en la Universidad de Aarhus. Nada más se puede agregar al respecto, así lo hizo, así fue. Así que, nuevamente, cómo escribir esa nota, cómo elegir el tono para al final observar cómo se sucumbe en el intento, porque cada línea trazada, cada palabra elegida no puede –jamás podrá– ni representar ni ocupar el lugar de una ausencia. Queda así solo un breve recordatorio, una página que nunca quiso ser, que se ha negado a sí misma y en la que solo se percibe la incapacidad de quienes asumen que despedir a un colega apreciado y querido va más allá de los formalismos académicos y se instala, con una potencia laceradora, en el centro mismo de la piel. Que erija su marca, muesca o cicatriz, entonces, y permanezca ahí para hacernos ver que sí es verdad, que durante un breve tiempo paseamos junto a él por los pagos de eso que llamamos la vida.

Juan Carlos Cruz Suárez  
En nombre del Consejo Editorial



## 'Inocentes' caricaturas: eugenia, raça e nação em cores

Leonardo Dallacqua de Carvalho  
Fundação Instituto Oswaldo Cruz/  
FIOCRUZ, Rio de Janeiro

**Abstract:** This research seeks to work through the *Careta* magazine discussion on race and eugenics in Brazil between 1930 and 1934. In particular, it examines cartoons and the position of cartoonists on the subject race and color in Brazil. The work intends to demonstrate how these intellectuals saw the scenario of social inequality in the country and how eugenics entered the discussion on 'hereditary improvement' of the nation.

**Keywords:** Eugenia, race, *Careta*, heredity, nation

**Resumo:** A presente investigação procura trabalhar por meio de imagens da Revista *Careta* a discussão sobre raça e eugenia no Brasil entre 1930 e 1934. Em especial, examina as caricaturas e a posição de seus caricaturistas sobre a questão raça e cor no Brasil. O trabalho tem a intenção de demonstrar como estes intelectuais percebiam o cenário de desigualdade social no país e como a eugenia entraria na discussão para um 'melhoramento hereditário' da nação.

**Palavras-chave:** eugenia, raça, careta, hereditariedade, nação

---

O que uma inocente caricatura quase ao pé da página de uma revista ilustrada do início do século XX poderia dizer sobre o Brasil? Aliás, qual a legitimidade enquanto objeto de investigação para o pesquisador a observação de um desenho que entre suas principais características concentra-se no acentuado teor humorístico e na subjetividade da construção dos seus sentidos? As duas perguntas vêm sendo respondidas por especialistas de diversas áreas do conhecimento que perceberam nas caricaturas e seus autores uma forma iconográfica de representação do mundo que as circundavam. A sua autoridade, provém, da interpretação de que o estado atual dos estudos imagéticos entende a confecção dessas figuras não como descomprometidos magnetismos do riso, mas pertencentes a um *locus* de produção de indivíduos específicos situados em tempome espaço determinados.

Entrelaçada em aproximadamente dois séculos da História do Brasil, a caricatura, como lembrou Luciano Magno (2012: 7), é um testemunho do desenvolvimento social e político que acompanhou o Brasil em distintos momentos. É, assim, notada como uma história contada em cores e traços que deixa transbordar críticas, contextos e risos presente em uma sociedade. O Brasil, em seu turno, possui uma rica memória ilustrada com caricaturistas de renome nacional e internacional. Em paralelo, a locomotiva da imprensa andava a todo vapor na segunda metade do século XIX. Novas técnicas, maquinário, ilustradores, ditavam o ritmo de um país tropical que ao passo que contemplava inéditas modificações no seu material impresso, também expandia suas possibilidades de discussão dos acontecimentos. Então, parece impossível não narrar o Brasil por 'inocentes' caricaturas, principalmente quando o riso não pode ser compreendido por um prisma homogêneo. Afinal, nem sempre o desenho agradava aquele que tornou-se objeto da criação.

Pelo intermédio de um autor, a caricatura é confeccionada como um artifício que provém de uma significação, muitas vezes ambígua. Por mais que ela esteja a reboque da lente de aumento de características físicas ou exageros em suas expressões de linguagem metafóricas, 'La caricatura ha sido expresionista siempre, pues el caricaturista juega con la semejanza de su victima, y la trastrueca para expresar precisamente lo que piensa acerca de su semejante' (Gombrich, 1979: 367). A citação de Gombrich coaduna com o presente trabalho à medida que a palavra 'vítima' ganha espaço na construção do material ilustrado. As figuras que utilizaremos podem ser pensadas nesses termos se empregarmos como referencial a visão do caricaturista sobre o seu cotidiano e as relações de poder que são gestadas dentro da sociedade. Aliás, o caricaturista faz parte da sociedade, interage por meio do seu material de criação com aquilo que pensa e se posiciona na coletividade. Assumindo posições, partidos e ideais, ele aumenta no lápis suas 'vítimas' e arquiteta a sua crônica colorida.

A caricatura que maximiza um objeto de uma sala, uma arma em uma guerra, um cidadão em um local, é construída em torno da representação humorística e virtualmente direcionada perante ao contexto empregado pelo desenhista. Nessa esteira, a função do pesquisador é ampliar a sua visão para além da caricatura. Ele abrange quem a desenha, em qual jornal ou revista aparecem e quem as edita. Em busca desses rastros é que a comicidade da figura oferece lugar para um intelectual à brasileira interpretar a nação.

A rigor, o uso da caricatura como fonte admite aos pesquisadores mapear o *lugar* dos ilustradores e seu envolvimento com os contextos políticos e sociais da sua contemporaneidade. Como modelo, o trabalho de Mauro César Silveira (2009), sugestivamente intitulado de *A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai*, elencou de que modo as caricaturas podem ser ferramentas analíticas para perceber *nós* e *os outros*, na tônica de um conflito internacional. Ao passo que as caricaturas construíam a imagem do inimigo a ser combatido, elas também formavam uma interpretação da representação interna, quando contidas nas imagens. O verbo construir/fabricar incide na observação crítica das caricaturas, sobretudo, na intencionalidade de sua constituição (Silveira, 2009: 205-206).

Outra referência é o estudo de Angela Cunha da Motta Telles (2010), *Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*, do qual a autora sugere uma leitura da imprensa e a relação com as caricaturas no século XIX. Em especial, deve-se contornar a relação da religiosidade nesse período em vista da identidade nacional. Assim, o recorte cronológico e temático desses trabalhos não é coincidência, uma vez que faz parte de um contexto de agitação política e uma pluralidade de novas formas de pensar o país onde o papel das caricaturas assume uma posição de destaque. Luciano Magno (2012: 462) sintetiza o papel da imprensa e, conseqüentemente, dos caricaturistas nesse momento:

A liberdade de imprensa, naquele período, permitiu que os caricaturistas se posicionassem de forma contumaz. As décadas de 1870 e 1880, foram épocas mais palpitantes em prenúncios de mudanças sociais. Estavam no ar questões como o advento da República, o anticlericalismo, o naturalismo e a defesa do livre-pensamento. Aos poucos, inúmeras são as questões que abalam o império. O movimento republicano firma-se, após a criação do partido, em 1870, a campanha abolicionista progride, embora lentamente, e a questão religiosa se agrava.

Nessa conjuntura, o caricaturista apareceu como um personagem presente nas discussões agrupado às novas técnicas da imprensa que favoreceu o aprimoramento do seu material. Esse desenvolvimento deu-se pelo refinamento da imprensa no país, tanto no seu recurso técnico, quanto no chamado à modernização das cidades, principalmente no final do XIX, e às portas do XX. Personagens como Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, impulsionaram o papel das caricaturas no processo de disseminação e da criação nos impressos. A agitação dessa sociedade em constante movimento, calcada numa imprensa próspera, é, como aponta Nelson Werneck Sodré (1979: 223), fruto das agitações que amplia a influência da imprensa, suas progressões técnicas, e a generalização de seus efeitos. Em uma atmosfera como essa, a posição de Agostini deve ser anotada, pois 'Teve papel fundamental nas grandes campanhas políticas da época: a campanha abolicionista, a República e a da questão religiosa, em uma carreira que atravessou quase meio século na imprensa' (Magno, 2012: 196).

O século XX, por sua vez, permite a observação de um quadro histórico específico não somente pelo advento da República, como também pelo surgimento de elaborados impressos coloridos que passaram a frequentar o cotidiano de diversas regiões do país. Esse argumento é endossado na criação da *Revista da Semana*, em 1900, que inauguraria em caráter exponencial a recepção das revistas de variedades no cenário nacional (De Luca, 2008: 121). Otimizadas pelos novos recursos gráficos, inovações tecnológicas e diversidades de fotografias e caricaturas (Eleutério, 2013: 83-83), as revistas cariocas de variedades como a *Kosmos* (1904), *Fon-fon* (1907) e *Careta* (1908), pertencem ao rol de periódicos caracterizados pela qualidade gráfica e imagética.

A recente tradição de caricaturistas no Brasil, herança do século XIX, foi notada com regularidade nas recém-criadas revistas. Caricaturistas criativos e as recentes inovações técnicas favoreceram a criação de ilustrações vistosas e divertidas. Como explica Ilka Stern Cohen (2013: 115):

Na esteira de Angelo Agostini, pioneiro desse gênero, artistas como Voltolino, Raul Pederneiras, J. Carlos, Calixto e Nássara, entre outros, traduziram em imagens criativas e bem-humoradas as sensações despertadas pela torrente de novidades que alternava o ritmo da vida, ressaltando a convivência de tempos e realidades diversos no espaço urbano.

Esta 'tradução da vida cotidiana', por assim dizer, era ilustrada nas páginas dos semanários como a *Careta*, que por meio das caricaturas denunciava o ritmo frenético da modernidade, os conflitos vigentes na sociedade e as negociações políticas e intelectuais que forjavam a esfera diária da *Belle Époque*. Entre sorrisos e desgostos, as sátiras possibilitavam ao seu interlocutor uma concentração de emoções e sentimentos advindos da interpretação do seu cotidiano. O humorista, para somar a essas interpretações dos sentidos, era como na metáfora utilizada por Elias Thomé Saliba (2002: 27) 'uma mosca na garrafa', por tentar apreender 'todos os lados da realidade, exercitando ao máximo, e levando ao limite, a sua percepção e o seu sentido do contrário'.

É preciso rastrear nesse íterim quem eram os humoristas e quais eram suas posições no cenário intelectual/social. O caricaturista não era um agente neutro preocupado exclusivamente com o humor. Sublinhar essa questão é necessária à medida que esses agentes pertencem a um sistema conflituoso de negociações sociais. De outro modo, o caricaturista não vivia em um mundo isolado da atmosfera intelectual, ele nem sempre desfrutava do reconhecimento e méritos que outros intelectuais, como o das letras,

recebiam. Pelo contrário, a reação com o ofício de caricaturista foi muitas vezes a marginalização artística.

Jornais e revistas eram propulsores para a visualização de escritores, literários e jornalistas. Nomes como Lima Barreto, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, João do Rio e outras dúzias de indivíduos que compõem o aparato de uma história intelectual do período eram figuras presentes nos impressos. Obviamente que a motivação não era somente artística. Sérgio Miceli (2001: 55) anota a expressiva relação do periodismo com grupos oligárquicos e sua ação como porta-vozes, bem como a posição de editor que caminhava a reboque de uma futura candidatura política. O que deve-se destacar é que o espaço impresso vivia em constante disputa, o que situa a posição do caricaturista na concorrência de sua produção com nomes da intelectualidade nacional daquele início de século.

Desnudar as articulações dos intelectuais desse período não é uma tarefa que este trabalho se arrisque a fazer, uma vez que a pluralidade de interpretações dos 'homens de letras' deve ter uma maior atenção no espaço de negociação intelectual dos locais que pertencia. Por exemplo, Olavo Bilac esteve presente em mais de três décadas dos periódicos, inclusive em revistas ilustradas como a *Kosmos* (Süssekind, 1987: 20). Um exercício aconselhável para dimensionar parte dessa atmosfera intelectual, pode ser lido nas entrevistas construídas por João do Rio, em *O momento literário*, com escritores como Bilac, Silvio Romero, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Clóvis Beviláqua (Rio, S/D: 1903).

Partindo do universo das letras, onde estariam situados os 'homens das figuras'? Ao estudar um dos maiores representantes do universo das caricaturas do início do século XX, Bastos Tigre, Saliba reproduz as palavras do caricaturista ao dizer que seu lugar social estaria posicionado naquela 'zona suburbana em viela escusa das letras brasileiras' (Saliba, 2002: 133). Isso porque o caráter humorístico, segundo o historiador, era confundido com a boemia e seria (des)qualificado como um 'escritor-cômico' ou um singelo humorista. Em resumo, ao estabelecer o quadro profissional dos humoristas do Rio de Janeiro, verificou uma condição de duplo-agentes desses caricaturistas que mesclavam diversas atividades profissionais para sobreviver. Assim, além de caricaturista, J. Carlos era jornalista e publicitário; Entre as ocupações de Bastos Tigre destacam-se a de jornalista, publicitário, revistógrafo e bibliotecário; jornalista, delegado de polícia e professor estariam entre as atividades de Raul Pederneiras; Calixto Cordeiro era caricaturista e professor de desenho (Saliba 2002: 78-79). A variedade de profissões é um indício da impossibilidade dentro dessa *intelligentsia* de viver apenas da caricatura como ofício.

Os autores citados até o momento trabalharam com mais pertinência as questões relacionadas à intelectualidade e seu papel com os impressos. Entretanto, o breve panorama do cenário letrado da época permite notar a movimentação das caricaturas e seus itinerários. A *Careta*, que esteve no roteiro dos principais nomes de desenhistas do país foi um exemplo de periódico que sobreviveu, ao menos até os anos de 1960, com o suporte imagético e caricatural como suas principais referências.

As imagens a seguir, em sua maioria, correspondem ao início dos anos de 1930 do qual será possível notarmos a interpretação do Brasil por meio das caricaturas, especialmente a relação de raça e eugenia, discussão presente naquela sociedade e na matriz intelectual brasileira. Além do riso supostamente inocente, elas revelam a imaginação e crítica de seus autores sobre o quadro racial e os estereótipos culturais do país.

## **Inocente ou intencional? Um breve diagnóstico das caricaturas na 'democracia racial' brasileira**

Inicialmente, o uso das caricaturas da *Careta* como fonte está ligado às conclusões de pesquisa recentemente desenvolvida que buscou dialogar com o humor ilustrado na revista por meio de suas caricaturas e a discussão racial e eugênica nas primeiras décadas do século XX.

Como anotado anteriormente, as revistas ilustradas surgidas no início do Novecentos como *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904) e *Fon-fon!* (1907) permitiram uma nova perspectiva de interação com o leitor. Imagens, caricaturas, sátiras e piadas constituíam o cartão postal para um público *smart*. Nesse contexto, o presente tópico procura articular caricaturas que tratam dos estereótipos culturais relacionados à questão racial e os debates sobre cor, raça, eugenia e nação.

A rigor, a *Careta* foi uma das revistas ilustradas com maior periodicidade, circulando entre 1908-1960. Não à toa destacou-se como uma das mais populares da sua época, percorrendo mais de meio século. Ao constatar a longevidade do periódico optou-se por um recorte político entre 1930-1934, momento em que Vargas e o Governo Provisório assumem a gerência da nação. Embora corte temporal seja político, a intenção é demonstrar a presença da questão racial nesses primeiros anos da década de 1930 na revista *Careta*.

Sobre o período em questão, a historiografia tem apontado que a relação da *Careta* com Vargas oscilava. Em outras palavras, se em um primeiro momento pode-se notar o apoio a Vargas, posteriormente o semanário passou a criticar algumas de suas ações repressivas (Garcia, 2005). No que concerne ao tratamento com a questão racial, ela permanece inalterada durante os quatro anos de análise.

As caricaturas selecionadas foram investigadas mediante à sua pertinência na discussão de cor e raça, sobretudo para sublinhar como o negro poderia ser interpretado como um elemento negativo ou perigoso para a sociedade. Mais ainda, como um periódico contribuía para a reificação no senso comum dos racismos e das representações raciais no Brasil. Portanto, selecionei as quatro principais caricaturas que expressam a relação entre humor e as hierarquias raciais projetadas no espaço social brasileiro.

Com exceção da última caricatura, todas as outras imagens foram publicadas na *Careta* nos quatro primeiros anos de 1930. A figura 5 foi anexada a fim de ilustrar como o debate sobre raça é presente no semanário, tendo como foco os asiáticos, outro grupo que passou por duras medidas restritivas no país. No quadriênio em destaque, deve-se observar como a construção das caricaturas revela uma justaposição dos desníveis de igualdade racial no país notada pelo lápis de seus autores. Além disso, como o discurso da eugenia se torna presente no jogo intelectual do período e em que medida se aproxima da interpretação entre raça e nação.

A opção em utilizar no subtítulo o termo 'democracia racial' insere-se nos debates acerca da estratificação do negro na sociedade brasileira, sobretudo, na organização social após a escravidão. Como apontou Florestan Fernandes (1972: 28) ao trabalhar o tema do negro e da miscigenação brasileira, '[...] o fato é que ainda hoje, a miscigenação não faz parte de um processo societário de integração das "raças" em condições de igualdade social'. O argumento de Fernandes, ainda nos anos de 1970, faz parte da abordagem do autor em compreender o processo fragmentado onde a 'verticalização' e 'horizontalização' da sociedade, dividida em grupos raciais, ocuparam papel crucial na delimitação dos mecanismos de poder e subversão no Brasil. Esta análise está presente na década de 1930, foco dessa pesquisa, em que por meio das imagens podemos examinar como a construção

imagética das caricaturas atua como denúncia da posição do negro, miscigenado e até do asiático no Brasil. Afinal, o diagnóstico em torno deste objeto, feita por Fernandes (1972: 28), ainda prevalece, pois 'O resultado foi que, três quartos de século após a Abolição, ainda são pouco numerosos os segmentos da "população de cor" que conseguiram se integrar, efetivamente, na sociedade competitiva e nas classes sociais que a compõe'.

Importa ressaltar que cada caricatura reúne em si os elementos essenciais à sua compreensão, pois nenhum detalhe ou adereço (desde as cores utilizadas e as deformações de caráter enfático até a legenda escolhida) está por acaso no conjunto de associações que o ilustrador buscou compor em sua representação artística. Por essa perspectiva, em virtude da recorrência com que aparece nas caricaturas, é possível notar qual a posição ocupada pelo negro no contexto desse imaginário social. Os elementos compostos nas caricaturas oferecem os sentidos para a sua identificação. Suas ocupações profissionais, as relações em termos de dominação, as práticas coercitivas que atrelariam o negro à criminalidade, são amostras de maximização dos traços em tono da inteligibilidade entre o mundo social constituído na visão dos desenhistas e sua reprodução cognitiva para o leitor.

Por este caminho, qual seria, então, o papel da eugenia no contexto de raça e nação nas ilustrações? Em primeiro lugar, enquanto uma teoria científica que visava o aperfeiçoamento hereditário, ela foi discutida e reelaborada segundo os seus locais de recepção. Sua importação não foi um mero copismo, mas repensada em seus conceitos e formas de ação sendo adequada aos interesses das nações. O processo em questão está arrolado às perspectivas de Nancy Stepan (2004; 2005) ao estudar a recepção da eugenia na América Latina. A historiadora procurou esmiuçar suas particularidades na interpretação de intelectuais, políticos e sociedade, uma vez que sua adoção não deve ser compreendida como mera reprodução. Por uma história comparativa, por exemplo, podemos entender o grau de interpretações alinhados às perspectivas de cada nação na América Latina ou mesmo em outras partes do mundo, algo que Mark Adams (1990) sugeriu para examinar os processos de rupturas e permanências no pensamento eugênico ao longo do seu período de aplicação.

Estes elementos são balizadores para compreender como a eugenia foi justificada com as esterilizações nos Estados Unidos ou por quais motivos ela ajudou a sustentar no Brasil um discurso que iria ao encontro de restrições à imigração ou da negação do negro e do miscigenado por uma parcela de intelectuais ao pensar soluções para a homogeneidade hereditária da nação. Estes dois pólos aos quais nos referimos são significativos para ilustrarmos a interpretação histórica da eugenia, pois enquanto as esterilizações involuntárias eram hóspedes frequentes da aplicação estadunidense, no Brasil, até o presente momento, não há indícios da execução de tal prática. Isto não significa a eugenia à brasileira seria mais suave, mas que suas adaptações assumem outras características coercitivas na voz de uma cultura médica particular. Embora seja possível estabelecer comparações relacionadas às dinâmicas de aplicação da eugenia entre Brasil e Estados Unidos, a proporção na restrição dos direitos deve ser vista em suas particularidades, especialmente por adotarem concepções teóricas distintas. Alexandra Stern (2005: 2) nos orienta com uma importante lição sobre a memória coletiva em torno das interpretações da eugenia: 'Nonetheless, the looming presence of the Holocaust in our collective memory, into which context the apologies must be placed, has helped to privilege renditions and narratives of eugenics in America, ultimately, flatten and simplify the historical terrain'.

Em síntese, dentro dessa historiografia, muitos dos alvos eleitos pela eugenia estadunidense e/ou da Alemanha Nazista (Black, 2003) diferem em seu grau de importância quando pensados no contexto da cartilha eugênica brasileira, pois ela possuía o seu próprio

referencial em termos de população 'indesejável'. A História comparativa fornece subsídios para identificar as semelhanças e diferenças dentro do processo histórico. Ao pensarmos a receptividade da eugenia no contexto das primeiras décadas do século XX nota-se o diálogo dos caricaturistas sobre o lugar da raça naquela sociedade.

A eugenia brasileira ganha impulso institucional no final da década de 1910, momento final da Primeira Guerra Mundial. Temáticas sobre a 'questão racial', processo imigratório e as características hereditárias do 'almejado povo brasileiro', estão na ordem do dia da discussão de nação/população ideal. Segundo Robert Wegner e Vanderlei Sebastião de Souza (2013: 264), '[...] quando as ideias eugênicas foram introduzidas entre os brasileiros, seus adeptos rapidamente assumiram esse ideário reformista, destacando a contribuição que a eugenia poderia apresentar para a transformação racial do país'. Além disso, a compreensão que o Estado deveria ser mais presente em relação às políticas públicas, como as de saneamento (Hochman, 2012) e eugenia, representavam algumas das preocupações para mudar a narrativa nacional de um 'país (de) doente(s)'. Para tanto, uma série de medidas visavam diagnosticar os problemas do Brasil desde seu território até a sua população.

Essas transformações sociais nas primeiras décadas do século XX estavam ilustradas nas caricaturas da *Careta*. A população dos chamados sertões do Brasil foi retratada por caricaturistas na figura do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. Esse signo seria amarrado à representação do povo sertanejo e mantido como ilustração por mais de meio século. Entre os aspectos, a calça amarrada com uma corda, o chapéu e roupa velha ou com trapos, a presença do fumo, comporiam as formas de lembrar visualmente o sertanista. *Urupês* (1918), livro que fortaleceu esse entendimento, esteve ligado à visão de Lobato naquilo que acreditava enquanto tradução do homem rural no atual estágio de desenvolvimento do país. A ótima recepção do livro ao vender mil exemplares em um único mês (Ceccantini, 2014: 46), número expressivo para o período, sugere a emancipação da figura no Jeca na construção imagética das caricaturas e da discussão presente das mazelas sociais desse povo em marcha à sua constituição física e moral.

Além disso, a crença na ciência se mostrou uma saída para os problemas do brasileiro esquecido. Nas palavras de Nísia Trindade Lima (1999: 134) 'do contato de Monteiro Lobato com as teses do movimento do saneamento rural, cristalizou-se a ideia do Jeca anemiado, doente, mas capaz de se regenerar com o auxílio da ciência'. Sendo uma das principais '[...] chaves de interpretação de cunho sociológico entre nós [...]' como asseverou Dominichi Miranda de Sá (2015: 118), a noção do Brasil como um 'imenso hospital', frase eternizada por Miguel Pereira nos idos de 1916, é um laboratório particular para avaliarmos todo o contexto em que saneamento, raça e interpretações da nação recebessem as mais diferentes profilaxias e interpretações na tentativa de curar um 'Brasil doente'.

No que concerne à cor, houve atenção especial por parte da intelectualidade à medida em que era pensada por alguns intérpretes como um sinônimo de atraso social e moral. O negro e o mestiço assumiram dentro de parte do imaginário social características próprias que o diferenciariam do restante dos outros 'tipos humanos', possuindo seus estereótipos culturais particulares. Se o Jeca foi lembrado como aquele sertanejo doente, vivendo em condições insalubres e uma representação do atraso nacional, o negro seria representado por teóricos raciais como um elemento à margem da sociedade. Considerado inferior, sua condição racial o atrelava às profissões domésticas, desprestigiadas, ao analfabetismo e à criminalidade. As caricaturas representaram a percepção que se tinha do *Outro*, tanto em sua forma de denúncia, quanto por sua apropriação enquanto propaganda contra grupos 'indesejáveis' (Gené, 2011: 439-462).

Como elabora Alain Deligne (2011: 36) '[...] a sátira não necessita apenas do talento do artista. Ela depende igualmente de um público que saiba apreciar as agressões maldosas e perceber as alusões'. Essa relação é notada na década de 1930 ao passo que a criação das caricaturas alude os estereótipos culturais presentes na sociedade brasileira. As imagens 1 e 2 possibilitam um olhar mais cuidadoso da situação do negro no espaço social brasileiro, uma vez que o sentido da cor é utilizado como subproduto de um juízo de valor. O 'câmbio negro' e a Revolução Constitucionalista de 1932, são respectivamente problemas de ordem social vinculados à economia e à política, porém, a constituição da imagem em sua representação racial supõe o 'câmbio negro' humanizado e sendo dominado pelo até então ministro Osvaldo Aranha. Na imagem 1, o cenário da caricatura apresenta dois elementos em contraste: o homem branco (montado a cavalo) e o homem negro (laçado/amarrado). A legenda faz uma associação explícita ao sertão brasileiro como uma terra selvagem e sem lei (*Far-West*) em que a 'captura' do negro pelo homem branco é determinada por um sentido de hierarquia entre as raças e a consequente marginalização sofrida pelo primeiro. A referência feita ao sistema bancário reforça ainda o sentido da exploração perante a modernidade. A recente memória da escravidão na sociedade naturaliza a imagem do negro como subproduto de dominação. Não é por acaso que o controle do 'câmbio negro', pensado em sua forma econômica, pode ser humanizado pelo 'homem negro' implicando a mesma relação de domínio. Quando Osvaldo Aranha diz: 'Êta negrão! Desta vez não me escapas!', a caricatura trabalha com a ambiguidade do ministro da fazenda controlando a economia e, ao mesmo tempo, do branco exercendo sua posição sobre o negro.

Os signos da imagem 2 são ainda mais perceptíveis. Uma mulher negra no ofício de cozinheira manipula um enorme caldeirão que simboliza os conflitos regionais advindos da Guerra Paulista. Estampando em sua roupa consta a palavra 'situação', que alude a expressão popular da 'situação estar preta'. A utilização de negros para representar humoristicamente adversidades ilumina o senso comum de agrupar a cor à denegação ou ao negativismo. O jogo metafórico da imagem 2 é composto por uma negra ao fundo (maximizada pela ótica do caricaturista), cuja vestimenta lê-se: 'situação', posicionada diante de um caldeirão no qual se lê: 'Feijoada à brasileira'. Ao canto direito dois homens em ternos e chapéus em estilo fidalgo conversam. A legenda faz menção à tradição gaúcha e ao desfecho da situação política antecedente. Comparativamente, um deles prevê: 'Agora vai acabar numa bruta feijoada nacional, com todos os entulhos...', fazendo uma crítica àquela conjuntura dos entraves entre o movimento paulista de 1932 e a federação.

O núcleo da problematização da caricatura, como observado, está na questão política. No entanto, a escolha dos elementos figurativos na composição do cenário é reveladora para a ótica do ilustrador na fabricação das referências inteligíveis. A escolha de uma mulher negra na função de cozinheira da feijoada à brasileira é significativa mediante ao histórico dessa personagem nos afazeres doméstico desde a escravidão e a possibilidade de utilizar sua cor como metáfora para caracterizar o conflito político em curso. A feijoada, por sua vez, tem suas raízes na tradição afro-brasileira, embora na constituição da caricatura também tenha a função de representar o imbróglio pela situação política da guerra civil.

Alguns estudos foram dedicados a pensar o lugar do negro no mundo do trabalho do 'branco'. Carl Degler mencionou a dificuldade de negros em encontrar trabalhos mais qualificados. O pesquisador cita como exemplo uma moça mulata, em 1968, '[...] treinada pela IBM, presumivelmente para o trabalho de escritório, que não conseguia encontrar emprego a não ser como criada, o que ela finalmente aceitou por não ter alternativa' (Degler: 1976: 120). Em *O Negro no Rio de Janeiro*, Luiz de Aguiar Costa Pinto observou a estratificação da cor nos serviços domésticos. Entre suas observações, constatou que na



década de 1940, mulheres negras eram maioria no Rio de Janeiro, porcentagem que chegaria a 50%. Para Costa Pinto (1953: 107), '[i]sso demonstra que, no Rio de Janeiro, para a mulher de cor o emprego doméstico tem sido, e ainda é, a grande oportunidade de ocupação remunerada'. Este tipo de apreciação leva a crer quais grupos gozariam dos privilégios das profissões mais 'importantes' no universo do trabalho. Esboça assim, uma preferência de cor e raça para algumas ocupações remuneradas específicas direcionando o negro, por exemplo, aos serviços com menos prestígio social (Carvalho, 2014: 226).

Em relação à 'situação preta', expressão que permanece presente na contemporaneidade para insinuar a gravidade de um problema ou alguma circunstância, a cor é utilizada como pressuposto de negatividade. Expressões que relativizam a cor como artifícios metafóricos estabelecem quais as associações que fazemos com a coloração da pele. Nesse debate, Carl Degler (1976: 220) novamente contribui para entender sua simbologia e apropriação:

O preto sem dúvida evoca lembranças da noite – essa hora em que os homens com sua grande dependência à visão, se sentem mais desprotegidos e em maior perigo. O braço de outro lado é a cor da luz, emanada principalmente do sol que, por sua vez, é fonte de calor e de outros elementos que tornam a vida suportável. A noite não é apenas escura, mas também fria e, portanto, uma ameaça à vida. É por de admirar que o branco seja visto em todo lugar como símbolo de sucesso, virtude, pureza, bondade, enquanto o preto é associado ao mal, à sujeira, ao medo, ao desastre e ao pecado?

Portanto, é preciso rever os signos sociais a fim de notar como as construções da caricatura atuam na sua compreensão social. Não se trata em afirmar que o caricaturista é um racista, mas entender como ele é resultado do meio social em que vive e o modo como suas compreensões de mundo estão presentes na caricatura, seja como denúncia, seja como percepção.

As caricaturas 3 e 4 vinculam o negro a uma outra categoria social: a criminalidade. Nesse caso, as duas representações indicam que a cor da pele é o sentido comum para o entendimento da caricatura. Na imagem 3, a edificação do humor nada tem a ver com a questão racial no diálogo das personagens, porém, o fato do criminoso ser representado por um negro sugere o efeito da recepção dos signos da criminalidade na sociedade. Enquanto diagnóstico, este é outro efeito associativo entre cor e conduta que sobrevive na atualidade como prática racista.

Nesse momento, a discussão envereda para as relações entre raça e criminalidade articuladas por parte da intelectualidade, principalmente no discurso eugênico de raça. Nas décadas de 1920 e 1930 nota-se a permanência de intelectuais que creditavam à miscigenação ou à cor negra uma propensa motivação à criminalidade devido à degeneração. No tópico denominado *Mestiçagem*, em *Aparas eugênicas: sexo e civilização*, livro do eugenista Renato Kehl (1933: 44), aponta que o cruzamento heterogêneo ou entre 'raças diferentes' era responsável 'pelo aparecimento de excessivas variações que representam desvios da norma genética'. A quantidade de indivíduos heterozigotos acarretaria uma sociedade mais propensa à criminalidade e à degeneração. A defesa do eugenista, segundo os preceitos de que os 'bem nascidos' deveriam compartilhar dos melhores caracteres possíveis, colocava em pauta a realidade brasileira da mistura racial.

É perigoso reduzir toda o entendimento da eugenia na dessemelhança racial, principalmente em um meio plural em que a eugenia à brasileira foi constituída. Uma

variedade imensa de interpretações foi confeccionada na tentativa de identificar os problemas da nação. Todavia, o pensamento de Renato Kehl vai ao encontro das compreensões da miscigenação como responsável pelo processo de degeneração do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade. Mediante ao contexto social, o negro ganhou lugar privilegiado no imaginário de maginalização social, sendo assim, o 'cruzamento' entre brancos e negros seria desaconselhável não somente pelos malefícios da mistura, criticada por eugenistas, mas pela fusão prejudicar o sentimento de homogeneidade da nação. A ideia, em partes, estaria condicionada ao branco se relacionar apenas com o branco. Com o tempo, a crença de que brancos possuíam caracteres melhores acabaria se sobressaindo entre as outras raças por meio da seleção natural.

Diante ao contexto social brasileiro, principalmente após a abolição formal da escravidão, as hierarquias sociais se tornaram mais evidente relevando uma sociedade estilhaçada. Luis Antônio Coelho Ferla (2005: 44) alerta para uma sociedade fragmentada na virada do século XIX para o XX, em que os determinismos raciais e uma confiança na ciência contribuíram para um desnivelamento social mais intenso, principalmente sob o sentimento da cor.

Outro estudo pertinente para discutir o aspecto de cor e criminalidade em forma de dados é a obra *Crime e cotidiano*, de Boris Fausto. Por exemplo, segundo o historiador, o período entre 1904 a 1916 '[...] mostra que negros e mulatos são presos em proporção mais de duas vezes superior à parcela que representam na população global da cidade' (Fausto, 1984: 52). Ao investigar processos judiciais, Fausto demonstra que em vários momentos crimes cometidos por brancos superam a proporção de crime cometidos por negros. Para justificar esta disparidade, o historiador fundamenta a noção de 'controle social específico' colocando a população negra e mestiça como suspeitos potenciais, sobretudo em pleno diálogo com as instituições coercitivas. É oportuno lembrar do conceito utilizado por Sidney Chalhoub (1996: 22) de 'classes perigosas', ou seja, independente do contexto, negros e pobres são presas preteridas pelo aparato policial e político.

Estes estudos sugerem parte do significado da cor naquela sociedade ao considerar características físicas particulares como determinantes para ações específicas. Em outras palavras, mediante ao tema abordado, o negro e o miscigenado estariam mais propensos à criminalidade do que outras raças. A próxima análise de caricatura referente ao tema da cor e criminalidade é ilustrativa à medida que 'inocentemente' remonta este cenário de suspeito em potencial citado até o momento.

Diferente de todas as outras analisadas, a imagem 4 se trata de uma propaganda comercial de um medicamento contra a tosse. Grindelia de Oliveira Junior era o remédio em questão vinculado às páginas da *Careta* para a cura da tosse e outras doenças. No entanto, a propaganda chamou atenção pela construção da caricatura relacionando o 'perigo da tosse' à criminalidade. O comercial associa o perigo da tosse ao medo de ser assaltado ou agredido na rua. Com a chamada apelativa de: 'Cuidado! Olhe o perigo!', a interpretação da imagem tem presente um homem branco, possivelmente retonando do trabalho à noite, no momento em que é surpreendido por um criminoso negro. A representação do negro está armada de um bastão, levantado sobre a cabeça, na alusão de pronta agressão ao homem branco. Era assim que a propaganda pretendia demonstrar o perigo da tosse, especialmente como algo nocivo que poderia vitimar qualquer pessoa em qualquer momento. A escolha das personagens permite compreender o *lugar* de cada uma na inteligibilidade do imaginário social e representação positiva do 'branco trabalhador' e do medo do 'negro criminoso'.

Assim sendo, a frequente associação do negro como criminoso, não causava espanto para uma sociedade que compreendia a base da criminalidade tendo como responsável a

população negra. A crença de que a probabilidade de um negro cometer crime era muito maior do que o branco, naturalizava a imagem. Era o determinismo racial sendo absorvido dentro das relações sociais.

Obviamente a discussão em torno da biotipologia e a criminalidade transcende as pretensões desse texto ao buscar por meio da análise de caricaturas a construção de cor e raça em parte da imaginação social. Todavia, a questão nos impressos periódicos abre um novo leque para discutir a circulação de imagens e textos para o chamado 'grande público' e sua inteligibilidade com a leitura, seja ela textual ou imagética.

Por fim, a figura 5 diz respeito às feições para a representação de 'tipos humanos' eleitos pelos estereótipos culturais. A imagem está recuada há dez anos do recorte temporal proposto nas caricaturas anteriores, mas nos ajuda a pensar como o asiático, vivendo períodos conturbados de restrições à imigração nos Estados Unidos, tem sua construção imaginada pelos caricaturistas da *Careta*. Assim, '[...] demonstrar as limitações do conceito biológico, desconstruir o seu significado histórico, não leva a abrir mão de suas implicações sociais' (Schwarcz, 2012: 33), pelo contrário, os traços acentuam as diferenças por meio de uma construção social do *Outro*.

A última caricatura em questão estabelece o jogo conceitual do período do entendimento de raça e as consequências advindas no processo de imigração. No Brasil das primeiras décadas do século XX, este cenário se apresentou politicamente no projeto de lei de 1923 do deputado federal de Minas Gerais, Fidélis Reis. O projeto, como expõe o antropólogo Jair Souza Ramos expõe:

foi, na sua origem, apresentado como substitutivo dentro da comissão de agricultura da Câmara a um outro projeto de Cincinato Braga, de 1921, o qual tinha por objetivo impedir, de maneira definitiva, 'ameaças' como aquela da imigração dos negros norte-americanos para o Mato Grosso. (Ramos, 1994: 10)

No fragmento, dois aspectos são importantes para perceber o efeito que a caricatura representa. Em primeiro lugar, mesmo que a imagem trate do contexto estadunidense e a relação com seus imigrantes asiáticos, os dois países foram protagonistas de um entrave político sobre o processo de imigração. À época, os jornais denunciavam a possibilidade dos Estados Unidos estarem enviando toda sua população negra para o país, um êxodo que contrariava a política de branqueamento defendida por alguns intelectuais nacionais (Mota, 2003: 73). A proposta de lei de 1923 estava alinhava com as políticas de cotas de nacionalidade e confortada na concepção de teorias raciais - inclusive na eugenia - como ferramenta de restrição imigratória. O caso de Fidélis Reis e Cincinato Braga não constitui um exemplo isolado da cronologia das primeiras décadas de 1920. Joaquim da Silva Rocha, chefe da seção da Diretoria do Serviço de Povoamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em 1918 condenava a imigração asiática por considerá-la 'belicosa com tendências imperialistas' (Seyferth, 2008: 149).

Portanto, a vinculação da caricatura revela um ideal de nacionalidade que estaria sendo projetado tanto nos Estados Unidos como no Brasil, no qual o plano de fundo estabeleceria, entre outros motivos, o trato com a relação racial. O discurso eugênico privilegiava a restrição da imigração, principalmente Renato Kehl ao destacar o viés biológico como justificativa para a adaptação no Brasil:

Toda raça, seja a branca, a preta, a amarela, a bronzada deve defender a sua relativa pureza, impedindo a intromissão de caracteres exóticos. Todas são dignas e

apresentam caracteres de nobreza biológica. A eugenia não é partidária do branco, do preto, do amarelo nem do bronzeado. É pelo homem, qualquer que seja a raça, porque são todos da mesma espécie, conquanto apresentam caracteres diferenciais. Cada raça tem qualidades próprias, adstritas a origens e circunstâncias biológicas, mesológicas e sociais que devem ser respeitadas em benefícios delas próprias. (Kehl, 1937: 44)

A compreensão de raças no Brasil esteve intimamente ligada com as propostas de restrição à imigração. Não à toa, as palavras de Kehl sublinham as diferenças raciais e o perigo em misturá-las. Eram, de maneira metafórica, como dois elementos químicos conflitantes que aos se fundirem resultariam consequências inimagináveis ou catastróficas. No caso da miscigenação, o perigo acarretaria danos à nacionalidade. Para reforçar, o eugenista ainda complementaria: 'Todo o esforço da política imigratória deve atender para incentivar o afluxo de povos com afinidades de raça e etnias compatíveis, de elementos, em suma, que venham elevar o índice eugênico da população nacional' (Kehl, 1937: 82). Assim, a política imigratória foi modelada por um viés médico e de crível eugênico, oferecendo uma legitimidade àquilo que se queria negar.

### **Considerações finais**

A possibilidade de trabalhar com as imagens no ofício da pesquisa histórica pode oferecer novas perspectivas por meio da construção social presente na sua confecção. 'Fabricar' imagens é criar contextos que são posicionados e representados diante a visão de um autor, com sentidos e intenções próprias. Nas caricaturas da *Careta* selecionadas, elas apresentam o ritmo daquele riso que '[...] apreende o movimento por vezes imperceptível e torná-lo visível para todos os olhos, aumentando-o', do qual escreve Henri Bergson (1993: 31-32). A maximização desses traços expõe que o artista tem suas intenções, posições e sentimentos sobre a sociedade que participa. Ele revela a sua interpretação de sociedade, e ao utilizar o riso como arma de articulação, faz da suposta inocência das caricaturas uma estratégia de posicionamento político, assim como uma poesia de Bertolt Brecht, uma crônica de Machado de Assis ou uma crítica de João do Rio.

Na primeira parte do artigo tentei seguir essa linha expositiva. Ao notarem as múltiplas possibilidades enquanto fonte dos impressos periódicos, um leque de novas questões foi aberto ao historiador. As notícias deixaram de ser apenas 'confirmação de eventos contextuais' para se tornarem objetos de investigação, poder e disputa. As caricaturas não seriam entendidas como reflexo/espelho do cotidiano, mas instrumentos de denúncia, posição ideológica do seu desenhista e do comitê editorial, apresentação de visão de mundo, entre outras. A historiografia parece ter compreendido a economia das caricaturas e a partir do desenvolvimento de uma metodologia adequada convergiu no aparecimento de dezenas de trabalhos cronologicamente recortados desde o século dezanove brasileiro.

Mais precisamente, apresentei o debate da caricatura na questão racial e eugênica, situado na *Careta*, uma revista de variedades que tinha entre suas preocupações a forte presença do humor e do riso. Essa vertente humorística tangencia o leitor a concluir sobre uma suposta 'ingenuidade' dos traços, propondo unicamente desnudar as intencionalidades em nome do riso. Todavia, a caricatura tem estabelecido uma relação direta com a opinião de seu criador ou editorial, inibindo, por vezes, uma concepção unilateral de 'inocência'. Seu

poder humorístico de ridicularizar, satirizar ou mesmo de maximizar uma situação ou indivíduo oferece ao leitor um elemento adicional de problematização.

No caso da eugenia e das relações raciais, os ilustradores da *Careta* estavam atentos às transformações estruturais da sociedade e situaram quais as posições de cada indivíduo na estratificação social daquela época. O negro assumindo posições desprivilegiadas ou desenhado com profundas diferenças em relação ao branco, propõe um retrato de Brasil fora da construção imaginativa de uma 'democracia racial', termo presente no imaginário popular no que concerne às relações raciais brasileiras.

Ademais, uma vez postada a discussão de raça e eugenia na sociedade brasileira do início do século XX, seu desenvolvimento e suas aparições no semanário *Careta*, a questão principal do texto diz respeito às possibilidades do uso das caricaturas como fonte para o pesquisador. A dificuldade dessa fonte concentra-se nas ambiguidades das interpretações das imagens e, ao mesmo tempo, no anúncio de sua importância além do riso. As aspas em 'inocentes' caricaturas, portanto, nada mais são do que o esforço em trazer esta modalidade de fontes à tona e, por meio do ofício do historiador, pensar quais as questões, rupturas e permanências dentro de um contexto histórico ou na perspectiva de um caricaturista.

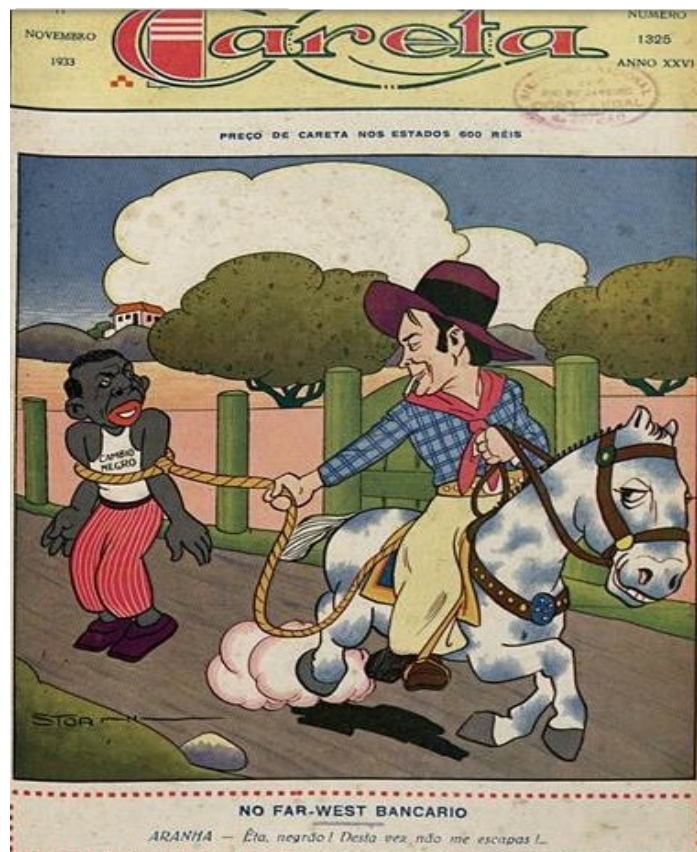


Imagem 1

Careta, 11 de novembro de 1933, Ano XXVI, nº 1.325



Imagem 2

Careta, 10 de setembro de 1932, Ano XXV, nº 1.264

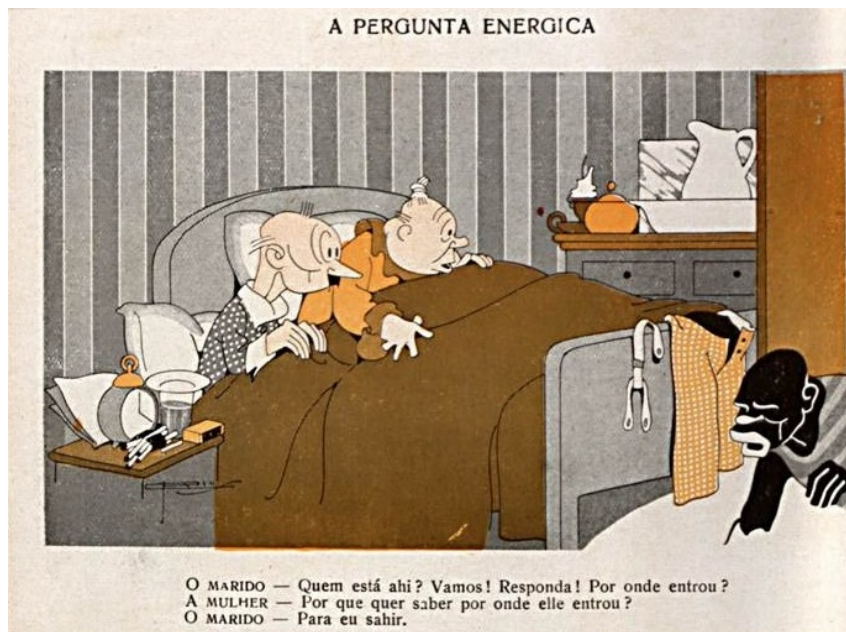


Imagem 3

'Inocentes' caricaturas: Eugenia, raça e nação em cores

*Careta*, 26 de agosto de 1933, Ano XXVI, nº 1.314



Imagem 4

*Careta*, 6 de outubro de 1934, Ano XXVII, nº 1.372



Imagem 5

*Careta*, 3 de maio de 1924, Ano XVII, nº 828

## Fontes

*Careta*, 1924.

*Careta*, 1930-1934.

Kehl, R. (1933) *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Kehl, R. (1937) *Porque sou eugenista? 20 anos de campanha eugênica (1917-1937)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

## Referências

Adams, M. B. (1990) 'Eugenics in the History of Science', in M. B. Adams (ed.) *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press.

Bergson, H. (1993) *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editora.

Black, E. (2003) *Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. São Paulo: A Girafa Editora.

Carvalho, L. D. (2014) *A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)*. Dissertação de Mestrado. Assis-SP: UNESP.

Ceccantini, J. L. (2014) 'Cinquenta tons de verde: Urupês, o primeiro best-seller nacional', in M. Lajolo (ed.) *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp.

Chalhoub, S. (1996) *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras.

Cohen, I. S. 'Diversificação e segmentação dos impressos', in A. L. Martins & T. R. De Luca (eds.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 103-130.

Costa Pinto, L. A. (1953) *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

De Luca, T. R. (2008) 'História dos, nos e por meio dos', in C. B. Pinsky (ed.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 111-153.

Degler, C. (1976) *Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil.

Deligne, A. (2011) 'De que maneira o riso pode ser considerado subversivo', in I. Lustosa (ed.) *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Eleutério, M. L. (2013) 'Imprensa a serviço do progresso', in A. L. Martins & T. R. De Luca (eds.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 83-102.

Fausto, B. (1894) *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Ferla, L. A. C. (2005) *Feios, sujos e malvados sob medida: do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Fernandes, F. (1972) *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do livro.

Fonseca, D. J. (2012) *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro.

Garcia, S. N. (2005) *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado. Assis-SP: UNESP.

Gombrich, E. H. (1979) *A história da Arte*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Hochman, G. (2012) *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec.



- Hunt, T. L. (2011) 'Desumanizando o outro: a imagem do "oriental" na caricatura inglesa (1750-1850)', in I. Lustosa (ed.) *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lima, N. T. (1999) *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM.
- Magno, L. (2012) *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte.
- Miceli, S. (2001) *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mota, A. (2003) *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Ramos, J. S. (1994) *O ponto da mistura: raça, imigração e nação em um debate na década de 20*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Rio, J. (s/d) *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier.
- Sá, D. M. (2015) 'Miguel Pereira e o Brasil doente', in G. Hochman & N. T. Lima (eds.) *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 117-132.
- Saliba, E. T. (2002) *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwarcz, L. M. (2012) *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma.
- Seyfereth, G. (2008) 'Roquette-Pinto e o debate sobre raça e imigração no Brasil. "As leis da eugenia" na antropologia de Edgard Roquette-Pinto', in N. T. Lima & D. M. De Sá (orgs.) *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Silveira, M. C. (2009) *A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Sodré, N. W. (1999) *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- Stepan, N. L. (2005) *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Stepan, N. L. (2004) 'Eugenia no Brasil, 1917-1940', in G. Hochman G. (ed.) *Cuidar, controlar e curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 331-392.
- Stern, A. (2005) *Eugenic Nation: faults and frontiers of better breeding in modern America*. California: University of California Press.
- Süssekind, F. (1987) *Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Telles, A. C. M. (2010) *Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*. Brasília: FUNAG, 2010.
- Wegner, R. & SOUZA, V. S. (2005) 'Eugenia "negativa", psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil'. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* 20(1): 263-288.

## Redes sociais e educação informal: entre o *scemo del villaggio* e o pensamento crítico

Alexandre Anselmo Guilherme

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,  
Brasil

Bruno Antonio Picoli

Universidade Federal da Fronteira Sul,  
Brasil

**Abstract:** This article begins with the controversial statement given by Umberto Eco in Turin in June 2015, for whom the internet, and particularly its social networks, gave voice to a legion of idiots; that is, it gave space and visibility to the *scemo del villaggio*. In the first part of this article we draw on the writings of Santaella and Arendt, critically discussing social networks as public spaces of informal education that enables critical thinking or, on the contrary, promotes non-questioning amplifying the manifestation of forms of violence and the lack of ethical relations. The second part of this article analyses the impact that social networks had on two cases of violence, a lynching and a rape, that occurred respectively in Brazil in 2015 and 2016.

**Keywords:** *scemo del villaggio*, social networks, critical thinking, Arendt, Santaella

---

### Introdução

Em dez de junho de 2015, durante cerimônia em que foi homenageado com o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Turim, Umberto Eco afirmou que, para além do que aconteceu com a TV na segunda metade do século passado, que teria projetado o *scemo del villaggio*<sup>1</sup> a uma posição em que ele se sentia superior, ‘il drama di internet è che há promosso lo scemo del villaggio a portatore di verità’<sup>2</sup>. O primeiro impacto dessas duras palavras foi a reprovação por parte da comunidade internacional pelo seu caráter aparentemente elitista e, mesmo, esnobe. É possível por este primeiro olhar, afirmar que Eco apenas reeditou o que Nelson Rodrigues afirmara em crônica de dezenove de agosto de 1968, na qual mostrava-se espantado e preocupado com o que considerava uma ‘invasão de idiotas’ (1995: 239-241). Para Rodrigues, ‘antigamente, o idiota era o idiota [...] Nascia numa família também de imbecís [...] Não passava do quarto ano primário [...] o imbecil não se envergonhava de o ser. Havia plena acomodação entre ele e sua insignificância’. Porém, isso teria mudado quando ‘os idiotas perceberam que são em maior número [...] E, certo dia, um

---

<sup>1</sup> A tradução literal seria ‘idiota da aldeia’, contudo o sentido equivalente no Brasil seria apenas ‘idiota’. Eco se referia àquele tipo de diálogo que aconteciam cotidianamente em lugares variados e que não acarretavam em grandes impactos políticos e sociais. No Brasil, o substitutivo do *villaggio*, pode ser o ‘botequim’, haja vista a popular expressão ‘filosofia de botequim’.

<sup>2</sup> ‘O drama da internet é que ela promoveu o idiota à portador da verdade’ [‘The problem of the internet is that it promoted the idiot to the bearer of truth’].

idiota resolveu testar o poder numérico: trepou num caixote e fez um discurso. Logo se improvisou uma multidão. [...] Em quinze minutos, mugia ali uma massa de meio milhão'. Assim, 'questões antes tratadas exclusivamente no círculo fechado dos intelectuais ganhou a rua e começou a aparecer como objeto de especulação em qualquer lugar e por qualquer pessoa' (Villela Pereira, 2015: 15). A pena de Rodrigues estava direcionada para os novos grupos que passaram a reclamar direitos e a se organizar politicamente nos anos 1960 e 1970 no Brasil e sua preocupação era com a preservação da hierarquia existente, mesmo que isso não significasse necessariamente uma melhora na vida política do país. Por outro lado, acreditamos que Eco estava efetivamente preocupado com esse sujeito que denominou *scemo del villaggio*, no mal que esse causava aos outros e a si próprio ao tornar públicas suas opiniões sem que estas passassem pela mediação, pelo crivo da reflexão. Para Rodrigues, o 'idiota' era incapaz de pensar, isso estava na sua natureza, enquanto o *scemo del villaggio* de Eco escolheu não pensar e para isso foi educado, isso faz toda a diferença.

Assim, o presente artigo parte dessa polêmica declaração dada por Umberto Eco em Turim, em junho de 2015, para quem as redes sociais deram voz a uma legião de idiotas. A partir da contraposição entre escritos de Lucia Santaella e Hannah Arendt e da análise da repercussão nas redes sociais de dois casos de violência, um linchamento e um estupro, buscamos discutir se a ubiquidade das redes sociais, enquanto espaços de educação informal, possibilitam e/ou favorecem a atividade do pensamento ou, ao contrário, podem amplificar manifestações que fazem apologia a formas de violência e à falta de ética nas relações.

### **Redes sociais: uma forma de educação informal**

As definições de Coombs, Prosser and Ahmed (1973) da educação informal, formal e não formal são clássicas e citadas extensivamente na literatura sobre educação:

Informal Education: '... the truly lifelong process whereby every individual acquires attitudes, values, skills and knowledge from daily experience and the educative influences and resources in his or her environment—from family and neighbours, from work and play, from the marketplace, the library and the mass media ...'

Formal Education: '... the hierarchically structured, chronologically graded 'educational system', running from primary school through the university and including, in addition to general academic studies, a variety of specialized programmes and institutions for full-time technical and professional training'.

Non-formal Education: '...any organized educational activity outside the established formal system-whether operating separately or as an important feature of some broader activity-that is intended to serve identifiable learning clientele and learning objectives'. (*apud* Smith, 2014)

De acordo com essas definições, o ciberespaço e as redes sociais, marcados pela ubiquidade, compreendem e fornecem ambientes privilegiados de educação informal porque são espaços em que o indivíduo pode se engajar num longo processo (uma vida toda) de aquisição de valores, atitudes, habilidades, ferramentas e conhecimentos a partir das experiências cotidianas, das influências educativas e do ambiente que o circunda. É claro que as redes sociais podem ser utilizadas em processos educativos formais e não formais, sendo esses momentos organizados, porém externos, com objetivos específicos e com

clientela identificável. Entretanto, ao tentar enquadrar em um programa formal ou não formal perde-se o que é, segundo Santaella (2013) e com o qual concordamos, o que há de mais característico na cibercultura em geral e nas redes sociais em particular, ou seja, sua ubiquidade, seu caráter caótico.

Assim, e com referência à educação informal, Guilherme (2015: 8) nota que 'it is a fact that we do learn a great deal informally, especially from means and modes of communication on a daily basis, from feeds on twitter and facebook to the new programmes on our radios and TVs'. Entretanto, a importância da educação informal para a formação do caráter, a aprendizagem e mesmo para o futuro profissional nem sempre é apreciada por educadores. No que diz respeito a isso, a National Science Foundation (1997), dos Estados Unidos, comenta que:

[I]nformal education consists of learning activities that are voluntary and self-directed, life-long, and motivated mainly by intrinsic interests, curiosity, exploration, manipulation, fantasy, task completion, and social interaction. Informal learning occurs in an out-of-school setting and can be linear or non-linear and often is self-paced and visual- or object-oriented...The outcomes of informal learning experiences in science, mathematics, and technology include a sense of fun and wonder in addition to a better understanding of concepts, topics, processes of thinking in scientific and technical disciplines, and an increased knowledge about career opportunities in these fields. (*apud* Smith, 2014)

Considerando o caráter ubíquo das redes sociais, a possibilidade de fazer-se ver, de aparecer a partir da manifestação de sua opinião e do cotejamento da opinião de terceiros, suas potencialidades educativas informais, sua condição caótica e incontrolável, faz-se necessário questionar se é a partir da imersão dos indivíduos nesses espaços que será possível a aquisição das habilidades necessárias para o exercício da cidadania tal qual defendida por Santaella (2013: 13). Em outras palavras, a ubiquidade das redes sociais é uma característica que favorece o exercício do pensamento e do julgamento ou dá as condições para a emergência do *scemo del villaggio* de Eco?

Ainda no discurso em Turim, embora manifestasse esperanças sobre o retorno da imprensa escrita e de algo como o renascimento do livro, Eco convocava os professores a ensinar os jovens a usar criticamente os vários *sites* na Internet, comparando informações e conferindo fontes. Para ele 'i professori dovrebbero insegnare ai ragazzi a utilizzare i siti per fare i temi. Saper copiare è una virtù ma bisogna paragonare le informazioni per capire se sono attendibili o meno'<sup>3</sup>. De certo modo, Eco capitulava ao caráter pervasivo da informática e, especialmente, da Internet em sua manifestação mais invasiva, qual seja as redes sociais.

Pervasividade é uma qualidade de fenômenos irrefreáveis, espalhados ou que tendem a espalhar-se, que possuem uso geral e completo. Para Tomasevicius Filho (2016: 269), desde que foi disponibilizada para uso comercial, em 1995, a Internet alterou de modo significativo diversos aspectos das relações humanas. Afirma também que 'pela facilidade do acesso em qualquer hora e lugar, a velocidade da transmissão do conhecimento aumentou quase ao infinito'. As redes sociais podem ser consideradas o ápice (até o momento) do

---

<sup>3</sup> 'os professores devem ensinar os jovens a usar os sites para fazer os temas. Para saber que copiar é uma virtude, mas deve-se comparar as informações para ver se são confiáveis ou não' ['Teachers should teach young people to use the sites to make subjects. To know that copying is a virtue, but should compare the information to see if they are reliable or not'].

caráter pervasivo da internet, pois são espaços em que o indivíduo pode conectar-se com o mundo, fazer amigos, informar-se sobre política, esportes, interagir com pessoas em qualquer lugar da Terra (desde que também tenham acesso do lugar onde estão), participar e criar grupos de interesse comuns, além de poder expressar-se diretamente sem a mediação de uma emissora, editora, canal etc. López Gil e Angulo Rasco (2015: 10) afirmam que a cibercultura não rompeu com outras formas de comunicação, mas as utiliza e potencializa. Conforme os autores, 'la aparición de la cultura digital no ha supuesto la ruptura con las culturas orales, lecto-escritoras o audiovisuales; al contrario, de la misma manera que como las anteriores la han hecho, la cultura digital aprovecha e incrementa el potencial'. É possível expressar suas opiniões e endossar tanto a partir da criação de post autorais quanto da replicação de postagens de terceiros ilimitadamente (os 'compartilhamentos' do Facebook e do Instagram e os 're-tweets' do Twitter, para ficar apenas com as principais redes sociais utilizadas por internautas brasileiros). Ainda, é possível expressar seu apoio ou contrariedade através de comentários em postagens de terceiros, o que abre espaço para réplicas e para o ingresso na discussão por parte de qualquer indivíduo que também queira manifestar sua opinião sobre o assunto original ou mesmo sobre algo que se relacione aos comentários, mas que não tenha nenhuma ligação direta com o tema original, exceto o fato de pertencerem a mesma cadeia. Por meio de aplicações complementares, as redes sociais possibilitam interação assíncrona (sem expectativa de resposta imediata) e síncrona (com expectativa de resposta instantânea, inclusive a partir de constrangimentos, já que muitas aplicações permitem ao usuário saber se o interlocutor recebeu e visualizou a mensagem encaminhada). Assim, essas interações no mundo digital tomam um caráter parasítico, procurando se replicar, expandir-se continuamente, tornar-se 'viral' na linguagem da internet; quer dizer, como Michel Serres (2007: 3) diria em seu comentário sobre a comunicação: 'A parasite who was the last word, who produces disorder and who generates a different order'.

Walter Benjamin, antes mesmo da criação dos primeiros computadores e muito antes do advento da internet e das redes sociais, já havia manifestado preocupação semelhante, guardadas as devidas limitações temporais. Conforme Kyong-Min Son (2013: 617), Benjamin 'argues how the 'here and now' or the 'aura' - the basis of authenticity - has declined due to the rise of technological reproducibility, and how it could result in distraction (Ablenkung) as the dominant mode of social behavior'. Tal situação se agrava se considerarmos o avanço exponencial da tecnologia e da acessibilidade à computação móvel, o que cria condições para que as redes sociais acompanhem o indivíduo em todos os espaços por onde esse transite, não fazendo distinção entre horários de trabalho, lazer, descanso, reflexão e contemplação. Assim, além do caráter pervasivo, esse tipo de comunicação adquire caráter ubíquo.

Ubiquidade é uma expressão originária do latino *ubiquus*, formada pela junção das expressões *ubi* (onde) e *aliqua* (qualquer), significa 'em toda parte'. É um conceito que advém da esfera religiosa, significava que Deus estava em todo lugar (Abbagnano, 2007: 1164). Souza e Silva (2006 *apud* Santaella, 2013: 15-16), afirma que a ubiquidade, em se tratando de comunicação mediada por computação, 'pode ser definida como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo ambiente'. Baseando-se em Araújo (2003), Santaella (2013: 16) entende por ubiquidade 'a coordenação de dispositivos inteligentes, móveis e estacionários para prover aos usuários acesso imediato e universal à informação e novos serviços, de forma transparente, visando aumentar as capacidades humanas'. A autora vai além e afirma que o atual estágio de desenvolvimento técnico e tecnológico a 'levou à convicção de que a condição

contemporânea de nossa existência é ubíqua' (ibidem). Para a autora, estamos concomitantemente em um lugar e fora dele, somos chamados por qualquer motivo e em qualquer momento para fazer-nos *presentes* em qualquer lugar. O sentimento de onipresença é, segundo ela, a marca de nosso tempo.

Para Santaella (ibidem: 13-14), a pervasividade da Internet e de suas formas de sociabilidade, a ubiquidade como condição humana na contemporaneidade e o contexto de interação construtiva das pessoas com as diversas tecnologias, com ambientes de conversação e diálogo que criam redes de interação, de conflitos, controvérsias, cismas, tramas e possíveis resoluções em campo aberto, possui séria implicação no processo educativo, especialmente se pensado para o exercício da cidadania. Defende que se faz necessária uma nova forma de cidadania, em suas palavras

Ser cidadão nessa sociedade hipercomplexa, que potencializa a hipersociabilidade, significa tornar-se capaz de distinguir entre diferentes linguagens e mídias, suas naturezas comunicativas específicas, suas injunções político-sociais e, a partir disso, ter condições para desenvolver a capacidade de levantar perguntas acerca de tudo que vemos, ouvimos e escutamos. (Ibidem: 13)

Bauman (2006: 127) afirma que em nosso mundo, uma *modernidade líquida*, o tempo já não se constitui mais em um período até uma conquista, perdendo valor e retirando valor também do espaço. A instantaneidade da *época do software* (em oposição à *época do hardware - modernidade sólida*) impõe a desvalorização do espaço. Assim, se toda parte do espaço pode ser acessada a qualquer tempo (ou no tempo em que se desejar), nenhuma parte do espaço tem valor especial: 'Si es posible acceder a cualquier parte del espacio a cualquier momento, no hay motivos para se llegar a ninguna parte en ningún momento en particular, ni motivos para preocuparse por garantizar el derecho de acceso a cualquiera de ellas'. Ainda conforme Bauman (ibidem), o tempo sem profundidade e instantâneo de nossa condição contemporânea, implica no esgotamento do interesse, dos ideais e da responsabilidade, no sentido de uma busca contínua, superficial e sem limites da satisfação imediata. Já Santaella (2013: 21) compreende que, para fazer frente aos desafios do que considera ser nossa condição contemporânea, é imprescindível 'viver as tecnologias'. Tal recomendação se aplicaria aos estudiosos da cultura e aos estudantes. Aos primeiros porque somente estando dentro será possível perceber as transformações que estão sendo gestadas e que não aparecem na superfície. Já para os segundos porque o processo é irrefreável e só se desenvolve as habilidades necessárias para a nova cidadania antes expostas estando imerso na cibercultura, vivendo a ubiquidade. A autora manifesta-se otimista quanto ao potencial das tecnologias para a construção da cidadania, advertindo que tem defendido 'a ideia de que chamar atenção para o potencial construtivo das tecnologias é mais produtivo do que demonizar seus malefícios que advém das ruínas edulcoradas e dissimuladas do capitalismo' (ibidem: 22). Embora afirme que é necessário levantar bandeiras de atenção, que há disparidades de acesso (ibidem: 21), e que pode haver também movimentos conservadores e mesmo apologistas da violência nas redes (ibidem: 93), Santaella apresenta uma postura agressiva quanto aos críticos ou àqueles que não veem as 'conquistas valiosas que merecem ser celebradas' (ibidem: 21). Em alguns momentos esses são tratados como sonâmbulos (ibidem: 20), cartesianos reconfortados (ibidem: 118), sujeitos que vivem na 'ignorância de rupturas das tradicionais noções' (ibidem: 124), ou, ainda, nostálgicos (ibidem: 126).

Santaella (ibidem: 112-113), afirma que as redes sociais podem ser consideradas o quarto grande marco da evolução dos computadores<sup>4</sup> e que não é possível desconsiderar seu papel na vida ‘psíquica, social, cultural, política e econômica’. No Brasil, cuja população total segundo o Censo Demográfico de 2010 é de quase 191 milhões de habitantes (IBGE, 2010), o número de perfis/usuários no Facebook era de 89 milhões em 2014 (Olhar Digital, 2016), e 33 milhões no Twitter em 2011 (Príncipe, 2011), sendo que em ambas as redes sociais o país figurava como o segundo colocado em número de perfis. O indivíduo, ao criar um ‘perfil’ em uma rede social, passa a agir como se essa fosse uma extensão sua, em que pode se encontrar e manifestar sua identidade. Isso, é claro, não impede que o indivíduo crie perfis falsos, os *fakes*, em que pode agir com menor pudor já que não vincula seu nome e é demasiado difícil determinar quem é o ‘dono do perfil’. Além disso, um mesmo indivíduo pode administrar inúmeros perfis. Contudo, mesmo na situação de perfil falso, a relação do usuário com esse é de extensão do eu, já que o alimenta com informações, notas, mensagens com as quais se sinta identificado, mas que poderia ser objeto de censura ou constrangimento caso esse mesmo conteúdo fosse disponibilizado em seu perfil devidamente identificado. Nesse sentido, Zizek (2006), afirma:

there is the much more unsettling opposite idea of the domination of my screen persona over my ‘real’ self. Our social identity, the person we assume to be in our social intercourse, is already a ‘mask’ that involves the repression of our inadmissible impulses. But it is precisely in the conditions of ‘just playing’ - when the rules regulating our ‘real life’ exchanges are temporarily suspended - that we can permit ourselves to display these repressed attitudes. Take the proverbial impotent shy person who, while participating in a cyberspace interactive game, adopts the identity of an irresistible seducer or sadistic murderer. It is all too simple to say that this identity is just an imaginary escape from real-life impotence. The point is rather that, since he knows that the cyberspace interactive game is ‘just a game’, he can ‘show his true self’ and do things he would never have done in real-life interactions. In the guise of a fiction, the truth about himself is articulated. The fact that I perceive my virtual self-image as mere play thus allows me to suspend the usual hindrances which prevent me from realising my ‘dark half’ in real life. My electronic id is given wing.

Entretanto, é fato que as redes sociais se constituem em ambientes em que cada usuário se torna mais perceptível àqueles do seu entorno e galga maior visibilidade conforme promova conteúdo de interesse de um grupo cada vez maior. Bauman (2006: 55) afirma que a tarefa imposta às pessoas de hoje consiste em ‘autoconstituir su vida individual y tejer redes de vinculos con otros individuos autoconstituídos, así como ocuparse del mantenimiento de esas redes’. Assim, existe por parte dos usuários a intenção, constante e permanente, de tornar-se conhecido, aparecer e, para tal, produz-se um tráfego de conteúdos profissionais e/ou amadores. Para Santaella (2013: 115-116) esse processo tende a ser transparente e essa transparência é assegurada pelo ‘simples fato’ de que cada usuário pode, caso o queira, expressar suas ideias, sugestões e sentimentos, abrindo, assim,

---

<sup>4</sup> Apoiada em Leal et al. (2012) assinala que o primeiro marco foram os semicondutores nos anos 1960 e o segundo é a invenção e popularização dos computadores pessoais. Já o terceiro marco pode ser considerado o advento da *Internet Explorer*, assim como das interfaces gráficas amigáveis (Santaella, 2013: 113).

espaço para a criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas. Instauram, assim, uma cultura participativa, onde cada um conta e todos colaboram, portanto, uma cultura integrativa, assimilativa, cultura da convivência que evolui de acordo com as exigências impostas pelo uso dos participantes. É uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam ou se supõe que pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja. (Ibidem: 117)

### **O pensamento crítico: a perspectiva de Arendt**

É possível afirmar que as redes sociais se constituem como espaços públicos em que os indivíduos podem agir através da aparição e da comunicação. Tomaservicius Filho (2016: 271) entende as redes sociais como uma esfera virtual, separada das demais esferas da vida humana, contudo admite (ibidem: 270) que com a popularização dessas ‘as pessoas querem ver e ser vistas, conversando o tempo todo à distância’. O autor estava preocupado com aspectos legais - cíveis e penais - das relações humanas na Internet, desconsiderando as implicações das ações no ciberespaço na vida pública e nos processos educativos, especialmente informais. Para Hannah Arendt, a ação é a atividade por excelência ligada à vida política, sendo que sua principal preocupação é a busca pelo bem comum, ‘corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo’ (2004: 15). A condição, então, para que a ação ocorra é a pluralidade humana, que aponta para um duplo aspecto, quais sejam da ‘igualdade’ e da ‘diferença’. A igualdade torna possível o mundo, o espaço público, pois como iguais nos entendemos. Entretanto, é só no âmbito da diferença que o espaço público se legitima, afinal, caso fôssemos apenas iguais, bastariam sons grosseiros e sinais para comunicar nossas necessidades (ibidem: 188). É no discurso e na ação (o próprio discurso é uma ação) que os seres humanos aparecem em suas diferenças, em sua individualidade (ibidem: 189). Essa ação discursiva, um segundo nascimento do indivíduo (o primeiro é o biológico, o segundo é o seu aparecimento no mundo), só é possível em um espaço próprio para o desenvolvimento desse tipo de atividade, ou seja, de um espaço público (ibidem: 193).

Para Arendt (2004: 202), toda ação possui ao menos essas duas características: irreversibilidade e imprevisibilidade. A primeira indica que, ao ser iniciada, é impossível desfazer uma ação, desdizer uma ofensa etc. (apenas uma nova ação pode ser feita, em sentido reparatório). Já a segunda alerta ao fato que o agente iniciador da ação não detém o controle sobre a própria ação após seu início. Nye (1994: 192) observa que

[p]olitical action has meaning as an element in the story of the actor, but her story is the story of others. There is no one author/maker because it is a share story, with plots that are never completely determined by any one person's actions. As a consequence, a woman (sic) who takes action may not know exactly what it is she is doing, may never know because it may not be clear until after her death...[T]his is one of the tragedies of revolution; the violence that results is often unintended by its instigators.

Assim, qualquer ação pode ter consequências ilimitadas, não planejadas e irreversíveis. A centralidade da comunicação, o fato de poder se manifestar expondo sua



opinião a qualquer momento e em qualquer lugar (caráter ubíquo) e a busca por fazer-se ver, permite-nos afirmar que as redes sociais contemplam os requisitos arendtianos para serem consideradas enquanto espaços públicos, porém com novos e sérios ingredientes, quais sejam sua pervasividade e ubiquidade, que tornam confusas (e até colocam em xeque) as fronteiras entre as esferas pública e privada da vida.

Embora em suas primeiras obras Arendt defenda que no espaço público não poderia haver nenhum elemento mediador entre os homens a não ser a própria linguagem, seus últimos trabalhos passam a dedicar atenção maior ao juízo, à consciência e ao pensamento, o que nos autoriza afirmar que, em última instância o que deve mediar a relação entre os indivíduos no espaço público é o diálogo do *eu comigo mesmo*. Conforme a autora (2002: 104)

A relevância política da descoberta socrática reside em sua afirmação de que a solidão, que, antes e depois de Sócrates era tida como prerrogativas e *habitus* profissional apenas do filósofo, e naturalmente vista pela *pólis* como suspeita de ser anti-política, é, ao contrário, a condição necessária para o bom funcionamento da *pólis*, uma garantia melhor do que as regras de comportamento impostas por leis e pelo medo do castigo.

Embora sejam processos diversos, o pensamento, a consciência e o juízo se imbricam e devem orientar a ação dos indivíduos. É a partir do acompanhamento do julgamento de Adolf Eichmann que Arendt promove essa ‘virada’, já que concluiu que, dentre outras coisas, o que levou Eichmann a agir do modo que agiu e se tornar um dos maiores criminosos da história da humanidade foi sua recusa a pensar, julgar e, logo, tomar decisões que poderiam atentar contra a lei, mas não contra a sua consciência (Arendt, 2006: 287-8).

Ao contrário do que entendia o cronista brasileiro supracitado, para Arendt, seguindo a trilha de Sócrates rejeitada por Platão, o pensamento não é para poucos afortunados (2004b: 231), o que, por outro lado, não significa que seja uma atividade que não demande considerável esforço. Como toda atividade básica da mente, o pensamento exige uma *retirada do mundo* (1981: 70), o que acreditamos ser um esforço demasiado oneroso considerando que ‘vivemos em um tempo em que não há mais lugar nem tempo para a nostalgia’, em que a ‘velocidade tomou conta do mundo’ e ‘uma vez que, a qualquer hora e em qualquer lugar, desde o advento dos dispositivos móveis, nossos corpos e mentes estão plugados em bases de dados, infovias e redes informacionais e pessoais’ (Santaella, 2013: 125-126). Se o pensamento exige uma retirada do mundo, pensar é ‘parar para pensar’ (Arendt, 2004b: 243), interromper as atividades vitais, *alhear-se* do mundo a ponto de mergulhar em um estado de espírito em que o indivíduo que pensa, ao pensar, fica perplexo diante do fato de que tudo o que toma para balizar sua conduta (sua ação) torna-se duvidoso pelo próprio pensamento.

Se o pensamento duvida de tudo, ele é perigoso, potencialmente autodestrutivo. Todavia, tão ou mais perigoso quanto o pensamento é o não pensamento, especialmente quando se trata de assuntos de ordem moral e/ou política, de casos particulares que às vezes demandam julgamento rápido, porém fundamentado. Para Arendt (ibidem: 245), não *parar para pensar*, desacelerar e mesmo recusar-se ao que aparece à vista como irrefreável, ao fluxo pervasivo dos processos, é se agarrar às formas prescritas (por outrem e por *ninguém* em específico) como normas a serem seguidas porque naturalizadas, porque se impõem, e para tal é irrelevante se o processo em questão seja antigo ou tão novo quanto, ou mesmo mais que o próprio indivíduo. Além disso, como afirma Sorj (2016: 133), em uma

sociedade democrática não é cabível que apenas um conjunto de valores ou regras ‘possa ser a base moral e medida de todas nossas decisões e da convivência com os outros’. Quanto mais os indivíduos estiverem presos às regras gerais que aplicam às situações pontuais, mais fácil é substituir por completo o conteúdo dessas regras; por exemplo, Eichmann era um bom cumpridor da lei, com a mudança no conteúdo dessas, após a ascensão de Hitler, continuou sendo um bom cumpridor da lei. O indivíduo buscará se adaptar ao novo *corpus* de regras, não sendo relevante o fato de essas terem sido violentamente modificadas. O indivíduo aprende a não pensar, e pode passar uma vida inteira sem fazê-lo. A ação de deixar-se conduzir pelo processo faz com que o indivíduo pareça estar dormindo, aplicando regras gerais que supostamente ‘subsumem os casos particulares’ (Arendt, 2004b: 245), no limite não é o indivíduo quem toma decisões, ou melhor, a decisão que tomou foi a de não tomar decisões, de não pensar e de não julgar por própria conta, de não assumir a responsabilidade pelo mundo. Tal posição parece afrontar diretamente a acusação de Santaella (2013: 20), para quem os que se negam a adentrar nas tecnologias, a viver a ubiquidade, agem como sonâmbulos.

Se o pensamento põe em questão todas as bases e valores que o indivíduo utiliza para orientar sua ação, o limite do ato de pensar é tornar ‘vazio’ o indivíduo, ou seja, despojado de preconceitos e de verdades pré-concebidas. A partir disso é possível posicionar-se sob uma perspectiva alargada, colocando-se no lugar do outro (Arendt, 2004b: 206). Assim, do pensamento deriva outra faculdade humana: o julgamento (ibidem: 257). Como afirma Villela Pereira (2015: 14), estar no mundo implica necessariamente emitir juízos, sobre o que somos, sobre os outros, sobre o que pensamos, sobre o que nos está próximo e o sobre o que está distante. Para Arendt (1981: 192-193), o julgamento é a faculdade humana política por excelência, já que é por meio dela que o indivíduo julga fenômenos particulares e pontuais, que demandam por vezes decisões imediatas, sem subsumí-los a normas e regras gerais que marcam a ação da coletividade (da maioria) ou que são ensinadas até se tornarem ‘hábitos’. É pela via do juízo que o indivíduo pode afirmar se tal ação é certa ou errada para uma situação precisa. Assim, o juízo e o pensamento encontram-se estreitamente ligados a outra atividade básica da mente: a consciência.

A consciência é a faculdade da mente que coloca o indivíduo diante de outro que é, no limite, ele mesmo (ibidem: 183). É claro que esse fenômeno só ocorre na mente sendo que aos olhos de terceiros o indivíduo aparece como *uno*, do contrário não seria reconhecido. A existência desse *eu em mim mesmo* faz necessária a harmonia, já que sempre que há mais do que um vivendo em um mesmo espaço a harmonia é o estado ideal, o que não é possível quando o indivíduo, ao recolher-se na solidão da mente, se vê atormentado pela presença inquisidora desse outro que é ele mesmo (daí a popular expressão de ‘consciência pesada’ quando o indivíduo se sente em dívida consigo). Martin Buber, que Arendt chamou de ‘German Judaism’s incontestable guide’ (Arendt, 2007: 31) nos relata, em 1929, uma passagem pessoal sobre a culpa existencial que sentiu numa ocasião por se conscientizar de não ter pensado no outro. Fato descrito por ele em ‘A Conversion’:

What happened was no more than that one forenoon, after a morning of ‘religious’ enthusiasm, I had a visit from an unknown young man, without being there in spirit. I certainly did not fail to let the meeting be friendly, I did not treat him any more remissly than all his contemporaries who were in the habit of seeking me out about this time of the day as an oracle that is ready to listen to reason... Later... I learned that he had come to me not casually, but borne by destiny, not for a chat but for a decision. He had come to me, he had come in this hour. What do we expect when we

are in despair and yet go to a man? Surely a presence by means of which we are told that nevertheless there is meaning. (Buber, 1961: 13-14)

Isso não quer dizer que não é possível uma vida sem harmonia: o ladrão é um indivíduo em desarmonia consigo, já que não quer ser vítima do que praticou a outro, o mesmo vale para o assassino. É justamente a existência desse outro em mim mesmo que faz com que o assassinato não seja admissível (sem juízos de ordem religiosa ou mesmo legal), já que enquanto viver ,o indivíduo viverá na companhia de um assassino. É esse entendimento que leva Arendt (ibidem: 59) a reeditar a máxima socrática de que é preferível sofrer o mal a praticá-lo, porque ainda é possível estar em companhia do sofredor e não na do algoz, ainda é possível ser seu amigo. Enfim, ‘a consciência-de-si não é igual ao pensamento; mas sem ela o pensamento não seria possível’ (Arendt, 2004b: 252). É a recusa a esse movimento que caracteriza o *scemo del villaggio*.

O *scemo del villaggio* de Eco pode ser comparado ao Hípias, personagem de diálogo platônico entre Sócrates e Hípias Maior, trazido por Arendt como um diálogo essencialmente socrático (ibidem: 253). Sócrates afirma que Hípias era afortunado porque vivia em contradição e não se importava com isso, já que sempre estava convicto de que sua era a razão, a verdade, e não precisava prestar contas ao *outro* que o esperava em casa com perguntas que o faria mergulhar em incertezas.

**Hípias:** Talvez, Sócrates, essas coisas possam passar despercebidas ao homem.

**Sócrates:** Não, pelo Cão, Hípias, não passarão despercebidas pela pessoa diante da qual eu mais me envergonharia de dizer uma tolice, ou fingir estar dizendo algo sensato quando não o estaria dizendo.

**Hípias:** E que pessoa é essa?

**Sócrates:** *Sócrates*, o filho de Sofronisco, que não me permitiria dizer essas coisas inconsequentemente sem investigá-las mais do que dizer que sei o que não sei. (Platão, 2007: 259)

O Hípias de Sócrates, tal qual o *scemo del villaggio* de Eco, desconhece a experiência do pensamento, já que permanece sempre só, entorpecido em suas certezas (ibidem: 269). Ao escolher não enfrentar o que Arendt (2004b: 231) entende como o esforço solitário de *parar para pensar* e reunir-se consigo mesmo, seu juízo fica comprometido, especialmente sua capacidade de posicionar-se a partir de uma perspectiva alargada (ibidem: 206). Todavia isso não o impede de julgar e fazer-se aparecer a partir da exposição de seu julgamento. Partamos agora para alguns casos no Brasil onde a atuação do *scemo del villaggio* tomou grandes proporções.

### **Redes sociais: o não parar para pensar**

Destacamos dois episódios dentre uma miríade que cresce exponencialmente. A escolha se deu porque além do ato de violência em si (um justicamento e um estupro), os fatos envolvem questões raciais e sexistas e tiveram grande repercussão nas redes sociais. O objetivo não é analisar a legalidade dos fatos nem do que os desencadeou, mas como o mesmo fato foi tratado nas redes sociais e o impacto causado por esses tratamentos. O primeiro episódio refere-se a um ‘linchamento’ ocorrido em São Luís, capital do estado do Maranhão, no dia seis de julho de 2015, e o segundo a um estupro ocorrido no município do Rio de Janeiro, em 21 de maio de 2016.

No primeiro episódio, de seis de julho de 2015, um homem negro de 29 anos de idade, acusado de tentativa de assalto, foi amarrado nu a um poste e espancado até a morte (Boechat 2016). No dia oito de julho, o jornal Extra, do Rio de Janeiro, publicou em sua capa uma fotografia do episódio e uma gravura da primeira metade do século XIX, do artista francês Jean-Baptist Debret que participou da missão artística francesa no Brasil com a manchete 'Do tronco ao poste' (Extra, 2016a). A cena representada por Debret se passa em um pelourinho. No primeiro plano, duas figuras masculinas são destacadas, ambas negras: uma segura em riste um chicote com cinco tranças; a outra, amarrada ao tronco com as costas cobertas e nádegas desnudas. Induz-se da imagem um movimento do chicote nas mãos da primeira personagem em direção às nádegas da segunda, que, por sua vez, encara o algoz em evidente súplica. Próximo, um soldado com espada desembainhada vigia outros dois prisioneiros rendidos. No lado esquerdo, quatro negros escravizados assistem a cena com semblante de derrota, atrás deles dois soldados os guardam. Ao fundo, homens e mulheres livres e escravizados acompanham a punição. Já a fotografia possui enquadramento mais fechado: no primeiro plano, um poste da rede elétrica oculta parcialmente o corpo de um homem negro que a ele está amarrado. O fundo é composto por curiosos que observam a cena atrás do cordão de isolamento colocado pela polícia. Uma matéria também foi publicada na página do jornal na rede social Facebook no dia seguinte. De acordo com a edição do Jornal Extra, do dia oito de julho de 2015, 71% dos internautas que acessaram e se manifestaram na página do jornal na rede social eram favoráveis à ação dos justiceiros. De acordo com o jornal Extra, 'até às 20h de terça-feira (sete), 1.295 leitores se manifestaram a favor da ação dos 'justiceiros', 354 se declararam contra, e 168 não opinaram' (Extra, 2016b). Um caso similar ocorreu no Rio de Janeiro, no dia oito de fevereiro de 2014, e outros nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo (O Globo, 2016).

O segundo caso emergiu no dia 24 de maio de 2016 quando um usuário do Twitter divulgou um vídeo de aproximadamente 30 segundos pelo qual pode-se afirmar que vários homens adultos estupraram uma adolescente de dezesseis anos. O fato ocorreu, conforme se verificou posteriormente, no dia 21 do mesmo mês. A gravação disponibilizada pelo usuário foi copiada por terceiros, que, por sua vez, também compartilharam em seus perfis no Twitter e pelo Whatsapp (Safernet, 2016). O primeiro usuário a divulgar o conteúdo teve sua conta suspensa no Twitter (que, diferentemente de outras redes sociais, não realiza controle de conteúdo visual, o que facilita que outros vídeos com o mesmo teor sejam publicados – o mesmo ocorre com o Whatsapp).

Após a primeira onda de compartilhamentos do conteúdo pelas redes sociais, iniciou-se uma série de reações, ora condenando a divulgação do material e do ato praticado, ora imputando à vítima a responsabilidade e, mesmo, a culpa pelo que aconteceu. Inúmeras publicações afirmavam que o que houve foi o ato sexual consensual, sendo irrelevante o fato de que se tratava de menor de idade e que no vídeo a menina parecia estar desacordada. Contas na rede social Twitter foram utilizadas para divulgar mais fotografias da jovem em situações que poderiam ser 'comproadoras da sua má índole' (Matsuki, 2016), tratavam-se de imagens da adolescente com roupas curtas, dançando e posando com armas de fogo (JC Online, 2016a), no intuito de desviar a atenção da responsabilidade dos algozes para a vítima. Essas imagens foram capturas do perfil nas redes sociais Facebook e Instagram da própria adolescente.

É evidente que numericamente foi maior a reação contrária à divulgação e ao estupro, mas isso parece não se aplicar ao caso anterior do 'linchamento' do homem negro. Entretanto, o que chama a atenção é a ação da turba (Arendt, 2004b: 266). Essas situações

servem para que uma ideologia se cristalice, galgando a possibilidade de explodir a qualquer momento em um movimento talvez incontrolável. Impressiona, para além das manifestações apologistas à violência, o silêncio de parte considerável de usuários, de espectadores, pessoas que, conforme Arendt (ibidem: 269-270) ‘preferem o domínio da turba à cidadania cumpridora das leis’, já que, no Brasil, tanto o ‘linchamento’ quanto o estupro, assim como suas incitações, são ilegais. É pela ação de turba que o *scemo del villaggio* sente-se confortável para manifestar seus juízos. Assim sendo, a relação desses episódios ‘na vida real’ com as manifestações nas redes sociais em sua defesa e amplificação impede que consideremos esses como esferas separadas da vida prática e política. O sentido de ‘esfera virtual’ só faz sentido se entendido como derivado de *virtualis*, ou seja, enquanto potência, assim como uma semente é uma árvore virtual (Lévy, 1996: 5). Esse sentido corrobora com o já exposto acima, de que as redes sociais são espaços públicos e a violência nelas é potencialmente violência fora delas.

## Conclusão

Em uma situação de violência, como um linchamento ou um estupro, espera-se que a atitude certa seja a empatia pela vítima. Espera-se também que um indivíduo ‘normal’, uma pessoa mediana no dizer de Arendt (2006: 53), saiba discernir entre o certo e o errado. Contudo, diante da possibilidade e da pressão de emissão a qualquer hora, de qualquer lugar, preferencialmente instantaneamente, de uma opinião sobre tudo, que vise agradar aos seus leitores e angariar mais leitores (aparecer cada vez mais) e que, conseqüentemente, a preocupação com os sujeitos, objeto dessa opinião, não figure como prioridade, nos leva ao limiar de uma época obscura (*a dark time*), em que apenas de indivíduos excepcionais pode-se esperar uma ação ‘normal’ (ibidem: 54). A ação que não é fruto do *parar para pensar*, do diálogo do ‘eu comigo mesmo’ e do julgamento liberado pelo pensamento, projeta e reproduz o *scemo del villaggio* ao ponto de poder estabelecer o domínio sobre as diferentes redes sociais. A ubiquidade pode tornar-se um elemento potencializador do mal banal (Arendt, 2006: 288).

Concordamos com o diagnóstico de Santaella (2013: 16), para quem a ubiquidade é a atual condição da humanidade e de que a internet e as redes sociais são processos pervasivos. Todavia, não podemos concordar com o otimismo por vezes inocente da autora. A ubiquidade, enquanto velocidade, conexão constante, inserção mental em redes de dados, impede uma faculdade que é basilar para o exercício da cidadania plena e para o juízo, pois, ao dificultar a criação de momentos de *alheamento* torna cada vez mais raro o pensamento, dá-se assim amplitude à voz, retomando Eco, do *scemo del villaggio*. Desligar-se do mundo, parar, suspender atividades vitais, como vimos, são as condições para o diálogo do *eu comigo mesmo*, para o pensamento e para o julgamento qualificado e alargado, que parte do esforço de se colocar no lugar do *outro*. As redes sociais enquanto educação informal têm ensinado a escolher não pensar, e isso afeta o modo como nos relacionamos com o *outro*. Por outro lado, concordamos com Guilherme (2015: 13), para quem as influências das redes sociais não precisam ser apenas negativas. Embora não seja possível eliminar a presença do *scemo del villaggio*, é possível promover ‘an opportunity for people to raise their grievances, understand each other’s point of view, work on their differences and find points of agreement’ a partir de intervenções educativas que promovam uma cultura de paz, de

combate ao sexismo, ao racismo e às diferentes formas de preconceitos e estigmatizações tão presentes nos juízos emitidos pelo *scemo del villaggio*.

A interferência da ação do *scemo del villaggio* pode ser minimizada se o indivíduo escolher pensar e, portanto, parar para pensar. Assim, o crivo da reflexão, cuja ausência foi denunciada por Eco no discurso de junho de 2015 em Turim, não precisa ser exercida por um outro externo ao indivíduo, isso é censura. Precisa, outrossim, ser realizada pelo *outro* que vive dentro do indivíduo, por aquele que Sócrates chamava de ‘parente inquisidor’ (Platão, 2007: 270). Só assim o indivíduo pode perceber o peso moral que tem uma opinião. Conforme Guilherme (ibidem: 14), ‘if one posts information on one’s facebook or twitter, [...] has nonetheless encouraged a misunderstanding of, and perhaps even violence towards the Other, then the damage is difficult to be reversed’. Sem abrir mão da necessidade de justiça, Arendt (1981: 182) defende que ‘o que conta é que o mal foi feito; e aí é irrelevante saber quem sai melhor, o autor ou a vítima. Na qualidade de cidadãos, nós devemos evitar que o mal seja cometido, porque está em jogo o mundo em que todos, o malfeitor, a vítima e o espectador, vivemos’. A pervasividade e a ubiquidade das redes sociais oferecem uma realidade desprovida de profundidade, no sentido proposto por Bauman (2006:127) e por Zizek (2006), para quem ‘Cyberspace’s virtual reality simply generalises this procedure: it provides reality deprived of substance’. Ainda na esteira de Zizek, a tirania da falta de profundidade das redes sociais é o terreno para a ação parasitária do *scemo del villaggio*. Escolher o ato solitário e *alheado* do pensar não impede o mal, mas cria as condições para o bem. Ao contrário do mal que é sempre banal, raso, só o bem possui profundidade e pode ser radical (Arendt, 1978: 251), e é, portanto, produto do pensamento.

## Referências

- Abbagnano, N. (2007) *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Arendt, H. (2002) *A dignidade da política: ensaios e conferências*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Arendt, H. (2004) *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2006) *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. New York: Penguin Books (Penguin classics).
- Arendt, H. (2004b) *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H. (1981) *The Life of The Mind: the Groundbreaking Investigation on how we think*. New York: Harcourt.
- Arendt, H. & Scholem, G. (1978) ‘Eichmann in Jerusalem: An Exchange of Letters between Gershom Scholem and Hannah Arendt’, in R. H. Feldman (ed.) *The Jew as Pariah: Jewish Identity and Politics in The Modern Age*. New York: Grove Press, 240-251.
- Arendt, H. (2007) ‘A Guide for Youth: Martin Buber’, in J. Kohn & R. H. Feldman (eds.) *The Jewish Writings*. New York: Schocken Books, 31-33.
- Bauman, Z. (2006) *Modernidade líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina S.A.
- Boechat, B. (2016) *Assaltante é amarrado em poste e espancado até a morte em São Luís* [documento WWW]. URL <http://extra.globo.com/casos-de-policia/assaltante-amarrado-em-poste-espancado-ate-morte-por-pedestres-em-sao-luis-16686215.html> [acesso em 15 de junho 2016].
- Buber, M. (1961) ‘Dialogue’, in *Between Man and Man*. London and Glasgow: Collins.
- Coombs, P. H.; Prosser, C. & Ahmed, M. (1973) *New Paths to Learning for Rural Children and Youth*, New York: International Council for Educational Development.

- El Pais Brasil (2016) *Novo vídeo confirma a versão da vítima de estupro coletivo no Rio* [documento WWW]. URL [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/06/politica/1465227662\\_072190.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/06/politica/1465227662_072190.html) [acesso em 15 de junho 2016].
- Extra (2016a) *Capas do Jornal Extra* [documento WWW]. URL <http://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2015-07-80-16697954.html?mesSelecionado=Jul&ano=2015> [acesso em 15 de junho 2016].
- Extra (2016b) *Internautas divergem sobre linchamento de assaltante no Maranhão* [documento WWW] URL <http://extra.globo.com/casos-de-policia/internautas-divergem-sobre-linchamento-de-assaltante-no-maranhao-16702348.html> [acesso em 15 de junho 2016].
- Guilherme, A. (2015): 'Michel Serres' Le Parasite and Martin Buber's I and Thou: Noise in Informal Education Affecting Dialogue Between Communities in Conflict in the Middle East', *Educational Philosophy and Theory* 47(10): 1052-1068.
- JC Online (2016) *Vítima de estupro por 33 homens, garota tem vida exposta na internet* [documento WWW]. URL <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2016/05/27/vitima-de-estupro-por-33-homens-garota-tem-vida-exposta-na-internet-237715.php> [acesso em 15 de junho 2016].
- Lévy, P. (1996) *O que é virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34.
- López Gil, M. M. & Angulo Rasco, F. (2015) 'Sonorona o el rizoma de la cultura digital: um estudio de caso'. *Revista Portuguesa de Educação* 28(1): 9-33.
- Matsuki, E. (2016) *Caso de 33 homens e menina de 16 anos não foi estupro coletivo #boato* [documento WWW]. URL <http://www.boatos.org/brasil/menina-de-16-anos-estupro-coletivo-boato.html> [acesso em 15 de junho 2016].
- Min Son, K. (2013) 'Walter Benjamin's Politics of Experience'. *Constellations* 20(4): 615-629.
- Nye, A. (1994) 'Between Past and Future', in *Philosophia: The Thought of Rosa Luxemburg, Simone Weil, and Hannah Arendt*, New York and London: Routledge.
- O Globo. (2014) *SBT: ementário polêmico de Rachel Sheherzade é de responsabilidade dela* [documento WWW]. URL <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/sbt-comentario-polemico-de-rachel-sheherazade-de-responsabilidade-dela-11524549> [acesso em 15 de junho 2016].
- Olhar Digital. (2014) *89 milhões de brasileiros acessam o Facebook* [documento WWW]. URL <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/89-milhoes-de-brasileiros-acessam-o-facebook/43687> [acesso em 15 de junho 2016].
- Platão (2007) *Diálogos II: Górgias (ou da retórica), Eutidemo (ou da disputa), Hípias Maior (ou do belo), Hípias Menor (ou do falso)*. Bauru: EDIPRO.
- Ponte (2016) *Policiais expõem e ridicularizam adolescente vítima de estupro coletivo* [documento WWW]. URL <http://ponte.org/adolescente-estuprada-exposta/> [acesso em 15 de junho 2016].
- Príncipe, P. (2011) *Brasil já o segundo país em contas no Twitter* [documento WWW]. URL <http://www.infobrasil.inf.br/noticia/brasil-ja-e-o-segundo-pais-em-numero-de-contas-no-twitter> [acesso em 15 de junho 2016].
- Rodrigues, N. (1995) *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Safernet Brasil (2016) *SaferNet Brasil* [documento WWW]. URL <https://twitter.com/safernet/status/735489919569657858> [acesso em 15 de junho 2016].

- Santaella, L. (2013) *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus.
- Serres, M. (2007) *The Parasite*. Minneapolis: Minneapolis University Press.
- Smith, M. K. (2014) 'Informal, Non-Formal and Formal Education: A Brief Overview of Different Approaches', in *The Encyclopedia of Informal Education* [documento WWW]. URL [http://www.infed.org/foundations/informal\\_nonformal.htm](http://www.infed.org/foundations/informal_nonformal.htm) [acesso em 08 de julho 2016].
- Sorj, B. (2016) 'A convivência democrática como politeísmo de valores'. *Estudos Avançados* 30(86): 133-145.
- Tomasevicius Filho, E. (2016) 'Marco Civil da Internet: uma lei sem conteúdo normativo'. *Estudos Avançados* 30(86): 269-285.
- Villela Pereira, M. (2015) 'Crítica e tolerância: considerações sobre diversidade, diferença e indiferença'. *Diálogos Latinoamericanos* 24: 14-24.
- Zizek, S. (2006) 'Is this Digital Democracy, or A New Tyranny of Cyberspace?', in *The Guardian*, 30 dez. 2006 [documento WWW]. URL [www.theguardian.com/commentisfree/2006/dec/30/comment.media](http://www.theguardian.com/commentisfree/2006/dec/30/comment.media) [acesso em 12 de julho 2016].



## ‘A lo largo de la vida’: ¿educación o aprendizaje?

Paula Guimarães

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa,  
Portugal

**Abstract:** This article includes a theoretical discussion on lifelong education, throughout life education and lifelong learning in policy discourses of international organisations such as UNESCO and the European Union since the 1970s. Changes in the use of these expressions in policy discourses point at differences in aims concealed to public policies of adult education. Among these changes, the increasing valuing of lifelong learning as an economic development and human resources management strategy is highlighted. At the same time it can be noted an increasing absence of meanings referring to democratic and emancipatory adult education policies.

**Keywords:** UNESCO, European Union, lifelong education, throughout life education, lifelong learning, adult education policies

**Resumen:** En este artículo de investigación se discute sobre las expresiones educación permanente, educación a lo largo de la vida y aprendizaje a lo largo de la vida en los discursos proferidos por organizaciones internacionales como la UNESCO y la Unión Europea en diversos documentos producidos desde la década de 1970. La variación en las expresiones utilizadas apunta a diferencias en las finalidades concedidas a las políticas públicas de educación de adultos. En estas alteraciones, se destaca la progresiva valorización del aprendizaje a lo largo de la vida entendido como una estrategia de desarrollo económico y de gestión de recursos humanos, en paralelo con la progresiva ausencia de sentidos que remitan a políticas públicas de educación de adultos de carácter democrático y emancipatorio.

**Palabras clave:** UNESCO, Unión Europea, educación permanente, educación a lo largo de la vida, aprendizaje a lo largo de la vida; políticas de educación de adultos

---

### Introducción

La educación y, en concreto, la educación de adultos han sido campos de intervención en el ámbito de las políticas públicas marcados por la globalización (Nóvoa & Schriewer, 2000). Desde mediados del siglo XX esta situación ha ido acompañada por referencias en las políticas dirigidas a los adultos a la educación/aprendizaje a lo largo de la vida que, habiendo adquirido diferentes sentidos en el seno de organizaciones internacionales, asumió especial relevancia en las últimas décadas en diversos países, principalmente en los occidentales. Una vez que estas organizaciones pueden ser vistas como actores-clave en el ámbito de la educación, ya que divulgan orientaciones e influyen en las políticas públicas nacionales, algunos autores han llamado la atención sobre el hecho de que esta expresión se presente

cada vez más como una idea ‘que llegó para quedarse’ (Field, 2006). En términos políticos, la expresión ha sido incluso considerada un ‘motor de innovación política’ (Lee & Friedrich, 2011) y una ‘nueva moda’ (Field, 2001) en el marco de las políticas públicas de educación de adultos.

Sin embargo, muchos otros autores han acentuado las diferencias en los significados políticos atribuidos a la educación/aprendizaje a lo largo de la vida (Bagnall, 2000; Millana & Holford, 2014), evidenciando la complejidad de la terminología, principalmente en lo que se refiere a las finalidades (Gravani & Zarifis, 2014). Por este motivo, Aspin y Chapman argumentan que ésta es una idea vaga a la cual le falta claridad conceptual (Aspin & Chapman, 2007). Esta situación se refleja en las diferentes palabras utilizadas, en concreto las proferidas por organizaciones internacionales como la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO) y la Unión Europea (UE). Si en los textos producidos aún en la década de 1970 se podía encontrar la expresión educación permanente en los documentos bajo la responsabilidad de la UNESCO, más recientemente la expresión aprendizaje a lo largo de la vida se impuso en los textos tanto de la organización referida como de la Unión Europea.

Estas diferencias se deben a la variedad de finalidades que encierra la expresión, integrándose la educación de adultos ‘en un marco global de referencia que contempla en un *continuum* la alfabetización y la educación de base, la formación profesional continua, la valorización personal y el desarrollo social, así como la formación inicial y el desarrollo de recursos humanos’ (UIL, 2009: 40). Basada en una concepción más vasta que el de la educación de adultos, un paraguas bajo el cual se pueden encontrar orientaciones políticas muy diferentes, el aprendizaje a lo largo de la vida sugiere por eso un concepto complejo que abarca toda la vida de los individuos, desde ‘el nacimiento hasta la muerte’, y ocurre en contextos muy variados, formales, no formales e informales (Field, 2006; Morgan-Klein & Osborne, 2007), pudiendo contener objetivos muy variados.

En este artículo, se discute sobre los sentidos atribuidos a la idea de que es posible educarse y aprender a lo largo de la vida por parte de la UNESCO y la UE desde mediados del siglo XX. Para ello, en un primer momento, se aclaran las cuestiones de partida, las opciones metodológicas realizadas y el marco de análisis que soporta esta discusión. En un segundo momento, se aborda la contribución de la UNESCO, concretamente a través de expresiones como educación permanente (*lifelong education*, en inglés y *éducation permanente* en francés) y educación a lo largo de la vida (*learning throughout life*, en inglés y *éducation tout au long de la vie*, en francés) en el Informe Faure (Faure et al., 1981) y en el Informe Delors (Delors et al., 1996), respectivamente. En un tercer momento, se debate sobre los sentidos atribuidos por la UE al aprendizaje a lo largo de la vida en diversos documentos (*lifelong learning*, en inglés, *apprentissage tout au long de la vie*, en francés). Se concluye, en un cuarto momento, que si la UNESCO se asocia frecuentemente a concepciones más humanistas de educación de adultos, más evidentes en la expresión educación permanente (Finger & Asún, 2001; Lee & Friedrich, 2011), la UE ha utilizado el aprendizaje a lo largo de la vida en el ámbito de orientaciones y programas que visan promover la cohesión social y, sobre todo, el desarrollo económico (Hake, 2005). En estos diferentes discursos, la reflexión crítica llevada a cabo en este texto enfatiza el hecho de haber sido olvidados los sentidos que remiten a políticas públicas de educación de adultos de carácter democrático y emancipatorio (Guimarães, 2011).

## Opciones metodológicas y marco de análisis

En este artículo, se intenta responder a las siguientes cuestiones: ¿Qué expresiones han sido utilizadas por estas organizaciones internacionales para designar esta idea? ¿Cuáles son los sentidos atribuidos por la UNESCO a la idea de que los sujetos se educan y aprenden a lo largo de la vida? ¿Cómo interpretar los cambios en las expresiones utilizadas y en los sentidos atribuidos a esas expresiones? A partir de estos interrogantes, este artículo de investigación implicó el análisis de contenido de los siguientes textos: *Informe Faure* (Faure et al., 1981) e *Informe Delors* (Delors et al., 1996), bajo la responsabilidad de la UNESCO; y los documentos llamados *Estrategia de Lisboa* (Conselho Europeu de Lisboa, 2000), *Estrategia Europa 2020* (Comissão Europeia, 2010), *Educación y Formación 2010* (Conselho da União Europeia, 2001), *Educación y Formación 2020* (Conselho da União Europeia, 2009), *Memorando del Aprendizaje a lo Largo de la Vida* (Comissão das Comunidades Europeias, 2000), *Educación de Adultos: nunca es tarde para aprender* (Comissão das Comunidades Europeias, 2006 y 2007) y *Agenda renovada en el campo de la educación de adultos* (Conselho da União Europeia, 2011).

Estos documentos, por su naturaleza, se constituyen como textos fundamentales en una base de trabajo para otros producidos posteriormente y, en el caso de la UE, también para la concepción de programas de intervención. A pesar de ser textos fundamentales, Lee y Friedrich (2011) afirmaron que merecen poca atención por parte de los investigadores en lo que se refiere a los significados que contienen. Por este motivo, este artículo se justifica al intentar debatir los *discursos* proferidos por estas organizaciones internacionales, caracterizadas por condiciones y procesos de producción diferentes, concretamente en cuanto a sus finalidades y estructuras de producción de discursos y de decisión. De forma complementaria, debido a su naturaleza, estos textos permiten el *análisis semántico* de su contenido, de las palabras y de los significados políticos que sugieren, concretamente en lo que se refiere a las finalidades, lo que favorece la inferencia de *relaciones de sentido* (Bardin, 1977). A través de esta estrategia, se intenta debatir sobre los sentidos de los discursos que informaron la educación/aprendizaje a lo largo de la vida, como expresión semántica (Bagnall, 2000). En esta perspectiva, las relaciones de sentido emergen en este artículo como la estructura profunda de los discursos en análisis (Bardin, 1977).

La discusión de estos discursos será efectuada en función de un marco de análisis construido en la senda de trabajos anteriores (Guimarães, 2011), así como de otros autores (Griffin, 1999a y 1999b; Bagnall, 2000; Salling Olesen, 2004; Aspin & Chapman, 2007; Sánchez Fernández, 2006; Lee & Frierich, 2011). Presentamos aquí tres modelos de análisis de políticas de educación de adultos que permitirán posteriormente debatir las relaciones de sentido identificadas en los documentos ya indicados.

Las *políticas de educación de adultos democráticas y emancipatorias* se apoyan en el compromiso con el desarrollo social, la justicia social, la libertad y la participación social (Aspin & Chapman, 2007; Guimarães, 2011). Este abordaje se asienta en una profunda crítica a la escuela y a la educación formal; valoriza por eso la educación y el aprendizaje que se dan en contextos no formalizados, integrados en entidades estatales, organizaciones no gubernamentales y movimientos sociales que, con apoyo del Estado, dinamizan iniciativas con finalidades y estrategias de intervención muy variadas (Griffin, 1999a y 1999b). Estos proyectos y actividades favorecen la transformación social, a través de la acción individual y colectiva, así como de la reflexión crítica sobre la intervención social (Lee & Friedrich, 2011). La prioridad política de esta idea pasa por la construcción de una sociedad democrática en la cual la educación y el aprendizaje son fuertemente valorizados, teniendo como fin la

formación de sujetos capaces de intervenir socialmente a favor del bien común (Bagnall, 2000). La relación entre el conocimiento y el desarrollo de sujetos autónomos es promovida (Olesen, 2004) y se verifica el nexo entre la dimensión individual y la dimensión colectiva de la acción social. Por eso, los objetivos de la educación de adultos y del aprendizaje son sobre todo sociales, dado que es en las relaciones sociales donde los individuos se educan y aprenden (Sanz Fernández, 2008: 82).

Las *políticas de educación de adultos para la modernización y el control estatal* valorizan la educación y su contribución en el desarrollo personal y social de los sujetos en el marco de contextos formalizados promovidos y apoyados por el Estado (Griffin, 1999a), como, por ejemplo, de educación de base, de compensación y de segunda oportunidad, y de formación profesional. El desarrollo intelectual y cognitivo es enfatizado, teniendo la educación y el aprendizaje el propósito de hacer a los sujetos más responsables de sí mismos y de los otros, en el ámbito de la estructura social existente (Bagnall, 2000). Considerando la educación como un derecho social (Lee & Friedrich, 2011), por lo tanto una obligación del Estado, la igualdad de oportunidades se traduce con frecuencia en la obligación de existencia de actividades y programas, acompañándose de mecanismos de control y de la formalización de los procesos educativos (Guimarães, 2011; Olesen, 2004). Sanz Fernández (2008: 75) afirma incluso que este enfoque visa disciplinar la población adulta, recurriendo para ello a la educación como estrategia de conformidad social.

Las *políticas de educación de adultos de gestión de recursos humanos* procuran adaptar los sujetos a los cambios que suceden en diversas esferas de la vida (individual, familiar, social, cívica, etc.) en particular las relacionadas con el trabajo y la profesión. En un mundo cada vez más globalizado los sistemas de educación y formación tienen como finalidad preparar individuos productivos, competitivos y flexibles (Griffin, 1999a, 1999b). Más allá de la acción de los sistemas de educación y formación, cabe al propio sujeto adquirir conocimientos y desarrollar competencias que le permitan gestionar su vida, haciéndose de esa forma un aprendiz a lo largo de la vida, teniendo las políticas públicas la finalidad de apoyar la iniciativa individual de buscar formación y de fomentar el aprendizaje (Bagnall, 2000; Lee & Friedrich, 2011). En este ámbito, la educación y el aprendizaje se traducen en inversiones efectuadas por los sujetos, en una analogía con la economía y al capital financiero. Según esta perspectiva, el sujeto es visto como un inversor de su vida, responsable y responsabilizable de sus opciones biográficas (Olesen, 2004). En este enfoque, el conocimiento posee una fuerte dimensión privada y tiene sobre todo un valor económico. En consecuencia, las políticas de educación de adultos visan la gestión de recursos humanos (Guimarães, 2011) y permiten convertir a cada individuo en una inversión interesante para empresarios y en una prioridad en las exigencias de trabajadores competitivos (Sanz Fernández, 2008: 94).

### **UNESCO y la educación permanente**

La idea de que se aprende a lo largo de la vida forma parte del sentido común. En términos de discursos políticos, ya durante la Revolución Francesa Condorcet se refería a esa idea (Canário, 1999) y, más tarde, al final de la I Guerra Mundial, en 1919, en Gran Bretaña, se encontraban en documentos oficiales referencias a la importancia de desarrollar la educación de adultos a lo largo de la vida como forma de promover la paz, la ciudadanía y la implicación cívica (Field, 2001). Es más, esa idea ganó una formulación más detallada en el seno de organizaciones internacionales. Entre esas organizaciones la UNESCO tuvo un papel precursor. Debido a las finalidades y a la estructura interna que posee, esta entidad ha

defendido un desarrollo global más igualitario y socialmente justo. En esta andadura ha intentado resistir, unas veces con más éxito que otras, a las reglas del capital y a la concepción de la educación como un bien privado propuesta por el neoliberalismo (Millana & Nesbit, 2015), preservando así su legitimidad organizacional, a través, por ejemplo, de la apuesta en la educación para todos y en políticas social-demócratas en las que el Estado aún representa un papel relevante (Griffin, 1999a y 1999b; Field, 2000; Lee & Friedrich, 2011).

Estableciendo la primera definición consistente de esta idea, la UNESCO propuso el concepto de educación permanente. En este ámbito, el *Informe Faure* (Faure et al., 1981) es apuntado como un documento fundamental que permitió un viraje en los discursos sobre educación de adultos (Field, 2001). En él emergió una fuerte crítica a la educación, concretamente la formal, siendo la escuela acusada de mostrar profundos desequilibrios a nivel de la expansión de la provisión en diversos países y de no conseguir acompañar los cambios que el mundo de entonces enfrentaba (Canário, 1999; Tuijnman & Bostrom, 2002; Centeno, 2011; Spolar & Holford, 2014). Aunque revelando progresos significativos en términos de ampliación del acceso, desde el final de la II Guerra Mundial, pero igualmente acusada de causar injusticias, la escuela fue tenida en ese documento como una entidad rígida, burocrática y discriminatoria, exigiéndose su reconceptualización (Borg & Mayo, 2005). Como se dijo en el documento en análisis, 'la expansión cuantitativa de la educación, la democratización de la enseñanza, la diversificación estructural de los sistemas educativos, así como la modernización de los contenidos y de los métodos pedagógicos' surgían como desafíos que exigían nuevas respuestas (Borg & Mayo, 2005: 69). En esta línea de ideas, el propio Informe afirmó:

Podemos y debemos, en el estado actual de las cosas, interrogarnos sobre el sentido profundo del que se reviste la educación en el mundo contemporáneo, sus responsabilidades con las generaciones actuales, que tiene que preparar para el mundo de mañana, sobre sus poderes y sus mitos, sus perspectivas y finalidades. (Faure et al., 1981: 69)

El sentido propuesto ampliaba el ámbito de la educación más allá de los procesos formales, apostándose en este documento por la importancia de la educación no formal y de la educación informal (Canário, 1999). Se defendía así que 'el fin de la educación es permitir al hombre ser él mismo el que "llegue a ser"' (Faure et al., 98: 31).

Siendo ésta una idea innovadora, vino sin embargo acompañada de otras que favorecían la articulación entre educación y desarrollo económico, a través de una fuerte acción del Estado. En este sentido, se afirmó:

En relación al empleo y al progreso económico, el fin de la educación debería ser no solo preparar a los jóvenes y adultos para un oficio determinado para la vida sino también para la movilidad profesional y suscitar el deseo permanente de aprender y formarse. (Ibidem: 31-32)

Este informe presentaba de este modo preocupaciones con el desarrollo individual, al apostar en la importancia de aprender a ser, pero igualmente con una fuerte intervención del Estado en la educación, llevada a cabo en contextos más o menos formalizados, teniendo como meta el desarrollo social y económico. Esta inscripción se asentaba en dos presupuestos (Lee & Friedrich, 2011): una concepción humanista de la educación, promovida sobre todo por estructuras estatales escolares nacionales, y la defensa de la

educación para todos (Bagnall, 2000; Tuijnman & Bostrom, 2002); y una concepción holística de la educación, que podría darse en todos los lugares y momentos de la vida, destacándose por esa vía la educación no formal e informal. Paralelamente, se debe añadir que este Informe no dejó de reforzar el papel de la educación pública, principalmente de la educación de base de adultos y de la formación profesional continua para el desarrollo de la economía, mostrándose de este modo a los lectores más atentos como un texto ambiguo en lo que se refiere a las finalidades de esta expresión.

Si esta idea fue considerada por algunos como un concepto maximalista (Aspin & Chapman, 2007), fue igualmente referida por otros como demasiado optimista, dado que fue propuesta por organizaciones, como la UNESCO, con poca influencia en las decisiones políticas nacionales (Field, 2001). De forma adicional, la educación permanente recibió críticas de diversos ámbitos, siendo incluso acusada de favorecer un debate teórico y político poco concluyente y propuestas de intervención poco asequibles (Morgan-Klein & Osborne, 2007), de promover la formalización de las prácticas (Finger & Asún, 2001) o incluso de presentarse como una idea conservadora (Lee & Friedrich, 2011) vista desde el contexto social de finales de la década de 1960.

Estas críticas fueron acompañadas por la invasión en los discursos políticos de las preocupaciones por la economía y el mercado a lo largo de las décadas de 1970 y 1980, debido a la ocurrencia de problemas sociales como el desempleo, los cuales la educación de adultos poco ayudaban a solucionar (Field, 2001; Aspin & Chapman, 2007). Esta dificultad se hizo particularmente evidente en el *Informe Delors* (Delors et al., 1996) habiendo influenciado los sentidos en él atribuidos a la educación a lo largo de toda la vida, expresión usada en ese documento.

Tal como en el *Informe Faure*, en el *Informe Delors*, mejor recibido que el documento anterior (Field, 2001), se partió del presupuesto de que el mundo se había complejizado, como resultado de diversos factores, como la globalización, un fenómeno no exclusivamente económico, sino también tecnológico, científico, etc., con un papel decisivo en el reconocimiento de problemas diversos como las migraciones, la diversidad cultural, etc. Con la globalización llegaban riesgos, incertidumbre, inseguridad respecto al trabajo y al empleo, que hacían peligrar la democracia. En un mundo marcado por fuertes desigualdades sociales, unas que se mantenían, otras que surgían, y por la exclusión social y educativa, la educación no se constituía en una estrategia real de promoción de la igualdad. Revelando una crítica a la intervención del Estado, principalmente del Estado del Bienestar (Crowther, 2006; Guimarães, 2011) en la educación, al contrario del documento anterior, en este *Informe* se concedió a esta entidad un papel más restringido y se apuntó a la importancia de otras organizaciones sociales, no gubernamentales y con fines lucrativos, en el desarrollo de aprendizajes no formales e informales (Field, 2001; Centeno, 2011).

En este documento se defendía que la educación se apoyaba en cuatro pilares: aprender a conocer, aprender a hacer, aprender a vivir juntos y aprender a ser. Estos pilares favorecían la valorización de otros espacios y tiempos (y no sólo los espacios y el tiempo de la escuela) y de nuevos aprendizajes, principalmente aquellos relacionados con el trabajo. En este sentido, se consideró que las distinciones tradicionales entre educación inicial y educación continua, educación de jóvenes y educación de adultos no tenían sentido e importaba pensar en un ‘*continuum* educativo, coextensivo a la vida y ampliado a las dimensiones de la sociedad’ que abarcaba otras modalidades educativas y no exclusivamente la educación escolar (Delors et al., 1996: 90). En este *Informe* se argumentaba igualmente que las políticas educativas traducían un proceso permanente de enriquecimiento de los conocimientos y de saber hacer. Se presentaban como una vía

privilegiada para la construcción del propio sujeto, para el establecimiento de relaciones de colaboración entre los individuos, los grupos y las naciones. Sin embargo, estas finalidades políticas representaban una limitación cuando eran comparadas con las expectativas que los individuos expresaban en relación al desarrollo social y al progreso social. Por ello, la educación debía adaptarse a los cambios resultantes de la globalización. La importancia de la economía y los cambios en el trabajo fueron enfatizados de cara al aumento del desempleo y de los fenómenos de exclusión social, de la creciente tensión entre lo global y lo local, lo universal y lo singular, la tradición y la Modernidad. En este contexto específico se hacía esencial pensar en la educación a lo largo de toda la vida (y no ya la educación permanente). Esta otra educación emergía así como la panacea para los problemas económicos y, por ello, debía ser capaz de hacer a los individuos más productivos y competitivos en el marco del desarrollo humano. En este sentido, se afirmaba en este *Informe* que la educación a lo largo de toda la vida

[...] es la llave que abre las puertas del siglo XXI y, más allá de una adaptación necesaria a las exigencias del mundo del trabajo, es condición para un dominio más perfecto de los ritmos y de los momentos del ser humano. (Delors et al., 1996: 89)

Cuando lo comparamos con el documento anterior, el *Informe Delors* también apostaba en la educación como estrategia de promoción de la igualdad de oportunidades y de democracia. Pero en este último documento se defendían reformas de los sistemas de educación y formación, así como del propio Estado, siendo valorizada la existencia de colaboración entre las organizaciones públicas y las entidades no gubernamentales y con fines lucrativos. Dado que el Estado no debía mantener el monopolio de la educación, estas colaboraciones serían fomentadas como vías de 'nuevas energías para la educación' (Delors et al., 151), entre ellas las que derivaban de la relación entre educación y trabajo. En esta línea de ideas, este *Informe* se inscribió de modo más evidente en las políticas de modernización y control estatal y en otras de educación de adultos para la gestión de recursos humanos, vistas como una fuente de ventajas competitivas.

Estudios más recientes (Bélanger & Federighi, 2001; Desjardins, Rubenson & Millana, 2006) demostraron la importancia de la formación profesional continua en las políticas públicas nacionales. Esta situación llevó a Field (2000) a defender que mucho de lo prometido en el dominio público de la educación permanente e incluso de la educación a lo largo de toda la vida acabó por no ser cumplido, dado que fue a nivel privado, como resultado de las opciones de los propios sujetos, y de las organizaciones del trabajo donde se verificaron resultados más expresivos referidos a la participación en la educación de adultos (principalmente en la formación profesional). De forma complementaria, si en el *Informe Faure* cuando se defendió la importancia de la ciudad educativa se denotaban preocupaciones próximas a políticas de educación de adultos democráticas y emancipatorias, no es posible identificar lo mismo en el *Informe Delors* (Field, 2000 y 2001; Centeno, 2001; Lee & Friedrich, 2011). De alguna forma, las diferencias entre estos informes, evidentes en la deriva hacia preocupaciones economicistas y de gestión de recursos humanos pueden ser explicadas debido a las desilusiones respecto a las promesas hechas en la década de 1960 de movilidad social ascendente, justicia y cohesión social a través de la educación, como la educación permanente parecía apuntar. Esta situación, designada por Griffin (1999a) como desencanto respecto al progreso, como resultado de la crisis social y económica y del Estado de Bienestar, justificaron la erosión progresiva y continuada de las referencias iniciales de la educación (Canário, 1999). En cierto modo, según Field (2001),

atribuyeron un tono nostálgico a estas expresiones, en concreto a la de educación permanente, y favorecieron la valorización de las políticas de educación de adultos como estrategias de gestión de recursos humanos y de responsabilización individual por las elecciones biográficas de los sujetos en la educación, en la formación y en el aprendizaje.

### **UE y aprendizaje a lo largo de la vida**

La UE se presenta como una organización internacional con mayor poder de decisión que la UNESCO, lo que marca una importante diferencia en términos políticos debido al mayor impacto que las orientaciones y programas de esa entidad tienen en los Estados miembros (Field, 2001) y en los sentidos atribuidos al aprendizaje a lo largo de la vida (Alves, 2010). El análisis de documentos políticos de la UE sobre educación de adultos permite afirmar que este dominio poseía un parco relieve en esta organización en el momento de su creación (Antunes, 2008; Rasmussen, 2014; Spolar & Holford, 2014). Pero si atendemos a algunos documentos políticos publicados en las últimas dos décadas, se verifica que, a lo largo de los años de 1990, la UE pasó a mostrar preocupaciones más obvias con la formación, la educación y el aprendizaje, en el marco de una crítica a los sistemas educativos nacionales. En 2000, la *Estrategia de Lisboa* marcó una definición más clara de las finalidades y de la intervención de la UE en la formación, la educación y el aprendizaje. Asumiendo como objetivo estratégico ‘la construcción, hasta 2010, de la economía más dinámica y competitiva del mundo, basada en el conocimiento y, simultáneamente, capaz de garantizar un crecimiento económico sustentable, con más y mejores empleos y mayor cohesión social’ (Conselho Europeu de Lisboa, 2000), este documento se basaba en la convicción de que la globalización de la economía y la creciente importancia atribuida a las tecnologías de la información y de la comunicación exigían la necesidad de reformar los sistemas de educación y formación europeos y obligaban a la búsqueda de mecanismos que garantizaran el acceso a la formación, la educación y el aprendizaje, teniendo en mente encontrar formas de superar el desempleo.

Se defendió, por tanto, que la adaptación y el refuerzo de los procesos de desarrollo económico existentes, de creación de empleo y de mayor cohesión social, eran esfuerzos importantes que debían ser garantizados por una intervención más ambiciosa que la llevada a cabo hasta entonces. De esta forma, esta estrategia, sugirió innovaciones en los sistemas educativos europeos que contemplaron, por ejemplo, la introducción del método abierto de coordinación (Conselho Europeu de Lisboa, 2000), un elemento crucial de formulación política de la UE desde 2000 (Lee et al., 2008). Este método tuvo como finalidades la identificación y divulgación de buenas prácticas, como actividades que pudiesen ser replicadas en otros contextos y países. Buscó también la concretización de los objetivos establecidos por la UE en las áreas económica, social y educativa, así como la creación de indicadores que debían promover la convergencia de acciones y de resultados. Este método estableció también un abordaje descentralizado, coherente con el principio de subsidiariedad y con el establecimiento de redes entre los diversos actores implicados, estatales, privados y/o ligados a organizaciones no gubernamentales, con los propósitos de identificar, divulgar y promover buenas prácticas.

En el mismo año fue aprobado el *Memorando del Aprendizaje a lo Largo de la Vida* (Comissão das Comunidades Europeias, 2000). Este documento estableció dos grandes orientaciones: ‘la dinamización de la ciudadanía activa y la promoción de la empleabilidad’. Estas orientaciones se cruzaron con políticas sociales que combinaban la participación de los individuos en diversas esferas de la vida social y económica, la construcción de un



sentimiento de pertenencia a una sociedad europea, el establecimiento de mecanismos de inclusión, en cuanto a la empleabilidad y a la capacidad de asegurar un empleo y de mantenerlo (ibidem). Estas condiciones eran así consideradas decisivas para la construcción del espacio europeo de educación, así como de una sociedad en la que el empleo, la competitividad y la prosperidad, basados en la economía del conocimiento, eran dimensiones centrales.

Borg y Mayo (2005) sostuvieron que las dimensiones individuales y colectivas del aprendizaje a lo largo de la vida en este documento se hacían notar, pero que las finalidades contenidas en él se encontraban cada vez más próximas a las políticas económicas, principalmente al aumento de la productividad y la competitividad, la preservación y la creación de empleo. Por eso, se hizo más evidente la importancia de sentidos atribuibles a las políticas de educación de adultos de gestión de recursos humanos. En consecuencia se registró una tendencia hacia la instrumentalización del aprendizaje, asociada a la economización de la vida social (Lima, 2005; Guimarães, 2011) y contemplada como una contribución al crecimiento económico de las empresas y a las posibilidades de que los individuos participen en el mercado de trabajo.

Se acentuó el surgimiento de una nueva economía educativa caracterizada por la individualización del conocimiento. Por eso, de acuerdo con Olssen (2004), el aprendizaje favorecía de ese modo la promoción de la adaptabilidad y de la movilidad de los trabajadores en el mercado de trabajo, pues facilitaba el cambio de empleo, en el marco de un sector de actividad y de sectores distintos. Asimismo, promovía la flexibilidad que conllevaban niveles elevados de formación general y técnica. Permitía, además, el desarrollo de competencias, como capacidades operativas, que se articulaban con la disminución de los constreñimientos legales sobre el trabajo y el empleo. Al mismo tiempo, apostaba por la transferencia de esas competencias de la esfera económica a la esfera social (Borg & Mayo, 2005). En esta línea de ideas, en un nuevo ambiente económico, la formación, la educación y el aprendizaje podían ser entendidas como tecnologías de adaptación flexible (Olssen, 2004), ya que llevaban a que los sujetos luchasen individualmente y bajo su responsabilidad por el mantenimiento de sus empleos.

En este marco, el documento *Educación y Formación 2010* (European Commission, 2004) estableció diversas metas que deberían ser alcanzadas a finales de la primera década de este siglo, de entre las cuales la meta de participación del 12,5% de adultos en actividades de aprendizaje a lo largo de la vida, contribuyendo decisivamente a la europeización de las políticas públicas (Antunes, 2008). El propósito de esta y otras metas se conectaba con la necesidad de hacer los sistemas europeos de educación y formación una referencia mundial, confiriendo una mayor visibilidad política y social a esos dominios. De los objetivos que esas metas contemplaban, los siguientes tenían especial relevancia para la educación de adultos: el desarrollo de competencias-clave definidas por la UE; el acceso a las tecnologías de la información y la comunicación; el desarrollo de la educación a distancia; la promoción de la ciudadanía activa, de la igualdad de oportunidades y de la cohesión social; y el refuerzo de las conexiones entre el mundo del trabajo, la investigación y la sociedad. Para la concretización de estos objetivos, se adoptaron decisiones específicas y calendarios determinados, indicadores más adaptados a los problemas y a las necesidades entre tanto identificados en los diferentes Estados miembros, procesos de monitorización y evaluación de los resultados obtenidos según el método abierto de coordinación, en el marco de un fuerte llamamiento a la traducción de las orientaciones europeas a las políticas nacionales (Rasmussen, 2014). También en este caso, las relaciones de sentido contenidas en este documento apuntan a la valorización de la inversión en capital humano (Morgan-Klein &

Osborne, 2007), denotando la importancia atribuida al aprendizaje a lo largo de la vida para el desarrollo económico.

Debido a los resultados obtenidos entre 2000 y mediados de la década, parcos y heterogéneos (Zarifis & Gravani, 2014), evidentes, por ejemplo, en las diferentes tasas de participación en los diferentes estados miembros (EUROSTAT, 2014), se consideró necesario ‘relanzar la estrategia de Lisboa’, reforzando las finalidades de mayor crecimiento económico y de empleo y una más expresiva cohesión social (Conselho da União Europeia, 2005). La fragilidad de la agenda de la UE (Hake, 2005) obligó a la adopción de nuevas orientaciones, principalmente aquellas que constaban en el documento y del plan de acción *Educación de Adultos: Nunca es tarde para Aprender* (Comissão das Comunidades Europeias, 2006 y 2007). En este texto, la argumentación se hizo más radical, en el sentido en que pasaron a ser más evidentes las relaciones de sentido con políticas de educación de adultos de gestión de recursos humanos. En este documento se defendió que el empeño de la UE debería pasar por promover la competitividad económica, recurriendo para ello a la elevación de los niveles de competencias de los individuos, con el objetivo de contribuir al crecimiento, el empleo y la cohesión social. Además, este objetivo surgía como especialmente importante, si se piensa que, como fue afirmado, los empleos creados en UE obligaban a que los sujetos poseyesen niveles más elevados de cualificación que les permitiesen lidiar con las crecientes exigencias del trabajo (debido, por ejemplo, a la proliferación y complejización de la información escrita y de las tecnologías de la información y de la comunicación en el lugar de trabajo). De forma adicional, se defendió la búsqueda de soluciones para problemas que derivaban de los cambios demográficos, asociados al envejecimiento de la población, por un lado, y al impacto de la migración, por otro. Se argumentó, además, la necesidad de luchar contra la pobreza y la exclusión social, siendo en este caso nítida la importancia del aprendizaje a lo largo de la vida en la disminución de los bajos niveles de escolaridad, en el combate contra el aislamiento rural, en la promoción de oportunidades de alfabetización, etc. (Comissão das Comunidades Europeias, 2006). Una vez más, más allá de las preocupaciones sociales, la agenda económica de la UE reveló una mayor preponderancia (Morgan-Klein & Osborne, 2007), permitiendo el registro de sentidos atribuibles al aprendizaje a lo largo de la vida para el desarrollo económico y la gestión de recursos humanos.

En el marco de una fuerte crisis económica y social, entre 2010 y 2012, se sucedieron diversos debates sobre el estatuto de la UE y sobre su papel en dominios como la formación y la educación. Siendo evidente el fracaso de los objetivos establecidos en la primera década del siglo XXI, en años más recientes algunas continuidades (Nóvoa, 2013) pudieron ser observadas en el ámbito del aprendizaje a lo largo de la vida. Así, el documento *Estrategia Europa 2020* mantuvo las finalidades de la *Estrategia de Lisboa* (2000) y enfatizó una conexión más estrecha entre educación, aprendizaje y economía. En este documento se establecieron objetivos que deberían ser concretizados a finales de la década que vivimos: principalmente desarrollar programas de educación y aprendizaje a lo largo de la vida que faciliten la movilidad de los trabajadores en los diferentes Estados miembros; mejorar la calidad y eficiencia de la educación y la formación; promover la equidad, la cohesión social y la ciudadanía activa; y fomentar la creatividad y la innovación, así como el emprendimiento, en todos los niveles de la educación y la formación. De forma complementaria se actualizaron los indicadores, entre ellos la media de participación del 15% de los adultos en actividades de aprendizaje a lo largo de la vida (Comissão Europeia, 2010).

A pesar de incluir aún objetivos generales, relacionados, por ejemplo, con la cohesión social y la ciudadanía activa, la *Agenda Renovada en el Dominio de la Educación de Adultos*

(Conselho da União Europeia, 2011) retomó los objetivos estratégicos del texto *Educación y Formación 2020* (Conselho da União Europeia, 2009), en especial hacer del aprendizaje a lo largo de la vida y de la movilidad una realidad, mejorar la calidad y la eficacia de la educación y la formación, así como incentivar la creatividad y la innovación, incluyendo el espíritu emprendedor en todos los niveles de la educación y la formación. En este sentido, se apostó en el desarrollo y el perfeccionamiento de aptitudes y competencias, como las de alfabetización, cálculo y las de carácter más transversal incluidas en la educación general, así como otras más de (re)cualificación profesional (Conselho da União Europeia, 2011). Como refieren Alves (2010), Rasmussen (2014), y también Spolar y Holford (2014), a pesar de incluir otros objetivos, sociales, culturales, cívicos, etc., fue, una vez más, la promoción del crecimiento económico la que se destacó en este último documento, evidenciando la fuerte conexión entre la adquisición de competencias-clave y la instrumentalización de la educación de adultos con finalidades economicistas (Lima, 2005). A este respecto, se asistió a un refuerzo de temas relacionados con el desarrollo económico y con el (des)empleo, favoreciendo la legitimización del destacado papel político concedido al aprendizaje a lo largo de la vida, en el marco de la adaptabilidad y de la empleabilidad (Gravani & Zarifis, 2014).

### **Notas finales: cambios en los sentidos atribuidos a la educación y al aprendizaje a lo largo de la vida**

El análisis efectuado en este artículo denotó cambios significativos en los sentidos atribuidos a la educación/aprendizaje a lo largo de la vida por diversas organizaciones internacionales como la UNESCO y la UE en las últimas décadas de forma complementaria y como resultado de la globalización. Si la UNESCO puede ser asociada a concepciones más humanistas de educación, más evidentes en la expresión educación permanente, la UE estableció claramente un lazo entre el aprendizaje a lo largo de la vida y el desarrollo económico. En este sentido, la globalización surge como una causa y un efecto de la intervención de estas entidades en el ámbito de las políticas de educación de adultos. En realidad, la idea de educación/aprendizaje a lo largo de la vida se inscribe en enfoques teóricos diferentes (Bagnall, 2000; Tuijnmann & Bostrom, 2002; Lee & Friedrich, 2011). Paralelamente, los discursos proferidos por estas entidades, no estando claramente inscritos en esos abordajes, revelaron alteraciones que, aunque con diferentes intensidades, acentuaron un mayor destaque concedido al aprendizaje y una progresiva desvalorización de la educación. Ahora bien, la expresión más utilizada, aprendizaje a lo largo de la vida, se centra en el sujeto (y en el aprendizaje) y en sus opciones educativas, formativas y de aprendizaje, mientras que parece haberse retirado protagonismo al Estado y a su intervención. Consecuentemente, en los documentos más recientes, se hizo más difícil encontrar relaciones de sentido atribuibles a políticas de educación de adultos democráticas y emancipatorias, así como resulta más claro un cambio en lo que se propone para la intervención del Estado en la educación y la formación, registrándose una menor preocupación por políticas de educación de adultos de modernización y control estatal.

La importancia que el aprendizaje a lo largo de la vida ganó en los discursos políticos en tiempos más recientes se produce en el marco de fuertes críticas a las viejas formas de actuar en la educación de adultos (Canário, 1999; Field, 2000), de carácter nacional, consideradas ineficaces. En este sentido, es interesante verificar que la emergencia de esta idea viene asociada al debilitamiento del Estado-nación, en concreto del Estado del Bienestar (Crowther, 2006) en la educación. Esta expresión surge así en el ámbito de la

necesidad de pensar y concebir nuevos valores, finalidades educativas y estrategias de intervención política supranacional y nacional (Field, 2001; Guimarães, 2011). Esta necesidad implicó la creación de una expresión que traspasó los enfoques más tradicionales (de carácter nacional) de la educación de adultos. A pesar de las características de la expresión, principalmente su carácter fluido (Lee et al., 2008), ambiguo y simultáneamente consensual (Millana & Holford, 2014), el aprendizaje a lo largo de la vida pasó a valer más que la educación de adultos en los discursos políticos: atribuyó nuevas finalidades y estructura al referido campo de políticas y de prácticas y pasó a incluir saberes y capacidades desarrollados en momentos muy diversos de la vida de los sujetos, en contextos con diversos grados de formalización (Morgan-Klein & Osborne, 2007; Alves, 2010). En el marco de la retracción del Estado, cabe de este modo cuestionar el hecho de utilizarse cada vez más la expresión aprendizaje a lo largo de la vida en detrimento de expresiones como educación a lo largo de la vida, educación permanente o incluso educación de adultos.

La utilización de educación/aprendizaje a lo largo de la vida podría sugerir una concepción de la educación de adultos amplia y en el ámbito de una concepción de educación global e integral. Incluso, la utilización de la expresión aprendizaje a lo largo de la vida con sentidos que apuntan a políticas de educación de adultos de gestión de recursos humanos resultó en gran medida de importantes cambios de los contextos políticos y culturales de las sociedades contemporáneas occidentales de cariz neoliberal. De esta forma, más allá de contener sentidos economicistas sobre el individuo, las sociedades, los contextos de trabajo, el aprendizaje a lo largo de la vida favorece posibilidades de participación de los sujetos adultos de carácter más individualizado en la vida social, y la retracción del Estado en el ámbito de la educación y la formación (Morgan-Klein & Osborne, 2007). En consecuencia, las orientaciones de la UNESCO y de la UE sobre el aprendizaje a lo largo de la vida han permitido la reconfiguración de la educación y de la formación, principalmente debido a las reformas llevadas a cabo en los respectivos sistemas, así como un cambio de enfoque, ya no en el apoyo público, sino en la iniciativa y responsabilidad individual (Guimarães, 2011). De este modo, las finalidades economicistas que ganaron relieve en los discursos (Rasmussen, 2014; Millana & Holford, 2014; Spolard & Holford, 2014; Hake, 2005) expresan los cambios de equilibrio entre reproducción capitalista y emancipación, desarrollo económico y desarrollo personal y social. Indican igualmente cambios en el papel del Estado, de la sociedad civil y de entidades privadas, principalmente las ligadas al trabajo. Por eso, las notas finales de este artículo no pueden dejar de problematizar la intervención cada vez más expresiva de las organizaciones internacionales en las políticas nacionales, a pesar de asistirse en la actualidad a desarrollos muy diversos (Crowther, 2006; UIL, 2009; Guimarães, 2011). Aunque como resultado de contribuciones de especialistas de diversos países (Field, 200), estas entidades expresan una influencia de tipo *top/down* que apunta a procesos de homogeneización en las políticas públicas, principalmente en lo que se refiere a la modernización de los sistemas de educación y formación, para la preponderancia de la formación profesional y la valorización de la educación y la formación para la gestión de recursos humanos. Presentando un pasado amplio, en términos de discusión de valores y finalidades, y una historia corta, en lo referente a la implementación de políticas públicas (Centeno, 2011), no deja de ser importante problematizar el impacto de los discursos de las organizaciones internacionales en las políticas de educación de adultos nacionales y la circunstancia de que estos discursos reflejan y contribuyen a la transformación económica en curso de raíz neoliberal. En este sentido, la educación, la formación y el aprendizaje son vistas cada vez más como mercancías plausibles de consumo por individuos que racionalmente realizan elecciones

educativas y formativas con impacto en sus biografías, principalmente en los dominios profesionales. Ahora bien, esta deriva neoliberal es especialmente preocupante cuando se considera la ausencia de principios y objetivos de educación democrática y emancipatoria y para la transformación social, tan significativos para la afirmación de la educación de adultos como campo de práctica, de intervención política y de reflexión teórica.

## Referencias

- Alves, M. G. (ed.) (2010) *Aprendizagem ao longo da vida e políticas educativas europeias: tensões e ambiguidades nos discursos e nas práticas de estados, instituições e indivíduos*. Monte da Caparica: UIED / FCT, Universidade Nova de Lisboa.
- Antunes, F. (2008) *A nova ordem educacional: espaço europeu de educação e aprendizagem ao longo da vida*. Coimbra: Almedina.
- Aspin, D. N. & Chapman, J. D. (2007) 'Lifelong Learning: Concepts and Conceptions', in D. N. Aspin (ed.) *Philosophical Perspectives of Lifelong Learning*. Dordrecht: Springer, 19-38.
- Bagnall, R. G. (2000) 'Lifelong Learning and the Limitations of Economic Determinism'. *International Journal of Lifelong Learning* 19(1): 20-35.
- Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bélanger, P. & Federighi, P. (2001) *Analyse transnationale des politiques d'éducation et de formation des adultes*. Paris: UNESCO-L'Harmattan.
- Borg, C. & Mayo, P. (2005) 'The EU Memorandum on Lifelong Learning: Old Wine in New Bottles?' *Globalisation, Societies and Education* 3(2): 203-225.
- Canário, R. (1999) *Educação de adultos: um campo, uma problemática*. Lisboa: EDUCA.
- Centeno, V. (2011) 'Lifelong Learning: a Policy Concept with a Long Past but a Short History'. *International Journal of Lifelong Learning* 30(2): 133-150.
- Comissão das Comunidades Europeias (2000) *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Comissão das Comunidades Europeias (2006) *Educação e formação de adultos: nunca é tarde para aprender. Comunicação da Comissão ao Conselho, de 23 de Outubro de 2006, relativa à educação de adultos (COM/2006/614)* [documento WWW]. URL [http://europa.eu/legislation\\_summaries/education\\_training\\_youth/lifelong\\_learning](http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning) [fecha de consulta 30 de septiembre de 2016].
- Comissão das Comunidades Europeias (2007) *Plano de Acção para a Educação e Formação de Adultos: Nunca é Tarde para Aprender. Comunicação da Comissão, de 27 de Setembro de 2007 (COM/2007/558)* [documento WWW]. URL [http://europa.eu/legislation\\_summaries/education\\_training\\_youth/lifelong\\_learning](http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning) [fecha de consulta 30 de septiembre de 2016].
- Comissão Europeia (2010) *Estratégia Europa 2020: estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo (COM/2010/2020 final)*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Conselho da União Europeia (2011) *Resolução do Conselho sobre uma agenda renovada no domínio da educação de adultos (2011/C 372/01)* [documento WWW]. URL <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Resolucao%20n%202011-C%20372-01.pdf>
- Conselho Europeu de Lisboa (2000) *Estratégia de Lisboa* [documento WWW]. URL <http://ue.eu.int> [fecha de consulta 6 de junio de 2009].
- Crowther, J. (2006) "'In and against" Lifelong Learning: Flexibility and the Corrosion of the Character'. *International Journal of Lifelong Learning* 23(2): 125-136.
- Delors, J., Mufti, I. A., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., Gorham, W., Kornhauser, A., Manley, M., Quero, M. P., Savané, M.-A., Singh, K., Stavenhagen, R.,

- Suhr, Myong, S. & Nanzhao, Z. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições Asa.
- Desjardins, R., Rubenson, K. & Millana, M. (2006) *Unequal Chances to Participate in Adult Learning: International Perspectives*. Paris: UNESCO - International Institute for Educational Planning.
- European Commission (2004) "*Education & Training 2010*" *The Success of the Lisbon Strategy Hinges on Urgent Reforms* (14358/03 EDUC 168 – COM(2003) 685 final). Brussels: Official Publication of the Council of the European Union.
- Faure, E., Herrera, F., Kaddoura, A.-R., Lopes, H., Petrovski, A. V., Rahnema, M. & Ward, F. C. (1981) *Aprender a ser*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Field, J. (2000) 'Governing the Ungovernable: Why Lifelong Learning Policies Promise so much and yet Deliver so Little'. *Educational Management & Administration* 28(3): 249-261.
- Field, J. (2001) 'Lifelong Education'. *International Journal of Lifelong Learning* 20(1-2): 3-15.
- Field, J. (2006) *Lifelong Learning and the Educational Order*. Stoke on Trent: Trentham Books.
- Finger, M. & Asún, J.-M. (2001) *Adult Education at the Crossroads: Learning our Way Out*. London, Leicester: Zed Books, NIACE.
- Gravani, M. & Zarifis, G. (eds.) (2014) *Challenging the 'European Area of Lifelong Learning'. A Critical Response*. Dordrecht: Springer.
- Griffin, C. (1999a) 'Lifelong Learning and Social Democracy'. *International Journal of Lifelong Learning* 18(5): 329-342.
- Griffin, C. (1999b) 'Lifelong Learning and the Welfare Reform'. *International Journal of Lifelong Learning* 18(6): 431-452.
- Guimarães, P. (2011) *Políticas de Educação de Adultos (1999-2006). A Emergência da Educação e Formação para a Competitividade*. Braga: Universidade do Minho/Instituto de Educação/Cied.
- Hake, B. J. (2005) 'Fragility of the "Employability Agenda": Flexible Life Courses and the Reconfiguration of Lifelong Learning in the Netherlands', in A. Bron, E. Kurantowicz, H. Salling Olesen & L. West (eds.) *'Old' and 'New' Worlds of Adult Learning*. Wroclaw: Wydawnictwo Naukowe, 234-253.
- Lee, M. & Friedrich, T. (2011) 'Continuously Reaffirmed, Subtly Accommodated, Obviously Missing and Fallaciously Critiqued: Ideologies in UNESCO's Lifelong Learning Policy'. *International Journal of Lifelong Learning* 30(2): 151-169.
- Lee, M., Thayer, T. & Madyun, N. (2008) 'The Evolution of the European Union's Lifelong Learning Policies: An Institutional Learning Perspective'. *Comparative Education* 44(4): 445-463.
- Lima, L. C. (2005) 'A educação de adultos em Portugal (1974-2004)', in R. Canário & B. Cabrito (orgs.) *Educação e formação de adultos: mutações e convergências*. Lisboa: Educa, 31-60.
- Millana, M. & Holford, J. (eds.) (2014) *Adult Education Policy and the European Union. Theoretical and Methodological Perspectives*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Millana, M. & Nesbit, T. (2015) *Global Perspectives on Adult Education and Learning Policy*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Morgan-Klein, B. & Osborne, M. (2007) *The Concepts and Practices of Lifelong Learning*. Londres: Routledge.
- Nóvoa, A. & Schriewer, J. (eds.) (2000) *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A. (2013) 'The blindness of Europe: new fabrications in the European educational space'. *Sisyphus, Journal of Education* 1(1): 104-123.

- Olesen, H. S. (2004) 'Shaping an Emerging Reality: Defining and Researching Lifelong Learning.' Paper presented at the Graduate School in Lifelong Learning, Roskilde University [document WWW]. URL [http://www.ruc.dk/paes/forskerskolen/program/info/summer\\_school/summer2005/lectures2005/hso\\_2](http://www.ruc.dk/paes/forskerskolen/program/info/summer_school/summer2005/lectures2005/hso_2) [fecha de consulta 17 de noviembre 2008].
- Olsen, M. (2004) 'Neoliberalism, Globalisation, Democracy: Challenges for Education'. *Globalisation, Societies and Education* 2(4): 231-275.
- Rasmussen, P. (2014) 'Adult Learning Policy in the European Commission', in M. Millana & J. Holford (eds.) *Adult Education Policy and the European Union: Theoretical and Methodological Perspectives*. Rotterdam: Sense Publishers, 17-34.
- Sanz Fernández, F. (2006) *As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas*. Lisboa: Educa/Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- Spolar, V. A. M. & Holford, J. (2014) 'Adult Learning: From the Margins to the Mainstream', in M. Millana & J. Holford (eds.) *Adult Education Policy and the European Union: Theoretical and Methodological Perspectives*. Rotterdam: Sense Publishers, 35-50.
- Tuijnman, A. & Bostrom, A.-K. (2002) 'Changing Notions of Lifelong Education and Lifelong Learning'. *International Review of Education* 48(2): 93-110.
- UIL (2009) *2nd Global Report on Adult Learning and Education: Rethinking Literacy*. Hamburgo: UNESCO ILL.

## Educação matemática e linguística nos jornais pedagógicos para professores das escolas de imigração alemã do sul do Brasil<sup>1</sup>

**Gelsa Knijnik**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS,  
Brasil

**Maria Luísa Lenhard Bredemeier**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS,  
Brasil

**Fernanda Wanderer**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS,  
Brasil

**Abstract:** The paper discusses issues concerning the educational field linked to German immigration to Southern Brazil that began in 1824. Specifically, it aims at analysing discourses on mathematics and linguistic education in schools that circulated in two pedagogical journals addressing teachers at German immigrants' schools of the southernmost state of Brazil, in the first third of the twentieth century. The first was published by the Catholic German-Brazilian Teachers' Association and the second by the Evangelic German-Brazilian Teachers' Association. Based on Foucaultian theorizations and late Wittgenstein ideas, the study shows that one of the statements presented in both discourses was related to the importance of using, in classroom, elements of non-school forms of life and that this statement interwove, in different ways, with statements that shaped the pedagogical discourse of that epoch.

**Key-words:** school mathematics education, school linguistic education, German immigration in Brazil, Foucault, Wittgenstein, pedagogical journal

---

Estos son los servicios que la historia puede prestar a la vida. Todo individuo, todo pueblo necesita, según sus objetivos, fuerzas y necesidades, un cierto conocimiento del pasado (...) Pero no como lo necesitaría un tropel de puros pensadores que no hacen más que asistir como espectadores a la vida, o individuos sedientos de saber, que solo con el saber se sienten satisfechos y para quienes el aumento de conocimientos es el objetivo en sí, sino, siempre y únicamente, con vistas a la vida y, por tanto, bajo el dominio y

---

<sup>1</sup> A pesquisa que originou o presente artigo foi realizada com o apoio da agência de fomento brasileira Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, mediante bolsa de produtividade em pesquisa destinada à primeira das autoras.



suprema dirección de la misma.(...) que el conocimiento del pasado sea deseado en toda época solamente para servir al futuro y al presente, no para debilitar el presente o para cortar las raíces de un futuro vigoroso (...). (Nietzsche, 2008: 49)

## Introdução

Os processos migratórios na América Latina, que ocorreram a partir do início do século XIX, têm sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, tais como a História (Klein, 1989; Blume/Witt, 2014), a Sociologia (Baeninger 2008; Brito, 2000), a Antropologia (Seyferth, 2011) e a Educação (Silva, 2004). O presente artigo se insere nesse conjunto de estudos, examinando questões do campo educacional vinculadas ao processo de imigração alemã, iniciado em 1824, no sul do Brasil. Mais especificamente, analisa dois periódicos pedagógicos endereçados aos professores das escolas das comunidades dos imigrantes alemães do estado mais ao sul do país (Rio Grande do Sul), que circularam no primeiro terço do século XX, e enfoca, em particular, questões ligadas à educação linguística e matemática.

Devido à intensificação dos movimentos migratórios que vêm ocorrendo na contemporaneidade, em distintas partes do mundo (Bade, 2007; Castels; Miller, 2009; Düvell, 2006), hoje ganham relevância estudos que tematizam a escolarização de crianças e jovens, filhos de imigrantes. Em efeito, essa intensificação acaba por povoar as escolas com crianças que, em geral, não se comunicam na língua do país. Como mostram, entre outros, Wenning (2013, 2011, 2010), Gogolin et al (2013) e Norton (2000), um imperativo pedagógico da contemporaneidade é que os filhos de imigrantes aprendam a ‘nova’ língua para poderem ter êxito em sua escolarização e, como consequência, terem facilitada sua inserção social, econômica e cultural.

Diante desse contexto, cabe questionar como a escola tem lidado com as tensões geradas pela necessidade de as crianças se apropriarem da língua do país e seus modos de se expressar na língua materna em outras formas de vida que não a escolar, em especial, em seu convívio familiar. Trata-se de um questionamento que assume diferentes conotações em função da posição sociocultural da família. Naquelas pertencentes a estratos de maior poder aquisitivo ou intelectual, adultos e crianças (desde muito pequenas) transitam por duas ou mais línguas, o que é estimulado e valorizado socialmente. No entanto, não é isso que ocorre, por exemplo, com os filhos dos imigrantes pobres, como os turcos que têm migrado para a Alemanha e os haitianos que têm emigrado para o Brasil.

No que diz respeito à situação no Brasil, documentos da OEA (Organização dos Estados Americanos) indicam que pouco é feito no sentido de acolher os imigrantes e suas famílias, também na esfera da educação linguística, não existindo sequer levantamentos confiáveis no que tange o número de migrantes (OAS, 2009). Se, por um lado, estudos como os de Abreu (2001) mostram as dificuldades que enfrentam crianças imigrantes na aprendizagem da matemática, quando ainda não se apropriaram da língua do país, por outro lado parece pertinente que nos questionemos se o preço a ser pago por essa apropriação é a desvalorização – e, como consequência, em longo prazo, o esquecimento – de sua língua materna como forma de comunicação. Bredemeier (2010, 2011), Breunig (2000), entre outros, têm mostrado que o desafio que está posto para a escola é ensinar as crianças imigrantes a jogarem os jogos de linguagem praticados em diferentes formas de vida (no caso, jogos praticados em seu país de origem e os praticados em seu país de chegada), aprendendo a identificar sua pertinência às formas de vida a que estão associados.

Trabalhos investigativos na região de colonização alemã do Rio Grande do Sul (Bredemeier, 2010; Junges, 2012; Wanderer, 2014) mostraram que, passados quase 200 anos, ainda hoje os jogos de linguagem dos ‘dialetos alemães’ são ali praticados. Assim, podemos dizer que, nessas específicas formas de vida, a apropriação da língua do país não implicou no desaparecimento dos jogos de linguagem do país de origem, com repercussões no âmbito da educação matemática escolar e da educação linguística escolar<sup>2</sup>.

A discussão de questões como as acima formuladas, que tem mobilizado o pensamento educacional contemporâneo (Beiersdorf/Waiduschat, 2013; Wenning, 2010), aponta para a relevância do presente estudo. Isso porque, como discute Castel (2001: 69), ‘a importância que tem na atualidade [um]a questão é pois o que orienta a análise do passado. E este é um problema mais difícil, pois há assuntos que tiveram uma importância enorme no passado e que na atualidade já não são configurações problemáticas’. É ‘a realidade atual de uma questão a que força a reconstruir seu passado’ (ibidem: 69); é a importância atual da problemática da educação de crianças, jovens e adultos que chegam a nossas escolas devido a processos migratórios que se desenvolvem na América Latina que nos incitaram a investigar alguns aspectos do que se constituía como a educação escolar nas regiões de colonização alemã do estado mais ao sul do Brasil, no primeiro terço do século passado. Em síntese, com o apoio de teorizações foucaultianas e de ideias do período de maturidade de Ludwig Wittgenstein, este artigo tem como objetivo analisar os discursos da educação matemática escolar e da educação linguística escolar que circulavam em dois periódicos pedagógicos endereçados a docentes dessas escolas, no período focado.

Importante referir, também, mesmo que de modo breve, sobre alguns aspectos históricos relativos ao processo migratório que trouxe imigrantes de fala alemã ao sul do Brasil, cujo início ocorreu 1824 e teve características bastante peculiares. Diferentemente de processos ocorridos em outros países, os alemães que ali chegaram emigraram em virtude da grave situação econômica na Alemanha e de sucessivas colheitas malsucedidas, sendo que houve aqueles que vislumbraram a possibilidade de deixarem as prisões em que se encontravam e virem ao Brasil para, uma vez aqui radicados, lutarem junto ao exército brasileiro na defesa das fronteiras do sul (Cunha, 1995). Pode-se afirmar que, mesmo conformando um grupo heterogêneo, esses imigrantes eram, em sua maioria, pobres que significaram a vinda ao Brasil como a oportunidade de superarem a pobreza e ascenderem economicamente.

Desde a perspectiva do governo brasileiro, estudos têm mostrado que, além da intenção de apoiar a estruturação de uma classe média, composta por artesãos e pequenos agricultores, e de assegurar as fronteiras no sul do Império, havia também o interesse em

---

<sup>2</sup> A expressão *educação matemática escolar* é utilizada no sentido atribuído por Knijnik e Duarte (2010). As autoras, inspiradas no pensamento de Foucault e na obra de maturidade de Wittgenstein, consideram que os processos educativos relacionados a jogos de linguagem matemáticos não se restringem à forma de vida escolar, uma vez que ‘somos educados, isto é, submetidos a “mecanismos de sujeição” (Deacon; Parker, 2000: 97), subjetivados, através de jogos de linguagem matemáticos praticados também em outros espaços sociais’ (Knijnik; Duarte, 2010: 865). Assim, no exame dos jogos de linguagem matemáticos que circularam nos jornais, que se referem aos processos escolares, se utiliza a expressão *educação matemática escolar*. Estende-se esse entendimento à educação linguística, o que leva a utilizar, neste texto, a expressão ‘educação linguística escolar’, em consonância com as posições de linguistas como Britto (2009), que fazem uso dessa mesma nomenclatura. Também é importante destacar que, ao examinar a educação linguística escolar, foram enfocadas tanto a educação da língua do país como a do país de origem, isto é, o português e o alemão. A educação linguística escolar, no que diz respeito ao alemão, restringia-se ao alemão ‘culto’, uma vez que, como mais adiante será mostrado, as variações linguísticas, que eram (e ainda são) muitas vezes nomeadas por ‘dialetos’, eram posicionadas como o que Foucault (2007) nomeia por uma ‘exterioridade selvagem’.

favorecer o ‘branqueamento’ da população (Dreher, 1999). Embora questões ligadas à construção das primeiras casas e o início do trabalho na lavoura, na prestação de serviços e no artesanato, bem como no comércio seguramente tenham sido prioritárias nos primeiros anos, a estruturação de uma rede de ensino particular logo se colocou como tema central. São poucas as informações hoje disponíveis sobre a rede de ensino estabelecida nas colônias de imigração alemã entre 1824 e 1865. É conhecido que escolas foram fundadas pelos imigrantes assim que possível, e que, muitas vezes, aquele imigrante que não tinha condições físicas de trabalhar na lavoura assumia as funções de professor e pastor. Essas escolas ocuparam um lugar importante nas comunidades que se estabeleceram na região, uma vez que, no período subsequente à sua chegada, uma rede pública de ensino era quase inexistente. Com o passar dos anos, houve um rápido crescimento do número de escolas na região de imigração, com um aumento igualmente significativo de professores<sup>3</sup>.

No Brasil, na área da Educação, muitos são os estudos que examinam, desde diferentes perspectivas, processos de imigração no país ocorridos a partir do século XIX, em especial aqueles do estado mais ao sul do Brasil – Estado do Rio Grande do Sul, nas comunidades de imigrantes alemães e italianos (Kreutz, 1994, 1996, 2002, 2004; Luchese, 2007). No âmbito específico da educação linguística, encontram-se os estudos efetivados por Schneider (2007), Messa (2009), Breunig (2000) e Bredemeier (2010), antes referido; e no que diz respeito à educação matemática, destacam-se as pesquisas desenvolvidas por Gaertner (2004), Mauro (2005), Junges (2012) e Wanderer (2014). Este artigo amplia as discussões realizadas por Bredemeier (2010) e os dois últimos autores, acima mencionados.

### **Referencial teórico-metodológico e descrição do material de pesquisa**

O referencial teórico-metodológico do estudo encontra-se, principalmente, no pensamento de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein, no que é conhecido como o período tardio de sua obra. Como mostram outros trabalhos (Knijnik, 2012; Knijnik, Wanderer, Giongo, Duarte, 2013), há consistência na articulação, em um mesmo estudo, de noções advindas desses dois intelectuais, uma vez que, mesmo que estejamos cientes de pertencerem a tradições filosóficas distintas, suas posições estão alinhadas à ‘virada linguística’, como discutido na obra de Gros e Davidson (2011), intitulada ‘*Foucault et Wittgenstein: de possibles rencontres*’.

Em ‘*A Arqueologia do Saber*’, marco importante do domínio arqueológico da obra de Foucault (2008), o filósofo discute as formas de trabalho e de análise da historiografia clássica em contraponto a uma historiografia contemporânea, à qual se dedica. Em sua introdução, é enfatizado que a historiografia contemporânea pontua novos elementos e salienta a valorização das rupturas, das interrupções e das transformações como centro das atenções dessa nova maneira de lidar, segundo ele, com os ‘mesmos problemas’. E esses problemas, para Foucault, se concentram na ‘crítica do documento’ (Foucault, 2008: 7), o que implica na busca de séries e regularidades nos textos examinados, considerando-os como monumentos.

Foucault remete ao vínculo entre a historiografia tradicional e a noção de um homem moderno único, estável e fixo, apontando para o abandono da busca pelas origens e pelas certezas como uma das características fundamentais da historiografia contemporânea. Em outro texto, mais precisamente na entrevista concedida por Foucault a Bellour, em 1967,

---

<sup>3</sup> Como discutido por Paiva (1984), em 1875, havia cerca de 99 escolas particulares nas comunidades de colonização alemã; em 1900, passaram a ser 301, sendo 146 católicas e 155 evangélicas.

apresentada em *'Ditos e Escritos II'* (Foucault, 2005), o filósofo elucida suas ideias quanto ao 'fazer história', após o acirrado debate provocado por sua obra *'As palavras e as coisas'*. Criticando uma história escrita a partir de um olhar que se volta somente para as relações de causa e efeito e colocando no centro de sua atenção os discursos e os enunciados que os constituem, Foucault escreve: '(...) esforcei-me para descrever os enunciados, grupos inteiros de enunciados, fazendo surgir as relações de implicação, de oposição, de exclusão, que podem ligá-los novamente' (2005: 65-66).

As ideias tardias de Wittgenstein foram produtivas para que pudéssemos compreender a complexidade daquele mundo da imigração alemã do primeiro terço do século passado, no Rio Grande do Sul, e os processos de aprender e ensinar matemática, português e alemão em suas escolas. Em especial, nos servimos das noções de *formas de vida*, *jogos de linguagem* e *semelhança de família*, como formuladas pelo filósofo em sua obra *Investigações Filosóficas* (Wittgenstein, 2004). Seguindo Vilela (2007), Giongo (2008), Knijnik; Wanderer; Giongo; Duarte (2013), podemos afirmar, de modo breve (pois fugiria ao escopo deste trabalho o aprofundamento do pensamento Wittgensteiniano), que o filósofo austríaco, nessa obra, passa a considerar que não existe uma única linguagem, senão linguagens, no plural, identificando-as com uma variedade de *usos*, que se referem não só a contextos verbais: 'as significações surgem do uso das palavras, medidas por regras, a partir das nossas práticas sociais, dos nossos hábitos, na nossa forma de vida' (Condé, 2004: 52). Ao enfatizar a existência de uma multiplicidade de linguagens, Wittgenstein (2004) introduz a noção de *jogos de linguagem*: 'a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada' (19). Assim, processos como descrever objetos, relatar acontecimentos, construir hipóteses e analisá-las, contar histórias, resolver tarefas de cálculo aplicado, entre outros, são nomeados por Wittgenstein de jogos de linguagem, estando sua produção vinculada à forma de vida na qual têm *uso*. Desse modo, à noção de *uso* é atribuída uma dimensão social, 'uma instância a partir da qual significações são criadas (...) e os diversos jogos de linguagem são engendrados' (Condé, 2004: 48).

Ademais, o filósofo considerará que os jogos de linguagem mantêm entre si relações de parença, isto é, têm como que um parentesco, o qual denomina por *semelhanças de família*. Cada um desses jogos teria sua especificidade, mas também guardaria, em diferentes graus, semelhança com outros jogos (quer seja entre os que se vinculam a uma mesma forma de vida ou entre os associados a outras formas de vida)<sup>4</sup>.

Em síntese, essas são as ferramentas teóricas com as quais operamos com o material de investigação reunido na pesquisa. Esse material é composto por dois periódicos pedagógicos que circularam entre os anos de 1900 e 1939, no Estado do Rio Grande do Sul. Ambos eram endereçados aos professores que lecionavam nas escolas da imigração alemã<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Comentadores da obra de Wittgenstein, como Glock (1998) e Condé (2004), destacam que a expressão *forma de vida* enfatiza o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e a linguagem (Glock, 1998: 173). Ao longo de sua obra, Wittgenstein também se refere a *formas de vida*, no plural, uma vez que, 'assim como há inúmeros jogos de linguagem, há também incontáveis formas de vida' (Glock, 1998: 174). Seguindo esse entendimento, neste artigo utilizamos a expressão *formas de vida* da região de imigração alemã do Rio Grande do Sul, porque estamos assumindo que não houve uma única forma de vida da imigração alemã, mas 'critérios que podem permitir o estabelecimento de certas conexões entre formas de vida diferentes' (Condé, 2004: 55), como a língua, religião, costumes, hábitos etc. De modo análogo, usamos a expressão 'formas de vida escolares', também no plural, por considerarmos que a instituição escolar, mesmo que mantenha muitas de suas características em diferentes formas de vida, ganha peculiaridades, dependendo das formas de vida nas quais está inserida.

<sup>5</sup> Acompanhando autores como Dreher (1987), Arendt (2005) e Beiersdorf e Waiduschat (2013), salientamos que havia diferenças entre as formas de vida católica e evangélica nas regiões de imigração alemã no Rio

O periódico publicado pela Associação de Professores Teuto-Brasileiros Católicos do Rio Grande do Sul foi o *Mitteilungen des Katholischen Lehrer und Erziehungsvereins in Rio Grande do Sul* [Comunicações da Associação de Professores e Educadores Católicos no Rio Grande do Sul]. A partir de 1907, o título passou a ser *Lehrerzeitung - Vereinsblatt des deutschen katholischen Lehrvereins in Rio Grande do Sul*, [Jornal da Associação de Professores Teuto-Brasileiros Católicos do Rio Grande do Sul], que neste artigo será denominado JAC.

Esse periódico circulou de 1900 a 1939, tendo sua publicação interrompida entre novembro de 1917 e janeiro de 1920, em consequência da Primeira Guerra Mundial (Kreutz, 1994). No editorial do primeiro número, está expresso que o propósito do jornal é apoiar o professor no exercício de sua profissão, em suas atividades de formação e aperfeiçoamento, seguindo os princípios católicos.

O segundo periódico analisado é o *Jornal Geral do Professor para o Rio Grande do Sul - Folha da Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul*, aqui denominado de JAE, editado pela Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1902 e 1938. Seus propósitos consistiam em: servir como um instrumento para alcançar o desenvolvimento e a formação dos professores, o envio de professores com boa formação àquelas escolas que pudessem oferecer condições de trabalho adequadas e a discussão e a preparação de material didático apropriado.

Os dois jornais foram publicados em língua alemã, utilizada naquelas escolas da imigração, na época, e impressos em letras góticas. Assim, foi necessário que os artigos que constituem o material de pesquisa passassem por duas etapas de transformação: uma primeira, de transcrição ao alfabeto latino, e uma segunda, de tradução do alemão ao português.

Na busca de estabelecer uma coerência com o referencial teórico do estudo, a estratégia analítica posta em ação orientou-se pela análise do discurso, em uma perspectiva foucaultiana. Como já tem sido recorrentemente citado em pesquisas da área da Educação, nas obras *'Arqueologia do Saber'* (Foucault, 2008) e *'Ordem do Discurso'* (Foucault, 2007), centralmente, o filósofo desenvolve sua compreensão sobre o discurso, afirmando que ele pode ser compreendido como 'práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam' (Foucault, 2008: 55), afastando-se do entendimento de que seria 'um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras' (ibidem: 54). Seguindo o filósofo, ao examinarmos as enunciações sobre a educação matemática escolar e a educação linguística escolar que circulavam nos Jornais, buscamos por aquilo que dizem e pelas regras que os geram, não nos prendendo aos significados dos signos que os compõem.

Nessa análise, é importante considerar, ainda, que o discurso não é uma instância isolada, mas que 'se apóia em um mesmo sistema de formação' (ibidem: 122). Assim, seguindo o filósofo, se pode falar em discurso clínico, discurso econômico, discurso psiquiátrico, discurso pedagógico, discurso da educação matemática escolar, discurso da educação linguística escolar, entre outros, que mantêm entre si entrelaçamentos. Seguindo os autores acima citados, neste artigo há o interesse em examinar os discursos da educação

---

Grande do Sul. Em trabalhos anteriores (Bredemeier, 2010, 2011), foram analisadas essas diferenças que, por exemplo, diziam respeito a questões diretamente vinculadas às práticas religiosas, que tinham centralidade na educação infantil daquele período, tanto nas comunidades de descendentes de alemães católicos como nas de evangélicos. No que diz respeito especificamente à educação matemática e à educação linguística, os estudos acima mencionados apontaram que havia convergência quanto às orientações pedagógicas expressas nos dois jornais. Isso nos levou a concluir que poderíamos utilizar os excertos de ambos periódicos, simultaneamente.

matemática escolar e da educação linguística escolar em seus entrelaçamentos com outros, como o discurso pedagógico (que abrange, por exemplo, questões para além dessas áreas de conhecimento), buscando identificar os enunciados que os constituem.

Foucault, em sua obra, apresenta algumas compreensões sobre enunciado: uma 'função de existência' dos signos (Foucault, 2008: 99); um acontecimento 'aberto à repetição, à transformação, à reativação' que se vincula 'não apenas a situações que o provoquem, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem' (2008: 32). Mediante a análise dos jornais, fomos levadas a identificar entrelaçamentos entre enunciados, que são examinados na próxima seção.

## Resultados

Apresentamos, nesta seção, os resultados obtidos a partir do exercício analítico realizado sobre o material de pesquisa. Esse exercício mostrou que um dos enunciados que instituíam o discurso pedagógico nas formas de vida da imigração alemã no RS, no período estudado, é aquele que diz: 'É importante utilizar, nas aulas, elementos das formas de vida não-escolares'. Nos jornais, são encontradas evidências de que diferentes áreas do conhecimento destacavam essa relevância:

Eu gostaria de encontrar um livro apropriado à nossa realidade para o ensino de português. (JAC, jan-fev. 1920: 6)

No ensino das Ciências Naturais, deve-se usar plantas e animais com as quais a criança tem contato diário. (JAC, mai. 1935: 1)

No primeiro ano em que há predomínio de um dialeto, o professor deve usá-lo. Não há recurso didático que o leve tão longe como o uso da língua que a criança compreende e na qual sabe se expressar. (JAE, mar-abr. 1937: 5)

Devemos compreender o vocabulário da criança (...) seu modo de falar. [É importante] sempre ater-se ao modo de ver da criança. (JAE, mar-abr. 1937: 7)

Calculamos a produção dos colonos, contamos os imigrantes e seus pertences, os navios no porto, na estação da estrada de ferro, carregar e descarregar dos vagões de carga. Sempre fazíamos contas interessantes, também no âmbito da aritmética. (JAE, jun. 1937: 10)

É notável que o autor [de um livro didático da área da Matemática] use para o trabalho objetos do ambiente da criança. É por isso (...) que o aluno chega facilmente a compreender e a dominar as operações da vida cotidiana. (JAC, mai. 1935: 11)

Recorrências como as acima indicadas permitem considerar que o enunciado: 'É importante utilizar nas aulas elementos das formas de vida não-escolares' foi se instituindo no discurso pedagógico da época, e, em sua dispersão, se entrelaçava com outros, que o potencializam. Assim, no exercício analítico empreendido sobre o material pesquisa, foi analisado como, em sua dispersão, o enunciado aqui examinado se entrelaçava com outros

que constituíam o discurso da educação matemática escolar e o da educação linguística escolar, no período estudado.

No campo da educação linguística escolar relativa à língua do país, a saber, o português, recorrentemente foram encontrados excertos que indicavam uma ênfase em usar exemplos das formas de vida não-escolares para que os alunos aprendessem o vocabulário e a linguagem utilizada no dia a dia da época, com o argumento de que isso favoreceria suas relações com o mundo comercial e político do país. Como expresso nos excertos abaixo:

Precisamos de um livro que se disponha a, nada mais, nada menos, ensinar crianças de onze a doze anos, por um período de dois anos, no que se refere ao vocabulário, à linguagem do dia a dia de uma pessoa comum. Além disso, se deveria ensinar o necessário para o comércio e o trato com o governo. (JAC, jan-fev. 1920: 6)

Aqui no Brasil encontra-se a pátria das crianças (...) E elas não devem aprender a língua do país? Como elas deverão sobreviver no contato com os órgãos públicos, com a Justiça, no serviço militar sem a língua do país? (JAC, jul. 1934: 2)

Reconheço que o conhecimento do português, ou seja, da língua do país, é de grande uso, já pelo motivo de que, sem o conhecimento da mesma, não se pode ter outro papel político que o de pagador de impostos. (JAC, jan. 1910: 9)

Se a língua do país não tem a mesma importância para todos e mesmo se algum dos nossos cidadãos de fala alemã foi enterrado sem compreender sequer dez palavras em português, o conhecimento dessa é de valia para vários e, para muitos, que têm contato freqüente com lusobrasileiros, até mesmo indispensável. (JAC, fev. 1913: 9)

No que diz respeito à língua do país, as escolas comunitárias católicas nunca deixaram de reconhecer que essa merece a devida atenção. A possibilidade do contato diário com a população lusobrasileira, o comércio e o contato crescentes, a contínua ocupação do território, o contato necessário com as repartições públicas, motivos econômicos, políticos e sociais exigem o conhecimento da língua do país. (JAC, mai. 1928: 6)

O exercício analítico mostrou, assim, que o enunciado: 'É importante usar, nas aulas, elementos das formas de vida não escolares' estava presente no discurso da educação linguística escolar, quando se tratava da língua 'da pátria das crianças'. Mais ainda, podemos dizer que esse enunciado se entrelaçava, mais intensamente, com o que afirma: 'Um dos objetivos da escola é propiciar uma aprendizagem que favoreça a inserção dos alunos no mundo social da época'. Essa inserção era necessária por 'motivos econômicos, políticos e sociais', abrangendo, por exemplo, contatos 'diário[s] com a população luso-brasileira' e com 'órgãos públicos', o 'serviço militar' e 'repartições públicas', uma vez que 'sem o conhecimento da [língua do país], não se pode ter outro papel político que o de pagador de impostos'.

No que se refere ao discurso da educação matemática escolar, concluímos que havia uma correlação entre o enunciado que diz da importância de trabalhar, nas aulas, com elementos das formas de vida não-escolares com aquele que menciona que a matemática do cotidiano deve ser utilizada, pedagogicamente, como ponto de partida para o ensino da

matemática. Os excertos dos jornais, a seguir apresentados, mostram as enunciações relativas a esse último enunciado:

Por exemplo, o número nove. O professor deve mostrar nove objetos (lápiz, quadrados, livros, etc.). (...). Através de exercícios claros e graduais, com dificuldades crescentes, o aluno será introduzido ao reino da aritmética. (JAC, mai. 1935: 1)

Calculamos a produção dos colonos, contamos os imigrantes e seus pertences, os navios no porto, na estação da estrada de ferro (...) Mas é preciso saber onde se quer chegar. E uma aula de aritmética deve ser uma aula de aritmética e não uma aula de história. (JAE, jun. 1937: 10)

Os deveres de casa partiram das historietas para se tornarem puros exercícios numéricos. Mas eu continuava a pedir a solução de um exercício com historieta, pois era importante para a expressão escrita e valioso para o desenvolvimento do pensamento lógico. (JAE, jun. 1937: 10)

Mas, o que se pode fazer com um metro, que será usado mais tarde na aritmética e na vida, se não soubermos e nem imaginarmos o comprimento de um metro? (JAE, jun. 1937: 10)

A fita métrica encontra-se em todas as casas da colônia. (...) Os meninos gostam de lidar com serrote e plaina. A estes pequenos operários dá-se a incumbência de fabricar bastões de um metro de cabos de vassoura ou ripas, e trazê-los à escola. (JAE, set. 1934: 5)

O exame dos Jornais nos mostrou que, na área da Matemática, o trabalho pedagógico a ser posto em ação nas escolas devia tomar como foco central o ensino dos jogos de linguagem da matemática escolar. São esses jogos que acabavam sendo considerados como mais relevantes. Aos professores era indicado que usassem, em suas aulas, elementos das formas de vida não-escolares, como a produção dos colonos, o número de imigrantes e seus pertences, a quantidade de navios no porto e instrumentos para medir, como bastões, que poderiam ser construídos pelos próprios alunos em suas casas, fazendo uso de serrotes e plaina. Mas, concomitantemente, é expresso que esses elementos seriam utilizados apenas como ‘ponto de partida’ para a aprendizagem dos jogos de linguagem da matemática escolar: os objetos usados para a contagem ou a construção do metro serviriam para o aluno ser introduzido no ‘reino da aritmética’. E a análise do número de imigrantes ou de situações vivenciadas nas colônias (como navegação e produção) seriam ‘valiosas’ para o ‘desenvolvimento do pensamento lógico’.

Desse modo, somos levadas a pensar que a correlação entre o enunciado do discurso pedagógico e aquele do discurso da educação matemática escolar se reforçavam mutuamente, potencializando seus efeitos de verdade. Como discutido em outros estudos (Knijnik; Wanderer, 2013; Knijnik, 2003), o uso da expressão ‘ponto de partida’ aponta para uma hierarquização entre os saberes matemáticos escolares e os não escolares. Com isso, se institui uma escala de valores, que posiciona a matemática ensinada na escola como hierarquicamente superior, aquela que parte de outros saberes (os que circulam nas formas de vida cotidianas) como ponto de apoio para a aprendizagem do aluno que seria, então, ‘introduzido no reino da aritmética’ – um ‘reino’ marcado pela abstração.



Um aspecto interessante a ser destacado diz respeito a que a matemática escolar deveria propiciar que o aluno se apropriasse 'do pensamento lógico'. Haveria um único pensamento lógico, esse que é antecedido do pronome definido *o*. Somos levadas a pensar que estamos diante de uma operação que toma a lógica da matemática acadêmica (com seu rigor dedutivo, seu formalismo e abstração) como a lógica que, por sua potência, abarcaria todos os demais modos de pensar logicamente, isto é, 'pensamento lógico' estaria identificado com 'pensamento lógico da matemática', uma identificação que remete às ideias apresentadas por Wittgenstein no 'Tractatus Logico-Philosophicus' (Wittgenstein, 1968). No entanto, se acompanhamos as posições do filósofo no que é denominada 'sua obra de maturidade' (cuja obra principal é 'Investigações Filosóficas'), não faria sentido algum realizar essa operação identificatória: os jogos de linguagem das diferentes formas de vida são regidos por regras associadas a específicas racionalidades, a peculiares lógicas.

É possível dizer, portanto, que as orientações dadas aos professores da época instituíam uma hierarquização dos saberes matemáticos, sendo os das formas de vida não-escolares posicionados em um nível inferior, quando comparados àqueles das formas de vida escolares, ou seja, a 'aritmética' e 'o pensamento lógico'. Essa classificação pode ser pensada no sentido atribuído por Foucault (1999) à hierarquização dos saberes, ocorrida quando da constituição da ciência moderna, no Iluminismo. Para o filósofo, a organização dos saberes que passaram a compor a ciência emerge a partir de quatro procedimentos: desqualificação, normalização, classificação e centralização. O primeiro é a eliminação dos saberes considerados inúteis ou insignificantes; o segundo é o processo de normalização operado entre os saberes para ajustá-los uns aos outros a fim de torná-los intercambiáveis; o terceiro é a classificação hierárquica, que permite distribuir os conhecimentos em escalas do mais simples ao complexo (ou do específico ao geral); e, por último, a centralização piramidal, que possibilita a seleção dos conteúdos que passarão a constituir a ciência.

A análise dos jornais evidenciou que não só na área da educação matemática, mas também na educação linguística escolar, ocorria esse processo de classificação e hierarquização entre os saberes:

Nós queremos uma língua alemã correta e bonita, para os teuto-brasileiros, para que não precisem usar outra língua, para que lhes seja mais cômoda e frequente. (...) Quantas vezes corrigimos o erro, durante a aula, novamente e novamente? (...) É a influência da casa paterna, da rua, contra as quais a melhor aula é impotente. (JAE, mar-abr. 1937: 7)

No primeiro ano, em que há predomínio de um dialeto, o professor deve usá-lo. Não há recurso didático que o leve tão longe como o uso da língua que a criança compreende e na qual sabe se expressar. Só na linguagem familiar a criança pode abrir seu coração e aproximar-se das pessoas. Se exigirmos logo tudo em alemão clássico teríamos que introduzir verdadeiros exercícios de fala e soletrar penosamente com a criança. Mas, se usarmos o fundamento, e amarrarmos nele, chegaremos ao alemão clássico, sem hesitações. (JAE, set. 1937: 5)

O professor deve evitar usar o dialeto na escola. Não devemos esquecer que todas as aulas, de religião a história, deixam profundas marcas na língua e na forma de expressão do aluno. Todas as aulas dadas em língua alemã devem ser ao mesmo tempo, ensino de língua alemã. O professor deve ficar atento, para que as crianças formem frases completas e usem expressões corretas. (JAC, abr. 1936: 4)

Esses excertos mostram que havia a orientação de que ‘em todas as aulas’ do currículo escolar era importante que o professor ‘us[asse] uma linguagem adequada’, orientasse as crianças para formarem ‘frases completas’ e usarem ‘expressões corretas’. Isso porque havia o desejo de ‘uma língua alemã correta e bonita para os teuto-brasileiros’, o que pode ser pensado como uma indicação de que o alemão culto era considerado hierarquicamente superior ao dialeto com que os alunos se comunicavam em seus dia a dia, em suas famílias. Esse era posicionado como um saber subjugado, a ser ‘evitado’. Mais ainda, os alunos cometiam ‘erros difíceis de corrigir, devido à influência da casa paterna, da rua, contra as quais a melhor aula é impotente’.

Um aspecto interessante de ser examinado é o sentido atribuído ao que, neste texto, estamos nomeando por ‘formas de vida não escolares’. Constantamos que, recorrentemente, o enunciado: ‘É importante utilizar, nas aulas, elementos das formas de vida não escolares’ muitas vezes se expressava, nos jornais, de um modo bastante peculiar: as formas de vida não-escolares, mesmo que fossem mencionadas como ‘do cotidiano das crianças’, tinham como referência não só o que era vivenciado, naquele período, nas regiões de imigração do Rio Grande do Sul, como também o que fora vivido, por seus antecessores, no país de origem. Os exertos abaixo apontam nessa direção:

O germano Ingo vai caçar e atira: três Ursos, quatro Lobos, seis Ure (?). (treze animais selvagens) (JAE, jun. 1937: 7)

O famoso poeta alemão, Schiller, nasceu em 10 de novembro de 1759 e faleceu em 9 de maio de 1805. Quantos anos ele completaria? (JAC, nov. 1900: 45)

O imperador alemão Guilherme I nasceu em 22 de março de 1797 e faleceu em 9 de março de 1888. Quantos anos ele tinha? (JAC, nov. 1900: 45)

O vizinho Meyer tem somente 300 Marcos. Respondam: Weinmann tem 700 Marcos a mais do que Meyer. Aqui eu acentuo bem o mais que, muitas vezes empregado erroneamente. (JAE, jun. 1937: 10)

Quando nos perguntamos sobre os sentidos que poderiam ser atribuídos às referências feitas aos ursos, lobos e ‘ure’; aos poetas e à moeda de seu ‘país de origem’ – o que, como mostramos a seguir, também era recorrente no âmbito da educação linguística escolar – fomos conduzidas a pensar que, na ordem do discurso pedagógico então vigente, caberia à escola também cultivar os modos de vida, a literatura e até mesmo o conhecimento dos ‘animais selvagens’ que os imigrantes haviam deixado ‘para trás’.

(...) No dia 14 de Março, o alunos assistiram os filmes: ‘Alemanha, acorda’ e ‘1º de Maio’. Os dois filmes se constituíram num acontecimento inesquecível e uma experiência profunda, oportunizando aos alunos *lições sobre a História Contemporânea da Alemanha*. No dia 14 de Maio, visitamos a exposição do ‘Trabalho Alemão’ em São Leopoldo, que ofereceu à juventude de origem alemã uma ideia muito rica das realizações dos teuto-brasileiros. Com grande interesse eles observaram a rica exposição do trabalho e do esforço alemães. (JAC, jan-fev. 1935: 2)

O ditado: cada aula, uma aula de linguagem, vale mais aqui do que na pátria de origem. Os colegas alemães [docentes que vieram com a missão de serem professores nas escolas de colonização alemã] não precisam se preocupar com a conservação da língua materna. No entanto, aqui é o nosso primeiro mandamento, *conservar esta herança* (JAE, mar-abr. 1937: 7)

Graças a Deus, a maioria dos professores rurais têm consciência de sua importante missão de ensinar e enobrecer a língua alemã. Se, raramente, defendem outra opinião, essa não corresponde aos melhores professores. Para o educador honesto da escola rural, a exigência e a conservação da língua materna devem ser um mandamento sagrado. (JAE, abr. 1936: 4)

Desperta-se respeito, consideração e orgulho do ‘pequeno’ trabalho no campo e dos nossos imigrantes. É com satisfação que o menino da cidade reconhece ser descendente destes imigrantes e orgulha-se disso. Este caminho pelo germanismo se aprofunda ao lermos e estudarmos a poesia de Maria Kahle: ‘Colonização alemã no Brasil’ foi possível compreender *a poesia eleva a pátria de origem sobre todos os países*. (JAE, jun. 1937: 10)

Os excertos acima indicam que a referência ao ‘país de origem’, em diferentes áreas do currículo escolar, estava presente tanto em edições dos JAE como nas dos JAC. Essa constatação está em consonância com a discussão sobre germanidade, escola e docência empreendida, entre outros, por Kreutz (1994) e Rambo (1996), no âmbito da Associação de Professores Alemães Católicos do RS, e Arendt (2005), no que se refere aos jornais da Associação de Professores Alemães Evangélicos no RS. Os autores argumentam que nos jornais de ambas as associações estavam presentes orientações pedagógicas cujo intuito era destacar a necessidade de a escola ser por excelência o espaço no qual deveria ser fomentada a germanidade entre as comunidades de descendentes alemães no Estado, de modo que fosse preservada uma ‘identidade alemã’, a germanidade/Deutschtum/Volkstum (Arendt, 2005: 149). Quando do recrudescimento, no Brasil, do nacionalismo, que culminou com a efetivação dos decretos da Campanha de Nacionalização (1937-1945), os jornais ‘realizar[am] um movimento de defesa e de negociação da identidade de suas escolas, buscando mantê-las como disseminadoras do projeto germanista’ (Arendt, 2005: 157)<sup>6</sup>. A germanidade era compreendida ‘como uma tarefa permanente, uma obrigação implacável, um compromisso absoluto, um objetivo arrebatador, um modelo de vida, uma alta função confiada a nosso povo, e somente a ele (...)’ (JAE, out-nov. 1937: 2).

### Palavras finais

O exercício analítico realizado com base nos dois períodos pedagógicos endereçados aos professores das escolas de imigração alemã do Rio Grande do Sul, no primeiro terço do século passado, mostrou que um dos enunciados presentes nos discursos da educação matemática e da educação linguística dizia respeito à importância de serem usados, na escola, elementos das formas de vida não-escolares. No entanto, argumentamos que, no que diz respeito à educação matemática, esse enunciado se entrelaçava com aquele que diz

---

<sup>6</sup> Como discute Arendt (2005: 157), gradativamente, esse projeto foi se vinculando às ideias ‘em voga na Alemanha do Terceiro Reich’.

de 'tomar a realidade como ponto de partida', enquanto na educação linguística o entrelaçamento se dava com 'a escola ensinar para a vida', dois diferentes enunciados do discurso pedagógico daquela época, nas formas de vida estudadas.

A discussão empreendida neste estudo fez emergir questões que remetem àquelas que circulam, contemporaneamente, no campo de estudos da Educação Linguística (Coracini, 2003; Schneider, 2009; Zilles; King, 2005) e da Educação Matemática (Knijnik; Duarte, 2010). Em especial, as questões ligadas aos processos de ensinar e aprender para filhos de migrantes, que, de diferentes modos, têm se movimentado entre países de distintos continentes, em especial na América Latina, e mesmo dentro de um dos países que a integram. É justamente isso que dá relevância a estudos que investigam os processos migratórios do tempo passado, como o aqui apresentado. Acompanhando as palavras de Nietzsche, que iniciam este texto, buscou-se produzir 'um certo conhecimento do passado' sobre a educação linguística e matemática das escolas alemãs do sul do Brasil, no primeiro terço do século XX, com o intuito 'de servir ao futuro e ao presente'.

## Referências

- Abreu, G. (2001) 'School Numeracy in Relation to Home Cultures', in M. Askew & M. Brown (eds.) *Numeracy: Teaching and Learning Primary Numeracy: Policy, Practice and Effectiveness*. Bera: Research Review Series, 39-44.
- Arendt, I. (2005) *Representações de germanidade, escola e professor no Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul [Jornal geral para o professor no Rio Grande do Sul]*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Bredemeier, M. L. L. (2010) *O português como segunda língua nas escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: um estudo do Jornal da associação de professores teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul, (1900-1939)*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Bredemeier, M. L. L. (2011) 'O ensinar e o aprender português nas escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul'. *Calidoscópico* 9(1): 67-78.
- Bade, K. (2007) *Leviten lesen: Migration und Integration in Deutschland*. Göttingen: V & R Unipress.
- Baeninger, R. (2008) *Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI* [documento WWW]. URL [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_1254.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1254.pdf) [acesso em 02 março 2016].
- Beiersdorf, C. & Waiduschadt, P. (2013) 'Arroio do Padre/RS e sua identidade luterana: práticas de educação e cultura de uma comunidade (1950-1960)'. *Revista Latino-Americana de História* 2(7): 421-437.
- Blume, W. & Witt, M. (2014) 'Organização social e mobilidade espacial: estudo sobre imigrantes alemães e descendentes no Brasil e Argentina'. *Ágora* 15(1): 97-111.
- Breunig, C. (2000) 'Eu tenho que falar alemão, senão eles choram! Bilinguismo como pedagogia culturalmente sensível'. *Calidoscópico* 5(1): 31-44.
- Brito, F. (2000) *Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório?* [documento WWW]. URL

- <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20S%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf> [acesso em 02 março 2016].
- Britto, L. (2009) 'Educação linguística escolar: para além das obviedades', in P. Saleh (ed.) *Estudos da linguagem e currículo: diálogos (im)possíveis*. Editora UEPG: Ponta Grossa, 15-30.
- Castel, R. (2001) *Presente y genealogía del presente. Pensar el cambio de una forma no evolucionista* [documento WWW]. <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=121874> [acesso em 23 agosto 2014].
- Castells, S. & Miller, M. (2009) *The Age of Migration*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Condé, M. (2004) *As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. Belo Horizonte: Argumentum.
- Coracini, M. (2003) 'Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade', in M. Coracini (ed.) *Identidade & discurso*. Chapecó: Argos Editora Universitária, 55-63.
- Cunha, J. (1995) *Rio Grande do Sul und die deutsche Kolonisation*. Santa Cruz do Sul: Léo Quatke.
- Dreher, M. (1987) *Igreja e germanidade: estudo crítico da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal.
- Dreher, M. (1999) 'O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos'. *Estudos Leopoldenses -série história* 3(2): 49-70.
- Düvell, F. (2006) *Europäische und internationale Migration*. Münster: LIT Verlag.
- Foucault, M. (1999) *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2005) *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2007) *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2008) *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gaertner, R. (2004) *A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Giongo, I. (2008) *Disciplinamento dos corpos e dos saberes: um estudo sobre a educação matemática da Escola estadual técnica agrícola Guaporé*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Glock, H. (1998) *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gogolin, I. et al. (2013) 'Sprabilon: Sprachentwicklung bilingualer Kinder in longitudinaler Perspektive', in A. Redder & S. Weinert (eds.) *Sprachförderung und Sprachdiagnostik: interdisziplinäre Perspektiven*. Münster: Waxmann, 37-56.
- Gros, F. & Davidson, A. (2011) *Foucault, Wittgenstein: de possibles rancontres*. Paris: Kimé.
- Junges, D. (2012) *Família, escola e educação matemática: um estudo em localidade de colonização alemã do Vale do Rio dos Sinos – RS*. Dissertação não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Klein, H. (1989) 'A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos'. *Novos Estudos CEBRAP* 25: 95-117.
- Knijnik, G. (2003) 'Currículo, etnomatemática e educação popular: um estudo em um assentamento sem terra'. *Currículo sem Fronteiras* 3(1): 96-110.
- Knijnik, G. (2012) 'Differentially Positioned Language Games: Ethnomathematics from a Philosophical Perspective'. *Educational Studies in Mathematics* 80(1-2): 87-100.
- Knijnik, G. & Duarte, C. (2010) 'Entrelaçamentos e dispersões de enunciados no discurso da educação matemática escolar: um estudo sobre a importância de trazer a realidade do

- aluno para as aulas de matemática'. *Bolema. Boletim de Educação Matemática* 23(37): 863-886.
- Knijnik, G.; Wanderer, F.; Giongo, I. & Duarte, C. (2013) *Etnomatemática em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Knijnik, G. & Wanderer, F. (2013) 'Programa Escola Ativa, escolas multisseriadas do campo e educação matemática'. *Educação e Pesquisa* 39(1): 211-225.
- Kreutz, L. (1994) *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Kreutz, L. (1996) 'Muito empenho pelas escolas', in L. Fischer & R. Gertz (eds.) *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Kreutz, L. (2004) *Professor paroquial. Magistério e imigração alemã*. Pelotas: Seiva.
- Kreutz, L. (2002) 'Impressos pedagógicos, afirmação do projeto republicano e contraposições (1870-1920)'. *ASPHE/FaE/UFPEL* 11(97): 97-116.
- Lucchese, T. (2007) *O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS – 1875 a 1930*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Mauro, S. (2005) *Uma história da matemática escolar desenvolvida por comunidades de origem alemã no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Messa, R. (2009) *O papel do dialeto no aprendizado do alemão padrão*. Dissertação não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Nietzsche, F. (2008) *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. São Paulo: Editora Escala.
- Norton, B. (2000) *Identity and language learning: Social Processes and Educational Practice*. Harlow: Pearson Education.
- OAS (2009) *Mapping of Public Policy for the 'Education of Migrant Children and Youth'* [documento WWW]. URL <http://portal.oas.org/LinkClick.aspx?fileticket=H00RnAXttIY%3D&tabid=1232> [acesso em 23 agosto 2014].
- Paiva, C. (1984) *Die deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik*. Tese de doutoramento não publicada, Universität Hamburg, Hamburg.
- Rambo, A. (1996) *A escola comunitária teuto-brasileira católica: a associação de professores e a escola normal*. São Leopoldo: Unisinos.
- Schneider, M. (2007) *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Schneider, M. (2009) 'Variação e discriminação linguística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngues'. *Calidoscópio* 7(1): 79-85.
- Seyferth, G. (2011) 'O colono múltiplo: transformações sociais e (re)significações da identidade camponesa'. *Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas* 31(1): 10-24.
- Silva, G. (2004) 'Sociedade multicultural: educação, identidade(s) e cultura(s)'. *Educação* 27(3): 283-302.
- Vilela, D. (2007) *Matemáticas nos usos e jogo de linguagem: ampliando concepções na Educação Matemática*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- Wanderer, F. (2014) *Educação matemática, jogos de linguagem e regulação*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Wenning, N. (2010) 'Interkulturelle Pädagogik – ein Spielball sich verändernder gesellschaftlicher Rahmenbedingungen?'. *Erwägen Wissen Ethik* 21(2): 215-217.
- Wenning, N. (2011) 'Modelle zur Beschreibung der Migration', in A. Kreuz, W. Korby, N. Ruhren (ed.) *TERRA Geographie für Rheinland-Pfalz. Ausgabe für Gymnasien und Gesamtschule. Schülerbuch*. Oberstufe. Klett: Stuttgart, 219-222.
- Wenning, N. (2013) 'Die Rede von der Heterogenität – Mode oder Symptom?', in J. Budde (ed.) *Unschärfe Einsätze: (Re-) Produktion von Heterogenität im schulischen Feld*. Springer VS: Wiesbaden, 127-150.
- Wittgenstein, L. (1968) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Nacional.
- Wittgenstein, L. (2004) *Investigações filosóficas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Zilles, A. & King, K. (2005) 'Self-presentation in Sociolinguistic Interviews: Identities and Language Variation in Panambi, Brazil'. *Journal of Sociolinguistics* 9(1): 74-94.

## **Formación de profesores de educación inicial en Brasil y Colombia: comprensión hermenéutica del discurso del profesor egresado<sup>1</sup>**

**Adriana Pineda Robayo**  
Universidad del Atlántico-Colombia

**Vera Lucia Felicetti**  
Centro Universitario La Salle (UNILASALLE), Brasil

**Resumen:** La política de estado para el desarrollo integral de la primera infancia en Colombia y la valoración de la educación infantil como primer nivel de la educación básica, en Brasil, se afianzan como avances en la resignificación del concepto de infancia y como textos y contextos para analizar las dinámicas propiciadas desde la educación inicial. El artículo tiene como objetivo comparar las experiencias de educación inicial, teniendo en cuenta que Brasil y Colombia transitan procesos desde los cuales se busca generar desarrollo integral, atención de calidad y preservación de derechos. La metodología es cualitativa y, a través del análisis textual discursivo, se indaga por los saberes de los docentes, que laboran en Centros de Desarrollo Infantil en la ciudad de Canoas en Brasil y Barranquilla en Colombia. Los resultados evidencian la reflexión sobre las fortalezas y debilidades en la formación de profesores.

**Palabras clave:** Formación de Profesores, educación Inicial, egresadas

**Abstract:** The state policy regarding the comprehensive development of early childhood in Colombia and the value placed on child education as a first level of basic education in Brazil are supported as advances in giving new meaning to the concept of childhood and as texts and contexts in the dynamics provided starting from early education. The objective of this article is to compare the experiences in early education, considering that in Brazil and in Colombia there are processes aimed at generating a comprehensive development, attention to quality and guaranteeing rights. The methodology is qualitative and consists of discursive textual analysis. We examine the knowledge of the professors who work in child education centers in the city of Canoas in Brazil and in Barranquilla in Colombia. The point of comparison is teacher training in the two countries and the results reveal a reflection on the potential and the weaknesses in this area.

**Keywords:** Teacher Training, Early Education, Graduates

---

<sup>1</sup> Financiado por Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



## **Introducción**

Actualmente, el desarrollo integral y la garantía de los derechos fundamentales de los niños y niñas menores de seis años, desde los ideales de inclusión y equidad se promulgan como objetivos, que direccionan las Políticas de Estado para la Atención a la Primera Infancia en diferentes países. En este contexto la Educación Inicial es asumida como espacio vital, derecho impostergable, primera etapa de la educación básica y como lugar de interacción, socialización y desarrollo integral de los infantes.

En contraste con estos elementos es evidente la complejidad presente en los procesos asociados a la Educación Inicial, debido a que esta se desarrolla en el ámbito de las relaciones e interacciones entre diferentes agentes: la familia, la institución, el contexto, la normatividad, los imaginarios institucionales, organizacionales y sociales.

Ante esta realidad, las Instituciones de Educación Superior, encargadas de formar a los docentes de Educación Infantil, están llamadas a repensar sus propuestas, en el objetivo de lograr mayores niveles de articulación y coherencia entre los supuestos que respaldan su acción y lo que el contexto laboral real exige.

En ese sentido la reflexión busca esencialmente identificar las características, presentes en dos experiencias de Educación Inicial (Brasil y Colombia), desde el parámetro Formación de Profesores, evidenciando en la reflexión sobre fortalezas, debilidades y potencialidades de la educación infantil los desafíos que tiene la Universidad en la actualidad. El estudio involucrando Colombia y Brasil se justifica debido la cooperación internacional que tiene la Universidad La Salle de Canoas en Brasil y la Universidad del Atlántico de Barraquilla en Colombia, específicamente los departamentos de Posgrado en Educación. La primera autora, proveniente de Colombia, hizo estudios postdoctorales en La Salle – Brasil, mientras la segunda fue tutora en los estudios de la primera en Brasil. Actualmente ambas siguen desarrollando proyectos de investigación en conjunto.

A partir del estudio es posible verificar la diversidad en contextos y realidades por las que transitan las infancias, así como el hecho de que estas hacen parte también de las vivencias y las prácticas de los profesores de Educación Inicial. Se plantea entonces que, si bien la etapa del ciclo vital del ser humano, que comprende desde la gestación hasta los seis años, es considerada crucial para el desarrollo pleno en todos los aspectos, también resulta de extrema importancia que quienes acompañan éste desarrollo cuenten con elementos que necesitan para lograrlo. Ante esto es importante verificar la pertinencia de la formación de docentes, como principio fundamental en el desarrollo de acciones concretas que faciliten la superación de una historia de desigualdad, inequidad y vulneración de derechos alrededor de la infancia. A continuación se referencian los principales documentos que componen el contexto normativo, en Colombia y Brasil, estructurados a partir de la Educación Inicial. Posteriormente, el referencial teórico permite develar la construcción histórica del concepto de infancia y relacionarla con la formación de profesores.

## **Contexto Político de la Educación Inicial en Colombia y Brasil**

Atender integralmente desde una perspectiva de derechos a los niños y niñas en Primera Infancia y a sus familias se ha consolidado en las últimas décadas como objetivo que fundamenta un contexto normativo en Colombia. A nivel de los lineamientos de política pública se cuenta con documentos como Código de Infancia y la Adolescencia (LEY 1098 de 2006), Política pública de infancia 'Colombia por la Primera Infancia' (ICBF, 2006); CONPES 109 de 2007, Colombia por la Primera Infancia; CONPES 115 de 2007; Ley 1295 de 2009;

Foro mundial de grupos de trabajo por la Primera Infancia: sociedad civil y Estado 2009. Además del Plan de desarrollo: Prosperidad para todos (2010-2014); documento CONPES Social 152 y 162; Decreto 4875 de 2011; Fundamentos políticos técnicos y de gestión de la estrategia de atención integral a la Primera Infancia, 2013; orientaciones de calidad de la educación inicial 2014; y política de Estado, ley 1804 de 2016. Tanto los lineamientos de política pública como los referentes jurídicos nacionales coinciden en promover el desarrollo integral de los niños y niñas en Primera Infancia, responder a sus necesidades y características específicas y contribuir al logro de la equidad e inclusión social. Así mismo, se reconoce al Estado, la sociedad y las familias como garantes de los derechos de los infantes y la Educación Inicial como eje transversal en las propuestas de Atención Integral. De acuerdo con la normatividad, el desarrollo integral del ser requiere de acciones de cuidado, protección y educación inicial dirigidas a los niños y a sus familias. Diversos sectores tanto públicos como privados, participan en la financiación y operacionalización de la política. La asignación de programas, contextos y entornos de atención se realiza a través de licitaciones. En ellas los oferentes, prestadores de servicios, entidades privadas, deben demostrar ante el Estado experiencia, capacidad financiera, administrativa y logística para atender a los infantes y a sus familias. La atención está sujeta a la focalización de la oferta en sectores específicos de la población, donde se evidencien: 'brechas sociales y económicas, población en condición de discapacidad, pobreza rural, población afectada por el conflicto armado y la pertenencia a grupos étnicos' (Art.6, LEY 1804 de 2016).

La normatividad asociada a la Educación Inicial en el Brasil actualmente la contempla como un derecho expresado en la Constitución Federal (Brasil, 1988) y como primera etapa de la Educación básica de acuerdo con la Ley de Directrices y Bases de Educación Nacional LDB (Brasil, 1996). A partir de la Constitución Federal de Brasil (1988), la Educación de la Primera Infancia se convierte en parte del sistema educativo del país y comprende la educación inicial y el preescolar. Para la Ley 9.394 / 96, que dicta las Directrices y Bases de la Educación Nacional (Brasil, 1996) ha sido el comienzo de los debates y elaboraciones de propuestas para la educación en la primera infancia, a través de la Cámara de Educación Básica (CEB) y la Coordinadora General de Educación de la Primera Infancia (Coedi).

El documento Directrices Curriculares Nacionales para la Educación Infantil (Brasil, 2010: 12) la define como 'primera etapa de la educación básica, ofrecida en centros de atención Infantil y preescolares, que se caracterizan por ser espacios institucionales, no domésticos, públicos o privados que educan y cuidan niños y niñas de cero a cinco años de edad, en periodo diurno, jornada parcial o integral'. Igualmente plantea que es responsabilidad del Estado velar por la consecución de las condiciones necesarias para el ejercicio pleno, protección y restablecimiento de los derechos de los niños y niñas en Primera Infancia, a la luz de los principios de integralidad y universalidad, así como la consecuente articulación al sistema de educación formal a partir de los seis años. La preservación de derechos y el fortalecimiento de la capacidad para hacer uso efectivo de los mismos son elementos que direccionan, desde los parámetros oficiales, el desarrollo del proceso de Educación Inicial en la modalidad escolarizada en el Brasil. De igual forma la propuesta curricular para la Educación Inicial valora la articulación de saberes y experiencias de los niños con los conocimientos que hacen parte de del patrimonio cultural, artístico, ambiental, científico y tecnológico, como camino para promover el Desarrollo Integral de los niños de cero a cinco años. Se plantea también que la función social, política y pedagógica de la Educación Infantil tiene como ejes fundamentales la preservación de derechos de los infantes y la interrelación entre los conceptos de cuidar y educar en ambientes de socialización, igualdad y acercamiento lúdico a saberes de distinta naturaleza. En el mismo

documento, acerca de la Atención y Educación de la Infancia, se hace referencia a la importancia de la formación de profesores como camino para la transformación de la concepción de Educación Infantil y el fortalecimiento de la identidad de la misma (Brasil, 2010).

A partir de los parámetros presentes en la normatividad vigente en Brasil y Colombia, alrededor de la Educación Inicial, surge la inquietud de analizar, desde la práctica discursiva de los profesores de Educación Inicial, sus reflexiones en torno a la formación que necesita un docente para propiciar el desarrollo integral de la infancia. La existencia de Políticas de Estado para el Desarrollo Integral de la Primera Infancia, en varios países de América Latina, evidencia la progresión desde la cual se ha logrado el reconocimiento del niño como sujeto de derecho y su inclusión como centro de las construcciones 'conceptuales, técnicas y de gestión que buscan su Desarrollo Integral en el marco de la Doctrina de la Protección Integral' (Ley 1804 de 2016, Artículo 1). Igualmente, las transformaciones en los parámetros que direccionan la atención de los niños en la Primera Infancia han propiciado la evolución de las concepciones e imaginarios en torno a su calidad de sujetos sociales y éticos con derechos. Las diversas concepciones de infancia hacen parte de posturas interpretativas en torno a la manera como cada época de la historia ha asumido al niño y a la niña en su Primera Infancia. La existencia de múltiples interpretaciones y sus principales representantes proveen una visión desde la cual es posible observar el camino recorrido en el reconocimiento de la infancia articulada en torno a la transformación en las prácticas de cuidado y crianza y a las relaciones con los adultos. Estas perspectivas forman parte y a la vez son producto de la transformación que ha sufrido el concepto de infancia a través del tiempo y se reflejan en la manera como se desarrollan las interacciones asociadas a las prácticas de cuidado y crianza. En este sentido el planteamiento de Foucault (1988: 13) ratifica la idea de que 'la historia de un concepto no es la de su acendramiento progresivo, de su racionalidad creciente, sino la de sus diversos campos de construcción y de validez, donde su elaboración se ha realizado y acabado'.

En Brasil el estudio histórico acerca de las visiones y comprensiones de la infancia se encuentra en los aportes de la obra de Del Priore M. (1999) y Costa A. (1993), entre otros. En el contexto colombiano el estudio histórico de las concepciones y representaciones de la infancia se encuentra en las obras de Pachón (1985) y de Muñoz y Pachón (1988; 1989; 1991; 1996) y Sáenz, Saldarriaga y Ospina (1997). De acuerdo con estos autores el concepto de infancia que predominaba durante los primeros años del siglo XX, correspondía a la de sujetos maleables, frágiles, irracionales y sin rumbo y eran los padres y maestros los llamados a corregir estos estados en los niños, como lo ratifica De Mause (2006). Las transformaciones que ha evidenciado el concepto de infancia y las percepciones acerca de su capacidad, inteligencia y comprensión del mundo, están ligadas a los cambios en los modos de socialización y estructuración de las familias. Asimismo, en el imaginario social presente en las políticas públicas del estado, el concepto de infancia evidencia según Varela (1986: 74) su carácter social e histórico como 'categoría sociopolítica de la modernidad'. Para Escolano (1997) es posible analizar el ethos de una época y de un país en torno a la infancia a partir de la manera en que esa sociedad percibe y se relaciona con la familia y con los niños y niñas. Desde estos elementos surgen progresivamente diferentes propuestas para su atención, lo que redundaría en la configuración o transformación de los objetivos y estrategias diseñados desde diferentes instancias para atenderlos. Igualmente se plantea que el hecho de lograr que los niños y las niñas sean atendidos en una institución, donde pasan la mayor parte de su tiempo con otros niños y con adultos encargados de su bienestar

físico y nutricional, se configura como elemento central de una concepción pedagógica de la infancia que busca su continuidad en el sistema educativo.

Como menciona Delval (1995) cada contexto histórico, cultural y político interpreta el concepto de infancia y su calidad de sujeto de derechos de manera diferente, de acuerdo con la cosmovisión de realidad y desarrollo humano que posea. En este sentido también la función social de quien apoya a la familia en la educación de los infantes evidencia en la historia un recorrido desde la nodriza, esclava que acompaña a la madre durante la crianza, pasando por la creación de orfanatos, casas para los niños desprotegidos hasta las instituciones educativas. En este sentido Aries (1986: 11) menciona la correlación entre infancia, cuidador, preceptor o profesor y la escuela, al afirmar que 'la infancia ha permanecido en la sombra durante bastantes siglos. No sorprende verla reaparecer en la época en la que la cultura escrita, y por consiguiente la escuela, reconquista sus derechos y se difunde a partir del siglo XII'.

A partir de esta época, según Aries (1986:12), se verifica una progresión lenta 'desde la segunda parte de la edad media, y que está ligada también a nuevas dinámicas dentro de la familia y a la mejora de la escuela que se fortalece como suplente del aprendizaje tradicional'.

Para Finkelstein (1986) la incorporación de la infancia a la educación está asociada al surgimiento de escuelas públicas y parroquiales en sus diversas modalidades (industriales, de párvulos en el siglo XIX, escuelas de segunda enseñanza y colegios en el siglo XX). En este sentido Alzate (2003: 81) ratifica que 'será la escuela, junto con sus procesos de escolarización y reclusión, la que jugará un papel decisivo en la configuración de la concepción moderna de infancia, que extiende su influencia hasta nuestros días'.

Este recorrido histórico se concretiza en la actualidad con la promulgación de Políticas de Estado para la atención Integral a la Primera Infancia. El análisis de las mismas permite evidenciar las condiciones, tensiones y beneficios que representa para la labor del docente de educación inicial, quien recibe cualificación desde lineamientos técnicos, políticos y de gestión. Esta actualización es entendida como 'un proceso permanente y de largo plazo, que no se reduce a capacitaciones o procesos instruccionales sobre el desarrollo de las niñas y los niños' sino que 'va más allá del otorgamiento de certificaciones o títulos' (MEN, 2013: 14).

## **Metodología**

Este artículo forma parte del proyecto de investigación postdoctoral titulado 'Sinergias y tensiones entre los saberes del pedagogo egresado y los requerimientos de su desempeño laboral. Un estudio comparativo entre Colombia y Brasil'. El objetivo del mismo es develar las interacciones entre las experiencias de formación de los pedagogos egresados de una institución sin fines lucrativos de Brasil y de una universidad pública de Colombia, que desarrollan su labor con los niños y niñas en Primera infancia, y los requerimientos propios de la realidad de las comunidades en las que se desempeñan.

A partir de la mencionada investigación han emergido diversas categorías de análisis, a saber: identidad, reflexividad docente y formación de profesores. Para efectos del presente artículo se toma este último como parámetro de comparación debido a su importancia en las políticas de atención a la infancia en los dos países. La metodología es cualitativa, y a través del Análisis Textual Discursivo, se indaga en los saberes de los docentes, que trabajan en Centros de Desarrollo Infantil en la ciudad de Canoas en Brasil y Atlántico, Colombia. Los profesores participantes en esta investigación, desempeñan su

labor en Centros de Desarrollo Infantil, (CDI), ubicados en zonas vulnerables del departamento del Atlántico en Colombia (seis docentes) y del Municipio de Canoas, RS, Brasil (cuatro docentes). La vulnerabilidad de los contextos sociales donde se desempeñan las docentes, está asociada a la carencia de servicios básicos, la informalidad en el empleo y la vivencia de situaciones de desplazamiento forzado y violencia. Fueron elegidos de acuerdo con los parámetros del muestreo teórico, sustentados en la obra de Glasser y Strauss (1967), quienes mencionan que es posible seleccionar conscientemente los casos a estudiar de acuerdo con el potencial para el desarrollo de nuevas construcciones teóricas. Ellos son todos egresados de programas de formación como licenciados en Educación Infantil (Colombia) y Pedagogos (Brasil), con experiencia laboral, expresan desde sus saberes, elementos que hacen posible contrastar la postura de los documentos oficiales con la realidad vivida en sus comunidades. En el estudio, se desarrollaron diez entrevistas (seis colombianos y cuatro brasileños), una por cada docente y en contextos diferentes al laboral. Todas las entrevistas fueron grabadas para su posterior transcripción, con una duración total de 3 horas y 20 minutos. Teniendo en cuenta el interés del estudio por establecer relación entre la formación inicial, recibida por los profesores en sus cursos de pregrado y la pertinencia de la misma en los contextos laborales en los que se desempeñan, se indagó acerca de las ideas y opiniones alrededor de la pregunta: ¿Qué aspectos deben fortalecerse en un proceso de formación para docentes de Primera Infancia?

Luego de la recolección y sistematización de la información que compone el corpus del análisis, de acuerdo con las directrices de la obra de Moraes y Galiuzzi (2007), se procedió a la deconstrucción orientada a la singularización de las unidades. En este sentido como lo manifiesta Martínez (2006), no se pretende ofrecer una interpretación final y única, pero si se buscó la máxima rigurosidad y organización en los procedimientos. Se ratifica así, la dimensión política, social y pedagógica de la Educación Inicial, presentes en la comprensión hermenéutica del discurso del profesor. Las voces de los docentes, aparecen en el texto con letra cursiva, identificando los docentes con la letra C1, C2, C3, C4, C5, C6, para los colombianos y con B1, B2, B3 e B4 para los brasileños.

## **Análisis y Discusión**

Desde el análisis hermenéutico que inspira esta investigación, los testimonios de los docentes de educación inicial, hacen referencia a diversos aspectos claves en sus procesos de formación. En este sentido y a partir de la afirmación de Gadamer (1995: 62) en torno a que 'la hermenéutica no consiste en aferrarse a lo que alguien ha dicho, sino en captar aquello que en realidad ha querido decir', se busca develar los sentidos encubiertos en sus testimonios.

En primera instancia los profesores plantean que, en la mayoría de los casos, estos procesos de cualificación parten del supuesto de su aparente desactualización y carencia de cualificación, ante lo cual manifiestan su interés por procesos de desarrollo profesional diseñados desde ellos como sujetos activos y no para ellos como destinatarios pasivos. En este sentido, Arnove, (2009), plantea la importancia de respaldar la construcción de procesos de formación, en una comprensión del mundo y de la realidad de los sujetos.

*Yo pienso que para diseñar una guía para nosotros los profesores, que este bien fundamentada, deben ser más realistas, ponerse las botas y visitar para allá, para ver qué es lo que es, y poder a partir de ahí, de ese diagnóstico, generar entonces una cuestión que de verdad vaya a dar cambios y responda a lo que se necesita en las comunidades donde trabajamos (C6).*

Es así como desde la perspectiva de la formación de profesores para la Educación Inicial, se ratifica la necesidad de proponer procesos basados en la posibilidad de mezclar, re-significar o reciclar sus saberes, no desde una visión prescriptiva y lejana sino desde la posibilidad de asumir la práctica como escenario de construcción individual y colectiva.

Otro aspecto señalado por los profesores es la importancia de la promoción de la *parentalidad* positiva y las estrategias que desde su quehacer necesitan para lograrlo.

En Brasil, las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación Infantil (Brasil, 2010: 14) y en Colombia la Ley 1804 de 2016, coinciden en definir al niño como “sujeto histórico y de derechos que en las interacciones, relaciones y prácticas cotidianas vivencia, construye su identidad personal y colectiva, se desarrolla integralmente. Este paradigma de Desarrollo Integral, debe ser compartido con la familia mediante acciones de valoración de las formas como los niños vivencian su mundo, construyen conocimientos, se expresan e interactúan (Brasil, 2009: 5). Frente a los planteamientos presentes en los documentos oficiales, es posible evidenciar la postura de los profesores de Educación Infantil, quienes expresan la complejidad presente en la relación entre los conceptos de desarrollo Integral y familia. Tal complejidad requiere ser comprendida y atendida, ya que del manejo efectivo que realice el docente depende, la calidad y pertinencia de su quehacer, como lo manifiesta la profesora:

*En nuestra comunidad hay las condiciones necesarias para el acceso al servicio, pero nos faltan las condiciones para que la familia cumpla con su deber, falta soporte en el entendimiento de que existen otras formas de ejercicio de la parentalidad (B1)*

El anterior testimonio es complementado por C1:

*‘Yo pienso que como docente de educación inicial mi trabajo también es con los padres, he hecho visitas domiciliarias, he tenido niños sin documentación y yo los llevo a la Registraduría, lo llevo a la psicóloga si lo necesita, no me quedo con que cite al papá y no vino, trato de dirigirme al padre o a la persona que tenga el compromiso y trato de solucionar las situaciones’.*

El anterior testimonio, muestra como las profesoras progresivamente desarrollan una serie de habilidades asociadas a la resolución de situaciones y en especial al establecimiento de redes de apoyo que incluyen los sectores que están en capacidad de restituir el derecho del niño. Sin embargo, mantienen una actitud activa y orientada al empoderamiento de los padres acerca de las habilidades parentales necesarias en el cuidado y atención de sus hijos, ya que como lo plantea Rodrigo y Martín (2013: 78) ‘los padres y madres necesitan contar con un abanico de competencias que contribuyan al desarrollo y educación de los hijos’.

Los testimonios de los profesores evidencian la necesidad de repensar los supuestos que respaldan su formación en el tema de apoyo a las familias:

*Cuando uno se acerca a las familias, se encuentra con una caja de Pandora, en la que el hambre, el frío, la enfermedad, la necesidad son de todos los días y a uno la universidad no lo prepara para poder ayudarlos. Yo aprendí mucho con otros profesionales, sobre cómo abordar el trabajo en la familia (B2).*

La referencia de la docente expresa la multiplicidad de situaciones con las que debe lidiar diariamente y que están asociadas a problemáticas que afectan a la familia, frente a las cuales reclaman procesos de formación que les permitan promover espacios de solución.

Para Rodrigo, Máiquez & Martín (2010: 9), ‘la importancia de promover relaciones positivas entre padres e hijos, fundadas en la responsabilidad parental, para garantizar los derechos del infante en el seno de la familia y optimizar su desarrollo potencial y su bienestar’, lo que corrobora el testimonio de la docente que manifiesta:

*Yo soy egresada de pedagogía hace cuatro años y estoy trabajando en un programa de Primera Infancia, pero más que un trabajo de aula es un trabajo social, en el que se busca impactar positivamente la vida de niños y niñas, de sus familias y de las comunidades (B4).*

Es evidente a partir de los anteriores testimonios, la vinculación de la labor del docente de Educación Inicial con la dimensión social y política de las transformaciones propuestas en normatividad. Esta vinculación lleva implícita la necesidad de analizar a profundidad lo que realmente ocurre en las comunidades, a la luz de los fundamentos propios de la Educación Inicial, y de su capacidad de generar procesos de Desarrollo Integral de la Infancia. Como lo plantea Nóvoa (2009: 24), 'hoy se impone la necesidad de apertura de la profesión hacia el exterior, lo que posiblemente la torne más vulnerable, pero es necesario teniendo en cuenta que en las sociedades contemporáneas la fuerza de una profesión se define en gran medida por su capacidad de comunicación con lo público'.

Otro aspecto que subyace al análisis de los testimonios de los profesores de Educación inicial es su reflexividad frente al reconocimiento de su práctica cotidiana como escenario de comprensión sobre la experiencia. En este sentido los planteamientos de Dewey (2004), en torno a la acción reflexiva del docente, corroboran que, si bien no se da a partir de un proceso estructurado en sí mismo, sí representa una forma única y particular de afrontar y resolver las situaciones propias de la labor del docente y le otorgan el carácter diferenciador a su práctica. La reflexividad del docente en un contexto de mediación entre lo que quiere o necesita la familia y lo que plantea la normatividad, converge en un elemento común, el interés por procesos de cualificación que provean espacios para problematizar la propia práctica. El desarrollo de una práctica acorde con las necesidades de atención y desarrollo integral de la infancia y asociada a las condiciones reales de su trabajo, demanda de ellos el ejercicio de habilidades intrapersonales e interpersonales, producto de la reflexión constante sobre su quehacer cotidiano. Esta reflexividad docente es planteada por Perrenoud (2008) como la capacidad de resolver con eficiencia cada situación, a partir de la transformación, innovación negociación y autorregulación de su propia acción, desde la reflexión de la experiencia como insumo para construir nuevos saberes. Es decir, para ellos, la posibilidad de conciliar los elementos propios del ideal de Desarrollo Integral con las realidades y exigencias presentes en el entorno social en el que se desenvuelven es proporcional al estudio dinámico, reflexivo de las situaciones que vive el profesor, como lo plantea Abraham (2000: 13), quien ratifica que estos elementos 'contribuyen a su plena realización'. Al respecto una docente menciona:

*Hay saberes que uno va desarrollando, que uno busca en internet, pregunto a alguien que tenga experiencia, entonces antes de que pase algo ya lo puedo prevenir. Esos saberes que en otros entornos no serían necesarios porque allí solo soy docente y no tengo que saber cuánto come el niño o cuando está enfermo, lo que interesa es que el niño aprenda que este es el uno el dos y el tres, aquí no, aquí se necesita de otros saberes que uno va adquiriendo con la misma experiencia. Esos saberes, esos conocimientos son lo que le permiten desenvolverse y uno los va adquiriendo con el tiempo, esa búsqueda me lleva como ganancia con respecto a las que no lo tienen (C2).*

Los docentes coinciden en afirmar que muchos de los fundamentos conceptuales, metodológicos y didácticos necesarios para trabajar con los niños y niñas en Primera Infancia son aprendidos por ellos a través de la experiencia y no como parte de la formación de base adquirida en la universidad. Esto concuerda con la investigación de Tardif, Lessard y Gauthier (1998) en torno a la multiplicidad de fuentes de las que provienen los saberes de los docentes, pero resaltando en especial el trabajo diario con los niños y niñas, a través del cual

se consolidan y adquieren sentido esos saberes, como lo mencionan las docentes a continuación:

*En la universidad no lo preparan a uno para trabajar en Primera Infancia, uno aprende en la práctica, con la experiencia y las cualificaciones que nos mandan, esto me ha servido mucho, y yo he buscado por mi cuenta, desarrollamos las actividades de acuerdo con los lineamientos, y así hemos aprendido a evaluar, a planear, a utilizar cada recurso con una intencionalidad pedagógica, a pensar cada actividad desde el objetivo pedagógico que tiene (C3).*

Las afirmaciones confirman los resultados de diversas investigaciones, que si bien, demuestran la importancia de la labor del profesor en los procesos de transformación social, también coinciden, como lo menciona Pimenta (2014: 96), en la necesidad de analizar los elementos constitutivos de la profesión docente y ‘reflexionar sobre el significado de la educación en la sociedad contemporánea y sobre las demandas que se vinculan y se reflejan en la actividad docente’.

Pensar en procesos de formación, acordes con lo que realmente necesitan los profesores para desempeñarse adecuadamente en Primera Infancia, implica además de teoría y aprendizajes didácticos, objetos y objetivos, saber quién es el sujeto niño, y todos los aspectos que hacen parte del ser del profesor, su identidad y su estilo para asumir la complejidad presente en su entorno. En este sentido Burrows (1980), citado por Abraham (2000: 74), plantea que ‘en las Instituciones de Educación Superior, procuramos formar a los profesores de tal manera que encajen en nuestros moldes, homogeneizarlos, en lugar de ayudarlos a ser ellos mismos, con su propio estilo’. Esto será posible en la medida que su formación, su práctica y los saberes asociados a ella, sean tenidos en cuenta, ya que, como lo plantea Zambrano (2006), estos saberes, por su carácter social, deben ser valorados y compartidos en el objetivo de fortalecer el escenario de la dignidad de los docentes y sus derechos. Es decir, el desarrollo profesional del profesor, debe tener como componente direccionador la integralidad, lo que indica que la formación académica inicial y continuada debe estar articulada, siguiendo a Pimenta (2014: 13), a un ‘proceso de valorización identitaria y profesional, entendiendo la identidad como instancia epistémica que reconoce la docencia como campo de conocimientos específicos’.

La labor de los profesores está relacionada con el desarrollo de acciones de cuidado y atención necesarias para preservar los derechos de la familia y del niño. La función del docente es educar y cuidar integralmente. Frente a esta responsabilidad, y desde la investigación, fue posible evidenciar en los profesores, la reflexión sobre lo que implica ser profesor de Educación Inicial, y los desafíos reales que encuentran en su desempeño laboral, como lo manifiesta la docente:

*Es un trabajo que trasciende al diploma, va más allá de lo que uno aprende en la universidad, cuando uno sale cree que la realidad es eso, nosotros por ejemplo hicimos prácticas muy cortas, de dos o tres semanas en el entorno escolar, pero al salir al trabajo uno se encuentra con otra cosa y tiene que empezar a aprender cómo trabajar, y sobre todo cómo trabajar en equipo (B3).*

Otro elemento importante, presente en los testimonios de los profesores tiene que ver con la consideración de que, si bien la construcción de sus saberes ha sido un proceso asociado a su historia personal, a su trayectoria y a sus relaciones, también reconocen en el trabajo en equipo, un componente fundamental. Este es definido por Medina (2010: 61) como ‘aquella situación de aprendizaje en la que los objetivos de los participantes están tan estrechamente vinculados entre sí, que cada uno solo puede conseguir sus objetivos propios si, los demás pueden a su vez conseguir los suyos’. Esta consideración contrasta con las



apuestas de formación que prevalecen en la Educación superior, en las que se privilegia la competencia, los logros y el rendimiento personal, por encima de los logros sociales; y con lo que se plantea en documentos como los indicadores de calidad en la Educación Infantil (Brasil, 2009). Este menciona que la cualificación de los profesores y su articulación con un equipo de trabajo que reflexiona constantemente sus prácticas para mejorarlas son elementos fundamentales en la construcción de instituciones de calidad. Es así como la observación y atención de las necesidades vitales de cuidado, protección, afecto, comprensión, acompañamiento y educación de los niños y niñas, implica para el docente el despliegue constante de saberes y habilidades necesarias para resolver las situaciones que su cotidianidad le presenta. Es decir, la interacción significativa y pertinente con los infantes y sus familias está asociada a su habilidad para aprender, resignificar o reciclar sus saberes en interacción constante con grupos interdisciplinarios, como plantea la docente:

*En la experiencia me he dado cuenta que la práctica pedagógica se enriquece cuando se trabaja con diferentes profesionales, y se establecen micro redes de apoyo en las que todos aprendemos de todos (C4).*

Es posible advertir desde la comprensión del discurso de los profesores una perspectiva que señala para los procesos de formación la necesidad de trascender las disciplinas para analizar sus sinergias y, más allá de ellas, apoyar la consolidación de una visión amplia, global y flexible del ser a través de la transdisciplinariedad. En este sentido Medina (2010: 50) afirma que ‘la base de este planteamiento se encuentra en la existencia de esquemas cognitivos organizadores del conocimiento comunes a las diferentes ciencias, así como la creencia firme en la unidad del ser’.

Este ideal orientado a la unicidad del saber y que es capaz de trascender complementariamente las barreras simbólicas de cada disciplina es observado por los profesores también como un camino para superar la desarticulación entre los objetivos formativos de la institución educativa, los de la familia y la comunidad, ya que como plantea una profesora:

*La institución trabaja muy sola, y se trata de superar esas barreras, uno aprende que desde una perspectiva multidisciplinar es posible aprender juntos, trabajar juntos (B2).*

Igualmente, la percepción de una práctica pedagógica que demanda de los profesores habilidades de reflexión, comprensión y acción frente a la complejidad presente en la realidad de sus comunidades y que afectan directamente a la infancia, son elementos comunes en los discursos de los profesores.

## Síntesis de Resultados

La reflexión sobre fortalezas, debilidades y potencialidades de la Educación Infantil y los desafíos que tiene la Universidad en la actualidad, desarrollada a partir del análisis de los testimonios de los profesores de Educación Inicial en Brasil (Canoas) y Colombia (Atlántico), es presentada en el cuadro 2.

Cuadro 2. Fortalezas, debilidades y potencialidades en la formación de profesores.

<b>Fortalezas en formación de profesores de la educación inicial en Colombia y Brasil</b>	<b>Debilidades en formación de profesores de la educación inicial en Colombia y Brasil</b>	<b>Potencialidades en la formación de profesores para educación inicial en Colombia y Brasil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mayor preocupación por la cualificación y formación</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interacción del profesor con un contexto de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fortalecer lo epistémico.</li> <li>• Asumir los saberes y</li> </ul>

Formación de Profesores de Educación Inicial en Brasil y Colombia:  
Comprensión hermenéutica del discurso del profesor egresado

<p>continuada de los profesores de Educación Inicial.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoyo y mejoramiento de las relaciones entre los entes comunitarios y de gestión en las comunidades y los entornos de Educación inicial.</li> <li>• Apoyo a la participación de las familias y comunidades en la Educación Inicial de los infantes.</li> <li>• Mayor participación de diferentes saberes y disciplinas en las propuestas de Educación Inicial.</li> <li>• Mayores niveles de acceso a la Educación Inicial de las familias y comunidades.</li> <li>• Oportunidad laboral importante para profesores de Educación Infantil y para profesionales de diferentes áreas.</li> <li>• Movilización de diferentes instancias y propuestas pedagógicas para la cualificación de profesores.</li> <li>• Definición de las funciones de los diferentes sectores en los procesos de Atención Integral.</li> <li>• Estructuración de espacios que mejoran la calidad de vida de los niños y niñas en Primera Infancia.</li> </ul>	<p>reformas, en las que su labor está asociada, a la ejecución de acciones técnicas, instrumentales.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Propuestas de cualificación centradas en estrategias y parámetros técnicos.</li> <li>• Pertinencia y contextualización de los procesos de formación de profesores teniendo en cuenta la diversidad de contextos y problemáticas presentes en las comunidades.</li> <li>• Necesidad habilidades y competencias para el trabajo en equipo, interdisciplinar y transdisciplinar</li> <li>• Exigencias de las familias, asociadas a poca claridad respecto de la función social y pedagógica de la Educación Inicial.</li> <li>• Procesos de formación que privilegian la competencia, los logros y el rendimiento personal, por encima de los logros sociales.</li> <li>• Formación de profesores desde la homogeneidad.</li> <li>• Dificultades en la efectividad del proceso de articulación intersectorial. Formación inicial de los profesores orientada a su desempeño en entornos escolares formales, con prácticas pedagógicas cortas y espacios de reflexión asociados las didácticas específicas.</li> </ul>	<p>prácticas como escenarios de problematización, reflexión y construcción individual y colectiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fortalecer habilidades para el apoyo al ejercicio de la <i>parentalidad</i> positiva en las comunidades.</li> <li>• Trascender las disciplinas para analizar sus sinergias y más allá de ellas, apoyar la consolidación de una visión amplia, global y flexible del ser a través de la transdisciplinariedad.</li> <li>• Fortalecer la reflexión sobre el significado de la Educación Inicial en la sociedad contemporánea y sobre las demandas que se vinculan y se reflejan en la actividad docente.</li> <li>• Fortalecer la comprensión de su ser personal individual en relación con la realidad que vive en las comunidades, con lo colectivo</li> <li>• Facilitar el desarrollo de la identidad y el estilo personal del docente, a partir del establecimiento de relaciones constantes entre el sentido personal de su existencia, su conciencia y sensibilidad frente a lo social.</li> <li>• Favorecer el desarrollo de habilidades para el liderazgo y la comprensión del campo educativo como sistémico, historizado, y situado en una realidad compleja Desarrollar habilidades y competencias para el diseño, implementación y evaluación de programas de trabajo con las familias y comunidades.</li> </ul>
---	--	--

Fuente – Elaboración propia

En el cuadro se muestra que la formación y el desarrollo profesional de los profesores que desempeñen su labor en Educación Inicial es un componente importante en las políticas de Estado para la Atención Integral a la Primera Infancia, tanto en Brasil como en Colombia. Pero también evidencia la necesidad de analizar las sinergias y tensiones que subyacen en la relación entre las directrices de las políticas de Estado, la realidad que viven los profesores en sus comunidades y los parámetros desde los cuales se desarrolla la formación de docentes para trabajar con la Primera Infancia. Estos son señalados por los profesores participantes de la investigación, a partir, como lo menciona Pimenta (2014: 14), 'de su conciencia sobre su propia práctica y de los conocimientos teóricos y críticos sobre la realidad'. Es decir, las dimensiones social, política y pedagógica están presentes en las experiencias, prácticas y perspectivas de formación de los profesores. Así, la preocupación por el componente social de su labor, vinculada a políticas de Estado y a proyectos pedagógicos que buscan la *operacionalización* de las mismas, se consolidan como parte de los elementos a tener en cuenta en la formación integral del profesor.

### **Consideraciones Finales**

Como se evidencia en el análisis, la Educación Inicial es asumida en Brasil y Colombia como espacio de integralidad, donde a partir de propuestas pedagógicas participativas y constructivas se busca propiciar un acercamiento lúdico y placentero al conocimiento. Asimismo, se constata la presencia en los dos países de un contexto normativo importante que valora, como camino para el desarrollo integral y la transformación social, política, económica y cultural, el papel decisivo de la Educación Inicial. A pesar de que son dos escenarios caracterizados por la diversidad cultural, están afectados por problemáticas sociales similares, que convergen en la estructuración constante fuerte e inquisidora de procesos reflexivos entre los profesores y el reclamo de una formación que les permitan superar con éxito esta realidad.

En este escenario de acción y transformación que la normatividad le exige a la Educación Inicial en la actualidad, la universidad está llamada desde la actitud de reflexión y cambio permanente, a proponer procesos de formación acordes con los desafíos de una sociedad que exige una formación más allá de contenidos. La reflexión sobre los procesos de formación de profesores para la Educación Infantil, que desempeñan su labor en el escenario de políticas de Estado compensatorias y focalizadas, constituye una empresa ambiciosa. Frente a esta, las repuestas pueden ser variadas y seguramente tendrán la necesidad de estructurar una primera discusión alrededor de la capacidad de la educación Infantil para generar por si misma transformaciones sociales.

Desde los diversos ángulos de análisis, las respuestas apuntan hacia la capacidad de los profesores de construir perspectivas que facilitan asumir todos los retos que se le presentan, desde la interdisciplinariedad y con una actitud reflexiva, juzgadora y flexible. Finalmente es necesario resaltar la importancia de que el discurso de los profesores, sus saberes y prácticas sean afirmados, a través de procesos de formación que dignifiquen sus construcciones y experiencias, con el fin de lograr el empoderamiento frente a los conocimientos, destrezas y habilidades necesarias para analizar las tensiones y sinergias entre su formación, la sociedad y sus propios ideales.

## Referencias

- Amar, J. & Abello, R. (1998) *El niño y su comprensión del sentido de la realidad*. Barranquilla: Ediciones Uninorte.
- Abraham, A. (2000) *El enseñante es también una persona*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Ariès, P. (1986) 'La Infancia'. *Revista de Educación* 281: 5-17.
- Brasil, Congreso Constituyente (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial.
- Brasil, Governo do (1996) *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9394/96*. Brasília: Imprensa Oficial.
- Brasil, Governo do (1998) *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*.
- Brasil, Governo do (1998b) *Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília. MEC/CNE.
- Brasil, Governo do (2009) *Crítérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília: Coordenação Geral de Educação Infantil.
- Brasil, Governo do (2010) *Documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério de Educação. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica Coordenação Geral de Educação Infantil*.
- Casas, F. (1998) *Infancia: perspectivas psicosociales*. Barcelona: Editorial Paidós.
- Colombia, Gobierno de (2016) *Ley 1804, Política de Estado para la Atención Integral de la Primera Infancia*. Bogotá: Ministerio de Educación.
- Costa, A. C. (1993) *É possível mudar*. São Paulo: Editorial Cortez.
- Delval, J. (1995) *El desarrollo humano*. Madrid: Siglo XXI Editores.
- DeMause, L. (2006). *The History of Childhood*. New York: Psychohistory Press.
- Dewey, J. (2004) *Experiencia y educación*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Del Priore, M. (1991) *Historia da criança no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- Escolano, A. (1997) 'Libros para la escuela. La primera generación de manuales escolares', en *Historia ilustrada del libro escolar en España*. Madrid: Ediciones Pirámide, 19-46.
- Finkelstein, B. (1986) 'La incorporación de la infancia a la historia de la educación'. *Revista de Educación* 281: 19-46.
- Foucault, M. (2010) *La arqueología del saber*. Madrid: Editora Siglo XXI.
- Gadamer, H. (1995) *Verdad y método*. Salamanca: Editorial Sígueme.
- García-Méndez, E. & Carranza, E. (1999) 'El derecho de "menores" como derecho mayor. El derecho a tener derecho', en *Infancia, Derecho y Políticas Sociales en América Latina*. Santafe de Bogotá: Unicef, 42-50.
- Guarin, G. (2009) *Hacia una didáctica formativa* [documento WWW]. URL <http://www.umanizales.edu.co/publicaciones/campos/sociales/plumilla/informacion/Plumilla%20Educativa%202009.pdf>. [fecha de consulta 7 de noviembre 2016].
- Martín, J. C. & Rodrigo, M. J. R (2013) 'La promoción de la parentalidad positiva'. *Educação, Ciência e Cultura* 18(1): 77-88.
- Martínez, M. (2006) *Ciencia y arte en la metodología Cualitativa*. Bogotá: Editorial Trillas.
- Medina, A. & Dominguez M. (2010) *Didáctica. Formación básica para profesionales de la Educación*. Madrid: Editorial Universitas S. A.
- Moraes, R. & Galiazzi, M. d. C. (2007) *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí.

- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2013) *Fundamentos políticos técnicos de gestión, Estrategia de Atención Integral a la Primera Infancia* [documento WWW]. URL [http://www.mineducacion.gov.co/primerainfancia/1739/articles-177829\\_archivo\\_pdf\\_fundamentos\\_ceroasiempre.pdf](http://www.mineducacion.gov.co/primerainfancia/1739/articles-177829_archivo_pdf_fundamentos_ceroasiempre.pdf). [fecha de consulta 7 de febrero 2016].
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2014) *Documento 20, Sentido de la educación inicial. Serie de orientaciones pedagógicas para la educación inicial en el marco de la atención integral* [documento WWW]. URL [http://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-103106\\_archivo\\_pdf.pdf](http://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-103106_archivo_pdf.pdf) [fecha de consulta 7 de febrero 2016].
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2013) *Fundamentos políticos, técnicos y de gestión de la estrategia de atención integral a la Primera Infancia* [documento WWW]. URL <http://www.mineducacion.gov.co/primerainfancia/1739/article-177829.html> [fecha de consulta 7 de febrero 2016].
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2007) *Documento Lineamiento pedagógico y curricular para la educación inicial en el Distrito*. Bogotá: Ministerio de Educación.
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2007) *Documento Política Pública de Atención Integral a la Primera Infancia*. Bogotá: Ministerio de Educación.
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2009) *Documento guía 10: Desarrollo infantil y competencias en la Primera Infancia*. Bogotá: Ministerio de Educación.
- Ministerio de Educación Nacional de Colombia (2010) *Guía 35: guía operativa para la prestación del servicio de Atención Integral a la Primera Infancia*. Bogotá: Ministerio de Educación.
- Mialaret, G. (1991) *Pedagogie generale*. Paris: Press Universitaire de France.
- Muñoz, C. & Pachon, X. (1988) *Historia social de la infancia. Bogotá, 1900-1989*. Fundación para la promoción de la investigación y la tecnología. Bogotá: Banco de la República.
- Narodowski, M. (1994) *Infancia y poder. La conformación de la pedagogía moderna*. Buenos Aires: Editorial Aique.
- Narodowski, M. (1998) 'Adeus à infância (e a escola que a educava)', in L. H. Silva (ed.) *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes.
- Pachón, X. (1985) 'Consideraciones acerca de la evolución de la infancia'. *Revista colombiana de antropología* 25: 209–233.
- Perrenoud, P. (2008) *La evaluación de los alumnos: de la producción de la excelencia a la regulación de los aprendizajes. Entre dos lógicas*. Buenos Aires: Editorial Colihue.
- Pimenta, S. & Camargos, L. (2014) *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez Editora.
- Sáenz, J. & Saldarriaga, O. & Ospina, A. (1997) *Mirar la infancia: pedagogía, moral y modernidad en Colombia. 1903-1946*. Medellín: Colciencias; Ediciones Foro Nacional por Colombia; Ediciones Uniandes; Editorial U. de Antioquia.
- Tardif, M. & Lessard, C. & Gauthier, C. (1998) *Formation des maîtres et contextes sociaux: Perspectives internationales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Tardif, M. (2010) *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Ulvieri, S. (1986) 'Historiadores y sociólogos en busca de la infancia: apuntes para una bibliografía razonada'. *Revista de Educación* 281: 47-86.
- Varela, J. (1986) 'Aproximación genealógica a la moderna percepción social de los niños'. *Revista de Educación* 281: 155-175.
- Zambrano, A. (2006) *Descripción y análisis de los discursos de las Ciencias de la Educación en Francia*. Tesis doctoral no publicada, Atlantic International University Honolulu, Hawaii [documento WWW]. URL

Formación de Profesores de Educación Inicial en Brasil y Colombia:  
Comprensión hermenéutica del discurso del profesor egresado

<https://aiu.edu/applications/DocumentLibraryManager/upload/Tesis%20Final%20Armando%20Zambrano.pdf> [fecha de consulta 10 de agosto 2014].

## **‘The Intellectual as Transgressor’: Richard Shaull and Latin American Pedagogical Thinking**

**Danilo R. Streck**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)  
São Leopoldo/RS Brasil

Historical existence is a continuous struggle toward liberation, in the midst of which man is time and again surprised by new possibilities of meaning and fulfillment – in individual and collective life (Shaull, 1967: 216)

**Abstract:** The article analyses the contribution of Richard Shaull (1919-2002), a protestant North American theologian and a pioneer of Theology of Liberation, to Latin American pedagogical thinking. As a missionary in Colombia and Brazil, between 1942 and 1962, he was profoundly touched by Latin American reality and, at the same time, left important imprints on a generation of young people and since then maintained a dialogue with intellectuals that are a reference in Latin American pedagogy: Orlando Fals Borda (1925-2008), Paulo Freire (1921-1996) and Rubem Alves (1933-2014). Places will be presented where the biographies of these four intellectuals meet, as well as marks of transgression of their thinking regarding knowledge and vision of society.

**Keywords:** Richard Shaull, Paulo Freire, Rubem Alves, Orlando Fals Borda, Latin American pedagogy

---

### **Introduction**

In academic activity, as in life in general, only a few of the many threads weaving through work and life appear. A text, whether it be a book or the entire work, is the tip of an iceberg that keeps many secrets and mysteries, not only for the reader, but also for the author him or herself. These forgotten connections, however, remain alive in memory and may emerge at any time in consciousness and inspire new thoughts and new practices. This is the *idée-force* that encourages me to write this paper about a North American thinker and three Latin American thinkers who shared the dream of a more just world and a worthy life for all people.

As an introduction, a few explanations or warnings are appropriate regarding the choices made. I met Richard Shaull as a professor at the Princeton Theological Seminary in the United States in the 1970s, when, at an advanced seminar he discussed the topic of *fringe movements* in Latin America, and their impact on the institutions. Only later did I slowly grasp the power of the metaphor of the fringe to think about the role of popular education as an experience that, in Latin America, produced a vigorous pedagogical movement. It was at the same time as the now classical works *Pedagogy of the oppressed* by Paulo Freire and *Theology of Liberation* by Gustavo Gutiérrez were published. In economics, the theory of dependence supported on the center-periphery metaphor, showed how the

underdevelopment of peripheral countries is the by-product of the development of central countries in the same capitalist system.

Shaul had a profound identification with the movements of revolutionary change and resistance to the military dictatorships that began to appear in Latin America, and throughout his academic career and pastoral activity he kept up this interest and commitment, in his own country and in other regions where the ecumenical culture extended beyond the churches.<sup>1</sup> Although he carried out his academic career based on theology, his approach was not limited to his field. His effort to get to know the world of his time and read the signs of change in this world led him to other fields of knowledge such as sociology, philosophy and pedagogy.

In the first part of the article I weave a few connections between the biographies of the three authors, acknowledging that there is much more to be said. These are dense biographies, mostly already known individually, but that also open up to new dialogues and approaches. Orlando Fals Borda is internationally known as one of the creators of participatory action research (PAR); the other is Paulo Freire, whose thinking especially during the period when he was connected to the World Council of Churches, is pervaded by Theology of Liberation; and Rubem Alves, known for his irreverence and metaphoric language, who considers Shaul one of his intellectual mentors.

In the second part, I discuss a few topics that indicate convergence between these very different authors, each with their own personality and academic profile. The convergences take place around the transgressor spirit of which Shaul talked. This is not, therefore, a matter of seeking or justifying influences in a simplified cause and effect relation, but of identifying places where they meet to think about the society of their time and take action.

### **Encounters, partnerships and complicity**

When I visited the library of the Princeton Theological Seminary I went, as customary, to a computer to begin a search for the name of Richard Shaul as author. An attentive employee noticed that I might be needing some help and when she was informed of what I was looking for said that there was another collection for that. She then brought no less than six large cardboard boxes where there were contents ranging from diaries with the record of professional and personal appointments, to drafts of papers, some published, others not; some still written on a typewriter with the traditional revisions using a pen. In this text I am preferentially using the material that I found there, not as an exotic curiosity, but to bring to light aspects of our history stored in it.

*Shaul and Freire:* Already in the first box I found a major reason to continue the search. I knew that Richard Shaul had written the preface for the English language edition of *Pedagogy of the oppressed* by Paulo Freire<sup>2</sup>, but it was important to find records of the

---

<sup>1</sup> The ecumenical dimension of Richard Shaul's work cannot be discussed in this article. For this subject I suggest the PhD dissertation of Fábio Henrique de Abreu *Do protestantismo de missão ao protestantismo social: história da militância ecumênica no Brasil* (2015), under the supervision of Zwinglio Mota Dias. The reader will find important information about the relations of Shaul with the World Council of Churches in Geneva, with ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina-Church and Society in Latin America) and with CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação-Ecumenical Center of Documentation and Information), which later became the Ação Educativa- Educational Action.

<sup>2</sup> *Pedagogy of the oppressed* was published by the publisher Herder and Herder (New York), in 1970, the same year it was published in Portuguese by Editora Paz e Terra (Rio de Janeiro). The book by Gustavo Gutierrez, *Teología de la liberación*, was published in Spanish in 1971, and in English in 1973.



dialogue of the publication process. In a letter written in Santiago de Chile and dated September 11, 1968, Paulo Freire writes by hand, informing that in January of the next year he would be in New York for a meeting promoted by the *Catholic InterAmerican Cooperation Program* (CICOP), and that on the occasion he would like to meet with Shaull to ‘chat about topics of mutual interest’. The letter mentions a training seminar with evangelical groups from 10 countries in Latin America and another one scheduled with Brazilian theologians: ‘Next month, probably, I will have here a group of Brazilian Catholic theologians who have just presented an excellent document at an international congress about teaching catechism (I do not like this concept) in Colombia. I would like to exchange ideas with you about all of these things’. The letter ends with references to a certain complicity between two exiles, one of them in his own country after being expelled from Brazil, and another in a borrowed country: ‘Since I know that you are occupied, I write you in advance to find out whether it would be possible for us to see each other, after the CICOP meeting ends. Awaiting your news, please receive a fraternal embrace from your friend and admirer (Paulo Freire)’.

The content of this letter reveals, beyond personal admiration, the involvement in progressive sectors of the churches, with the movement of resistance to dictatorships, respectively, of the transformation of their societies. These were movements inside the churches of the North and South, Evangelical (Protestant) and Catholic, uniting around issues that affected the society of their time. Richard Shaull answered a week later, on September 18, in a letter written in English.

The letter clearly indicates that the relationship of friendship between the two extended into the intellectual field. Shaull writes:

My dear friend Paulo Freire: Your good letter which arrived yesterday served to perturb my conscience and to remind me how delinquent I have been in responding to you. Your exciting letter of some months ago arrived here and I read it with great interest. Your discussion of the significance of the reality of oppressor-oppressed in the educational process fascinated me and immediately suggested a number of new thoughts, for which I am grateful.<sup>3</sup>

The dialogue continues in a letter of February 17, 1969, in which Shaull thanks Freire for his presence in Philadelphia, where it was possible ‘to get to know your recent work, and to feel the stimulus of your thought’. He shares that he holds weekly meetings with a very unusual group of young teachers to discuss the content of the new book. He also informs that the negotiations for the publication of *Pedagogy of the oppressed* in English are going very well. Herder and Herder are very interested and so are other publishers and soon he would get in touch again with a specific proposal. The letter ends: ‘With warmest personal regards, and thanks for all that you have done for us while you were here, I remain, Sincerely yours (Richard Shaull)’.

Thus one comes to the preface that Shaull (1972: 11) writes for *Pedagogy of the oppressed*. Already in the first paragraph he records what motivated the approach between the author and the writer of the preface, between the educator and the theologian: ‘Education is once again a subversive force.’ Referring to several of the many authors, with different theoretical shades, Shaull concludes: ‘He has made use of the insights of these men to develop a perspective of education which is authentically his own and which seeks to

---

<sup>3</sup> In Shaull’s file, the letter to Freire which he referred to was not found. It is perceived, however, that Freire was seeking interlocutions about topics of his new book .

respond to the concrete realities of Latin America.' And in a grave tone he denounces the sterility of large part of academic work:

Fed up as I am with the abstractness and sterility of so much intellectual work in academic circles today, I am excited by the process of reflection which is set in a thoroughly historical context, which is carried on in the midst of a struggle to create a new social order and thus represents a unity of theory and *praxis*. (Shaull 1972, 12)

He points out the relevance of the book for the North American context, especially for the struggles of the blacks, the Latino migrants and the young. Also the imminent danger that technological society will transform people into objects programming all of them to conform with the logic of the system. The culture of silence went beyond geographical and ideological frontiers.

Shaull and Rubem Alves

No less revealing were the findings regarding the relationship between Richard Shaull and Rubem Alves, one of the most instigating and restless thinkers of his generation. This relationship is well described in the biography of Rubem Alves by Gonçalo Junior (2015: 153-156). He tells how the arrival of a young professor who had been expelled from Colombia as subversive, created 'confusion' in the seminary, due to his revolutionary ideas. Beyond innovative theological ideas, Shaull organized a group of students who, inspired by the experience of the worker-priests in France developed a project in the factories of Vila Anastácio, in São Paulo. Rubem was among them.

In the obituary published in the *Correio Popular of Campinas* on November 10, 2002 Rubem Alves tells that what intrigued and delighted in this new professor was that he did not show any interests in things pertaining to Heaven, but concerned himself with the realities of people on Earth. This was the fundamental lesson of theology: 'The problem of Heaven, God has already solved for us; there is nothing that we have to do. Since the problem of Heaven has been solved, we are free to take care of Earth, which is our destiny...' This view is clearly reflected in the thesis defended by Rubem Alves at the Princeton Theological Seminary, published under the title *A theology of human hope* (published in Brazil as *Da esperança (On Hope)*).

'Dick Shaull taught me to think.' That is how Rubem Alves summarizes what he learned from Shaull. He tells how, after a test, he went to ask why he had only received a 9.0, when in his opinion he had deserved a 10, because he had written everything the professor had said. And the answer, unexpected for the self-confident student: 'That is the very reason. You only repeated my thoughts. Reading your test I learned nothing. I expected to find your thinking in the test...' Shaull helped shake forever after the certainties of this young seminarian who, at the death of this mentor and friend, wrote about himself:

Whoever has already encountered truths, no longer looks for them. Certainties then rock intelligence to sleep. It is tranquilizing to know that one possesses truths. [...] I was so convinced of my future path that I had even enrolled in a school where certainties and prohibitions are taught, a seminary, because I wished to lead souls along the path I was following. [...] Then, the unexpected happened. A man appeared in my path, walking the other way. Astonished, I asked myself if he did not realize that he was walking in the wrong direction. Then we approached, stood before each

other, and I looked well into his eyes, and saw reflected there as in a mirror, a world that I had never seen, the world that was behind me, the world that I was fleeing in search of heaven. (Alves, 2002)

The other world which opened itself was a world without certainties and prohibitions, a world where there were horizons, possibilities, directions, freedom. 'And that is how I have gone through life, without certainties and prohibitions... All because of that man's gaze.'

Shaull and Fals Borda

Although I did not find copies of an exchange of letters between Richard Shaull and Orlando Fals Borda in the archive, it is very likely that the mark of Shaull's thinking and acting was as strong or stronger in his life than in that of Rubem Alves. In his book of memoirs, Shaull refers to the outstanding Colombian sociologist who produced important research on the violence in Colombia. He mentions that 'in 1950 Orlando Fals Borda was a young university student and he was the director of the choir at the church where I was a pastor'. (Shaull, 2003: 66)

In several autobiographic writings Shaull refers to his pastoral effort in working with young people in the Presbyterian communities of Colombia where he worked, Barranquilla and Bogotá:

My major attention focused on the young people in the Presbyterian churches. I invited them to go with me to the slums and rural areas, to take part in programs of literacy, lay education and evangelism. I was heartened by their response; at the same time I slowly began to realize that our efforts were of little value. Only fundamental structural changes would improve the lot of the dispossessed; and yet the whole liberal 'democratic' political system functioned to preserve and legitimate the status quo. I was deeply disturbed when I had to leave Colombia in 1950. I also sensed that I had reached the end of the road. (s/d - a: 5)

It is in Fals Borda's testimony that the relationship with Shaull becomes clearest. He says that he was not only the conductor of the church choir, but also director of the Presbyterian Youth Center (CJP Centro Juvenil Presbiteriano) in Barranquilla. He recalls the pastor with these words: 'The church pastor was Richard Shaull who would later be one of the initiators of theology of liberation.... He has a very distinct concept of the pastor, and gave this social, youthful dimension to the CPJ' (Fals Borda 2006, 57). A great friendship with Shaull remained, which extended to Bogotá where Shaull was pastor and Fals Borda began his career as a sociologist, and was once more invited to conduct the church choir. Both met again in Geneva, when Fals Borda had already left the university and was working at the United Nations. The topic chosen, 'Subversion and development in Latin America', according to him, was premonitory, because it represented the attempt to focus on subversion from a positive viewpoint, against the negativity assigned to the concept by common sense.

### **Transgression: its meanings and manifestations**

Among the alternatives to discuss the thinking of Richard Shaull and place him in a dialogue with Paulo Freire, Orlando Fals Borda and Rubem Alves, I chose the idea of transgression.

The etymology of the word itself helps us construct the scope of the arguments presented below. The verb *to transgress*, formed by the Latin verb *gredir* (to go, to march) and by the prefix *trans* (beyond, through) signals a movement that may have several meanings or understandings, and can also take on different forms, depending on the historical and social context. As the point of departure we take key topics of Richard Shaull's thinking to then establish a few relations that will seem rather evident to readers who are familiar with the three interlocutors selected, and which unfortunately cannot be further discussed because they are outside the scope of this article.

In the sermon "The Intellectual as transgressor" given by Shaull on March 3, 1968 at the Princeton Theological Seminary we have a good synthesis to begin our discussion.<sup>4</sup> In this sermon he cites an interview given by Régis Debray, a young French philosopher who had been sentenced to 30 years in prison in Bolivia because of his involvement with the guerrillas. In this interview Debray says that 'he who aspires to be an intellectual should be a revolutionary, because every true intellectual tries to recreate the world in terms of ideas.' Speaking amid the student movement which was taking over universities, Shaull states that this new generation of students helped see that intellectual effort is not worthwhile if it contents itself with less than recreating the world. As a theologian, he seeks in the stories, myths and symbols of Christianity the elements to undertake life and history as a pilgrimage in search of new forms of human experience in new social orders.

In the abovementioned sermon he explores three examples to relate these stories, myths and symbols to the present situation. The first of them is that intellectual vitality is associated with radical iconoclasy. Creative thinking depends on the intellectual having the freedom to destroy idols and denying the order of things 'as they are'. In other passages he argues, theologically, that the radicalness of human action is directly related, paradoxically, to *radical transcendency*, in other words, to know that the construction of society is a task for men and women liberated from (or sentenced to?) living without absolutes, which belong to another sphere, only accessible in signs of human action itself. According to him 'the Kingdom of God is always in a state of tension with any social and political order, exposing and judging their dehumanizing elements' (Shaull, s/d -b). There are times in history when the crisis of the institutions and the respective revolutionary struggle may coincide with the humanizing will of divine providence in the world.

The second aspect emphasized in the sermon is the Messianic character of Judeo-Christian symbols. As even today, the idea of Messianism had a dubious if not negative connotation. Shaull is aware of this and explains that the original force of the concept of Messianism consists in focusing on human beings not as they are, but as they could become through their efforts to create a new future. This Messianic or Utopian vision, characteristic of communities that aim to build a new future, was to a great extent absent in the intellectual world.

Finally, Shaull highlights the image of death and resurrection as a parameter to understand societies. Modern liberalism, on which democracies are sustained, is spending its energies to ensure the status quo and doing all it can to escape from death. The metaphor of death and resurrection is thought to be affirming the need for a disposition to die in order to allow something new to arise.

---

<sup>4</sup> For an analysis of the Theology of Richard Shaull and his contribution to theology in Brazil, I refer to the book *Fé e compromisso*, by Eduardo Galasso Faria (2002).

And I would further contend that our world today very much needs a new generation of men and women who will approach the intellectual task in this spirit, who will have no hesitation in getting rid of the unburied dead in the realm of ideas, and will submit their minds and lives to the type of experience and discipline that opens the possibility for creative thoughts on new frontiers.

These force-ideas are strongly present in the thinking of these three authors and of a generation of Latin American intellectuals who in their own way dared transgress. I now underscore a few aspects of the life and work of these Latin American academics, where the transgression referred to by Richard Shaull is present, around two topics in the relation with knowledge and in the relation with the vision of society.

### Transgression and knowledge

Transgression begins 'at home', with oneself and one's work. Rubem Alves expresses this very strongly and ironically in his *Estórias de quem gosta de ensinar* (Stories of who likes to teach) (1984a). Suffice it to see the title of some of them: "The 'know-all' technicians", "The feeding habits of science" and "Prostitutes and Madonnas." In one of them, "The vultures and the thrushes", the vultures, birds wearing academic gowns but without any penchant for singing, decide to become great singers and for this purpose they open schools where they bestow a degree and a hierarchy on initiates in their singing, even if they are out of tune and completely charmless. At this time the forest is invaded by a multitude of birds with their beautiful voices and different songs. Thwarted in their desire to control the singing, they decide to expel from the forest the birds who sang without permission. 'The Moral is: In a country where vultures have a degree, no thrush is heard singing.' This is the denunciation of the monopoly of knowledge that science cannot arrogate for itself. This absolutization of technical and scientific knowledge, despite all advances of technology, means the atrophy of the capacity to relate with the world and with others. In terms of education, he will say, school operates the miracle upside down. It receives children of flesh and blood transforming them into wooden puppets. It is the story of "*Pinóquio às avessas*" ("Pinocchio the wrong way round") (1984a: 9). Rubem Alves explored this multidimensionality of knowledge in his work, in which he combined language in the best classic academic style, as in *Protestantismo e repressão* (*Protestantism and repression*) (1979) with texts that mix stories and poems, as in *O poeta, o guerreiro e o profeta* (*The poet, the warrior and the prophet*) (1992) and *A festa de Maria* (*Mary's feast*) (1997).

In Orlando Fals Borda transgression takes on a more explicitly sociopolitical character, although it agrees with many criticisms of the science taught at schools and universities, as denounced by Rubem Alves. Fals Borda, the colleague of Camilo Torres in creating the Faculty of Sociology at the National University in Bogotá, discovers in his practice that the references that he had been taught in Europe and in the United States, with a positivistic functional line were of no use to him as tools of transformation in Colombian society, especially to deal with the problem of violence. 'One talks about the social fact, the social problem, facts. Already one talks about facts it is not very trustworthy, it is limited. A fact may be positive or negative. A fact is analyzed and measured, it is a matter of understanding and that is that' (Fals Borda 2006, 71).

That is how he and his Colombian team develop a research proposal that became known as *Investigación Acción Participativa* (Participatory Action-Research) (IAP), combining classical action-research with an expanded notion of participation, both in methodological

terms and in terms of political radicality. The traditional subject – object relationship between researchers and ‘researchees’ is broken up, and popular knowledge is acknowledged as something valid and people as able to participate in interpreting their world. The classical academic discourse is seen as tautological and unable or insufficient to produce knowledge that will lead to creating alternatives that will not come from erudite books but from the action of those who seek change. The rigidity of university led Fals Borda to abandon his position as professor and researcher, to which he returned after 18 years.

The transgressing perspective of Paulo Freire is similar to that of Orlando Fals Borda at least in two senses: a) in valuing popular knowledge not only as the point of departure to enter erudite or scientific culture, but as having its own legitimacy, which can be problematized just like scientific knowledge; b) in building the capacity of segments of the historically excluded population to become an active part of the society in which they are integrated in a subaltern, when not degrading form, from the point of view of conditions of citizenship and humanity. The transgression for which Freire was punished with an exile that lasted 15 years consisted of unveiling the non-neutrality of education and uniting learning literacy with other possibilities of reading the world. Poet Thiago de Mello (*in* Freire 1980: 27) captured the movement of awareness building feared by the status quo in a masterful manner in his “Canção para os fonemas da Alegria” (Song to the phonemes of joy). According to the poet, phonemes:

These are magic signs that blossom / a constellation of sunflowers turning/ in circles of love that suddenly/ break out like a flower on the house floor.

Sometimes there is not even a house: it is only the floor/, but on the floor who now reigns is a different /man who has just been born.

Because joining pieces of words/ slowly he joins together clay and dew/sadness and bread, yoke and hummingbirds,

And ends up by joining his own life / in his chest that is split and split again / when finally he discovers in a flash twice divided/ That the world is also his [...]

As Paulo Freire will explain in other passages, it is the movement of the word to the world, and from the world to the word, where words are not learned mechanically, but in their relationship with life experience and life context. That is why literacy is then seen as a political act and an act of knowledge whose subject is the ‘educatee’ (Freire 1982, 22). It is the learning of these *words pregnant* with the world that represents transgression in a society where, at the time of the pioneering experiences at the beginning of the 1960s, reading was the privilege of approximately half of the population, and reading transformed into a way of telling one’s world the privilege of an even smaller group.

### **Transgression and society: rupture and transitions**

In 1965 Richard Shaull published an article titled ‘Uma perspectiva cristã do desenvolvimento histórico e social’ (A Christian perspective of historical and social development) in which he defines development as a historical process ‘which represents an effort to create favorable conditions for human life, by using technology and the reorganization of society’ (Shaull, 1985: 111). The backdrop is the situation of poverty imposed on a large part of the Latin American and Third World population in general by national elites with the support of international powers, on the one hand, and the mobilization of the masses that sought spaces for participation and therefore were being

muffled by dictatorships that spread throughout Latin America in the second half of last century.

In other words, it was a period when the word revolution was part of everyday life in society and formed the agenda of academic discussions. Richard Shaull, amid the Cold War, which divided the world between Capitalists and Communists, acknowledges that societies are undergoing a time of transition that offers the opportunity to recreate obsolete social structures which ensure injustice:

There is, as I see it, one promising sign of a new day. Out of this same matrix of frustration and anguish, a new community is emerging, whose members not only understand the problem and are convinced that radical changes are urgently needed, but are also committed to working for such changes and are seeking a strategy by which to do so. I refer to the new revolutionaries and the new movements in which they are involved. (Oglesby and Shaull 1967: 180)

Revolution, for Shaull, has a very concrete connotation of profound social changes, both in the First World and in the Third World. There is no ready project for society to be built, and there is no set of strategies that might ensure success. For him, a revolution can only become close to achieving its objectives if it can create institutions in which self-criticism and sensitivity to discontent are incorporated into their structures. Based on his theological-Christian vision, he criticizes the two large lines that inspired the revolutions in the second half of last century: Marxism and existentialism. Marxism, which presents an attractive Messianic perspective, has, however, excessive confidence in human reason to organize history and thus creates a closed historical interpretation, which in turn limits the creative relationship with reality and threatens the freedom of men and women as subjects of history. Existentialism in its turn affirms the freedom of an individual to create their future and acknowledges the complexity of the historical process, but lacks the foundation to provide history with 'meaning' as a sphere of human achievement (Shaull s/d -b: 52).

Among the three interlocutors chosen, Orlando Fals Borda is certainly the one who goes furthest in the idea of social transformation in Latin America. Like Shaull, he argues, in the book *Las revoluciones inconclusas em América Latina: 1809-1968* (The unfinished revolutions in Latin America: 1809-1968) that in Latin America and in other parts of the world we are undergoing a time of historical subversion in which the bases of a new society are formed. One of his premises is that also concepts need to be read in relation to their social context, from which meanings are assigned to them. Thus, in books and dictionaries, the concept of subversion has a negative meaning, and subversives are seen as antisocial and enemies of society. In the sense turned towards ongoing revolutionary changes, there would be a new meaning:

Subversion is defined as the condition or situation which reflects the internal incongruities of a social order discovered by its members in a given historical period, in the light of new goals (Utopia) which a society desires to attain. (Fals Borda, 2009: 392)

Creating another *topia* for Fals Borda goes through what he calls *socialismo raizal*, i.e., a socialism deeply rooted in the history of Latin American colonialism. He does not present the design of a project of society, but highlights values that are present in society, although in a subaltern form, in marginalized peoples, and that can support the reconstruction of

Colombian society. These are the originary indigenous peoples, with their values of solidarity; the blacks of the *palenques* with their struggle for freedom; the peasants and artisans of Hispanic origin with their notion of dignity; and the farmers of the agricultural interior with their search for autonomy.<sup>5</sup>

Paulo Freire's writings in the 1960s and 1970s are equally marked by the notion that something 'new' was being gestated or forged in Brazilian society. From a closed society there appeared to be a transition to an open society, with the possibility that everyone might participate; from a naïve and acritical consciousness, they were going over to a critical education where men and women see themselves as makers of culture, namely, of their world. It is the passage from man-object to man-subject. In other words, transitioning, different from the simple modernizing adaptation, implies qualitative changes in relations among men, and between these and their world.<sup>6</sup>

In *Pedagogy of the oppressed* this vision becomes more profound (becomes radicalized) and expands through the experience of the Latin American dictatorships and exile, also because of the incorporation of new bibliographic references, as can be seen in the many footnotes of this book, including theological ones. Dialogue is tensioned with conflict in a class society; transit to one type of society gives place to the idea of liberation as a 'painful childbirth' (Freire, 1981: 36). The same metaphor –of death and life– which we saw in Shaull acquires a strong presence in the revolutionary vision now taken up and that becomes more profound and expands in his later work with the World Council of Churches.<sup>7</sup>

The revolution is biophilic, it creates life, even if to create it, it is obliged to stop lives that forbid life. [...] There is no life without death, and there is no death without life, but there is also a 'death in life'. And 'death in life' is precisely the life forbidden to be a life. (Freire, 1981: 201)

Rubem Alves, another of our interlocutors, announces in his doctoral dissertation (Alves, 1972) a messianic humanism that is based on the human capacity to transcend, and liberation is a strictly human conquest. This, however, will only be possible with the liberation of the people's consciousness attached to structures that oppress them. This domestication of consciousness leaves man attached to the present with two definitely unpromising alternatives: on the one hand, the hopeless story connected to cynicism and despair; and on the other hand hope without a story, that ultimately is victimized by its romanticism because it does not evaluate the historical conditions. According to him 'Never hope without history and never history without hope' (Alves, 1972: 100). In language very similar to Paulo Freire, he writes that 'to free itself from the oppressed, the lamb must become a lion, the slave must become a warrior. The wish for liberation is expressed as power against those who make liberation impossible' (ibidem: 124).

Later, Rubem Alves will attempt other languages of transgression, but always betting on the human capacity to transcend in search of freedom. Men and women are not made to be domesticated ducks that, happy in their enclosure, receive their feed until their owner decides to roast them. Human beings have a vocation to become wild geese, although to practice this vocation they must be aroused and trained (Alves, 1984b). In another passage, he asks whether in the beginning there was the garden or the gardener. And he answers: 'It

---

<sup>5</sup> See João Colares da Mota Neto, *Por uma pedagogia decolonial na América Latina* (2016).

<sup>6</sup> In *Educação como prática da liberdade* Paulo Freire spells out this vision of society and of change.

<sup>7</sup> See Balduino A. Andreola and Mario Bueno Ribeiro, *Andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI*.



is the gardener. If there is a gardener, sooner or later a garden will appear. But if there is a garden without a gardener, sooner or later it will disappear. What is a gardener? A person whose thinking is full of gardens. And his disquieting question: "But where are the gardeners?" (*apud* Júnior, 2015: 7). The role of education as a transgressor consists for him in sowing and cultivating dreams and hopes. 'Utopias: like the stars they will never be reached. But how sad the nights would be without them. And how could sailors find their way?' (Alves, 1991: 118).

### **Final considerations**

Once upon a time.... Once upon a time? On the one hand, revisiting the thinking of these four intellectuals seems like a futile exercise of recalling a reality very different from the present one. One no longer talks about revolution; the subversives have become terrorists; society has its progress and fate ensured by the rules and moods of the market; social networks have done away with solitude and promote human solidarity; and, after all, the world is an almost perfect place for people who make use of opportunities. On the other hand, we know well from the data, from analyses and from what we see on the streets and in our houses that this is not the entire story and the entire reality.

Therefore revisiting the thinking of these intellectuals becomes really interesting and relevant. First of all, because they place explicitly on the agenda the topic of humanization as an historical task, beyond the futuristic and metaphysical visions. Theology itself does this movement of secularization and with this provokes an effect of questioning on all ideologies that think themselves absolute, including closed versions of Marxism that captivated the imagination of the revolutionaries. The very human 'nature' is built in the permanent tension between the possibilities of humanization and dehumanization. Neither Christianity nor the supposed 'original nature' of Rousseau and other Illuminists supplies ready models for this human construction

It makes a lot of sense to return to this discussion, now with other theoretical tools and with other challenges of the economic, social and political reality. Suffice it to cite two of them as an example. If in the first decades of the second half of last century the discussion focused on the imposed modernization that was opposed to endogenous development, today the new information and communication technologies place the discussion of the 'human' on another level. We ask ourselves, perhaps even more radically, what it means to be human with the growing breakdown of barriers between the natural and the artificial, between proximity and distance; between past and future.

The second example refers to the changes in society and the reading made of them. Economic globalization created other forms of exclusion and oppression that, similarly or even more dramatically, present challenges to humanization. There are, however, today as in the past decades that we discuss in this reflection, other forms of resistance and contestation that seek to develop emancipatory options, which brings us to the epigraph in which Shaul reminds us that 'human existence is a constant struggle for liberation' and that in this struggle we are occasionally –'surprised by new possibilities of meaning and fulfillment in individual and collective life'. He witnessed a way of reading and interpreting these possibilities.

All four interlocutors in this text have questions for the role of the academic and the intellectual. Beginning with the impossibility of a production of neutral knowledge, each of them seeks ways to make of their intellectual activity a political tool for liberation and/or emancipation. They take on a radicalness that opposes sectarianisms. A radical is he or she

who attempts to reach the roots of the issues in an archeological process, in a continuous reconstruction of the processes of oppression. A sectarian, on the other hand, is someone who is attached to history, or to the eternal present, or who tries to classify it within their thoughts and projects. In times of fundamentalisms of all kinds –religious, political and cultural– nothing less timely than to revisit the discussions of that time.

It should also be noted that we are dealing with intellectuals from different fields who meet for a fruitful dialogue that can inspire us to new dialogues and not the simple adaptation or loaning of concepts and ideas among disciplines. The theologian, the sociologist, the educator, the philosopher all contribute with their instruments, theories and practices to an exercise of reflection about human beings and their world with the humility of someone who is aware of the finitude of their thinking and acting, but at the same time takes on a commitment to values of humanization that transcend the disciplinary idiosyncrasies.

Transcending and transgressing, according to Shaull, Freire, Fals Borda and Rubem Alves are necessary in the light of their reading of their world. Thus they present important questions to think about our role as academics and intellectuals. What are today the places that present themselves as frontiers to be transgressed? What elements do we create to construct new *topias*? With whom do we dialogue to construct them?

## References

- Abreu, F. H. (2015) *Do protestantismo de missão ao protestantismo social: história da militância ecumênica no Brasil*. Tese de doutorado no publicada, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.
- Alves, R. (1972) *A Theology of Human Hope*. St. Meinrad, Indiana: Abbey Press.
- Alves, R. (1979) *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática.
- Alves, R. (1984a) *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez Editora.
- Alves, R. (1984b) *Estórias para pequenos e grandes*. São Paulo: Paulinas.
- Alves, R. (1992) *O poeta, o guerreiro e o profeta*. Petrópolis: Vozes.
- Alves, R. (1997) *A festa de Maria*. São Paulo: Papirus.
- Alves, R. (2002) 'Obituário'. *Correio Popular de Campinas*, 10 de novembro.
- Andreola, B. & Mário, B. (2005) *Andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI*. São Paulo: ASTE.
- Fals Borda, O. (2006) 'A semente tem sua própria dinâmica: sobre as origens e os rumos da *Investigación Acción Participativa* (IAP).' Entrevista realizada por L. Cendales, F. Torres & A. Torres, en C. R. Brandão & D. R. Streck (eds.) *Pesquisa Participante: O saber da partilha*. Aparecida: Ideias e Letras.
- Fals Borda, O. (2009) *Una sociología sentipensante para América Latina*. V. M. Moncayo (ed.) Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso.
- Faria, E. G. (2002) *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE.
- Freire, P. (1972) *Pedagogy of the Oppressed*. New York: Herder and Herder.
- Freire, P. (1980) *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- Freire, P. (1981) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1982) *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez Editora.
- Júnior, G. (2015) *É uma pena não viver: Uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil.

- Gutiérrez, G. (1971) *Teología de la liberación: Perspectivas*. Lima: CEP.
- Mota Neto, J. C. (2016) *Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV.
- Oglesby, C. & Shaull, R. (1967) *Containment and Change: Two Dissenting Views of American Foreign Policy*. New York: Macmillan.
- Shaull, R. (1968) *The Intellectual as Transgressor*. Non-published sermon, Schwab Auditorum, Princeton Theological Seminary.
- Shaull, R. (1972) 'Foreword.' In P. Freire, *Pedagogy of the oppressed*. New York: Herder and Herder.
- Shaull, R. (1985) *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. R. Alves (org.) São Paulo: Sagarana.
- Shaull, R. (2003) *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo*. Rio de Janeiro: Record.
- Shaull, R. (s/d – a) *Reflections on my Years in Brazil*. Manuscript.
- Shaull, R. (s/d – b) *As transformações à luz de uma Teologia Evangélica*. Petrópolis: Vozes.

## Os *Anales del Museo Nacional de México*: sua importância histórica para construção da identidade nacional

Ana Carolina Machado  
Universidade Estadual de Campinas,  
Brasil

**Abstract:** This article proposes to analyze the *Anales del Museo Nacional de Mexico*, created in 1877 by the National Museum of Mexico, as an instrument of construction of Mexican national identity and history. From the theoretical perspectives of Cultural History, with the discussion of memory and history, the intention is to develop a new idea to the debate on the Mexican political and intellectual context and on the study of the pre-Columbian past for the construction of a national identity. The *Anales* were a magazine that emphasized historical, anthropological, archaeological, botanical and zoological studies of objects belonging to the pre-Hispanic societies. The publication represents an effort by the board of the National Museum of Mexico in making public this material.

**Keywords:** *Anales del Museo Nacional de México*, national identity, History, Memory, *Museo Nacional de México*, Mexican History

---

### 1.

Os *Anales del Museo Nacional de México* tiveram início em 1877, e foram encerrados em 1977, totalizando 100 anos de contribuição intelectual para a análise do passado mexicano. Tal produção ocorreu a partir do esforço de intelectuais como Francisco del Paso y Troncoso, Gumesindo Mendoza, Alfredo Chavero, José María Vigil, Manuel Orozco y Berra, Joaquín García Icazbalceta, Cecilio Robelo, Manuel Garrio, entre outros, de construir um alicerce para o estudo do passado mexicano. A intenção desse artigo é discutir a importância dessa documentação para se entender a relação entre Estado e intelectualidade no esforço de criarem as bases da História e Memória mexicanas.

Em janeiro 1877, essa relação entre editores dos *Anales*, diretoria do *Museo Nacional do México* e governo fica mais estreita, quando o próprio Porfírio Díaz<sup>1</sup> autorizou o financiamento da impressão, caracterizando-a como gastos para instrução pública, 'Debido a los acontecimientos históricos que se sucedieron, poco más pudo hacer y poco más se había hasta la llegada de Porfirio Díaz [...], que a todos los efectos fue el auténtico impulsor de esta institución' (García, 2005: 306).

Com o nome *Anales del Museo Nacional de México* foram publicados até 1908, chamados de 1ª época (1877-1903) e 2ª época (1903-1908). De 1909 a 1913, foi lançada a 3ª

---

<sup>1</sup>O governo de Porfírio Díaz, o *Porfiriato*, ocorreu entre 1877 e 1911, mas não foi contínuo. Entre 1880-1884 o presidente foi Manuel González, que manteve a mesma estrutura e recebia auxílio de Díaz, que se manteve como governador de Oaxaca.

época, intitulada *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografía*<sup>2</sup>. Devido à Revolução e às turbulências políticas que o país enfrentava, a 4ª época começou somente em 1922, e terminou em 1933. As 5ª, 6ª e 7ª épocas, de 1934 a 1976, foram chamadas de *Anales del Instituto Nacional de Antropología e Historia*, por conta da fundação do instituto homônimo em 1934<sup>3</sup>. O último volume foi publicado em 1977, como *Anales de Arqueología e História*.

A primeira época tocou temas relacionados à história, arqueologia, tradução e interpretação de códices, tratados de idolatrias, filologia, paleontologia, antropologia e estudos artísticos e estéticos das peças do *Museo*. A segunda época também enfatizou essa temática, o que reflete o interesse intelectual do período em se desvendar o passado pré-hispânico.

Nos primeiros números percebe-se a influência positivista oitocentista na busca de documentos inéditos que ditariam os fatos da história americana. Porém, esses intelectuais mexicanos não só publicavam fontes documentais, mas também as interpretavam a partir de diversos vieses analíticos. Isso já é visível dentro do tomo I de 1877, onde o autor Gumesindo Mendoza (1877) elaborou um estudo filológico e linguístico comparando o *náhuatl* com o sânscrito, o grego e o latim e justifica tal estudo com a ideia de uma mesma origem das línguas vernáculas asiáticas e europeias. Uma clara tentativa de se encontrar elementos universalizantes dentro de culturas tão díspares como que, no fundo, dissesse: *nós* (civilizações americanas) não somos tão o *outro*. Diz:

[...] los filólogos de grande autoridad por sus estudios muy severos en las lenguas indo-europeas, han llegado á concluir, que todos ellos, [...] han provenido de la lengua de los Brahmas; lengua la más rica y armoniosa, y en la que se han expresado y escrito las más altas y grandes concepciones del pensamiento humano en religión, en derecho, en filosofía [...]. Los filólogos de nuestro Continente, [...] han comenzado á trabajar en el mismo sentido que los Europeos [...] (Mendoza, 1877: 76)

Apontar que todas as línguas conhecidas vieram de uma mesma matriz significa alçar o *náhuatl* ao patamar dos idiomas indo-europeus. Era um discurso que legitimava a importância da cultura pré-hispânica e colonial, era a aproximação acadêmica entre Europa e América.

O olhar editorial foi se modificando ao longo das décadas. Cada vez mais o foco se direcionou à análise das documentações publicadas, realizando uma espécie de revisionismo histórico dos primeiros artigos da revista, discutindo, portanto, a própria ideia de História. Os *Anales* tornaram-se um dos mais importantes veículos da História oficial mexicana, produzida e autenticada pela elite intelectual do país.

No tomo VI dos *Anales*, por exemplo, encontram-se autores que relataram casos de idolatria e suas ramificações em variadas partes da colônia

Muchas de las preocupaciones y actitudes expresadas en el *Informe*, el cual se centra en la difícil empresa de extirpar las antiguas prácticas idolátricas en la península de

---

<sup>2</sup>Em 1909 foi criado o Departamento de História Natural, um braço independente do museu. Assim, os *Anales* deixaram de publicar estudos sobre História Natural.

<sup>3</sup>Com a divisão do *Museo Nacional* entre *Museo Nacional de Antropología e Museo Nacional de História*, o nome da revista foi atrelado ao *Instituto Nacional de Antropología y História* (INAH), pois o departamento de estudos arqueológicos, a direção de monumentos pré-hispânicos e coloniais e a Escola Nacional de Antropología passaram a atuar sob sua jurisdição.

Yucatán, encontram eco em várias fontes de outras áreas do Novo Mundo, tanto do século XVI como do XVII: do altiplano de México em las obras de Durán (1576-1579), Sahagún (ca. 1579), Mendieta (1596) y otros; de Oaxaca em las de Balsalobre (1654) y De la Serna (1656); en la de Ruíz de Alarcón (1629) de Atenango, Guerrero, como también del Perú en las obras de Acosta (1588) y Arriaga (1621), principalmente. (Gubler, 2007: 109)

A preocupação com as idolatrias em território colonial não era isolada e cada um desses religiosos escreveu tratados e manuais sobre quais condutas adotar e o que fazer nesse período de crise. Há semelhanças nas superstições relatadas, os indígenas mantinham ídolos, vícios, o desrespeito com a doutrina cristã, que já era ensinada há quase meio século. Há, também, semelhanças no tom desesperançoso dos religiosos, incrédulos com a manutenção das práticas e superstições não aprovadas pela Igreja. É aqui que se aplica a noção de pertencimento e sua distorção por meio da visão institucional: ser novohispano significava ser súdito real e cristão. Não havia outra possibilidade aos olhos da Coroa e da Igreja. Para a monarquia dos Áustrias, a Igreja e o Estado compartilhavam da mesma moral, que deveria ser repassada aos nativos. Aqueles que exerciam o poder oficial imprimiam sua autoridade perante o povo colonizado.

## 2.

A origem do *Museo Nacional de México*<sup>4</sup> remete à década de 1790, com a criação da *Real Expedición Botánica a la Nueva España* em conjunto com a *Real Expedición Anticuaria a la Nueva España*, que possuía um braço chamado *Junta de Antigüedades*. Nessas viagens exploratórias, vários objetos de sociedades pré-hispânicas foram coletados e enviados para a Universidade<sup>5</sup>, o local mais adequado para o armazenamento. Luis Gerardo Morales Moreno (1994) fala sobre uma *censura estética* em relação às peças naquela época, sobretudo o *Coatlicue*, o Calendário Asteca, o que indicava '[...] la desvinculación real, por parte de las autoridades eclesiásticas y civiles con el pasado indígena prehispánico' (Morales Moreno, 1994: 36). O estudo das antiguidades, segundo o autor, só teve apoio em 1825, em um acordo promovido pelo presidente Guadalupe Victoria<sup>6</sup> e conduzido pelo ministro das Relações Exteriores Lucas Alamán, para que '[...] con las antigüedades que [...] existen en esta capital se forme un Museo Nacional [...]' (García, 2005: 305).

O museu foi firmado como figura jurídica e legitimado pelo governo com o decreto de 21 de novembro de 1831, assinado pelo presidente Anastacio Bustamante<sup>7</sup>, que outorgava a concessão patrimonial sobre os bens culturais encontrados em território

---

<sup>4</sup>A partir de 1940, o acervo do antigo *Museo Nacional* foi enviado a novas instituições. Foram essas: *Museo Nacional de História* (1944); *Museo Nacional del Virreinato* (1964); *Museo Nacional de Antropología* (1964); *Museo Nacional de las Culturas* (1965) e o *Museo Nacional de las Intervenciones* (1981).

<sup>5</sup>A *Real y Pontificia Universidad de México* foi criada em 23 de setembro de 1551, uma das mais antigas da América. Lá foram abrigadas as peças que viriam a formar o *Museo Nacional*, e hoje fazem parte do acervo do *Museo Nacional de Antropología*. Foi desmembrada em 1910, com a criação da *Universidad Nacional Autónoma de México*, e, em 1982, criou-se a *Universidad Pontificia de México*.

<sup>6</sup>Guadalupe Victoria foi o primeiro presidente da República Federal Mexicana, com mandato de 1824-1829. Seu nome era pseudônimo de José Miguel Ramón Adaucto Fernández y Félix, criado a partir de dois elementos simbólicos: Nossa Senhora de Guadalupe, a protetora dos insurgentes e a vitória dos movimentos de independência.

<sup>7</sup>Trinidad Anastacio de Sales Ruiz Bustamante y Oseguera governou o país em três oportunidades: de 1830-1832 como parte de uma Junta Provisória; em 1837-1839 e em 1839-1841.

mexicano. Vale ressaltar que, desde 16 de novembro de 1827, a alfândega marítima e territorial proibia a exportação de antiguidades, demonstrando a preocupação em manter no país objetos significativos da história mexicana. Porém, foi a partir da década de 1860, quando o imperador Maximiliano I<sup>8</sup> considerou a *Casa de Moneda* como um local apropriado para a exposição das peças, que se discutiu a importância do museu como instrumento de educação pública, onde eram reunidos objetos de ‘utilidad y lustre nacional’ (Morales Moreno, 1994: 37). Depois, nos governos de Benito Juárez<sup>9</sup>, Sebastián Lerdo de Tejada<sup>10</sup> e Porfirio Díaz, houve apenas uma transição de armazenamento dos objetos para uma conservação pensada e estudada.

As peças museológicas conservam a memória cultural do povo e o museu representa os ideais pelos quais são designados determinados valores a esses bens, ou seja, evidencia as ações que convergiram ao *status* do acervo como representante cultural daquela população. O valor de representante cultural que é atribuído a uma coleção é um dado artificial baseado em variados aspectos, e culmina na intenção do momento.

O *Museo Nacional* foi um exemplo da importância do nacionalismo cultural mexicano para o fortalecimento do Estado-nação (Morales Moreno, 1994: 24). Os intelectuais tinham papel fundamental na consolidação da instituição como local de legitimação cultural, pois transformavam determinados mitos, símbolos e conceitos em *nacionais*. Compreende-se que elementos culturais pertencentes a civilizações díspares como a mesoamericana ou a novohispana ganhavam a alcunha de *aglutinadores* culturais. O que não significa uma homogeneidade social a partir de noções culturais consideradas nacionais, mas era parte da gênese do Estado-nação encontrar um denominador comum para uma recém-nascida sociedade independente. Esse controle da imagem e o seu significado para as massas não se restringia a ações museológicas. Serge Gruzinski (2006) cita a utilização da Virgem de Guadalupe como símbolo protetor dos insurretos durante as guerras de independência, que a classe política manteve após a liberdade. A Virgem se tornou emblema e marco oficial do novo governo até 1873, quando houve a separação entre Estado e Igreja. Contudo, sua força simbólica com as massas ainda é conservada (Gruzinski, 2006: 288-290).

O *Museo* não foi apenas responsável pela conservação e disposição do acervo, pois desenvolveu estudos e aulas técnicas de variadas áreas das humanidades e biológicas, e se tornou o maior centro de pesquisas históricas, antropológicas e arqueológicas do país. Entre 1867 e 1887, o *Museo Nacional* passou a adotar uma concepção educativa positivista (Morales Moreno, 1994: 38-39), e é nesse período que a educação patriótica era política pública para o estabelecimento do sentimento de nação. Os *Anales* são importantes para o estudo da construção da identidade nacional como projeto político devido a dois pontos principais: primeiro por terem reunido um grande número de intelectuais, conservadores e liberais, que buscavam interpretar o passado mexicano; e por estarem atrelados a uma instituição que obtinha auxílio do governo federal e que era parte da estruturação programada pelo mesmo.

Jesús Sánchez (1887), biólogo e pesquisador, começou seu ‘Informe al Secretario de Justicia e instrucción publica’, encontrado no Tomo IV, de 1887, dos *Anales*, com a seguinte declaração : ‘Desde el día en que el Supremo Gobierno me honró, confiando á mi incapacidad la direccion del Museo Nacional [...]’ (Sánchez, 1887: 03). Fica clara sua

---

<sup>8</sup>Foi de 1864-1867, o primeiro e único imperador do Segundo Império Mexicano.

<sup>9</sup>Foi presidente entre 1858-1861 como interino, e depois entre 1867-1872.

<sup>10</sup>Lerdo de Tejada governou de 1872-1876.

nomeação para Diretor da instituição pelo governo federal, demonstrando uma aliança que ultrapassava o nível ideológico e alçava o político. Ele continuou:

1º. Procuré adquirir varios objetos antiguos de inestimable valor para nuestra historia [...]. Este tesoro dará tal vez más tarde resultados prácticos, pues la descifracion de los geróglifos esculpidos en esas piedras revelarán episodios desconocidos del mundo antiguo, confirmarán hechos que hoy se tienen por dudosos, ó rectificarán otros que pasan como la expresion de la verdad histórica. (Sánchez, 1887: 03)

Dessa forma, descreveu as diretrizes que o *Museo* seguiria em sua administração. Observa-se que os objetos pertencentes às sociedades pré-hispânicas, de valor inestimável, representavam uma aprendizagem sobre as próprias origens, a expressão da *verdade histórica*. O *Informe* continuou:

2º. Si las naciones cultas como Alemania, Francia, Inglaterra, Italia y los Estados Unidos, gastan sumas de cuantía en la adquisición y estudio de las antigüedades de Egipto, Grecia, China, México, etc., es justo que nosotros demos la importancia que las nuestras se merecen, y por esto que la protección que el Gobierno dispensa al Museo, será siempre estimada en lo que vale, por toda persona ilustrada amante del progreso de este país. (Sánchez, 1887: 03)

Vê-se a comparação legitimadora entre o Novo e o Velho Mundo, as influências dos pensamentos europeus e norte-americanos na maneira de pensar o papel do museu como propagador e alicerce da memória do país. Sanchez ressaltava a história mexicana como merecedora de atenção e reconhecimento como as sociedades egípcias, gregas ou chinesas, que recheavam os museus da Europa. É um discurso político para validar suas origens como importantes, dignas de estudo e de memória. Além disso, falava do lugar de um intelectual *ilustrado*, amante do progresso do país, e que conseguiria entender, assim como seus iguais, os esforços em se reavivar uma memória *mexicana* visando o desenvolvimento da sociedade.

No fim do *Informe* ele definiu os objetivos da instituição e apresentou as ideias basilares para a representatividade da instituição. O museu se auto intitulava uma *escuela popular* (Sánchez, 1887: 04) no sentido de transmissor de saber, indispensável para o desenvolvimento crítico do cidadão, ou seja, um instrumento condutor da história do México. A intenção de Sanchez era delimitar as políticas que seriam seguidas com a exposição da coleção permanente na *Casa de Moneda* e com a divulgação dos estudos da revista. No 'Prologo a los Anales del Museo', Gumesindo Mendoza (1877) corroborou a visão de Sánchez e, ao apresentar a publicação, afirmou:

Las columnas de esta publicación quedan abiertas para todo el que tenga algo que descifrar, algo que decir útil acerca de tantos y tantos objetos naturales que abundan en nuestro país. El gobierno general que han fundado este útil establecimiento ha comprendido que al fundarlo, fue su objeto vulgarizar los conocimientos científicos y difundirlos entre todas las clases sociales de nuestra sociedad. Por tanto, el gobierno actual apoya y fomenta los trabajos comprendidos en este sentido. (Mendoza, 1877: s/p)



O governo como financiador e apoiador do projeto tinha por objetivo alcançar todas as classes sociais, ou seja, a instituição aparece como um dos braços que alicerçaram a identidade nacional mexicana.

### 3.

Hira Gortari de Rabiela (1982) diz que a transformação do México em uma *nação* não se deu no ato da independência. Foi necessário um período formativo e de estabelecimento das bases para a unificação, que só teria ocorrido no final do século XIX. Fatores como as ameaças ao controle e unidade territorial e as diferenças culturais dentro do novo país foram apontados como obstáculos para a integração, que só teria ocorrido nos períodos da República restaurada (1867-1876) e no Porfiriato (1877-1910) (De Gortari Rabiela, 1982: 263).

No início do século XIX, com a instabilidade econômica, social e política, o México sofreu perda de parte do território para os Estados Unidos em 1846 e 1848, seguidos de uma intervenção estrangeira materializada pelo império de Maximiliano I entre 1862 e 1867. Assim, houve uma polarização política no país entre liberais e conservadores, sendo que aqueles acabaram fortalecidos com as lutas contra as invasões norte-americanas e francesas (De Gortari Rabiela, 1982: 268).

Segundo o autor, no governo Benito Juárez (1867-1872)<sup>11</sup>, as *Leyes de Reforma* diminuíram o poder econômico da Igreja e instituíram o ensino laico<sup>12</sup>. A República Restaurada estabeleceu as diretrizes para organizar o país e procurou centralizar o poder por meio do controle territorial e do fortalecimento do poder executivo (De Gortari Rabiela, 1982: 272).

Enrique Florescano (2005), por sua vez, diz que a materialização do sentido de nação, com os calendários cívicos, a pintura histórica e os monumentos públicos, era uma maneira de se construir e legitimar a ideia de identidade nacional (Florescano, 2005: 156). As publicações oficiais, como os *Anales*, eram a manifestação e endossamento de uma história oficial, base para a edificação da identidade coletiva.

En 1877 se inicia la publicación de los Anales del Museo Nacional, revista que propició el estudio de la arqueología, la historia, las lenguas, las etnias y el arte de los pueblos indígenas. Con ese ambiente favorable se publicaron las primeras obras modernas acerca de la historia más antigua. (Florescano, 2005: 161-162)

O ambiente favorável se refere tanto ao viés intelectual, com pensadores que se dedicaram aos estudos sobre o passado pré-colonial e colonial, como à estabilidade e incentivos políticos que se iniciaram no segundo mandato de Juárez, mas que se consolidaram no Porfiriato (Florescano, 2005: 178). No governo de Díaz, a conquista de

---

<sup>11</sup>Benito Juárez assumiu interinamente a presidência do México em 1858, mas não foi reconhecido pelos conservadores, que elegeram Félix María Zuloaga (1813-1898). Como houve o segundo período imperial, primeiro com a regência de 1863-1864 e depois com a posse de Maximiliano I (1864-1867), considera-se que o mandato juarista de 1867 a 1872 foi o período de consolidação das políticas públicas que já eram discutidas desde 1858 e com a Constituição de 1857.

<sup>12</sup> A centralização política e o estabelecimento das diretrizes educacionais públicas ocorreram a partir do governo de Benito Juárez. Para tanto, diz: 'El gobierno que conoce la importancia de la instrucción pública, la influencia poderosa que ejerce en la moralidad e ideales sociales, está revuelto a darle todo el impulso que las necesidades del Estado demanden' (De Gortari Rabiela, 1982: 272).

líderes regionais, os ouvindo e os inserindo no cenário político fez com que o movimento liberal crescesse no país, assim como a ideia de *paz porfiriana* (Thomson, 1991: 265). Portanto, neste período de estabilidade política, houve um ambiente favorável para o desenvolvimento de uma história pátria, oficial. Florescano (2005) exemplifica a força do Estado a partir dos festejos de 1910, grandiosos e com aval estatal (Florescano, 2005: 174).

A legislação outorgada no governo juarista, com o início de uma maior estabilidade política, econômica e social, instituíram as bases para o período porfirista. Desse modo, o desenvolvimento de uma história nacional oficial, com as práticas civis e celebratórias, com a promulgação de festas e inaugurações de monumentos públicos, foi possível a partir de todo o trabalho realizado pelo governo de Juárez.

Em 1910, ocorreram as comemorações pela independência com celebrações e inaugurações de monumentos. Annick Lempérière (1995) diz que esse período marcou o esgotamento do regime Porfirista e a sua concepção de nação e História. (Lempérière, 1995: 317). A autora justifica que há uma mudança sensível nas modalidades da memória tanto nos oitocentos quanto depois da Revolução, e esse *cambio* é sentido nos *Anales*. Se no porfiriato a memória estava ligada à construção e exaltação de um discurso político e histórico, utilizando o passado para consolidar o poder, na Revolução houve uma mudança. A memória autoritária do governo de Díaz deu lugar a uma nova abordagem que abrangeria também os discursos cultural, antropológico e arqueológico (Lempérière, 1995: 319). Na própria edição da revista, até a terceira época, havia uma abundância de artigos históricos e compilações documentais sobre os povos mesoamericanos. Os estudos de zoologia e botânica eram destaque nessas publicações. Quando faziam algum tipo de análise interpretativa, percebia-se uma clara tentativa universalizante, de procurar denominadores comuns com outras culturas, sobretudo as europeias. Em 1910, por exemplo, com a direção de Genaro García, artigos sobre os movimentos insurretos de 1810 passaram a ser enfatizados.

Em 1909, com o primeiro tomo sob sua coordenação, o artigo de Elías Amador (1909) sobre o clero na independência mexicana abriu as portas para uma mudança epistemológica dentro da revista. 'El clero mexicano en la revolución de la Independencia', destaca a *terrible y sangrienta* primeira luta insurgente na então colônia, e o papel fundamental dos sacerdotes nesse episódio. Personagens como Primo Verdad y Ramos, Azcárate, Cristo, García Obeso, Michelena, Allende aparecem como defensores da liberdade, 'poseídos de acendrado patriotismo y ardiente amor á la libertad' (Amador, 1909: 177). Havia naquele início do século XX uma nova preocupação com a construção da memória e com quais fatos e momentos esta deveria ser construída. Se no porfiriato havia um positivismo fortemente inspirado na tradição francesa, com intelectuais resgatando peças das civilizações indígenas e construindo museus para mostra-las ao público, em 1909 houve uma mudança de perspectiva. Era o resgate dos insurretos e a vontade de destrinçar essa parte da história mexicana que ficou calada durante quase um século. Assim como a historiadora francesa destaca as diferenças entre as comemorações de 1910 e 1921, por aquela ainda representar as ideias porfiristas e esta trazer as marcas da Revolução, os *Anales* também demonstram as disputas de poder acerca da intelectualidade.

#### 4.

No século XIX, os intelectuais passaram a repensar a história mexicana, inserindo as sociedades indígenas como representantes dignas de uma civilização, até mesmo para os padrões europeus. O processo de ressignificação não corresponde apenas à necessidade de

se entender o *outro* a partir dos próprios preceitos, mas de aceitar uma história que teria um passado heroico e honroso, e se desligar daquela visão de um povo bárbaro e selvagem. Nos oitocentos, com as guerras de independência, governos instituídos e depostos, o que se buscava era um novo denominador comum.

Ao se estudar o projeto de nascimento de uma identidade nacional, do sentimento de coesão de uma sociedade que se desenvolve em um determinado limite geográfico, várias vias podem ser seguidas. Jesús Rodríguez Zepeda (2003) discute sobre não extrapolar uma ideia de consciência nacional contemporânea ao passado, pois tal prática é infundada, tanto pela própria epistemologia científica quanto pela história crítica. Não existem nações milenares, ainda que quase qualquer comunidade humana se sinta tentada pela crença de possuir o reflexo de sua imagem prolongado até a pré-história (Rodríguez Zepeda, 2003: 562). Além disso, acredita que não existe um sujeito-nação único, homogêneo, sem fissuras.

Para Francisco Colom González (2003), foi durante o século XIX, entre 1810 e 1910, que houve o rompimento da organização estamental vigente que havia se iniciado na conquista, que unificou grupos indígenas a partir de um ideal externo e explorador. Para a metrópole, todas as sociedades eram vistas da mesma maneira: índio em território espanhol. Dificilmente o continente americano conseguiria se emancipar e construir uma nação ao mesmo tempo, pois as referências nacionais sempre tiveram que competir com a imaginação política de seus intelectuais com outros discursos de dimensão continental (pan-americanismo) e estrangeiros (Europa) (Colom González, 2003: 316). A própria produção publicada nos *Anales* é um exemplo das difusas linhas de pensamento encontradas entre os intelectuais liberais e conservadores.

Uma sociedade heterogênea é construída a partir de uma identidade coletiva cultural, na qual o imaginário político (identidade política) e os valores culturais como língua, sangue, religião, seriam o amálgama. (Guerra, 2003: 186). Benedict Anderson (2008) enxerga as nações como comunidades imaginadas e os nacionalismos deveriam ser analisados em suas historicidades, tendo em vista que integravam sistemas culturais que o precediam, além disso, teriam surgido para combatê-los (Anderson, 2008: 39-40). Ou seja, eram produtos políticos e culturais complexos, com simbologias que definiam um contexto, mas que também se modificavam. O autor define um conceito maleável no seu significado e prática, que se transformava ao longo do tempo. Para François-Xavier Guerra (2003), as identidades nacionais eram necessárias para que o sentido de *nação* abarcasse toda a população. Elementos como, a maneira de conceber o vínculo entre pessoas em um grupo, a extensão e territorialidade do mesmo, o modo de se arquitetar as suas origens, natureza, e os valores que o estruturam, fazem parte do alicerce da identidade nacional (Guerra, 2003: 186).

O processo de separação da metrópole surgiu nas periferias da Nova Espanha, mas foi outorgado pelas elites locais que partilhavam origem ibérica, língua, referências políticas e administrativas, 'Sólo el lugar de nacimiento y las identidades regionales en formación los diferenciaban de los españoles de España' (Guerra, 2003: 187). Mesmo que esses elementos tenham fundamentado a formação de novas nações, é difícil atribuí-los o caráter de uma 'nacionalidade' em essência. Apesar dessas distinções, é inegável, para Guerra, que o nacionalismo mexicano surgiu em uma oposição direta ao domínio europeu, pois as guerras de independência unificaram ideias de ruptura com o regime vigente, em uma comparação que faz com o Antigo Regime e a modernidade revolucionária na Europa.

Para Stephen Morris (1999), a identidade nacional se refere, antes de tudo, a sentimentos subjetivos de pertencimentos e/ou lealdade em uma *comunidade* (Morris, 1999: 364). Os sentimentos de pertencimento estariam ancorados em fatores internos e

externos, que definiriam a noção de indivíduo e grupo. Ou seja, a partir da partilha de elementos como raça, etnia, cultura, religião e linguagem, uma determinada comunidade estaria *unida* pela mesma identificação *nacional*. Esses interesses internos em comum poderiam ser moldados por meio da sua manipulação cognitiva e epistêmica, pois o sentimento de unidade dentro de uma nação recém-criada, como a mexicana, auxiliaria na legitimação do *status* político. É o que Morris chama de políticas nacionalistas, o ato de caracterizar meios identitários compartilhados por um grupo de pessoas como *oficial*, parte do projeto de identificação nacional promovido pelo governo. Por exemplo, a Nova Espanha foi formada a partir de uma definição artificial de fronteira que abarcou e resumiu inúmeras sociedades indígenas em uma colônia. Essa seria a identidade oficial daqueles habitantes, não mais toltecas, mexicas, maias, astecas; eles eram colonos, junto com espanhóis, mestiços, negros e *criollos*. Portanto, no que se refere aos sentimentos subjetivos de pertencimento, o autor diz que no nível institucional eles não eram mais relevantes, mas, obviamente, existiam em suas comunidades.

Apesar de, aos olhos do governo, serem novohispanos, súditos, tanto indígenas, *criollos*, negros, possuíam os próprios sentimentos de pertencimento, mas poderiam se relacionar com aqueles impostos pela Coroa. O elemento idioma, por exemplo, que no âmbito institucional era o espanhol, dava um sentido de união, mas ainda era muito frequente o uso das línguas mesoamericanas. Ou seja, a linguagem seria uma das características *artificiais* instituídas pelo governo, só que era dinâmica e adaptável no âmbito da prática social. Como diz David Brading (1985), '[...] españoles americanos, mestizos y mulatos, compartían una cultura radicalmente diferente, que, española de origen, había adquirido suficientes características locales como para ser mejor definida como simplemente mexicana' (Brading, 1985: 129).

O novo país herdou essa variedade cultural, mas naquele momento eles precisavam de um sentido de unidade que traria uma legitimação não só política, sobretudo social. Morris (1999) define três características principais para se compreender a identidade nacional mexicana:

[the] Mexican national identity contains a wide mix of expressions and components. [...] as: (a) *mestizaje*, with the *mestizo* representing the racial expression of the nation [...]; (b) pride in past Indian civilizations [...]; and (c) a reverence for the Virgin of Guadalupe. (Morris, 1999: 360)

O orgulho no passado indígena foi elemento fundamental na construção do nacionalismo *criollo* de base conservadora. O patriotismo *criollo* enraizou-se com a reapropriação do passado. Uma das vias para se legitimar o discurso foi exaltar as origens astecas, denegrir a Conquista, mostrar ressentimento aos espanhóis e adotar a Virgem de Guadalupe como padroeira (Brading, 1985: 20-27). Encontram-se, assim, definições distintas para os conceitos de: patriotismo, '[...] orgullo que se siente por su pueblo [...]'; e nacionalismo, '[...] expresión de una reacción frente a un desafío extranjero, sea éste cultural, económico o político [...]' (Brading, 1985: 09). Termos que são comumente confundidos, indispensáveis um ao outro, mas com significados e apropriações diferentes. O patriotismo *criollo* e o nacionalismo mexicano foram ciclos que emergiram entre a o período monarca e a Revolução de 1910.

Para Brading (1985), contudo, o resgate do indigenismo mesoamericano e colonial logo após a independência contribuiu para o atraso do desenvolvimento de um nacionalismo *mexicano*, da nação como um todo, não somente *criolla*. Recorda que os insurgentes do

México, ao contrário das outras colônias espanholas na Américas do Sul, perderam a guerra e foram executados. O restante dos movimentos independentistas ficou ilhado, longe dos centros de poder. De 1821 até 1853, período comumente chamado de Nova República, a administração alternava-se entre militares, liberais e conservadores sem uma forma política ordenada. Ou seja, era uma situação de comando confuso que não abarcava todo o território, pois nas províncias a atuação política central pouco tinha efeito. Brading (1985) discute que os ideólogos liberais argumentavam que o México não funcionava devido ao turbulento contexto político.

Essa utopia social e política enraizada no modelo iluminista europeu de Estado laico e progressista não funcionaram naquele México pós-colonial com problemas estruturais, com a economia em frangalhos e uma sociedade fortemente marcada pela hierarquização. Em matéria de identificação, a elite *criolla*, assim como os insurgentes, condenavam a colonização espanhola na América e exaltavam o passado indígena como o início de uma civilização *mexicana*. Muito se discute da ligação dos *criollos*<sup>13</sup> com referenciais europeus. Na transição da monarquia para a república, discorre-se sobre a busca de modelos governamentais com as revoluções burguesas e no liberalismo clássico, ou mesmo do constitucionalismo norte-americano (De la Serna, 2007: 23).

E no que isso se relacionava com os *Anales*, uma publicação de estudos sobre o passado mexicano? Apesar da ordem política tender ao liberalismo, Brading discorre que o conservadorismo no México era inerente à classe política. Um exemplo foi o estadista e historiador Lucas Alamán<sup>14</sup>, que encaminhou a legitimação jurídica do *Museo Nacional*, em 1824. Publicou cinco volumes da *Historia de Méjico*, entre 1849 e 1852, nos quais '[...] completaba su reivindicación de la Colonia con una evaluación magisterial, nostálgica da era borbona [...] buscaba hacer la Colonia, Nueva España, el verdadero y único pasado mexicano aceptable' (Brading, 1985: 111).

Dentro dessa complexa, binária e paradoxal política nacionalista mexicana Brading discorre sobre uma terceira via na compreensão da identidade. Seria uma espécie de imbricação de conservadores e liberais, exemplificada e personificada por Carlos María Bustamante,

---

<sup>13</sup> Apesar de se relacionarem com aspectos culturais europeus, paradoxalmente os *criollos* sofreram uma marginalização política desde o século XVI. Os argumentos cientificistas circundavam a questão da inferioridade moral e física dos americanos. O ato de rever o passado e exaltar suas riquezas significava reivindicar sua própria natureza humana e mostrar que eram uma sociedade tão legítima quanto a europeia (De la Serna, 2007: 24). Os descendentes dos conquistadores queriam seus direitos naturais reconhecidos. O descontentamento dos *criollos* residia em não receberem a mesma atenção por parte da administração colonial do que os espanhóis designados ao trabalho na colônia, mantendo o pacto metropolitano. A revolta contra o sistema estava mais atrelada a esse esquecimento deliberado do que qualquer sentimento nostálgico ou de justiça em relação ao passado indígena. Era como reivindicassem serem tão dignos quanto os espanhóis, só que nascidos nas Índias. O projeto nacionalista *criollo* conectava-se com os fortes ideais de independência que surgiam já no final do século XVIII. A nobreza *criolla* manteve intacta o seu poder, fortuna e prestígio mesmo após a ruptura política. Renunciaram ao título, símbolo do poder da monarquia, e graças ao sistema patriarcal, a sua legitimidade como elite social e cultural não foi abalada, pelo contrário, mantiveram sua autoridade e se desenvolveram economicamente na república (De la Serna, 2007: 22). Muitas famílias queriam a liberdade do pacto colonial por possuírem aspirações políticas mais autônomas, sem estarem à margem dos desejos e intentos da metrópole. Ou seja, a partir de 1821, mesmo o país estando livre do domínio espanhol, os valores tradicionais seguiam articulados devido à manutenção das elites intelectuais no poder, com seus privilégios e influência.

<sup>14</sup> Lucas Ignacio José Joaquín Pedro de Alcántara Juan Bautista Francisco de Paula Alamán y Escalada foi um político e historiador mexicano que ocupou diversos cargos nos governos da Primeira República. No período de outorga do decreto era ministro das *Relaciones Interiores y Exteriores*, cargo que teve um papel fundamental nas negociações para a repatriação de peças pré-colombianas que estavam no exterior.

[...] cuya mezcla de conservadurismo católico y de republicanismo patriótico escapaba a su clasificación [...]. En gran parte gracias a sus esfuerzos, el indigenismo no histórico del periodo insurgente sobrevivió para convertirse en parte integral de la mitología nacional. (Brading, 1985: 115-116)

Historiador, católico e republicano, Bustamante publicou em 1805 o *Diario de México*, uma série de artigos sobre a história indígena mexicana e se mostrava favorável à independência. Partindo de nomes como Clavijero e Fernando Alba Ixtlixóchitl, foi pioneiro no processo de construção dos heróis nacionais da pátria e do resgate do passado como legitimador do sentido de *mexicano*. O passado indígena deixou de ser um 'sentimento' de orgulho que residia no campo das sensações para se tornar fonte documental para o estudo da nação mexicana, os próprios *Anales* eram uma prova disso. A História foi fundamental para o desenvolvimento do sentido de nação planejado pelo governo do México.

## 5.

Qualquer esforço oficial de construir uma identidade e História Oficial não seria validado sem a participação da população. A construção de uma '*memória coletiva*, como definiu Maurice Halbwachs (1990),<sup>15</sup> era condição primordial para o sucesso da empreitada. Para o sociólogo, a memória humana é construída a partir das interações sociais, refutando uma essencialidade dos fatos como reais, ou seja, lida com o pressuposto de um passado maleável, reconstruído, vivido e experimentado por uma sociedade para daí se formar a memória coletiva. Ela é tecida, sobretudo, a partir de memórias individuais que se entrelaçam nas suas semelhanças: '[...] se a nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão [...] será maior [...]' (Halbwachs, 1990: 25).

A ideia desenvolvida por Halbwachs nas décadas de 1920 e 1930 foi retomada por Pierre Nora<sup>16</sup>. A memória da população (coletiva) seria definida e enfatizada por locais materiais ou imateriais, chamados *lugares da memória*. Estes seriam a união de monumentos, aparatos arquitetônicos, a própria bandeira, etc., como a *memória oficial*, adicionada das tradições orais, pensamentos, lembranças familiares. A partir do sentido de lugares simbólicos da nação francesa, o autor discorreu sobre a recuperação de conteúdos do passado como instrumento catalisador da memória coletiva.

No século XIX, a História sofreu um processo de aceleração que produziu uma nova dimensão temporal, com transformações velozes que logo tornaram o passado obsoleto, quase que ininteligível. Segundo François Hartog (2014), essa situação atingiu também a relação identitária com o passado, pois este teria se tornado *terra estrangeira* (Hartog, 2014: 162).

A relação entre História e Memória de dava por meio do conflito. Aquela é destrutiva por natureza e paradoxal desde o significado do seu próprio termo. Quando se pensa em *História* pode ser tanto o produto do trabalho dos historiadores quanto aquilo que aconteceu. Nora (1993) diz que é a experiência que é retida pela memória, e é *operação intelectual*, aquilo que foi possível recolher e analisar do vivido. Ambas eram, portanto,

---

<sup>15</sup> Além da famosa obra *A Memória Coletiva*, publicada postumamente na década de 1950, o sociólogo francês também publicou *Os quadros sociais da memória*, em 1925, na qual continua esse tema.

<sup>16</sup> *Les Lieux de mémoire*, sua obra célebre, foi publicada em três tomos: 1. *La République*, com um volume, de 1984; 2. *La Nation*, com três volumes, em 1987; e 3. *Les France*, também com três volumes, em 1992.

complementares e não opostas, ele não rompe a importância que uma tem para a outra, e sim, ressalta a necessidade de uni-las para se entender o trabalho historiográfico.

Assim, cria uma quebra com a ideia de passado, presente e futuro, um esgarçamento do sentido de memória e história, que estariam diretamente ligadas ao presente, não apenas ao que passou. O passado não é reconstruído, ele está no seu local. Segundo Nora, a memória é individual/coletivo, vívido, mas produto do presente, assim como a história. Ele refuta o argumento cientificista e positivista se munindo das discussões sobre o papel da memória para problematizar a história nacional francesa.

Ou seja, as origens pré-hispânicas do México, o resgate desse passado que poderia ser moldado, eram elementos importantes, os chamados *lugares da memória*, a união de monumentos, aparatos arquitetônicos, a própria bandeira, transformada em *memória oficial*, adicionada das tradições orais, pensamentos, lembranças familiares. Os *Anales* foram criados como uma maneira de se expandir os conhecimentos acerca da história pré-colonial, àquela dos grandes impérios indígenas. Essa parte da memória vivida foi deliberadamente escolhida para representar um elemento comum.

O trabalho dos intelectuais editores da revista foi o da *operação historiográfica*, ao enfatizarem alguns aspectos do seu passado e, por consequência, silenciar outros. Porém, essa construção se dá a partir de um local e, nesse caso, é a memória (oral ou mesmo material) mantida pela tradição de uma população majoritariamente indígena. A escolha da Virgem de Guadalupe (uma santa que teve sua origem ligada a uma visão de um nativo) como padroeira dos insurgentes e do futuro país, não é inócua. A sua importância para o povo não poderia ser subestimada, e o mesmo ocorreu com esse resgate do passado pré-colombiano. Se durante a conquista e a colonização houve a tentativa de se reestruturar todo um território imprimindo estilos políticos, culturais e sociais externos, no século XIX independente, a razão era buscar nos lugares de memória anteriores à Hernán Cortés, àqueles *genuinamente* mexicanos, os exemplos para a construção da nação.

## Referências

- Amador, E. (1909) 'El clero mexicano en la revolución de la Independencia'. *Anales del Museo Nacional de México* 2(6): 177-232.
- Anderson, B. (2008) *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brading, D. (1985) *Los orígenes del nacionalismo mexicano*. México: Era.
- Colom González, F. (2003) 'La imaginación nacional en América Latina.' *Historia Mexicana* 53(2): 313-339.
- De Gortari Rabiela, H. (1982) 'La política en la formación del Estado Nacional'. *Revista Mexicana de Sociología* 44(1): 263-284.
- De la Serna, J. R (2007) 'El paraíso y el infierno: remotos orígenes del discurso nacional', in N. Giron (ed.) *La construcción del discurso nacional en México, un anhelo persistente, siglos XIX y XX*. México: Instituto Mora, 21-35.
- Florescano, E. (2005) 'Patria y nación en la época de Porfirio Díaz'. *Signos Históricos* 13: 152-157.
- García, J. (2005) 'La confirmación de la Antropología como disciplina científica, el Museo Nacional de México y los congresos internacionales de Americanistas'. *Revista de Indias* LXV(234): 303-318.

- Gruzinski, S. (2006) *A Guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gubler, R. (2007) 'El Informe contra Indolorum Cultores del Obispado de Yucatán'. *Estudios de Cultura Maya* 30: 107-138.
- Guerra, F. (2003) 'Las mutaciones de la identidad en la América hispánica', in A. Annino & F. Guerra (eds.) *Inventando la nación*. México: FCE, 185-220.
- Halbwachs, M. (1990) *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Hartog, F. (2014) *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lempérière, A. (1995) 'Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la Historia patria a la Antropología cultural'. *Historia Mexicana* XLV(2): 317-352.
- Mendoza, G. (1877) 'Prólogo a los Anales del Museo'. *Anales del Museo Nacional de México* 1(1).
- Morales, M. L. G. (1994) *Orígenes de la museología mexicana: fuentes para el estudio histórico del Museo Nacional, 1780-1940*. México: Universidad Iberoamericana.
- Morris, S. D. (1999) 'Reforming the Nation: Mexican Nationalism in Context'. *Journal of Latin American Studies* 31(2): 363-397.
- Nora, P. (1993) 'Entre memória e história: a problemática dos lugares'. *Projeto História* 10: 7-28.
- Rodríguez Zepeda, J. (2003) 'El mito de la nación y otros abusos'. *Historia Mexicana* LIII(2): 559-568.
- Sánchez, J. (1887) 'Reseña História del Museo Nacional de México'. *Anales del Museo Nacional de México* 1(IV): 1-2.
- Thomson, G. (1991) 'Popular Aspects of Liberalism in Mexico, 1848-1888'. *Bulletin of Latin American Research* 10(3): 121-152.



## Memoria agonística en *El hombre que amaba a los perros* de Leonardo Padura (2009)

Hans Lauge Hansen  
Universidad de Aarhus, Dinamarca

**Resumen:** La novela *El hombre que amaba a los perros* no presenta a uno sino a dos hombres que aman a los perros, León Trotski y su asesino Ramón Mercader, y la perspectiva con que se narra la historia cambia de forma alternante entre uno y otro. Este artículo discute qué aporta la inclusión de la perspectiva del victimario en el relato y propone enfocar este tipo de multiperspectivismo radical, que permite al lector comprender el punto de vista del victimario sin legitimar sus actos, como un modo ético-político diferente: el modo agonístico de hacer memoria.

**Palabras claves:** victimario, multiperspectivismo, modo agonístico, memoria

**Abstract:** The novel *El hombre que amaba a los perros* does not just present one, but two men who love dogs, León Trotski and his murderer Ramón Mercader, and the plot's point of view alternates between both of them. This paper discusses what does the perpetrator's perspective bring to the story and proposes to focus on radical multiperspectivism, that lets the reader to understand perpetrator's point of view without legitimising his acts, as a different ethico-political mode: agonistic mode of remembering.

**Keywords:** perpetrator, multiperspectivism, agonistic mode, remembering

---

### Introducción

En 2009 el novelista cubano Leonardo Padura<sup>1</sup> publicó la novela *El hombre que amaba a los perros* sobre el asesinato a Trotsky en agosto de 1940, un acontecimiento que ha sido silenciado y olvidado en un mundo dominado de manera despótica por el llamado socialismo real, pero que, según el propio narrador, revela de forma condensada la crueldad y el cinismo con que este régimen mantuvo su poder durante decenios. En este sentido la novela se suma a una tendencia internacional de las culturas occidentales de los últimos 20 o 25 años: la obsesión por el pasado y sobre todo del pasado violento (Nora, 1989; Erll, 2011; Erll, Nünning et al., 2008; Nora, 2002; Olick, Vinitzky-Seroussi et al., 2011; Huyssen, 2003) - una tendencia que ha sido dinamizada por los discursos transnacionales de memoria (Assmann; Conrad, 2010; Erll, 2010), sobre todo por la memoria del Holocausto (Levy & Sznajder, 2002; Rothberg, 2009; Novick, 2000).

---

<sup>1</sup> Leonardo Padura es un novelista y periodista cubano, nacido en La Habana en 1955. Es conocido especialmente por la serie de novelas policiacas 'negras' del detective Mario Conde, publicadas entre 1991 y 2013, siendo la más conocida posiblemente *Adiós Hemingway* (2001). Además de la serie sobre Mario Conde, Padura ha publicado *Fiebre de caballos* (1988, Verbum 2013) y *La novela de mi vida* (2002).

En el mundo hispano este proceso ha culminado sobre todo a partir del cambio de Milenio, tanto en España como en América Latina (Hansen & Cruz Suárez 2012; González Martín & Cruz Suárez, 2013; Ribeiro de Menezes, 2014; Ros, 2012; Lillo, 2009; Lillo, 2013). Con un concepto acertado Sebastiaan Faber ha llegado a calificar las novelas que intentan recuperar la memoria del sufrimiento de las víctimas muchos años después como novelas de memoria afiliativa (Faber, 2010). Según Faber, escribir, publicar, comprar y leer este tipo de novela constituyen actos performativos y de compromiso ético-político. La memoria cultural se construye a través de la circulación de textos en el sentido más amplio, y las novelas de memoria afiliativa luchan por introducir la memoria de los perdedores históricos, las víctimas de las atrocidades de masa, en la memoria hegemónica cultural.

El narrador de la novela, Iván Cárdenas Maturell, es un escritor cubano que, por casualidad, conoce al asesino de Trotski, Ramón Mercader, muchos años después del crimen en una playa cubana, y durante una serie de encuentros éste le cuenta la historia dramática de su vida. Después de la muerte de Mercader el narrador incluso recibe una carpeta con material documental sobre los hechos históricos. Por miedo al régimen cubano Iván Cárdenas guarda la historia en silencio durante años, pero cuando su mujer, Ana, fallece en 2004 como resultado de una enfermedad generada por la crisis económica y social durante la década anterior, Iván se siente obligado a dar constancia del carácter brutal de los regímenes totalitarios a través de la escritura de la novela. En este sentido el texto se inscribe en la larga tradición de la narrativa contemporánea que, a través de la ficcionalización de acontecimientos históricos del pasado conflictivo y violento, contribuye a la recuperación de la memoria del sufrimiento de las víctimas del Siglo XX.

Como la absoluta mayoría de las novelas de memoria afiliativa, *El hombre que amaba a los perros* es un texto híbrido que combina dos planos temporales, la historia de pasado violento y la historia del presente desde donde se crea la narración sobre el pasado, y en este proceso de creación se incluyen textos de diferente género: biografía, historiografía y novela se mezclan con recortes de prensa cubana para crear un texto híbrido; y de esa forma la novela se inscribe en las tendencias actuales de la literatura tanto latinoamericana (Montes, 2014) como española (Hansen, 2012). Pero en contraste con la absoluta mayoría de novelas sobre el pasado violento, esta novela no sólo recupera la memoria de las víctimas, o sea la de Trotski, la de Ana o en cierta medida también la del narrador mismo, sino recupera antes que nada la memoria del victimario, el protagonista principal Ramón Mercader. El propósito de este artículo será examinar el significado de este cambio de perspectiva y discutir sus efectos en sentido ético y político.

### **La perspectiva del victimario**

En un artículo reciente Elisabeth Jelin afirma que la extendida cultura de memoria se ha convertido en un fenómeno que después de tantos años de recuerdos, levanta más preguntas que respuestas (218), y a continuación se pregunta ¿para qué recordar? Y no se trata sólo de una pregunta retórica, ya que si la rememoración se convierte en un acto mecánico sin reflexión, pierde su capacidad renovadora y proactiva. Jelin no contesta su propia pregunta de forma explícita, pero propone una respuesta implícita al indicar que el marco de interpretación de todos los procesos de rememoración de un pasado violento ha sido y sigue siendo la cultura de los derechos humanos, y que las posiciones de identidad que se fomentan a través de este tipo de discursos son posiciones relacionadas con la identidad de ser víctima. Es decir, la absoluta mayoría de novelas de memoria sobre un

pasado violento publicados durante los últimos 20 a 25 años convierten a los perdedores en víctimas que, casi por definición, están desprovistos de la capacidad de actuar, 213).

Esta reflexión de Jelin despierta un renovado interés por la novela de Leonardo Padura, ya que coloca al victimario en el papel de protagonista. Bien es cierto que a Ramón Mercader se le puede considerar a la vez verdugo y víctima en el sentido de que el régimen soviético se apoderó de su mente y de su identidad y destruyó sus sueños de autorrealización individual, pero su papel histórico y el lugar actancial que ocupa en la trama narrativa es el de un victimario. Existen otras novelas y otros productos culturales que también eligen enfocar el pasado violento desde la perspectiva del victimario o victimaria<sup>2</sup>, y sobre todo a partir del cambio de milenio podemos detectar un crecimiento fuerte de este tipo de productos culturales a escala global o al menos europea u occidental (Crowshaw, 2011; Eaglestone, 2011:15).<sup>3</sup> Aunque no todas las obras persigan las mismas finalidades éticas y estéticas, la absoluta mayoría de estas obras hacen un esfuerzo para comprender cómo funciona la mente de un perpetrador. Algunos, y es mi hipótesis que la novela de Padura pertenece a esta categoría, se inspiran en el presupuesto formulado por Hannah Arendt conocido como la banalidad del mal (Arendt 1963 / 2003). Arendt elabora su concepto a través del análisis que hace del juicio contra el nazi Adolf Eichmann en 1961. Eichmann era el responsable de la organización logística del Holocausto, pero según las conclusiones de Arendt, basadas en los informes de psicólogos e historiadores, Eichmann no era psicópata ni padecía de ningún otro trastorno mental. Era una persona perfectamente normal. Es decir, se trata de la convicción de que los actos considerados como los crímenes más aborrecibles de la historia humana, entre ellos el holocausto como paradigmático crimen de lesa humanidad, en general no están cometidos por personas que en el momento de cometer el crimen se consideran a sí mismas 'malas' en sentido ético-moral, ni tampoco se trata de psicópatas o personas con otros defectos o patologías mentales. Todo lo contrario, la absoluta mayoría de los victimarios a escala mayor son personas normales que, en ciertas circunstancias y condiciones políticas y sociales, han sido llevadas a pensar que sus actos son necesarios para obtener lo que en sentido ético-político se considera justo y un bien común. O al menos se trata de gente cumplidora que piensa que el hecho de cumplir órdenes es más importante que pensar y adoptar una postura individual.

Novelas que ajusten su punto de vista narrativo a la perspectiva del victimario de forma exclusiva e intenten comprender las razones y procesos mentales característicos de semejante procesos corren a menudo el riesgo de ser interpretadas como intentos de excusar o legitimar los crímenes cometidos. En cambio, novelas que logren a la vez representar la voz auténtica del victimario en diálogo con otras voces (focalizadas o explicitadas) de forma multiperspectivista (Erl, 2011), o incluso en diálogo con la voz del propio autor de forma polifónica en el sentido de Bajtín (Bajtín, 1984/1997), pueden, retomando la pregunta de Jelin, servir para aprender sobre cuáles son las circunstancias y precondiciones que propicien los crímenes. Si lo que Bajtín llama la 'empatización estética', característica de la ficción narrativa, básicamente sirve para que el lector pueda situarse en

---

<sup>2</sup> Como ejemplos del contexto español se pueden mencionar, por ejemplo, *La noche del diablo* (Miguel Dalmau, 2009) o *Como la sombra que se va* (Antonio Muñoz Molina 2014) y en un contexto chileno *Nocturno de Chile* (Roberto Bolaño, 2000) o *La vida doble* (Arturo Fontaine, 2010).

<sup>3</sup> La novela probablemente más conocida es *Les Bienveillantes* (Jonathan Littell, 2006), mientras este fenómeno ha sido más abundante en cine, series televisivas y documentales, sobre todo de origen alemán. Sólo hay que pensar en *Der Untergang* (2004), la serie televisiva *Unsere Mütter, Unsere Väter* (Generation War, 2013), el documental *Das Radikal Böse* (2014) o la serie documental francesa *Einsatzgruppen* (Prazan 2009).

la posición del otro y al mismo tiempo pueda verse a sí mismo con ojos de otro (Johansen, 1998; Bajtin, 1993/1999: 67), es evidente que una novela que logre explicar de forma solidaria el desarrollo ético y políticamente mental de un perpetrador de masas puede permitirnos hallar dentro de nuestro entorno real del presente la presencia de los mismos mecanismos que facilitaron este desarrollo mental en un sujeto imaginado en el pasado. Ramón Mercader no es un asesino de masas, pero el proceso de formación personal que le convirtió en un instrumento ciego y letal a manos de un régimen totalitario y sin escrúpulos éticos o morales es similar y comparable, lo cual nos permite examinar hasta qué punto la novela logra realizar este efecto.

### **Lectura de la novela**

La novela está dividida en tres partes, dos largas de más de 300 páginas y una tercera y más corta de menos de 100 páginas. Las dos primeras partes tratan en paralelo la intriga que lleva al asesinato de Trotsky y la historia de cómo el narrador principal tuvo conocimiento de ella, mientras la tercera parte versa sobre la vida de Ramón Mercader en Moscú a finales de los sesenta, después de salir de la cárcel mexicana. Al final de esta tercera parte un amigo del narrador principal narra la muerte de éste y reflexiona sobre sus motivos para contar la historia. Esta estructura permite que toda la novela (salvo el último capítulo) esté compuesta por dos tipos de narraciones contadas por un mismo narrador principal y que la perspectiva con que se narra oscile entre una narración heterodiegética, que cuenta la historia del pasado, y otra homodiegética, que cuenta la historia de cómo el narrador tuvo conocimiento de esta historia. Con esta estructura la novela sigue el patrón que en el contexto de la novela española de memoria ha llegado a conocerse como el cronotopo compuesto de pasado presente (Hansen). Los capítulos históricos empiezan alrededor de 1929 y siguen cronológicamente hasta después del asesinato en 1940, mientras los capítulos sobre la actualidad cubana empiezan alrededor de 1970 y terminan con la muerte del narrador en 2004, narrada por su amigo Dani. Los capítulos históricos están divididos en dos secuencias diferentes de forma multiperspectivista (Erll), una focalizada por el propio Trotsky y otra focalizada por su asesino, el comunista catalán Ramón Mercader. Tomando como punto de partida la distribución en páginas entre las cuatro perspectivas narrativas (los dos narradores, Leon Trotsky y Ramón Mercader), podemos decir que la perspectiva meta-narrativa de los narradores representa una parte menor con un total de 145<sup>4</sup> páginas entre 741 páginas de texto en sentido neto, distribuido de tal forma que la mitad de estas páginas están colocados en la primera parte de la novela (perspectiva de Iván), mientras la perspectiva de Dani sólo ocupa los 18 páginas del último capítulo. En la primera parte de la novela las perspectivas de Trotsky y de Mercader están matemáticamente equilibradas con 120 páginas cada una, mientras en las dos últimas partes llega a dominar cada vez más la perspectiva de Mercader. La perspectiva de Trotsky representa poco menos de una tercera parte de la novela con sus 235 páginas distribuidas entre las dos primeras partes, mientras la perspectiva de Ramón Mercader con sus 361 páginas cubre poco menos de la mitad de la novela entera y casi la última y tercera parte en su totalidad. Esta estructura narrativa facilita que el narrador desde el principio se pueda identificar con estas dos perspectivas del pasado antagonísticamente opuestas, a la vez que permite que, como va entrando en el texto, pueda también tener acceso a las reflexiones de los dos narradores sobre la importancia que

---

<sup>4</sup> Contamos también con el epílogo (Réquiem) redactado de forma cervantina por Dani, el amigo del narrador principal Iván, después de la muerte de éste.

puede llegar a tener este pasado y su narración en el presente. A continuación vamos a comentar cada una de las cuatro perspectivas con que está construida la novela:

### Iván

El narrador principal, Iván Cárdenas Maturell, es un fracasado escritor cubano que en su juventud había publicado unos cuantos cuentos, pero que también había vivido de forma personal la represión política del régimen y que, por lo tanto, dejó sus ambiciones artísticas para dedicarse al oficio de la medicina veterinaria sin haberse graduado en el campo. Es una persona desilusionada y resentida. La novela se abre con un capítulo sobre el entierro de su mujer, Ana, en 2004. Ana se muere por un cáncer de médula, producida por la carencia de nutrimento y vitaminas durante la crisis económica en Cuba durante los años noventa. La crisis económica cubana de los años noventa fue una consecuencia directa de la implosión de la Unión Soviética, y el narrador vincula directamente en este primer capítulo la muerte de su amada, la responsabilidad de la Unión Soviética por la crisis que la mató y su decisión de contar la historia. Dice 'Ana fue una persona muy importante para mí. Tanto que, [...], por ella existe esa historia, en blanco y negro, quiero decir.' (23).

El miedo es el tema que vincula los dos planos temporales. Cuando Iván tiene que explicar a Ana por qué no ha publicado la historia de Ramón Mercader, manteniéndola escondida en un cajón durante años, dice que ha sido 'por miedo' (25). Y cuando narra su primera experiencia con la represión del régimen cubano después de haber publicado un cuento que no pasó por la censura, dice lo siguiente:

Aquel día, además, supe con exactitud lo que era sentir Miedo, así, un miedo con mayúsculas, real, invasivo, omnipotente y ubicuo, mucho más devastador que el temor al dolor físico o a lo desconocido que todos hemos sufrido alguna vez. (105)

Volvemos después, en el apartado sobre Ramón Mercader, al tema del miedo y la relación íntima que vincula la historia del pasado con la vida del narrador principal. Basta ahora constatar que es el miedo inducido por el régimen estalinista cubano el que le destruyó sus sueños personales como autor, y que además le impidió publicar la novela que él mismo entiende como un acto de justicia o retribución ético-moral frente al trágico destino de su mujer. Dicho eso, es también importante señalar que el narrador principal no es un anticomunista cubano puro y duro, sino una persona que guarda un respeto profundo por el pensamiento socialista y sus nobles ideales. Para él, la historia que cuenta es más bien una historia de traición a los ideales por parte de hombres mezquinos borrachos de poder:

Lo cierto es que leyendo sobre cómo se había convertido la mayor utopía que alguna vez los hombres tuvieron al alcance de sus manos, zambulléndome en las catacumbas de una historia que más parecía un castigo divino que obra de hombres borrachos de poder, ansias de control y pretensiones de trascendencia histórica, había aprendido que la verdadera grandeza humana está en la práctica de la bondad sin condiciones ... (538)

Como ya se ha mencionado, Iván tiene conocimiento de la historia porque Ramón Mercader, con el que se encontró de casualidad en una playa cubana, se la contó, pero

cuando empieza a darle forma narrativa a la materia, se da cuenta de que necesita añadir otra perspectiva más:

Percibí, como una necesidad visceral de aquella historia, la existencia de otra voz, otra perspectiva, capaz de complementar y contrastar lo que me había relatado el hombre que amaba a los perros. Y muy pronto descubrí que mi intención de entender la vida de Ramón Mercader implicaba tratar de entender también la de su víctima, pues aquel asesino únicamente estaría completo, como verdugo y como ser humano, si lo acompañaba el objetivo de su acto, el depositario de su odio y del odio de los hombres que lo indujeron y armaron. (544-45)

Esta necesidad de también contar la historia desde la perspectiva antagónicamente opuesta, desde la de la víctima, le obliga a emprender una búsqueda de material sobre la historia política y biográfica de Trotski, algo difícil en una sociedad que durante decenios le ha considerado un renegado depravado y peligroso. A través de uno de sus amigos logra obtener un ejemplar de la biografía de Trotski escrita por Isaac Deutscher y, basándose fundamentalmente en la información proveída por este libro, se empeña en crear esta otra voz que pueda poner en perspectiva la historia de Mercader. Y con ello entra de verdad en el oficio creativo del escritor:

[N]unca había tenido idea de lo difícil que puede ser escribir de verdad, con responsabilidad y visión de las consecuencias y, para colmos, tratar de meterte en la cabeza de otro individuo que existió en tu misma realidad, e imponerte y sentir como él. (536)

Esto significa que el narrador principal en el momento de escribir es muy consciente de su propósito de crear un discurso multiperspectivista a través del cual el lector tendrá la posibilidad de poder identificarse de forma empática tanto con uno como el otro de ambos protagonistas históricos.

### León Trotski

En el personaje de Trotski Iván encuentra la posibilidad de darle voz a los ideales altruistas del pensamiento socialista en contraste total con el cinismo egoísta que rige el sistema totalitario estalinista. Aunque el narrador es consciente de que el propio Trotski durante la revolución rusa y la guerra posterior con los ejércitos invasores también cometió crueldades, se aprovecha de su situación indefensa como exiliado por el régimen soviético, es decir como víctima, para darle una imagen fundamentalmente simpática. Trotski aparece como una persona a la vez entrañable dentro del ámbito familiar (ama a su nieto, y la muerte de sus hijos le duele), de pensamiento racional y políticamente agudo. La pasión que rige todos sus actos es poder liberar su amada Unión Soviética por la dictadura personal de Stalin, que considera la fuente de todos sus males. Esta postura puede parecer un tanto ingenua cuando se ve enfrentada con las acusaciones de los jóvenes socialistas más radicales que consideran que la Unión Soviética debajo de Stalin se ha convertido en otro imperio capitalista. Pero se trata de una postura igualmente simpática en el sentido de que Trotski como persona sigue siendo fiel a los valores de justicia, igualdad y lealtad hacia la causa. Y el retrato que hace de Trotski, no sólo lo hace aparecer como una víctima indefensa y pasiva,

sino una persona dedicada que no se deja vencer. En un discurso en estilo directo libre suena así:

Si la revolución por la que había combatido se prostituía en la dictadura de un zar vestido de bolchevique, entonces había que arrancarle de raíz y sembrarla de nuevo, porque el mundo necesita revoluciones verdaderas. Aquella decisión, bien lo sabía, lo acercaría a la muerte que lo acechaba desde las atalayas del Kremlin. La muerte, no obstante, solo podía considerarse como una contingencia inevitable: Liev Davídovich siempre había pensado que las vidas de uno, diez, cien, de mil de hombres, pueden y deben ser devoradas si el torbellino social así lo reclama para alcanzar sus fines transformadores... (73)

Durante toda la primera parte de la novela, la imagen de Trotski mantiene este perfil de líder bolchevique ideológicamente convencido y determinado. La incondicionalidad de su compromiso político y el hecho de que Trotski estaría dispuesto a poner en peligro su propia vida por la causa revolucionaria quita de su retrato algo de la inhumanidad que en otras circunstancias implicaría el hecho de estar dispuesto a matar a miles de personas por razones políticas. Pero en la segunda parte de la novela, cuando su vida se está acercando a su fin, el narrador se permite introducir algunas de sus propias dudas en el diálogo interior de su personaje. Después de la firma del Pacto de la No Agresión entre la Alemania nazi y la Unión Soviética en 1939, Trotski piensa:

Pero si, como decían algunos, vencidos por las evidencias, la clase obrera había mostrado con la experiencia rusa su incapacidad para gobernarse a sí misma, entonces habría que admitir que la concepción marxista de la sociedad y del socialismo estaba errada. Y aquella posibilidad lo colocaba frente al meollo terrible de la cuestión: ¿era el marxismo apenas una 'ideología' más, una forma de conciencia que llevaba a las clases oprimidas y a sus partidos a creer que luchaban por sus propios fines cuando en realidad estaban beneficiando los intereses de una nueva clase gobernante? (519-20)

El desarrollo del personaje de Trotski desde la convicción ideológica más empedernida hasta la duda más profunda en los fundamentos más básicos de la teoría marxista, viene, como vamos a ver en el apartado siguiente, acompañado por un desarrollo parecido en su opositor, Ramón Mercader. Es decir, el texto no sólo ofrece al lector la posibilidad de acercarse de forma empática a la perspectiva subjetiva de los dos protagonistas antagonísticamente opuestos, sino que también abre la relación entre cada uno de ellos y su contorno político a una revisión profunda. Vamos a seguir el caso de Ramón Mercader con más detalle.

### Ramón Mercader

La focalización a través de la perspectiva de Ramón Mercader es igual de empática que en el caso de su víctima. El narrador presenta el mundo alrededor de su personaje teñido por la personalidad subjetiva de éste, incluidos sus presupuestos e inclinaciones ideológicas.

El lector se encuentra por primera vez con el joven Ramón Mercader en plena guerra civil, cuando este está dando su respuesta afirmativa a la pregunta del comisario Kotov sobre si estaría dispuesto a dedicar el resto de su vida al caso comunista como agente secreto de la

inteligencia soviética NKVD. Su respuesta le va a cambiar su vida de forma radical, y es interesante para nuestro análisis ver cómo el narrador repetidas veces insiste en el hecho de que es el miedo por la guerra el que le obliga a responder de forma positiva.

El estrépito de las bombas, los disparos y los motores, las órdenes gritadas y los alaridos de dolor [...] se habían acumulado en su conciencia como los sonidos de la vida, y la súbita caída a plomo de aquel mutismo espeso, capaz de provocarle un desamparo demasiado parecido al miedo, se convirtió en una presencia inquietante, cuando comprendió que tras aquel silencio precario podía agazaparse la explosión de la muerte. (47)

La persona que le exige la respuesta es su propia madre, comunista catalana de alto rango y colaboradora de Kotov, pero no es la relación familiar, ni su amor a la joven comunista África de la Hera, ni tampoco su convicción ideológica lo que le convence para sacrificar el resto de su vida por la causa, sino simplemente el miedo y la posibilidad de escapar ya del infierno del frente:

Ramón comprendió que temía más al silencio que a los rugidos perversos de la guerra, y deseó estar lejos de aquel lugar. Fue entonces cuando dijo, sin saber que colgaba su vida de aquellas pocas palabras:

- Sí, dile que sí. (54)

Este hecho es importante porque demuestra que es un sentimiento tan básico y humano como el miedo por las balas y las bombas de una guerra el que le obligó a comprometerse con un destino futuro que, en el momento de aceptarlo, no podía conocer ni de lejos. Y dado que también es 'el Miedo con mayúscula' como lo expresaba el narrador, el que también ha determinado su propio destino, parece bastante obvio que a Iván no le resulte demasiado difícil identificarse con la decisión de Ramón Mercader cuando da su consentimiento. Y la respuesta afirmativa sí conlleva sus consecuencias para Ramón Mercader. Como agente de la NKVD llega a participar en la liquidación de los anarquistas de la CNT y de los trotskistas del POUM en Barcelona en abril de 1937, y tiene que aceptar como una necesidad participar en las preparativas al asesinato a Andrés Nin, teórico marxista y líder del POUM, aunque lo conociera y respetara como una persona de alta integridad. A través de su entrenamiento a manos de la inteligencia soviética Mercader aprende a matar, pero también aprende a cambiar de identidad según las circunstancias y necesidades. Llega incluso a comparar el cambio de identidad con el cambio circunstancial de traje (433), pero con el tiempo estos cambios tendrán un efecto profundo en su propia personalidad, llegando al extremo de producirse una escisión entre diferentes personalidades suyas.

Para tener acceso a Trotski, que vive en México debajo fuertes medidas de seguridad, se convierte en Jacques Mornard, un personaje belga de habla francesa que está comprometido con una mujer trotskista de los EE.UU, Sylvia. Cuando se traslada a México lo hace como el canadiense Frank Jacson, y mientras vive en México junto con Sylvia utiliza los dos nombres, Mornard y Jacson, en contextos diferentes. Lo interesante para nuestro propósito será, desde luego, destacar la lealtad con que el narrador transmite la perspectiva subjetiva de Ramón Mercader y la manera en que maneja sus múltiples personalidades. El narrador utiliza varias estrategias narrativas de las cuales vamos a mencionar tres. La primera consiste en la representación del discurso en directo de personajes más duros y



dogmáticos que el propio Mercader, personajes que tienen una influencia decisiva en su manera de interpretar los procesos políticos. En este caso citamos a su amada África que habla de los militantes del POUM de esa forma:

– Esos revisionistas les encanta jugar a la revolución –le había dicho África–, y si les dejamos, lo único que consiguen es que nos quedamos solos y se pierde la guerra. Tienen el signo de Trotski en la frente y vamos a tener que arrancárselo con fuego. (150)

Estos fragmentos de diálogo aparecen sueltos sin contextualizar y representan lo que podemos llamar puntos nodales en la mente de Mercader. El joven sigue intentando buscar su norte en el conflicto español y la falta de respuestas a los enunciados similares de personajes como África, Kotov y su propia madre indica vacilación y debilidad personal por parte del protagonista. La segunda medida es la explicación pedagógica del narrador extradiegético que considera que Ramón Mercader es una persona con una personalidad débil, que necesita reconocimiento y posiciones sociales para sentirse al tanto con la situación- posiblemente debido a su complicada relación con su madre: ‘Su ascenso a aquel nivel estratosférico significaría convertirse en mucho más que un simple aficionado a la revolución y la retórica de sus lemas’ (158). La tercera y última estrategia que vamos a comentar es la focalización del mundo exterior a través de los ojos de Mercader, tiñéndolo con sus conceptos y modelos de interpretación:

Jacques Mornard, siempre ajeno a las pasiones políticas, escuchaba aquellos argumentos y no podía dejar de advertir en ello una subterránea incitación a los enemigos de la Unión Soviética a aprovechar aquella coyuntura sobre la que tanto insistía en renegado. (438)

El uso sistemático del apelativo de ‘renegado’ para Trotski y la fidelidad hacia la Unión Soviética y el propio Stalin son marcas inconfundibles de la mentalidad subjetiva de Ramón Mercader, escondiéndose detrás del disfraz apolítico de Jacques Mornard. Encontramos otro ejemplo de este punto de vista en el día en que, cuando Ramón/Jacques/Frank está pasando justo por delante de la casa vigilada donde viven Trotski y su mujer, Natalja Sedova, sale un coche, a través de cuya luneta trasera pudo ver por primera vez el perfil de la persona que era el objetivo de su misión. Su reflexión posterior puede servir como ejemplo tanto de la solidaridad con que el narrador heterodiegético focaliza el mundo y la historia a través de la perspectiva de Ramón Mercader, como de la emergente escisión de personalidad de Mercader:

Jacques Mornard trató de imaginar cómo se sentiría si alguna vez se encontraba con aquel hombre malvado que un tiempo atrás había logrado situarse tan cerca de la gloria revolucionaria y ahora sobrevivía, justamente execrado, condenado por las infinitas traiciones que había cometido por su sed de protagonismo y su doblez esencial. Si llegaba a estar frente a él, ¿sería capaz de controlarse y no lanzarse al cuello de aquella sabandija que había alentado a los quintacolumnistas de POUM y que ahora gritaba la supuesta debilidad militar soviética? Como una erupción, Ramón Mercader brotó por los poros de Jacques Mornard. (452-53)

Esta división clara entre el apolítico Jacques y el comunista ortodoxo Ramón se borra a través del enfrentamiento personal con Trotski. Ya después del primer encuentro personal con el político Mercader intuye que 'usar aquel disfraz [de Jacques Mornard, HLH] por mucho más tiempo podía ser peligroso' (553). Y en los encuentros que siguen empieza a borrarse la diferencia entre las dos personalidades. Jacques empieza a opinar sobre cuestiones de política, mientras Ramón empieza a dudar sobre lo que es cierto y lo que es mentira en la leyenda acerca de la maldad de su víctima. 'El odio contra el renegado, que debía ser su mejor arma, estaba diluyéndose entre el miedo y las dudas, y ya no sabía si actuaba por las órdenes irreversibles (...) o por una convicción profunda, cada vez más difícil de rescatar en su mente' (619-20).

Así queda relativizada la posición ético-político de Ramón Mercader a través de, primero, un diálogo interior que opone dos personalidades subjetivas, y, segundo, sus diálogos exteriores con, por un lado, Kotov y sus mentiras fáciles y, por otro, el propio Trotski y sus argumentos sólidos y lógicos. Pero la novela también incluye una perspectiva dialógica temporal en el sentido de que la posición ideológica de Ramón Mercader como agente soviético entra en diálogo con la posición desencantada del mismo Mercader en el último capítulo, cuando por los años sesenta ha vuelto a Moscú después de haber pasado más de veinte años en una cárcel en México. Durante una conversación con su antiguo protector y supervisor Kotov, que ahora se llama Eitington, éste le revela la verdad brutal sobre su papel en el plan de matar a Trotski elaborado por el propio Stalin: Los agentes soviéticos calculaban con que los guardias de Trotski le iban a matar, pero en caso improbable de que lograra escapar, ellos mismos se encargarían de hacerle desaparecer. Ramón Mercader responde con incredulidad:

-¿Tengo que creer todas esas barbaridades? ¿Fueron tan cínicos? ¿Tu sabías que me iban a matar? ¿Tú te prestaste a eso?

- Tienes que creer lo que te digo, fuimos más cínicos de lo que te imaginas [...] Stalin lo pervirtió todo y obligó a la gente a luchar y morir por él, por sus necesidades, su odio, su megalomanía. Olvídate del socialismo. ¿Qué socialismo, qué igualdad? Me contaron que Brézhnev tiene una colección de autos antiguos. (705)

Tanto antes como después del atentado Mercader había confiado en la idea de que tendría una mínima chance para escapar, y que sus socios, entre los cuáles estaba su propia madre, iban ayudarle a salir de la cárcel si fuera capturado. Ahora las revelaciones de Kotov/Eitington provocan un diálogo interior en el personaje que le lleva a reconocer su propia responsabilidad y participación en el autoengaño:

Al fin y al cabo, Eitington tenía razón: él se había envuelto en la fe, en la convicción de que luchaba por un mundo mejor, para tapar con aquellos mantos las verdades en las que no quería pensar: los asesinatos, entre otros, de Nin y de Robles, las manipulaciones del partido antes y durante la guerra civil [...] la manipulación de los sucesos de mayo de 1937 en Barcelona [...] (706)

Reconoce que ha sido el miedo el que le ha hecho cegarse a sí mismo, tapar con mantos ideológicos las verdades más obvias. Semanas más tarde, cuando vuelve a encontrarse con su antiguo mentor, parece que la confusión inicial se está convirtiendo en una postura políticamente sólida, severamente crítica frente al partido al que fue tan fiel durante su juventud. Como miembro de una comisión de españoles refugiados en Moscú

encargados de escribir la historia de la guerra civil a los 30 años de su inicio en 1936, tiene acceso a los fondos históricos en el archivo de Moscú, y tiene permiso a entrevistarse con algunos de los veteranos de la guerra civil española que todavía por los años sesenta viven en Moscú. Desde luego no duda en sacar sus conclusiones frente a Kotov/Eitington:

Los fusilamientos de Paracuellos fueron cosa de los anarquistas, según ellos. Y la toma de la Telefónica sigue siendo una acción necesaria para deshacerse de trotskistas y quintacolumnistas que se habían revelado. Justifican o no hablan de la desaparición de Nin, algunos se empeñan en minimizar la importancia de los brigadistas internacionales en la defensa de Madrid, no recuerdan nada de las componendas que vosotros les preparasteis para quitar de en medio a los otros grupos ... (712)

Leída así y con buena voluntad, la novela demuestra una evolución ético-político en el personaje al darse cuenta del cinismo brutal que ha dirigido la política estalinista de los partidos comunistas y de la estafa fatal de que ha sido víctima, pero hay algo que no cuadra: empieza el trabajo para la comisión como mínimo medio año antes de su primera conversación con Kotov/Eitington, ya que cuando entra en los archivos históricos su compañera mexicana, Roquelia, está en su primer viaje a México 'horrorizada por el invierno moscovita' (713), y las dos conversaciones sucesivas tienen lugar en agosto y septiembre (667 y 707) del año siguiente, ya que Ramón en un momento durante el primer encuentro menciona que su mujer trae ropa occidental de moda en México en sus viajes invernales. Eso quiere decir que Ramón ya conoce la manipulación política-histórica de la tradición estalinista antes de hablar con Kotov, pero en la puesta en escena de la trama no será capaz de sacar la conclusión hasta después de la conversación. Y como la postura crítica finalmente obtenida corresponde con la que ha mantenido el narrador a lo largo de la novela, resulta obvio el hecho de que el personaje de Ramón Mercader en esta última parte del libro no actúa con voluntad e integridad independientes como personaje, sino que esté subsumido al proyecto didáctico del autor. En este sentido estamos de acuerdo con María Montes cuando califica a Mercader como un personaje plano con el que no se puede identificar (Montes, 2014). Pero si Montes dirige esta crítica a las dos primeras partes de la novela donde Mercader sigue fiel a su postura ideológica, la mía se dirige más bien al cambio ideológico un poco artificial y manipulado de la última parte de la novela. Parece que el narrador se haya empeñado en forzar un determinado desarrollo ideológico-político en su personaje y que el personaje a través de esta operación se haya convertido en una figura de cartón piedra. Pero esta conclusión será puesta en perspectiva por el último capítulo de la novela, "Réquiem", contado por Dani.

Dani

En el último capítulo, Dani, amigo de Iván y narrador secundario, pasa a ser la voz principal. Dani es también escritor, y es el presunto editor de la novela, ya que en el último encuentro entre Iván y Dani, aquel le deja todos sus papeles para que éste haga con ellos lo que quiera. Y es en este último capítulo donde la novela presenta una cuarta perspectiva del suceso histórico, la cual entra en diálogo con las demás. Según la perspectiva de Dani, más distanciada y más crítica, no hay que tomar demasiado en serio el cambio ideológico del Ramón Mercader maduro de los años sesenta, ya que, según él, sólo quiso esquivar su responsabilidad ética y moral escondiéndose detrás de otra máscara en Moscú, la nueva

identidad de Jaime López. Y además piensa que el interés obsesivo de Iván por las confesiones de Ramón por boca de Jaime se debe al hecho de que Iván estaba ‘buscando a través de aquella confesión una respuesta perdida dentro de sí mismo’ (748). En una conversación entre Dani e Iván sobre este asunto al que se refiere Dani, precisamente la última entre los dos amigos, Iván confesó sentir compasión por el personaje de Mercader a la vez que sintió repugnancia por sentirla. Dice en voz directa, parafraseado de Dani: ‘Mercader fue víctima y verdugo, como la mayoría [...] El no andaba matando a gentes... Fue un soldado que cumplió órdenes. Hizo lo que le mandaron por obediencia y convicción’ (751). Y dos páginas más adelante añade: ‘Y esa compasión lo hace sentirse a uno sucio, contaminado por el destino de un hombre que no debería merecer ninguna piedad, ninguna pena [...] Yo no quiero publicar nada, porque sólo de pensar que esa historia le provoque a alguien un poco de compasión me dan ganas de vomitar...’ (753).

Esta última conversación entre Iván y Dani, contada por la voz escépticamente individualista de éste, arroja nueva luz a la interpretación de los primeros capítulos donde Iván confiesa haber sido influido por la propaganda del régimen cubano. Esta perspectiva transforma la cuestión de la responsabilidad ética y moral en una sociedad regida por la segregación totalitaria entre los de dentro y los excluidos, y el miedo que este mecanismo produce, desde el nivel individual de un asesino profesional al plano colectivo de una sociedad entera: ‘su personaje funciona también como metáfora de una generación’, dice Dani en la penúltima página de la novela (760). Y quizás no solamente de una generación de la sociedad cubana, todavía bajo la influencia de un sistema obsoleto y moribundo, sino también de los países democráticos del mundo occidental, en los cuales el mismo mecanismo político de crear entusiasmo entre la mayoría de la población a través de la exclusión de grupos estigmatizados como parias está emergiendo con cada vez más fuerza.

### **La verdad dialogada y el papel de los perros**

La estructura enunciativa de la novela con su focalización multiperspectivista y uso de diferentes narradores demuestra que la novela no privilegia ninguna perspectiva como más verdadera y más justa que las demás, aunque el discurso del estalinismo totalitario sí queda descalificado. Esta postura cuadra bien con la idea de Bajtín de que la buena literatura tiene que fomentar la responsabilidad ética y moral del lector (*answerability*) en el sentido de que éste tiene que tomar postura de forma activa en el diálogo con las experiencias imaginarias expresadas por el texto (Bajtín, 1993/1999). Pero ¿no ofrece el texto ningún criterio para distinguir como lector entre la credibilidad de todas estas voces dialogadas? Yo pienso que sí, siendo mi hipótesis que la peculiar y constante presencia de los perros es la que nos revela el secreto.

¿Por qué se llama la novela *El hombre que amaba a los perros*? El hombre del título que amaba a los perros es, según la afirmación del mismo narrador principal, evidentemente Ramón Mercader, ya que desde el primer capítulo no deja de señalar a Ramón Mercader como el personaje ‘a quien desde el primer día que le conocí había llamado “el hombre que amaba a los perros”’ (26). Pero, considerándolo bien, podría ser una caracterización válida para toda una serie de personajes del libro. Los tres personajes que dominan la focalización en sus capítulos correspondientes de los dos primeros capítulos, Iván, Trotsky y Ramón Mercader, son todos amantes de los perros. Trotsky tuvo a dos *borzois*, unos galgos rusos, cuando le expulsaron de Moscú a Alma Ata. Logró traer Maya a Siberia, la perra que también llevó a Turquía. Dice Trotsky que Maya formaba parte de su familia y si no iba con ellos, no se iba a ir nadie (38). Más tarde en México su nieto Sieva trajo a casa un cachorro mestizo al

que llamaron Azteca, al que Trotski también cuidaba y al que dedicaba mucho cariño. Según palabras del propio Trotski, los perros superan a los hombres por su fidelidad incondicional e incluso, quizás, por su inteligencia, y entre los perros los *borzois* eran sus favoritos absolutos. En uno de sus encuentros Trotski le dice a Ramón Mercader: 'Lo cierto es que siempre he amado a los perros. Tienen la bondad y una capacidad de ser fieles que superan a las de muchos humanos [...] Búsqese un *borzoi*, un galgo ruso [...] si alguna vez tiene un *borzoi*, nunca se olvidará de mí' (610). Los dos perros que Ramón Mercader, ya disfrazado de Jaime López, tenía en Moscú por los años sesenta, Ix y Dax, y que luego lleva a Cuba para pasear en la playa, también eran *borzois*.

Pero no son sólo los personajes centrales, portadores de la perspectiva narrativa en diferentes partes de la novela, los que aman a los perros, sino también personajes importantes de segundo grado como por ejemplo Ana, la mujer del narrador, que era 'amante apasionada de los perros' (25), e incluso el autor de *Hommage a Catalonia*, el poumista inglés George Orwell, con quién Mercader se encuentra en Barcelona justo antes de la contrarrevolución comunista. El y su mujer 'amaban a los perros y en Inglaterra tenían un *borzoi*' (221). Así que, el amor a los perros está tratado a lo largo de la novela como un rasgo humano y fundamentalmente simpático, y la pasión por los *borzois* surge a través del texto como un símbolo vinculado con la postura del socialismo radical e impoluto. La única persona a quien no parecen gustarle demasiado los perros, es Dani, el narrador secundario del último capítulo. Dice de sí mismo que 'no soy especialmente aficionado a los perros...' (749), lo cual en cierto sentido resulta, si no sospechoso, al menos un rasgo que le resta cierta credibilidad de sus puntos de vista en el diálogo con las demás voces.

Lo más interesante para nuestro propósito es, sin embargo, que los dos protagonistas antagonísticamente opuestos, Trotski y Mercader, no sólo comparten el amor a los perros, sino también la afición a los *borzois*. Según Chantal Mouffe, la relación antagonística convierte al 'otro' en un enemigo a quien hay que eliminar (Mouffe, 2005), lo cual en la novela se traduce de forma literal en el enfrentamiento a muerte entre los dos personajes históricos. Pero si el amor espontáneo a los perros al mismo tiempo da testimonio de un rasgo fundamentalmente humano y simpático en ambos personajes, resulta necesario para el lector buscar en las circunstancias sociales y políticas la explicación de por qué la relación entre dos amantes de los perros se convierte en una relación antagonística. Eso quiere decir que el texto no sólo ofrece al lector la posibilidad de acercarse de forma empática a la perspectiva subjetiva de los dos protagonistas opuestos, sino que también abre a una revisión profunda la relación entre cada uno de ellos y su contornos políticos y sociales.

El uso de la enunciación multiperspectivista y la contextualización histórica, política y social de los conflictos del pasado han sido propuestos como rasgos importantes en lo que Cento Bull y Hansen denominan el modo 'agonístico' de hacer memoria (Cento Bull & Hansen, 2016). El agonismo convierte, según Chantal Mouffe, la relación entre los enemigos de la relación antagonística en adversarios que comparten un mismo espacio simbólico y respetan las reglas democráticas establecidas como condiciones para una pacífica lucha por la hegemonía ideológica (Mouffe, 2005: 30). Pero para hacer esto es necesario eliminar los conceptos morales del bien y del mal de los discursos políticos y sociales con el fin de repolitizar la esfera 'postpolítica' de las sociedades de la modernidad tardía. Y el trabajo político que quiere fomentar una perspectiva agonística consiste, siempre según la filósofa belga, en la práctica de abrir espacios agonísticos de diálogo o debate sobre alternativas políticas reales.

Si intentamos traducir estos conceptos a los discursos y prácticas de la memoria de un pasado violento, resulta que una memoria agonística implicaría volver sobre los procesos

sociales y políticos del pasado que produjeron los efectos de la banalidad del mal, es decir, que llevaron a personas normales y corrientes a cometer crímenes de lesa humanidad en nombre de la misma humanidad, o simplemente porque cumplían órdenes. Asimismo, el modo agonístico implicaría reflexionar sobre las mismas condiciones de recordar y hacer memoria.

Cuando la novela utiliza el multiperspectivismo para mostrar que los amantes de los perros a ambos lados de la línea divisoria del antagonismo político generado por el estalinismo totalitario son buena gente, para decirlo así, y cuando repite que el miedo a la violencia física y a la represión política y social en los regímenes totalitarios es un sentimiento humano y universal y el remedio fundamental para convertir a personas normales en súbditos dóciles y cínicos de regímenes de represión, resulta imposible aplicar conceptos morales de maldad o bondad a los personajes. Y cuando Iván en una conversación con Dani dice que Mercader simplemente '(f)ue un soldado que cumplió órdenes. Hizo lo que le mandaron por obediencia y convicción' (751), no quiere excusar ni legitimar lo que hizo Mercader, sino que siente vergüenza por el mismo hecho de sentir empatía con el asesino. En este sentido contribuye la novela a abrir un espacio agonístico de memoria en el cual el lector se ve enfrentado al desafío ético y moral (la *answerability* bajtiniana) de posicionarse e identificar en su entorno contemporáneo los mismos mecanismos que en el pasado engendraron la banalidad del mal.

## Referencias

- Arendt, H. (1963/2003) *Eichmann en Jerusalén: un estudio sobre la banalidad del mal*. Barcelona: Lumen.
- Assmann, A. & Conrad, S. (eds.) (2010) *Memory in a Global Age: Discourses, Practices, Trajectories*. Houndmill, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Bajtín, M. (1993/1999) *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press.
- Bajtín, M. (1984/1997) *The Problem of Dostoevsky's Poetics*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.
- Cento Bull, A. & Hansen, H.L. (2016) 'On Agonistic Memory'. *Memory Studies* 9(4): 390-404.
- Crownshaw, R. (2011) 'Perpetrator Fiction and Transcultural Memory'. *Parallax* 17(4): 75-89.
- Eaglestone, R. (2011) 'Avoiding Evil in Perpetrator Fiction'. *Holocaust Studies* 17(11): 13-26.
- Erl, A. (2011) *Memory in Culture*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Erl, A. (2010) 'Regional Integration and (Trans)cultural memory'. *Asia European Journal* 8(3): 305-315.
- Erl, A., Nünning, A. & Young, S.B. (eds.) (2008) *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Faber S. (2010) 'La literatura como acto afiliativo: la nueva novela de la guerra civil (2000-2007)', en P. Álvarez-Blanco & T. Dorca (eds.) *Contornos de la narrativa española actual (2000-2010)*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 101-110.
- González Martín, D. & Cruz Suárez, J.C. (eds.) (2013) *La memoria novelada II: ficcionalización, documentalismo y lugares de memoria en la narrativa memorialista española*. Bern: Peter Lang.
- Hansen H. L. (2012) 'Formas de la novela histórica actual', en H. L. Hansen & J. C. Cruz Suárez (eds.) *La memoria novelada*. Bern: Peter Lang, 83-103.
- Hansen, H. L. & Cruz Suárez, J.C. (eds.) (2012) *La memoria novelada*. Bern: Peter Lang.

- Huysen, A. (2003) *Present Pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- Jelin, E. (2013) 'Memoria y democracia. Una relación incierta'. *Política. Revista de Ciencia Política* 51(2): 124-144.
- Johansen, J.D. (1998) 'A semiotic mapping of the study of literature'. *Sign Systems Studies* 26: 274.
- Levy, D. & Sznajder, N. (2002) 'Memory Unbound: The Holocaust and the Formation of Cosmopolitan Memory'. *European Journal of Social Theory* 5(1): 87-106.
- Lillo, M. (2013) *Silencio, trauma y esperanza. Novelas chilenas de la dictadura 1977-2010*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile.
- Lillo, M. (2009) 'La novela de la dictadura en Chile'. *Alpha* 29: 41-54.
- Montes, M. (2014) 'Los terrores del poder. La violencia, el crimen y el miedo en El hombre que amaba a los perros'. *América* 44: 137-145.
- Mouffe, C. (2005) *On the Political*. London and New York: Routledge.
- Nora, P. (2002) 'Reasons for the Current Upsurge in Memory'. *Eurozine* [documento WWW]. URL <http://www.eurozine.com/articles/2002-04-19-nora-en.html#> [fecha de consulta 17 de noviembre 2017].
- Nora, P. (1989) 'Between Memory and History: Les Lieux de Memoire'. *Representations* 26: 7-24.
- Novick, P. (2000) *The Holocaust and Collective Memory. The American Experience*. London: Bloomsbury.
- Olick, J. K., Vinitzky-Seroussi, V. & Levy, D. (eds.) (2011) *The Collective Memory Reader*. New York: Oxford University Press.
- Ribeiro De Menezes, A. (2014) *Embodying Memory in Contemporary Spain*. New York: Palgrave Macmillan.
- Ros, A. (2012) *The Post-Dictatorship Generation in Argentina, Chile, and Uruguay: Collective Memory and Cultural Production*. New York: Palgrave Macmillan.
- Rothberg, M. (2009) *Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization*. Stanford, CA: Stanford University Press.

## Notas para un abordaje de la literatura policial argentina desde una perspectiva de la sociología de la cultura<sup>1</sup>

Hernán Maltz  
Universidad de Buenos Aires,  
Argentina

**Resumen:** En el presente escrito pretendemos exponer algunos núcleos de ideas en miras a conceptualizar una historia de la literatura policial argentina que no se base solamente en una sucesión de ficciones. Partimos de la idea de que dicha historia incluye una historia de los textos pero se trata, también, de una historia de traducciones, editoriales, ediciones, colecciones, premios, concursos, grupos, formaciones, lectores, etcétera. De este modo, además de comentar trabajos específicos sobre literatura policial que apuntan en esta dirección, consideramos pertinente incorporar un marco de conceptualizaciones cercano a las elaboraciones de Pierre Bourdieu y Howard Becker, a fin de elaborar algunas pautas que una historia de la literatura policial argentina no debería soslayar.

**Palabras clave:** literatura argentina, ficción detectivesca y criminal, sociología de la cultura, sociología del arte, Pierre Bourdieu, Howard Becker

**Abstract:** The aim of this paper is to expose a nucleus of ideas in order to conceptualize a history of Argentinian detective and crime fiction that is not only based on a succession of books. I begin with the idea that this history includes the history of the texts, but it is also a history of translations, editorials, editions, collections, prizes, contests, groups, formations, readers, and so on. In this way, I consider pertinent to incorporate a framework of conceptualizations close to the developments of Pierre Bourdieu and Howard Becker, in order to elaborate some guidelines that a history of the Argentinian detective fiction should not avoid.

**Keywords:** Argentinian literature, Detective and crime fiction, Sociology of Culture, Sociology of Art, Pierre Bourdieu, Howard Becker

---

Tal como anticipamos en el título del trabajo, nuestro propósito consiste en consignar notas al respecto, de modo que la estructura de este escrito apunta a enunciar y desarrollar brevemente distintos núcleos de problemas, acompañados de ejemplos para ilustrarlos. Algunos de ellos pueden resultar un tanto obvios, pero esto no nos debe inducir a dejar de

---

<sup>1</sup> Texto presentado en las Jornadas de Estudios en Comunicación y Cultura del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de San Martín (Buenos Aires, 18, 19 y 20 de abril de 2017). Agradezco los comentarios de Marina Moguillansky y Libertad Borda, pues me permitieron ajustar dos aspectos de mi análisis, incorporados en la presente versión.



nombrarlos, especialmente si intentamos que la discusión aquí propuesta exceda el marco de los debates específicamente académicos.<sup>2</sup>

## I.

Una idea básica pero que no deja de ameritar una mención radica en el hecho de que la historia de la literatura policial argentina no es –o no puede investigarse como– una mera sucesión de novelas y cuentos. Incluye, por supuesto, una serie de libros, pero asimismo acarrea –o debería hacerlo– una historia de traducciones, ediciones, editoriales, colecciones, antologías, prólogos, concursos, premios, notas en diarios y revistas, ficciones publicadas en medios hemerográficos, biografías, prosopografías (biografías colectivas), conformación de redes de relaciones y –sin que esto concluya todas las opciones– procesos de usos y concepciones del género policial por parte de escritores, grupos de escritores y otros agentes significativos –críticos, editores, etcétera.

A partir de la publicación de *Asesinos de papel* (1977) de Lafforgue y Rivera,<sup>3</sup> varios de estos aspectos han entrado en consideración, tal como sostiene Ezequiel De Rosso:

*Asesinos de papel* es una antología académica. Incluye una serie de testimonios, notas al pie y citas en francés e inglés que nunca se traducen. Pero, sobre todo, reconceptualiza el género. Para los antólogos, el género se transforma en un campo de problemas. Es decir, la historia del género policial en Argentina deja de ser una lista de autores y textos y se transforma en un entramado complejo de traducciones, revistas y colecciones de libros. Así, al tiempo que exhuman autores y textos, Lafforgue y Rivera comentan qué se traducía, qué tiradas tenían los libros, qué posiciones sostenían las instituciones del campo literario, etcétera. (2012: 80-81)

Sin embargo, en lo sustantivo, los estudios sobre literatura policial argentina continúan ponderando como método principal el análisis de las fuentes literarias; método que, desde luego, resulta muy valioso, aunque la incorporación de perspectivas analíticas desde la sociología de la cultura probablemente pueda optimizarlas.

A modo de ilustración, pensemos en dos exponentes fundamentales de la literatura policial argentina: Jorge Luis Borges y Ricardo Piglia. Más allá de la escritura de ficciones policiales –o que al menos se hallan dentro del ‘registro policial’, según la expresión de Vizcarra

---

<sup>2</sup> Más allá del carácter obvio que probablemente posean para el lector algunos de los postulados que prosiguen, tampoco debemos soslayar el carácter no novedoso de muchos de ellos. Por ejemplo, la idea que trataremos acerca de la literatura como un ámbito de disputas ya ha sido establecida, entre otros, por Casanova, cuando consigna que ‘[l]a historia [...] de la literatura [...] es [...] la historia de las rivalidades que tienen a la literatura por objeto y que han creado –a fuerza de negativas, de manifiestos, de resistencia, de revoluciones específicas, de nuevos caminos, de movimientos literarios– la literatura mundial’ (2001: 25). De cualquier forma, en este escrito nuestra intención radica menos en introducir novedades que en pasar en limpio ideas que circulan y que, según observamos, nadie ha presentado de manera clara como aquí intentamos. Por último, si bien aquí nos centramos en el estudio de la narrativa policial, esto no significa que las premisas que esbozamos no puedan proyectarse a un estudio literario general –el foco en el policial viene dado por nuestro propio objeto de estudio, así como por la necesidad de efectuar un recorte abordable en un artículo académico.

<sup>3</sup> Casi veinte años después se publica una nueva versión del libro (la más habitualmente consultada y citada hoy en día), que ‘es otro y es el mismo’ (Lafforgue y Rivera, 1996: 7) respecto de aquella edición fundacional de 1977, pues la tercera parte del estudio original, integrada por un corpus de ficciones, es reemplazada por nuevos aportes críticos sobre el género.

(2015)–, como “El jardín de senderos que se bifurcan”, “La muerte y la brújula”, “Emma Zunz” y “Abenjacán el Bojarí, muerto en su laberinto”, en el caso del primero, o “La loca y el relato del crimen”, *Respiración artificial*, *Plata quemada*, *Blanco nocturno* y *El camino de Ida*, en el caso del segundo, ambos autores contribuyen a la legitimación del género en nuestro país a través de acciones que exceden la creación literaria, por ejemplo, mediante la dirección de colecciones como *El séptimo círculo* de la editorial Emecé, conducida por Borges y Bioy Casares entre 1945 y 1954, o la *Serie Negra* de la editorial Tiempo Contemporáneo con la que, entre fines de la década de 1960 y principios de la de 1970, Piglia jerarquiza a los autores de la vertiente norteamericana –la denominada *hard-boiled fiction*, con Raymond Chandler y Samuel Dashiell Hammett como sus principales exponentes.<sup>4</sup> La escritura de ensayos e introducciones a antologías también ha resultado crucial: Borges publica textos y reseñas en la revista *Sur*, como “Los laberintos policiales y Chesterton” (1999 [1935]), “Modos de G. K. Chesterton” (1999 [1936]) o su reseña sobre el libro *Le roman policier* de Roger Caillois (1999 [1942]) –reseña que desata la primera polémica sobre el policial en nuestro país–;<sup>5</sup> en el caso de Piglia, tenemos la “Introducción” a su antología *Cuentos de la serie negra* (1979), texto que marca una tendencia en el modo de leer el policial –especialmente la *hard-boiled fiction*– en la Argentina y al que, con los años, se suman otros aportes que consolidan el predominio de la interpretación pigliana del policial, como “Sobre el género policial” –incluido en *Crítica y Ficción* (2006 [1986])– o “Lectores imaginarios” –uno de los capítulos de *El último lector* (2005).

La historia de la literatura policial argentina, por lo tanto, incluye una historia de las novelas y los cuentos policiales, pero no es –o no debería ser– solo una historia de la sucesión de esas ficciones.

## II.

A partir de la idea anterior debemos aclarar otra que se deriva de ella: la historia específica de la sucesión de ficciones policiales argentinas tampoco resulta una lista dada de una vez y de manera definitiva. Al contrario de lo que sostiene Sonia Mattalia, lejos del hecho de que la historia del policial argentino ya esté hecha (2008: 13), consideramos que se trata de un proceso abierto hacia el futuro e igualmente de debate y reflexión retrospectiva.

A modo de ilustración, no debemos olvidar que la discusión sobre los orígenes del género policial en el país sigue abierto, especialmente con la contribución de Román Setton (2012) para pensar y esclarecer lo que habitualmente ha sido presentado como un período de meros antecedentes, en un intervalo que va desde el último tercio decimonónico hasta las primeras décadas del siglo XX y que incluye nombres como los de Luis V. Varela –que, bajo el seudónimo de Raúl Waleis, publica en 1877 la primera novela policial en lengua española, *La huella del crimen*–, Carlos Monsalve, Carlos Olivera, Paul Groussac, Vicente Rossi, Eduardo Holmberg y Horacio Quiroga. El trabajo de dicho investigador nos habilita a distinguir entre la

<sup>4</sup> Así como aquí sostenemos que los estudios sobre literatura policial no pueden soslayar los aportes provenientes desde el emergente campo de la investigación sobre edición, este mismo ámbito de estudios tampoco puede obviar el género policial: valgan como ejemplos un texto de José Luis de Diego (2014), ‘1938-1955. La “época de oro” de la industria editorial’, en el que se consigna el significativo valor de la mencionada colección *El Séptimo Círculo* como puntapié para la relación entre Borges y la editorial Emecé, o el libro de Carlos Abraham (2012) sobre la editorial Tor, detallada investigación en que se mencionan no solo colecciones sino varios casos de *ghost writers* del género.

<sup>5</sup> Estos tres textos, publicados respectivamente en los números 10, 22 y 91 de la revista *Sur*, se pueden hallar reunidos en la compilación a cargo de Sara Luisa del Carril y Mercedes Rubio de Socchi: *Borges en Sur 1931-1980* (Borges, 1999).

historia del género policial en la Argentina y la apuesta estético-literaria de Jorge Luis Borges –y de otros escritores nucleados en torno a la revista *Sur*–, cuyo ‘programa literario se ha transformado en la interpretación de la historia del género en la Argentina’ (Setton, 2012: 47). Si hasta hace poco tiempo la crítica establecía los orígenes de la literatura policial nacional en la década de 1940, con las producciones del propio Borges –y su ‘modelo abstractivo y abstracto del policial’ (Setton, 2012: 59)–, Bioy Casares, Manuel Peyrou y Leonardo Castellani, entre otros, la investigación de Setton contiene el ‘irreverente’ gesto de trasladar el inicio del policial argentino a más de sesenta años antes del momento en que comenzaban a publicar los presuntos primeros autores del género, en un movimiento que también desmonta el uso programático del género por parte de Borges –uso que se había convertido en la versión ‘institucionalizada’ del policial nacional.

Por su parte, los debates sobre la actualidad del género no están de ningún modo sellados; al contrario, se suele señalar que aún debemos esperar para conceptualizar los últimos años de literatura policial. En este sentido, por ejemplo, en su elogio sobre la antología de Jorge Lafforgue de 1997, *Cuentos policiales argentinos*, De Rosso es cuidadoso y habla de ‘una (*todavía conjetural*) historia del relato policial contemporáneo en Argentina’ que debería considerar al prólogo de dicho libro como punto de partida (2014: 111; énfasis propio).

De este modo, a partir del primer ejemplo brindado, advertimos que la historia de la literatura policial argentina y cómo se la cuenta no es ajena a las trayectorias de autores y grupos. Insistimos: lejos del hecho de que la historia del policial argentino ya esté hecha (Mattalia, 2008: 13), consideramos que se trata de un proceso abierto hacia el futuro e igualmente de debate y reflexión retrospectiva.

### III.

Nuevamente, de la idea anterior derivamos otra: además del carácter conflictivo y negociado en torno a una lista de autores y obras nacionales del policial, no menos importante resulta ver cuáles son las interpretaciones que dominan esta literatura. Veamos tres ejemplos distintos para observar cómo unas se imponen sobre otras.

Algunos trabajos críticos se han ocupado de reseñar la polémica entre Borges y Roger Caillois en torno a los orígenes de la ficción policial (Capdevila, 1995; Setton, 2012; 2016), que básicamente se centra en una disputa por el origen nacional del género, inglés o francés según uno u otro, pero que, en todo caso, podemos interpretar como una actitud por parte de Borges para poner un límite a la intervención de Caillois en el escenario cultural argentino. Recordemos que Caillois visita la Argentina y publica *Le roman policier* en 1942. Sobre este libro, Borges saca una reseña en *Sur*, que comienza de la siguiente manera:

Descreo de la historia; ignoro con plenitud la sociología; algo creo entender de literatura, ya que en mí no descubro otra pasión que la de las letras ni casi otro ejercicio. En la monografía de Caillois, lo literario (juicios, resúmenes, censuras, aprobaciones) me parece muy valedero; lo histórico-sociológico, muy *unconvincing*. (He declarado ya mis limitaciones.)

En la página 14 de su tratado, Caillois procura derivar el *roman policier* de una circunstancia concreta: los espías anónimos de Fouché, el horror de la idea de polizontes disfrazados y ubicuos. Menciona la novela de Balzac, *Une ténébreuse affaire*, y los folletines de

Gaboriau. [...] Verosímilmente, la prehistoria del género policial está en los hábitos mentales y en los irrecuperables *Erlebnisse* de Edgar Allan Poe. (Borges, 1999: 248-249)<sup>6</sup>

Como apunta Setton, 'es casi inevitable sorprenderse por la violencia del ataque y por el carácter caprichosamente sesgado de su "recepción" del tratado' (Setton, 2016: 65). Precisamente este carácter sesgado evidencia que, en verdad, más que un debate argumentado sobre el género policial, estamos frente a una disputa en el marco de un campo cultural argentino en que se debaten la figura de un Borges en camino a su consagración internacional –consagración que, curiosamente, viene *a posteriori* con la colaboración del propio Caillois– y un extranjero en el panorama argentino –extranjero que, por cierto, había sido invitado por Victoria Ocampo, por lo que distaba, en vista de quién era su anfitriona, de arribar en una posición marginal.

Más allá del ejemplo dado por la polémica entre Borges y Caillois que, tal como mencionamos, ha recibido cierta atención por parte de la crítica, podemos traer a cuenta otro ejemplo: una suerte de disputa diferida que hallamos mediante una nota agregada en una reedición de un texto de Juan José Sebreli. Esta tensión diferida se basa en la recepción crítica de la *hard-boiled fiction* en nuestro país: en general, en la Argentina ha predominado la interpretación pigliana y su hipótesis de lectura de la serie negra como 'novelas capitalistas' (Piglia, 2006: 62), en detrimento de otras grillas de lectura que han quedado en el olvido, como el enfoque de Sebreli (1997) basado en las relaciones cosificadas de los personajes de la novela negra.<sup>7</sup>

La consagración de Piglia, su lugar central en el campo literario argentino, ha contribuido, por supuesto, a que sus ideas sobre el policial se conviertan en las ideas dominantes sobre el género. Lo sugestivo, creemos, es comprobar este carácter dominante de las reflexiones piglianas cuando leemos una "Anotación de 1997" que Sebreli añade a su texto "Dashiell Hammett o la ambigüedad" –publicado originalmente en 1959 en el diario *El litoral*–, en un *post scriptum* que no apunta a discutir ideas sino a hacer visible que él había sido el pionero en reivindicar la literatura policial norteamericana en nuestro país. Vale la pena citar gran parte de dicha nota:

Hacia mediados de siglo la novela negra norteamericana era casi desconocida entre nosotros. En los kioscos se difundía una novela detectivesca de poca calidad del tipo de Sexton Blake, y otras publicaciones de la editorial Tor. Entre un público más sofisticado, Jorge Luis Borges y Adolfo Bioy Casares habían logrado imponer a través de una *Antología* y de la colección El Séptimo Círculo, la novela de enigma a la manera clásica inglesa, a la que también adhería Rodolfo Walsh, pero repudiaban la novela negra, que entonces no se llamaba así [...].

---

<sup>6</sup> La polémica, que incluye dos intervenciones de Borges y una de Caillois –aparecidas en los números 91 y 92 de 1942 de la revista *Sur*–, puede leerse entera en el ya citado libro que recopila las intervenciones de Borges en *Sur* (Borges, 1999: 248-253).

<sup>7</sup> Desde luego, los aportes conceptuales de Piglia para pensar el género abordan otros aspectos. Más allá de la referida lectura de la serie negra como novelas capitalistas en "Sobre el género policial" –texto incluido en *Crítica y Ficción* (2006 [1986])–, otros aportes sustantivos los hallamos en su temprana "Introducción" a la compilación *Cuentos de la serie negra* (1979), en la que exhibe argumentos a favor de la *hard-boiled fiction* y su interés en la cuestión social –frente al presunto carácter matemático e irreal del policial clásico–, o "Lectores imaginarios" –incluido en *El último lector* (2005)–, en donde trabaja la idea del detective como lector en sentido literal. Pero, dadas las características de la poética pigliana, sus elaboraciones teóricas las hallamos también en sus ficciones, como por ejemplo sucede con las reflexiones en torno a lo que él denomina 'ficción paranoica' y sobre la que se detiene en sus últimas dos novelas, *Blanco nocturno* y *El camino de Ida*.

A Hammett lo descubrí *circa* 1955 cuando cayó en mis manos por casualidad la edición de 1945 de *Cosecha roja*, en la legendaria colección Rastros [...]. Me deslumbró e inmediatamente conseguí *El halcón maltés*, publicado por Siglo XX en 1946. Les pasé el santo y seña a mis amigos de entonces Carlos Correas y Oscar Masotta y entre los tres nos dedicamos a rastrear en las librerías de viejo todo lo que encontramos de Raymond Chandler, William Burnett, David Goodis, Eric Ambler y [...] James M. Cain. Nuestra fe en el nuevo género literario del que creíamos ser únicos cultores ya que aquí no era compartido entonces por casi nadie, se vio reforzada cuando nos enteramos de que era admirado por André Gide, André Malraux, Jean Paul Sartre y Simone de Beauvoir [...]. La pasión por la novela negra se vio complementada en seguida por la del cine norteamericano negro, que estaba por esos años en el apogeo, y se convirtió en una excitante aventura descubrir alguna joya escondida en filmes de clase B, cuando faltaban aún muchos años para que comenzara el culto a los géneros bajos [...]. Cuando en los últimos años sesenta surgió una pléyade de críticos literarios e imitadores locales de la novela negra, pocos recordaron que yo había escrito sobre Hammett ya en 1959, cuando era ignorado en el mundo de la cultura. (Sebreli, 1997: 231-233)

Aquí tenemos varias cuestiones significativas: en principio, la reivindicación por parte de Sebreli de ser el pionero en leer e intentar legitimar la novela negra en la Argentina tiende a ser argumentada con una apelación a la autoridad que merodea la falacia, a través de la mención a los referentes del campo intelectual francés de mediados del siglo XX. En segundo lugar, la presencia en la nota de la colección Rastros (de la editorial Acme) y de la editorial Siglo XX reafirman nuestro primer argumento respecto a la relevancia que tienen distintos factores, como el editorial, para pensar una historia de la literatura policial argentina. En tercer lugar, debemos aclarar que la referencia a Borges y Bioy Casares y su legitimación de 'la novela de enigma a la manera clásica inglesa' en detrimento de la novela negra es solo parcialmente cierta, pues oculta el hecho de que, como apunta Pablo De Santis (2003), ellos en verdad confrontaban con la tradición francesa del policial –y no tanto con la norteamericana que, de hecho, cuenta con varios autores publicados en *El Séptimo Círculo*–. Por último –y más importante–, la consideración despectiva hacia 'una pléyade de críticos literarios e imitadores locales de la novela negra' surgida 'en los últimos años sesenta' nos remite a la publicación del primer volumen de la ya mencionada *Serie Negra* de la editorial Tiempo Contemporáneo, *Cuentos policiales de la serie negra* (1969), selección de cuentos estadounidenses que se inicia con una escueta nota preliminar firmada como Emilio Renzi y que habitualmente es señalada como uno de los primeras operaciones de legitimación de la *hard-boiled fiction* en la Argentina.<sup>8</sup> Desde luego, esta impugnación por parte de Sebreli difícilmente prevalezca pero, como indicamos al inicio de este ejemplo, sirve para ilustrar cómo un sujeto marginal intenta auto-reivindicarse a través de la descalificación de aquellos que se encuentran en posiciones dominantes –y desde las que emiten los discursos legítimos sobre el policial.

La rivalidad entre distintas interpretaciones –que, vale aclarar, no necesariamente buscan rivalizar de manera consciente– incluso puede ser percibida en el propio nombre del género, pues contiene una multiplicidad de opciones que, a su vez, remiten a distintas

---

<sup>8</sup> Aclaremos que este volumen que inaugura la *Serie Negra* de Tiempo Contemporáneo, *Cuentos policiales de la serie negra* (1969), no es el mismo volumen que se publica diez años después con un título muy similar y al que nos hemos referido en una nota al pie, *Cuentos de la serie negra* (1979), publicado por el Centro Editor de América Latina.

tradiciones. Veamos cómo Héctor Vizcarra trae a cuenta este panorama, al tiempo que justifica el empleo de la etiqueta 'policial' con un argumento basado en el uso por convención:

[...] no es de extrañar que en la historia crítica de este tipo de ficción encontremos una enorme cantidad de apelativos que refieren el fenómeno, de tal suerte que *narrativa policial, novela negra, novela de enigma, de detectives o criminal*, a pesar de describir los diferentes matices de un conglomerado de tópicos ficcionales, quedan propensos a ser confundidos o a ser empleados arbitrariamente. En el presente texto predominarán, sin mayores distinciones, el término *policial* alternado con *detectivesco* (o *relato de detección*), el primero con el afán de reconocer la tradición de la nominación latinoamericana alrededor del tema (frente al *policíaco*, usual en España), que, a su vez, proviene de la herencia francesa de los escritos pioneros del género en América Latina (*roman policière*, o el ahora olvidado *roman judiciaire*, como el argentino Raúl Waleis subtituló en 1877 a *La huella del crimen*, novela que traslada el modelo narrativo a nuestras latitudes), mientras que el segundo, *detectivesco*, traducción que deriva de la etiqueta anglosajona *detective fiction*, al enfatizar la actividad que guía la trama, esto es, la detección, elimina la necesidad (al menos en nomenclatura) de la participación de las fuerzas del orden oficiales. Por ello, más que adherirme a una u otra tradición o descartar alguna, el empleo de ambos términos obedece a un convenio aceptado en los estudios sobre el tema, dado que aglutinan paralelamente el vasto repertorio de narrativas que basan su intriga en la resolución de un enigma. (2015: 15-16)

A través de estos ejemplos –la polémica entre Borges y Caillois, la impugnación de Sebrelí a Piglia e incluso la multiplicidad de etiquetas que nombran el género–, insistimos en la idea de que las formas de concebir, pensar y reflexionar sobre el policial están atravesadas por tramas de interpretaciones que evidencian tensiones y/o rivalidades explícitas entre ellas.

#### IV.

El conflicto señalado entre autores, obras, recepciones, interpretaciones, etcétera, nos puede conducir a la idea de que hay una disputa por *algo* en juego. Esta idea, a su vez, nos habilita a remitirnos al concepto de *campo* bourdiano. Recordemos que los campos 'se presentan para la aprehensión sincrónica como espacios estructurados de posiciones (o de puestos) cuyas propiedades dependen de su posición en dichos espacios y pueden analizarse en forma independiente de las características de sus ocupantes (en parte determinados por ellas)' (Bourdieu, 1990: 135); en estas estructuras 'encontraremos una lucha, cuyas formas específicas habrá que buscar cada vez, entre el recién llegado que trata de romper los cerrojos del derecho de entrada, y el dominante que trata de defender su monopolio y de excluir a la competencia' (1990: 135). Cada una de dichas estructuras de posiciones regidas por la lucha se centra en que haya *algo* en juego y que haya actores dispuestos y capaces para jugar –lo cual presupone que ellos están dotados 'de los *habitus* que implican el conocimiento y reconocimiento de las leyes inmanentes al juego, de lo que está en juego, etcétera' (1990: 136). Esta capacidad de cada agente, a su vez, resulta dada por el volumen y la posesión de un capital específico propio de cada campo particular:

Un campo –podría tratarse del campo científico– se define, entre otras formas, definiendo aquello que está en juego y los intereses específicos, que son irreductibles a

lo que se encuentra en juego en otros campos o a sus intereses propios [...]. Para que funcione un campo, es necesario que haya algo en juego y gente dispuesta a jugar, que esté dotada de los *habitus* que implican el conocimiento y reconocimiento de las leyes inmanentes al juego, de lo que está en juego, etcétera.

[...]

La estructura del campo es un *estado* de la relación de fuerzas entre los agentes o las instituciones que intervienen en la lucha o, si ustedes prefieren, de la distribución del capital específico que ha sido acumulado durante luchas anteriores y que orienta las estrategias ulteriores. Esta misma estructura, que se encuentra en la base de las estrategias dirigidas a transformarla, siempre está en juego: las luchas que ocurren en el campo ponen en acción al monopolio de la violencia legítima (autoridad específica) que es característico del campo considerado, esto es, en definitiva, la conservación a subversión de la estructura de la distribución del capital específico. (Hablar de capital específico significa que el capital vale *en relación con* un campo determinado, es decir, dentro de los límites de este campo, y que solo se puede convertir en otra especie de capital dentro de ciertas condiciones). (Bourdieu, 1990: 135-136)

Si damos por hecho que hay un campo literario argentino, quizás podríamos concebir que exista, dentro de él, algo así como un subcampo o un subespacio de literatura policial. Sin embargo, dado que la producción y circulación de policiales difícilmente posea una autonomía relativa propia, en todo caso consideramos más pertinente pensar en la producción de narrativa policial como una suerte de capital específico dentro del campo literario.<sup>9</sup> La literatura policial podría constituir un capital legítimo, reconocido simbólicamente, por ejemplo, desde el momento en que Borges, ya en el centro de la escena del campo literario nacional, efectúa una maniobra de legitimación del policial –pero no de cualquier tipo de policial, sino específicamente de su ya mencionado modelo abstracto y anglosajón, que toma como paradigma ciertas ficciones de Poe y Chesterton (Setton, 2012).

Un ejemplo más reciente que nos permite concebir la narrativa policial como un capital reconocido simbólicamente en el escenario de la literatura argentina lo hallamos en el libro de la crítica Sandra Contreras sobre César Aira. Esta investigadora menciona la existencia de un ‘imperativo del policial’ (2008: 142) que tiende a funcionar como un parámetro regulativo de consagración en las letras argentinas. Vale recordar el caso puntual con el que ilustra su afirmación, cuando afirma que ‘[p]rueba de la ascendencia o del imperativo del policial en el campo puede darla el hecho de que la narrativa de Saer, un proyecto tan abiertamente refractario al recurso a convenciones genéricas, haya ensayado, finalmente, una variación sobre el género: *La pesquisa* (1994)’ (2008: 142). La idea de que un referente canonizado de las letras argentinas como Saer haya trabajado en estrecho vínculo con el género en una de sus novelas – y cuyo nombre, por ende, se suma a los de Borges, Walsh, Piglia y Puig– refuerza la idea de que la legitimación del policial hay que buscarla no solo en los textos que guardan una presunta calidad literaria, sino en el propio gesto que suponen estas producciones de parte de nombres

---

<sup>9</sup> Recordemos que Bourdieu define el capital como ‘trabajo acumulado, bien en forma de materia, bien en forma interiorizada o “incorporada”’ (2001: 131). Si bien en principio reconoce tres tipos básicos de capital, económico, cultural y social –que, en la medida en que sean reconocidos, son capital *simbólico*–, la especificidad propia de un campo acarrea la especificidad inherente del capital que le es propio y, en este sentido, podríamos considerar la existencia de un capital literario. Por supuesto, la existencia de este capital no puede reconocerse sin al menos dejar consignados posibles reparos al respecto, como por ejemplo el hecho de que lo propio de este capital, lo ‘literario’, guardaría una gran heterogeneidad en su interior.

consagrados. En términos bourdianos, podemos sostener que el reconocimiento simbólico del policial en el campo literario argentino se explica, al menos en parte, por el hecho de que ha sido practicado y defendido por aquellos que ocupan posiciones dominantes.

## V.

Si en el apartado anterior consideramos la idea general de pensar la narrativa policial desde un marco conceptual bourdiano, igualmente productivo resulta hacerlo desde la óptica de los estudios de Howard Becker. A diferencia de la grilla de inteligibilidad bourdiana centrada en la lucha, para este autor 'todo trabajo artístico comprende la actividad conjunta de una serie –con frecuencia numerosa– de personas' (2008: 17). En esta perspectiva teórica, la lógica del campo resulta suplantada por la de los denominados *mundos del arte*: 'Por medio de su cooperación, la obra de arte que finalmente vemos o escuchamos cobra existencia y perdura. La obra siempre revela indicios de esa cooperación. Las formas de cooperación pueden ser efímeras, pero a menudo se hacen más o menos rutinarias y crean patrones de actividad colectiva que podemos llamar un mundo del arte' (2008: 17).

Desde luego, no nos resulta difícil aplicar la matriz beckeriana al caso de la narrativa policial argentina. Basta con mencionar que existe una red de solidaridad y colaboración entre autores que escriben y se leen recíprocamente, que presentan los libros de otros, que mantienen un trato regular y cotidiano a través de redes sociales cibernéticas (como *Facebook*) y que también comparten momentos institucionalizados de participación colectiva, como los festivales de literatura policial que conforman un circuito y un punto de encuentro que se ha establecido en los últimos años en nuestro país: *BAN! Buenos Aires Negra*, *Azabache*, *Córdoba Mata* y *La Chicago Argentina*, en Buenos Aires, Mar del Plata, Córdoba y Rosario, respectivamente.<sup>10</sup>

Este tipo de acciones y situaciones nos permite sostener que existe una construcción colectiva de la literatura policial argentina. Pero, asimismo, esta afirmación no tiene por qué excluir las ideas derivadas del enfoque bourdiano. Es decir, si juntamos a Becker con Bourdieu, podemos decir que efectivamente hay un campo literario en el que hay *algo* en juego, aunque los sistemas de posiciones no son solo de competencia, sino que también evidencian la existencia de redes de solidaridad.

Asimismo –y en sintonía con el enfoque basado en la construcción colectiva del género–, tampoco podemos soslayar un evidente –aunque muchas veces olvidado– factor centrado en el amor incondicional que diversos agentes demuestran respecto a la literatura policial. En este sentido, cabe apropiarnos de las reflexiones de Benzecry sobre el mundillo de los fanáticos de la ópera en Buenos Aires y hacerlas extensivas a los productores y consumidores del policial:

La perspectiva que me interesa destacar aquí tiene que ver con estados de autotranscendencia y autoformación, con situaciones de descubrimiento y revelación en las que el mundo exterior a la ópera no consigue atraer el interés del amante apasionado, un apego que arranca a la persona de lo mundano, la lleva fuera de las fronteras del sí mismo, la entrega a la renuncia de sí y la prepara para los sacrificios. Con todo, siguiendo la obra sobre el amor romántico del sociólogo británico Anthony Giddens, también estoy interesado en los rasgos de libertad, de regulación y de

---

<sup>10</sup> En uno de sus artículos en torno al espacio literario porteño en la década de 1990, Benzecry (2006) ya ha advertido que los eventos públicos de sociabilidad literaria –como las presentaciones de libros– evidencian la existencia de estrategias de solidaridad entre los agentes y no tanto de conflicto.



autorrealización que comprende la metáfora *amar*. Amar la ópera, en estas definiciones, significa comprometerse voluntariamente con ella. Significa tanto haberse enamorado a primera vista como aceptar la serie de deberes, actividades y obligaciones que implica ese compromiso. Significa aceptar que, junto con la idealización del objeto de apego, hay una serie de prescripciones y concesiones que uno debe conquistar. (Benzecry, 2012: 29)

El objetivo de dicho investigador consiste en elaborar 'una sociología del apego a formas culturales centrada en el carácter afectivo y personalizado de esa afición' (2012: 25). De nuestra parte, aquí apenas esbozamos ciertas ideas respecto al abordaje de la literatura policial desde la sociología de la cultura y, por ende, una sociología más específica sobre los apegos personalizados puede parecer una actividad investigativa un tanto lejana, aunque al menos consideramos pertinente dejar asentado el carácter vacante y pendiente de ella. En esta perspectiva, entonces, debemos contemplar el estudio de la literatura policial no solo como un objeto cultural atravesado por lo afectivo, sino, también, a través de su inscripción en distintas subjetividades que la leen, se la apropian y la experimentan de múltiples formas y con variados sentidos. Parfraseando la cita precedente de Benzecry, planteamos que enamorarse del policial implica aceptar una serie de deberes, actividades y obligaciones: 'junto con la idealización del objeto de apego, hay una serie de prescripciones y concesiones que uno debe conquistar' (2012: 29). En una fórmula sintética, concluimos que debemos tener presente una dimensión de la literatura policial como objeto de placer y, fundamentalmente, con sujetos de placer que actualizan –o no–, mediante sus prácticas, el deseo por lo policial.<sup>11</sup>

## VI.

Al principio de este escrito mencionamos el hecho de que el policial argentino ha sido incorporado como objeto de estudio por parte de la academia. Desde la publicación de la primera edición de *Asesinos de papel* en 1977, los trabajos han crecido en número, especialmente en el siglo XXI, con la aparición de distintos libros, como *Diagonales del género. Estudios sobre el policial argentino* (2013 [2001]) de Néstor Ponce, *La ley y el crimen. Usos del relato policial en la narrativa argentina (1880-2000)* (2008) de Sonia Mattalia, *Cadáveres en el armario. El policial palimpsestico en la literatura argentina contemporánea* (2011) de Osvaldo Di Paolo, *Nuevos secretos. Transformaciones del relato policial en América Latina. 1990-2000* (2012) de Ezequiel De Rosso, *Los orígenes de la narrativa policial en la Argentina: recepción y transformación de modelos genéricos alemanes, franceses e ingleses* (2012) de Román Setton o *El policial campero. Historia de un género* (2012) de Gerardo Pignatiello. La mayoría de estos estudios, en lo sustantivo, son análisis –muy valiosos– de las fuentes literarias. Varios de ellos – como los de De Rosso o Setton –, aun focalizados en este tipo de fuentes, no dejan de reconocer algunos elementos extra-literarios que son fundamentales para una historia del género policial

---

<sup>11</sup> Benzecry advierte: 'El análisis sociológico contemporáneo ha puesto el acento en las condiciones contextuales de la producción de la cultura objetiva. Los procesos mediante los cuales esas formas se incorporan en la cultura subjetiva, los diversos estilos del cultivo de uno mismo, han quedado relegados a un segundo plano' (2012: 31). Esta crítica, por supuesto, es perfectamente aplicable a los estudios sobre literatura policial que, hasta el momento, casi no han producido aproximaciones analíticas sobre el público lector y sus prácticas de recepción, apropiación y experimentación –aunque no debemos olvidar que, en los antecedentes de la sociología cultural argentina, sí existe el gran trabajo de Prieto (1988) sobre la formación de un público lector masivo, entre fines del siglo XIX y principios del XX, por lo que una indagación específica sobre la narrativa policial debería empezar por retomar dicha investigación, tal como hace la tesis de maestría en curso de Andrea Vilariño.

argentino que no puede ser solo literaria. De este modo, insistimos en que dicha historia no debería prescindir de una matriz analítica propia de la sociología de la cultura, tal como intentamos sostener mediante distintos argumentos concatenados.

Por último, tampoco podemos dejar de mencionar que –hace ya varios años, pero en una tendencia que se acentúa– los estudios del género policial comienzan a armar sus corpus con ficciones producidas en otros soportes y lenguajes. En esta dirección, Lafforgue (2016: 55) ha indicado recientemente que la ‘expansión genérica’ del policial impele a incorporar otras variantes a los tradicionales estudios de literatura: cine, radio, televisión, historieta y periodismo de investigación –y, en efecto, cuando revisamos las reediciones de libros clásicos como *Asesinos de papel* de Lafforgue y Rivera o *El género negro* de Giardinelli, comprobamos que agregan textos sobre cine policial (Rivera, 1996: 201-207; Giardinelli, 2013: 259-274), a los que podemos sumar trabajos más recientes, como los de Di Paolo (2011) y Pignatiello (2012), que ya desde el armado de sus corpus contemplan una combinación de ficciones escritas y audiovisuales.

## Referencias

- Abraham, C. (2012) *La editorial Tor: medio siglo de libros populares*. Buenos Aires: Tren en Movimiento.
- Becker, H. (2008) *Los mundos del arte: sociología del trabajo artístico*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- Benzecry, C. (2006) ‘With a Little Help From My Friends: Intellectual Sociability and Literary Value in Contemporary Buenos Aires’. *Ethnography* 7(2): 155-178.
- Benzecry, C. (2012) *El fanático de la ópera. Etnografía de una obsesión*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- Borges, J. L. (1999) ‘Los laberintos policiales y Chesterton’ [1935], ‘Modos de G. K. Chesterton’ [1936] y ‘Roger Caillois: Le roman policier’ [1942], en *Borges en Sur 1931-1980*. Buenos Aires: Emecé, 126-129, 18-23 y 248-253.
- Bourdieu, P. (1990) ‘Algunas propiedades de los campos’, en *Sociología y cultura*. México D. F.: Grijalbo, 135-141.
- Bourdieu, P. (2001) *Poder, derecho y clases sociales*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Capdevila, A. (1995) ‘Una polémica olvidada (Borges contra Caillois sobre el policial)’, en S. Cueto, et al. (eds.) *Borges: ocho ensayos*. Rosario: Beatriz Viterbo, 67-82.
- Casanova, P. (2001) *La República mundial de las Letras*. Barcelona: Anagrama.
- Contreras, S. (2008) *Las vueltas de César Aira*. Rosario: Beatriz Viterbo.
- De Diego, J. L. (2014) ‘1938-1955. La “época de oro” de la industria editorial’, en J. L. de Diego (dir.) *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 97-133.
- De Rosso, E. (2012) *Nuevos secretos: transformaciones del relato policial en América Latina, 1990-2000*. Buenos Aires: Liber.
- De Rosso, E. (2014) ‘Misterios cotidianos: sobre las novelas policiales más vendidas’. *Cuadernos del CILHA* 15 (21): 109-122.
- De Santis, P. (2003) ‘Los mejores asesinatos de la literatura’. *La Nación*, 13 de abril de 2003. [Documento WWW]. URL: <http://www.lanacion.com.ar/487962-los-mejores-asesinatos-de-la-literatura> [fecha de consulta 25 de febrero de 2017].

- Di Paolo, O. (2011) *Cadáveres en el armario: el policial palimpsestico en la literatura argentina contemporánea*. Buenos Aires: Teseo / Austin Peay State University.
- Giardinelli, M. (2013 [1984]) *El género negro: orígenes y evolución de la literatura policial y su influencia en Latinoamérica*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Lafforgue, J., & J. B. Rivera (1977) *Asesinos de papel. Una introducción: historia, testimonios y antología de la narrativa policial en la Argentina*. Buenos Aires: Calicanto.
- Lafforgue, J., & J. B. Rivera (1996) *Asesinos de papel: ensayos sobre narrativa policial*. Buenos Aires: Colihue.
- Lafforgue, J. (2016) 'Repensar el policial hoy en la Argentina', en R. Setton & G. Pignatiello (comp.) *Crimen y pesquisa. El género policial en la Argentina (1870-2015): literatura, cine, televisión, historieta y testimonio*. Buenos Aires: Título, 45-56.
- Mattalia, S. (2008) *La ley y el crimen: usos del relato policial en la narrativa argentina (1880-2000)*. Madrid, Fráncfort del Meno: Iberoamericana / Vervuert.
- Piglia, R. (1979) 'Introducción', en Piglia, R. (comp.) *Cuentos de la serie negra*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 7-14.
- Piglia, R. (2005) 'Lectores imaginarios', en *El último lector*. Buenos Aires: Anagrama, 77-102.
- Piglia, R. (2006 [1986]). 'Sobre el género policial', en *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Anagrama, 59-62.
- Pignatiello, G. (2012) *El policial campero: historia de un género*. Tesis doctoral no publicada, Pensilvania: Universidad de Pensilvania.
- Ponce, N. (2013 [2001]) *Diagonales del género: estudios sobre el policial argentino*. San Luis Potosí: El Colegio de San Luis.
- Prieto, A. (1988) *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Rivera, J. B. (1996) 'La temática policial en el cine argentino', en J. Lafforgue & J. B. Rivera (eds.) *Asesinos de papel: ensayos sobre narrativa policial*. Buenos Aires: Colihue.
- Sebreli, J. J. (1997) 'Dashiell Hammett o la ambigüedad'. *Escritos sobre escritos, ciudades bajo ciudades*. Buenos Aires: Sudamericana, 223-233.
- Setton, R. (2012) *Los orígenes de la narrativa policial en la Argentina: recepción y transformación de modelos genéricos alemanes, franceses e ingleses*. Madrid, Fráncfort del Meno: Iberoamericana / Vervuert.
- Setton, R. (2016) 'Polémicas y textos programáticos tempranos sobre literatura policial (1877-1942)', en R. Setton & G. Pignatiello (comps.) *Crimen y pesquisa. El género policial en la Argentina (1870-2015): literatura, cine, televisión, historieta y testimonio*. Buenos Aires: Título, 57-69.
- Vizcarra, H. F. (2015) *El enigma del texto ausente: policial y metaficción en Latinoamérica*. México D. F.: Almenara Press / Universidad Nacional Autónoma de México.

## **Dossiê**

# **Amazônia, modernização e desenvolvimento**

Antônio A. R. Ioris  
Cardiff University, UK

Vitale Joanoni Neto  
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Organizadores

## Apresentação

**Antônio A. R. Ioris**  
Cardiff University, UK

**Vitale Joaoni Neto**  
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

A Amazônia tem sido objeto de estudos, foco de atenção e suscitado debates internacionais envolvendo questões climáticas, sobre a preservação ambiental, acerca de suas reservas hídricas ou mesmo sobre o destino dos povos indígenas que nela vivem. O estado de Mato Grosso, nesse complexo cenário, tem papel de protagonista. Incluído naquilo que os governos militares denominaram Amazônia Legal, contém de fato parte da área de floresta densa e também grandes áreas de Cerrado e mata de transição. É nesse complexo conjunto de biomas que avançam desde o início dos anos 1970 as culturas da soja, milho e algodão e a criação do gado de corte. Essa transformação tem raízes nos antigos projetos de incorporação da Amazônia ao país. Durante séculos, esse imenso território foi considerado vazio, portador de grandes riquezas, envolto em mistérios. Nos anos 1950 com o avanço da Guerra Fria, foi visto como vulnerável à invasão comunista, em razão de sua extensa faixa de fronteira considerada inexplorada ao Norte e a Oeste. Isso justificou as ações de Integração Nacional que deram início ao que foi chamado de Modernização e Desenvolvimento da Amazônia após 1970. Foi na esteira dessas ações que envolveram a criação de agências governamentais, a destinação de recursos públicos e o forte estímulo ao investimento do capital privado, que a floresta começou a ser substituída por pastagens ou plantações em larga escala ao preço do avanço sobre áreas indígenas, do uso de grandes quantidades de agrotóxicos, da implantação de infraestrutura de transporte que impacta fortemente a floresta remanescente, da concentração de terras e do desenvolvimento daquilo que se hoje se chama agronegócio.

Antes de adentrarmos o argumento de cada artigo, é importante discutir, ainda que de modo breve, a longa trajetória histórica e geográfica do avanço do processo de desenvolvimento em Mato Grosso. O estado se formou como uma área de disputa entre dois projetos coloniais – Português e Espanhol – e como parte integral da exploração da região amazônica (incluindo desde as chamadas 'drogas do sertão' à coleta de borracha). Como já mencionado acima, e ainda mais relevante para a presente análise, desde a metade do último século houve a promoção de diversos planos governamentais e iniciativas privadas voltadas à partilha e ocupação de grande parte do Mato Grosso na forma de propriedades rurais. O estado foi convertido em uma das principais fronteiras agrícolas brasileiras, culminando desde o ano 2000 no principal produtor de diversas *commodities*, especialmente soja e carne. Com uma crescente integração aos mercados agrícolas mundiais, o agronegócio de Mato Grosso tem hoje projeção internacional e atrai interesse de corporações e investidores. Ao mesmo tempo, acumulam-se e ampliam-se os impactos sociais e ambientais, tanto no campo, quanto nas cidades, sem que se antevejam mecanismos de resposta que sejam democráticos e efetivos. O conjunto de artigos apresentados neste dossiê buscou justamente lidar com essa complexidade espacial e fluxo histórico, tendo como ponto de partida a necessidade de tratar de forma integrada e criativa de fenômenos gerais e específicos, assim como de associações dinâmicas

entre escalas, localidades e tempos. Como pano de fundo dessas questões, traremos a seguir um apanhado geral dos momentos mais representativos da história econômica e política de Mato Grosso e da constante relevância da fronteira, tida não como uma região ou fase temporal, mas como '*forma de propor uma investigação*' (Pacheco de Oliveira, 2016: 125).

### **A longa marcha de permanecer fronteira**

A intensa atividade de tratores e caminhões nas grandes áreas de produção de culturas no estado de Mato Grosso, na região sul da Amazônia Oriental, tem sido considerada pelos setores econômicos e líderes políticos como evidência clara de progresso e consolidação do Brasil no contexto globalizado. Mato Grosso representa hoje um dos centros mundiais do agronegócio e atualmente é o campeão nacional da produção de soja, carne bovina, girassol, algodão e milho. Embora hoje a maior parte da economia nacional seja considerada ineficiente e mal preparada para lidar com as pressões da globalização, Mato Grosso é considerado uma ilha de produtividade, inovação e, basicamente, sucesso. A exportação agroindustrial de Mato Grosso responde por uma proporção cada vez maior do comércio exterior e agora é um dos pilares macroeconômicos do país. Essa transformação não aconteceu apenas horizontalmente, mas houve também uma importante intensificação da produção e aumento de produtividade. Em termos mais mundanos, a atividade agrícola é associada a sinais ostensivos de riqueza por parte dos produtores na forma, por exemplo, de carros e moradias de alto preço na capital, Cuiabá, e nas cidades médias do interior do estado. Tudo isso são marcas evidentes da crescente presença de uma '*sociedade do agronegócio*'. No entanto, além da linguagem fácil de modernidade econômica e sucesso comercial, a hegemonia do agronegócio em Mato Grosso é fundamentalmente produto de uma convergência favorável de bons preços no mercado internacional (na maioria dos anos), de políticas econômicas nacionais dependentes de exportações agrícolas (ao custo de reduzir o papel da indústria brasileira) e do comportamento oportunista e agressivo da elite fundiária estadual e de seus parceiros comerciais e políticos.

Em retrospecto, as portas do agronegócio no Mato Grosso foram abertas na década de 1970 com a promoção de uma nova fronteira econômica, acesso facilitado à terra e generoso apoio financeiro do governo federal de viés autoritário e desenvolvimentista. Algumas décadas depois, em um contexto de reformas liberalizantes, concentração fundiária e intensificação tecnológica, a atividade agroexportadora evoluiu de modo impressionante. A complexidade da agricultura atual no Mato Grosso também está associada ao funcionamento de megacorporações (denominadas em inglês como *transnational corporations* ou TNCs) responsáveis pela venda de insumos agrícolas, provisão de crédito e aquisição da produção. Porém, a hegemonia de um processo modernizador assentado em monoculturas de exportação e localizado em grandes propriedades rurais precisa ser devidamente escrutinado, particularmente quanto à manutenção de elementos do antigo passado colonial que se combinam de forma singular com a hipermodernidade do agronegócio (Ioris, 2017). Para se entender o presente é mister revisar o longo e persistente mecanismo de formação de fronteiras [*frontier-making*] que serve como um dos fatores que melhor definem a geografia e história de Mato Grosso.

A história deu uma nova virada após o golpe político de 1930 (chamado de '*Revolução de 1930*'), que depôs um presidente eleito e confirmou Getúlio Vargas como o novo líder nacional. Essa revolução é considerada um marco histórico na evolução do capitalismo nacional e da sociedade brasileira, uma vez que levou à aceleração da produção industrial, do

crescimento urbano e da integração entre regiões geográficas. Neste contexto, o presidente-ditador lançou a Marcha para o Oeste, como um conjunto de políticas estatais de ocupação e desenvolvimento econômico das áreas até então marginalizadas no Oeste e Norte do Brasil. O programa de desenvolvimento regional era permeado pela ideologia da integração nacional e a suposta necessidade de 'ocupar' os espaços considerados 'vazios' no mapa do país. Seguindo as diretrizes e o espírito da Marcha para o Oeste, o governo do estado de Mato Grosso passou a agressivamente vender terras para garantir receitas ao setor público e compensar o limitado apoio financeiro proporcionado pelas autoridades federais. Apesar de muitos problemas e do alto nível de irregularidades, esse processo de titulação de terras desempenhou um papel importante no estabelecimento de um regime privado de direitos de propriedade em Mato Grosso (diferente da maior parte da Região Amazônica), o que mais tarde ajudou a introduzir cooperativas e projetos de colonização privada (Mueller, 2012). Na década de 1950, o governo estadual transferiu mais de quatro milhões de hectares a empresas privadas para fins de colonização, embora alguns não tenham sido implementados até a década de 1970, já que os proprietários decidiram especular com o aumento do valor da terra. A transferência de terras sem título para empresas e fazendeiros pioneiros vindos de outras partes do Brasil assumiu proporções épicas não apenas por causa da vastidão do território, mas também pelo nível de corrupção e violência envolvida. De acordo com a mentalidade prevalecente neste período, as políticas oficiais definiram estas como 'terra de ninguém', um território vazio à espera de ser explorado. O principal resultado foi que a terra coletiva, tipicamente usada e mantida por famílias de camponeses pobres, comunidades extrativistas ou grupos indígenas foi submetida à comercialização em nome da colonização e do desenvolvimento. Os títulos de terras eram tipicamente emitidos por agências públicas sem visita à área (embora este fosse um requisito legal) e substanciados por mera avaliação burocrática baseada em referências geográficas incertas e limites de propriedade pouco claros. A corrupção e a incompetência das agências responsáveis foram ampliadas pelo uso generalizado da violência para remover índios e posseiros das terras que tradicionalmente ocupavam.

A fase inicial de colonização, até a década de 1960, aumentou pouco a produção agroalimentar e a atividade econômica no estado, mas foi fundamental para abrir caminho para a introdução do agronegócio nas décadas seguintes. Em vez de alavancar o desenvolvimento, a fronteira econômica de Mato Grosso entre as décadas de 1960 e 1980 foi basicamente especulativa e tinha como principal propósito mitigar a falta de terras e oportunidades em outras regiões do país. Com a crise do Estado nacional a partir de 1980, houve sérias dúvidas sobre a resiliência da fronteira agrícola na Amazônia sem apoio estatal na forma de incentivos e subsídios. Considerando a exaustão gradual do modelo de fabricação de fronteiras introduzido na década de 1970, altamente dependente dos fundos estaduais e da intervenção estatal direta na produção agrícola, alguns viram o declínio geral da fronteira e até o recuo do capitalismo na Amazônia (e.g. Cleary, 1993). No entanto, para surpresa de muitos, após uma fase de grande turbulência, a fronteira agrícola voltou a florescer em um contexto de bons preços internacionais, novas tecnologias, concentração da terra e liberalização das políticas macroeconômicas (concentradas na estabilidade monetária, comércio global, especulação financeira e desindustrialização).

Com o fim da ditadura militar (1964-1985), o país iniciou uma transição lenta e superficial para um regime democrático e para uma maior ênfase em transações de mercado (mesmo que a dependência de fundos públicos e contratos com o Estado nacional continuasse fundamental). Nesse contexto, a agricultura praticada em Mato Grosso passou a desempenhar um papel importante na estabilidade econômica do país, em particular para atender à

necessidade estrutural de dólares obtidos de exportações (para compensar a importação maciça de bens e serviços). Devido à crescente demanda por soja pela China e outros países asiáticos, o setor do agronegócio em Mato Grosso estabeleceu fortes laços comerciais e tornou-se importante provedor a esses países. Altos custos de transporte até os portos marítimos não impediram a crescente atividade exportadora. Além disso, desde 2014, os portos fluviais na Amazônia tornaram-se uma alternativa viável para uma exportação de soja proveniente de Mato Grosso e outros estados brasileiros. O setor compensa as despesas com transporte e insumos importados (e.g. agroquímicos) pelo uso cada vez menor de mão de obra. Houve uma redução progressiva das pessoas envolvidas devido ao crescente número de máquinas, o que faz possível cultivar grandes extensões de terra com um número reduzido de trabalhadores permanentes e temporários. Gastos com a força de trabalho representam cerca de 2,6% dos custos de produção de soja convencional ou transgênica, enquanto que os fertilizantes e agroquímicos – especialmente vendidos por empresas transnacionais – representam 55% dos custos totais. Trata-se, obviamente, da extração de mais-valia que serve para mitigar a crescente composição orgânica do capital.

Em consequência da inserção importante nos mercados internacionais e da prevalência de um padrão produtivo baseado em tecnologias consideradas modernas, a atividade agrícola em Mato Grosso é componente importante da atual 'Amazônia corporativa', sob a influência decisiva de investidores estrangeiros, bancos privados e corporações transnacionais (não só os grandes nomes, Cargill, Bunge, ADM e Dreyfus, mas as novas transnacionais brasileiras, como Amaggi, BRF, Marfrig e JBS). Apesar da importante imagem de sucesso associada à intensa produção e exportação, a materialidade da fronteira agrícola continua a ser sentida e manifestada sob a forma de seletiva abundância e ampla escassez. Por exemplo, o aumento dos preços da terra limitou a possibilidade de pequenos e médios agricultores comprarem terra, o que estimula novas ondas de migração, desmatamento e degradação ambiental. A produção, cada vez mais concentrada nas mãos dos grandes proprietários, também é facilitada pela homogeneização biológica (devido ao uso quase exclusivo de soja geneticamente modificada) e pelo pacote tecnológico dominante. Há uma constante afirmação da primazia do agronegócio e sistemática supressão de divergências políticas entre os agricultores. As associações representativas (por exemplo, FAMATO e APROSOJA) tem uma organização altamente centralizada e são controladas pelos mesmos políticos que comandam o aparelho governamental do estado de Mato Grosso.

Considerando a trajetória da fronteira agrícola de Mato Grosso, de uma fase desenvolvimentista para um período mais recente dominado por uma ideologia liberalizante e forte influência dos mercados internacionais, podemos concluir que a promessa de abundâncias foi sistematicamente frustrada, tanto para aqueles que continuam a chegar na região, quanto para os que há mais tempo tomaram parte no processo de desenvolvimento regional. A fabricação de fronteiras continua a servir os interesses da elite de Mato Grosso (ela própria sendo produto da fabricação de fronteiras ao longo de vários séculos) e as demandas hegemônicas dos principais centros políticos e econômicos do país. Assim como no passado houve uma disputa por novas colônias para o fornecimento de alimentos e matérias-primas para as metrópoles europeias, na economia contemporânea há um interesse crescente por investimentos e especulação em propriedades rurais e mercadorias agrícolas. A produção da fronteira econômica e política de Mato Grosso nunca se encerrou e a condição de pós-fronteira nunca é concretamente alcançada, principalmente porque a fronteira é estimulada pela necessidade de compensar as tensões socioeconômicas situadas no centro e na periferia da economia nacional. É mesmo possível prever que, como diamantes, borracha e gado no



passado, a economia de Mato Grosso baseada na soja enfrentará conflitos crescentes associados a exclusão social e concentração fundiária (provavelmente agravados pela grave degradação ecológica local e pelo aquecimento global).

Além disso, a sociedade nacional, profundamente caracterizada pela desigualdade e a distância abjeta entre pobres e ricos, entre diferentes regiões e grupos sociais, continua a cultivar e depender do anúncio recorrente e da instrumentalização da criação de fronteiras. De acordo com a promessa entrelaçada de abundâncias, embora com uma entrega mais comum de novas escassezes, as fronteiras econômicas ajudam a mitigar e adiar o agravamento das contradições da evolução do capitalismo. Fronteiras são áreas onde a mercantilização é rapidamente introduzida e acelera rapidamente, o que significa que a produção e a reprodução são cada vez mais obtidas a partir de transações de mercado. A modernidade brasileira continua a exigir a construção perene de novas fronteiras, não só como uma necessidade econômica e geopolítica, mas como um mecanismo de diluição de tensões. A criação de fronteiras não é uma nota secundária na história do colonialismo, do imperialismo, da acumulação primitiva ou da conquista territorial, mas permanece como uma categoria integral de relações capitalistas. A fabricação contemporânea de fronteiras é um processo (ideológica e socialmente construído) que ajuda a minimizar conflitos e disputas. Novas fronteiras são sempre necessárias para abrir novos circuitos de circulação de capital e também para amortecer as tensões político-econômicas e sócio ecológicas nos centros econômicos. É esse, em síntese, o eixo de discussão desse dossiê.

Os seis artigos aqui apresentados, se propõe a analisar as transformações dessa fronteira agrícola, as reconstruções desse território, o histórico dessas ações de Integração Nacional, seus reflexos sobre o Araguaia, região que sofreu fortes impactos sociais com a entrada do capital, juntamente com uma análise sobre a modernização em Lucas do Rio Verde, parte de uma região considerada hoje entre as mais ricas do Brasil, mas que apresenta altos índices de concentração dessa riqueza. O artigo de Antônio A. R. Ioris discute a fronteira sob a ótica da transformação nela produzida pela modernização, apontando para os conflitos existentes entre as áreas de ocupação tradicional e as novas áreas, ocupadas pelo modelo autodenominado agronegócio. Sua análise propõe um olhar ontológico para a fronteira amazônica e para as dinâmicas de transformação espacial. O artigo de Vitale Joanoni Neto e Regina Beatriz Guimarães Neto discute essa fronteira em uma perspectiva histórica, analisando as políticas públicas implementadas pelos governos civis-militares para a Amazônia Legal argumentando a necessidade da integração nacional e culminando por pautar a forma de reocupação desse espaço com um modelo de modernização. Os impactos do avanço da soja e de outras *commodities* sobre áreas de ocupação de pequenos produtores rurais que viviam da produção para o autoconsumo de alimentos básicos como o feijão e o arroz foi estudado pelos pesquisadores João Carlos Barrozo e Juliana Cristina da Rosa. Esse artigo demonstra como o avanço da produção em larga escala interfere nos modos de vida locais. Dirigindo seu olhar para mais próximo, no Araguaia mato-grossense, vemos Armando Wilson Tafner Júnior e Fábio Carlos da Silva analisando como os investimentos estatais foram direcionados para o grande empresário em detrimento dos pequenos produtores rurais, estimulando mesmo a formação de latifúndios que a pretexto de modernizarem a Amazônia, reproduziram formas de concentração de renda. Os conflitos gerados a partir desse quadro excludente foram estudados por Luciene Aparecida Castravechi, que traz em seu artigo uma análise dos acontecimentos registrados em Porto Alegre do Norte, município localizado no Nordeste de Mato Grosso. Esses relatos nos permitem perceber como o encontro desses diferentes modelos de reocupação produz violências como a desocupação forçada das terras, ameaças, podendo chegar ao

assassinato. Fernanda Celina Nicoli da Silva e Edison Antônio de Souza analisaram os impactos do avanço desse modelo agrícola no município de Lucas do Rio Verde, no eixo central do agronegócio mato-grossense. Novamente a análise se volta para os custos sociais da implantação de grandes propriedades de soja e milho, resultando na expropriação dos pequenos agricultores e na concentração de terra e renda. Essas análises aqui apresentadas, todas resultantes de pesquisas no estado de Mato Grosso, querem problematizar o discurso de desenvolvimento trazido pelo agronegócio, expondo outros lados dessa questão.

A criação de fronteiras é uma metáfora das incertezas criadas pelo capitalismo e sua constante necessidade de fornecer (normalização circunstancial, pelo menos) nas áreas principais, deslocando tensões para novos espaços que precisam ser criados, apenas para esses novos espaços a serem incorporados de alguma forma e inseridos no mecanismo integral de acumulação e exploração sócio ecológica. Conseqüentemente, a análise da produção de fronteiras econômicas precisa fundamentalmente explicar como o trabalho e o capital são organizados espacialmente em função de migração interna, da proletarização 'espontânea', do trabalho familiar ou mesmo de trabalho forçado, assim como de múltiplas formas de mercantilização e acumulação de terras. Por um lado, há um alto custo de entrada para a fronteira: o indivíduo e sua família não só têm que mover para a fronteira e se envolver nas circunstâncias e relações concretas, mas também têm que aceitar e tomar parte na produção de novos valores, moralidades e identidades. Por outro lado, existe o que pode ser chamado fenomenologicamente como o 'momento de compromisso', quando a fronteira não funciona mais como fronteira, devido a uma decisão pessoal de aceitar uma permanência mais longa na região, resultando na diminuição do ímpeto de avançar e na aceitação das novas circunstâncias. Quando aqueles que migraram ficarem satisfeitos com os processos e o metabolismo local, a fronteira começará a desaparecer e eventualmente desaparecerá como tal.

## Referências

- Cleary, D. (1993) 'After the Frontier: Problems with Political Economy in the Modern Brazilian Amazon'. *Journal of Latin American Studies* 25(2): 331-349.
- Ioris, A. A. R. (2017) *Agribusiness and the Neoliberal Food System in Brazil: Frontiers and Fissures of Agro-neoliberalism*. London: Routledge.
- Mueller, C. C. (2012) 'Regional Development and Agricultural Expansion in Brazil's Legal Amazon: The Case of the Mato Grosso Frontier', in W. Baer (ed.) *The Regional Impact of National Policies: The Case of Brazil*. Cheltenham: Edward Elgar, 184-203.
- Pacheco de Oliveira, J. (2016) *O Nascimento do Brasil e Outros Ensaio*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

## **A Amazônia e a política de Integração Nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente**

**Vitale Joanoni Neto**

Universidade Federal de Mato Grosso

**Regina Beatriz Guimarães Neto**

Universidade Federal de Pernambuco

**Abstract:** The article presents a reflection about the projects of the Brazilian state, especially after the military coup of 1964, which, with the strong support of the national entrepreneurship, made the Amazon the strategic locus of the development model adopted for the country. We intend to analyse the general power strategy of the dictatorship in Brazil and demonstrate how the Amazon became the political and economic axis in this governmental experience, materialized in several public policies. Under these assumptions, it is important to study governmental discourses and practices that underpin the support that redefined power relations in Brazil, especially by focusing on the various political devices that are embodied in laws, decrees, plans, institutional programs, and in the state's own administrative reform. This last one, carried out during the dictatorship, was not discussed in the National Congress and was supported by the powers of exception of the 2nd Institutional Act - December 1966. The business logic prevailed as an administrative practice, which persisted in the political-administrative structure of the country after the military regime.

**Keywords:** Legal Amazon, Dictatorship, Public policies, Development, Modernization, Colonization projects

---

### **Considerações Preliminares**

Ainda no início do século XXI, a Amazônia é assunto controverso. Persistem simplificações, anacronismos, análises do senso comum que naturalizam a exploração econômica e, sobretudo, uma visão que concebe este território como atrasado, inóspito ou selvagem. As fontes documentais existentes sobre o Brasil ocidental permitem a produção de conhecimento sobre o espaço, a natureza e biodiversidade dos diferentes grupos humanos nele presentes. Desde o século XVII, esse conhecimento tem sido reinterpretado e reutilizado em diferentes disputas, por exemplo: assegurar a posse do território para Portugal; conflitos entre sertanistas e igreja visando o 'direito' sobre a população indígena; criação de uma identidade ligada ao sertão, ora como forma de marcar a dicotomia entre um espaço incivilizado e outro, litorâneo, civilizado, ora como forma de destacá-lo como berço da verdadeira nacionalidade. Além disso, há também a justificativa de que seu potencial econômico não foi devidamente aproveitado e

as 'áreas vazias' que apresentam – fato que não leva em conta as diversas territorialidades indígenas – certa fragilidade a segurança nacional.

O avanço das pesquisas, em todas as áreas do conhecimento, tem levado esta significativa porção territorial sul-americana para muito além das naturalizações e concepções que desconhecem a sua complexidade social, cultural e étnica, assim como a sua biodiversidade. Ao tratar especificamente do Brasil, analisam-se como as dicotomias apresentadas não se sustentam.

A Amazônia brasileira, que corresponde a aproximadamente 60% do território nacional, desde o século XVI, foi sistematicamente conquistada pelos europeus, com alto custo social, pago pela população local e com danos irreparáveis a sua biodiversidade. Militares, religiosos e cientistas saíram da foz do rio Amazonas rumando em direção a Oeste, assim como os sertanistas (bandeirantes), por meio de incursões que buscavam índios e ouro, que foram organizadas, em sua maioria, no Planalto de Piratininga (atual cidade de São Paulo), e que avançaram território adentro. As narrativas resultantes dessas incursões ensejaram o imaginário que se construiu sobre a Amazônia até o século XX. É bom lembrar que o reconhecimento do pertencimento deste território ao Brasil foi garantido por sucessivos tratados internacionais e que sua integração às dinâmicas econômicas sociais e políticas nacionais ocorreu de forma gradual.

Se os conflitos e disputas territoriais anteriores ao século XX apresentaram motivações ou justificativas diferentes (*e.g.* expansão ou consolidação territorial, conquista de povos indígenas, comercialização das drogas do sertão), já durante esse último século, a ênfase no poder econômico dos investimentos capitalistas sobre o território amazônico foi mais destacada. Isto se deve a vários fatores, seja pelo interesse no potencial extrativista, como no caso da exploração da *Hevea Brasiliensis*, seja em razão dos grandes investimentos na exploração mineral (desde o minério de ferro e bauxita, até nióbio, tantalita e petróleo), seja em face do avanço das áreas de produção agropecuária (com ênfase especial no agronegócio). Expansão e domínio que implicaram grande concentração de terra e perda de milhares de hectares de cobertura florestal. Este aspecto, em especial, tem despertado crescente inquietação e é objeto da crítica de vários organismos internacionais em defesa do ambiente, com base em dados significativos:

The meteoric rise in soy production in the state of Mato Grosso is eating up rainforest and savanna at a staggering rate, with 1.2 million hectares under production in 1991; 6.2 million hectares in 2010; and 9.4 million hectares by 2016. (Brandford; Torres, 2017)

Entre o passado e o presente, o quadro econômico, hoje apresentado, nos leva a questionar criticamente como a Amazônia participou de todos os ciclos sistêmicos da acumulação capitalista (Arrigui, 1996). Com intensidade variável, tem sido reservatório de recursos naturais e plataforma para a acumulação de capital, desde a comercialização de drogas do sertão, o fornecimento de mão-de-obra indígena e transações com mão-de-obra escrava negra, a produção de borracha, a extração mineral e vegetal até os investimentos financeiros, ou melhor, a capitalização da terra, cada vez mais agregada de valor nos dias atuais.

A dominação europeia e os sucessivos avanços do capital comercial e financeiro na Amazônia podem ser lidos a partir dos mecanismos e estratégias criados em face da crescente mundialização da qual faz parte, associada à divisão internacional do trabalho. Contudo, torna-se fundamental refletir historicamente sobre os mecanismos e dispositivos políticos que deram

sustentação e estiveram imbricados às diversas formas de produção econômica e aplicação de capitais. Um desses mecanismos políticos é a instrumentalização de instâncias de governos em favor dos interesses do capital.

É nosso objetivo, neste artigo, refletir sobre os projetos de governança do Estado brasileiro, especialmente após o golpe militar de 1964, articulado com importantes setores civis, em que a Amazônia se torna *locus* estratégico do modelo de desenvolvimento adotado para o país. Este interesse se pauta na análise da estratégia geral de poder da ditadura no Brasil, que busca colocar o eixo político e econômico que significa a Amazônia nas formas de experiência e racionalidade governamental, materializadas em diversas políticas públicas, como fundamental. Esta exposição, numa perspectiva histórica, consiste em abordar o passado lançando luz sobre o presente.

Sob esses pressupostos, torna-se importante estudar discursos e práticas governamentais que estão na base do apoio às redefinições das relações de poder no Brasil, sobretudo ao focalizar os diversos dispositivos políticos que tomam corpo em leis, decretos-lei, planos, programas institucionais e na própria reforma administrativa do Estado. Esta última, levada a cabo durante a ditadura, não foi debatida no Congresso Nacional e teve sustentação nos poderes de exceção do 2º Ato Institucional - dezembro de 1966 (Bercovici *apud* Teles e Safatle, 2010). Prevaleceu a lógica empresarial como prática administrativa, que perdura na estrutura político-administrativa do país após o regime militar.

Destacamos, no domínio do Estado nacional, um escopo de projetos e programas que gira em torno de uma concepção cara aos governos brasileiros, desde o século XIX, a de Integração Nacional, de maneira especial aquela que se constituiu como um legado da ditadura Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945). Este apresentou ao país a proposta de integração dos 'diversos brasis', um 'imperialismo interno', que asseguraria o desenvolvimento econômico com a 'Marcha para Oeste' (Ricardo, 1970).

A política de ocupação do Centro-Oeste abrangia mais que esta região, objetivava antecipar a reocupação da Amazônia, que claramente desconsiderava as territorialidades indígenas. Vale lembrar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fora criado em 1937, estruturou a divisão regional do Brasil (1942) como parte da política varguista para romper com o 'regionalismo negativo' produzindo outro 'nascido da própria centralização do regime autoritário' (Gomes, 2013: 67). Essa política tinha como objetivo promover a 'ocupação dos vazios demográficos' por meio da absorção dos 'excedentes populacionais' que faziam pressão no Centro-Sul do país, segundo o discurso oficial, encaminhando-os para áreas que produziam matérias-primas e gêneros alimentícios a baixo custo, a fim de subsidiar a implantação da industrialização no Sudeste. Na visão governamental, essas medidas resolveriam os desequilíbrios existentes entre as diversas regiões pela implantação de uma política demográfica que incentivasse a migração interna. O estado de Mato Grosso foi uma das bases de apoio deste projeto. Mais tarde, a criação da Amazônia Legal pela Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, com a instalação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA, incorporou à Amazônia brasileira, o estado do Maranhão (Oeste do meridiano 44º), o estado de Goiás (Norte do paralelo 13º de latitude sul atualmente estado de Tocantins) e Mato Grosso (Norte do paralelo 16º latitude Sul), fruto de um conceito político voltado para planejar e promover o desenvolvimento da região e não de um imperativo geográfico.

Reeditada pelos governos militares, pós 1964, a proposta de integração nacional, como estratégia de desenvolvimento, planejava investimentos econômicos distribuídos no território amazônico em articulação com a região Nordeste do Brasil. Nascia em 1970 o Programa de

Integração Nacional (PIN) que, além de incorporar o ideário capitalista de expansão empresarial, assegurando incentivos fiscais e outros benefícios financeiros ao empresariado, apresentava-se como eixo de políticas que articulariam estratégias básicas de intervenção regional. Designadas como 'metas estratégicas setoriais' pelo Ministério do Planejamento (Brasil, 1970), impactaram diretamente a Amazônia brasileira (redefinida de acordo com a Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966).

Neste cenário, abordamos práticas e discursos que justificam ações e políticas governamentais para a Amazônia, direcionando recursos públicos para investimentos empresariais ou mesmo para instituições estatais como a Superintendência de Desenvolvimento para a Amazônia (SUDAM) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Esta política foi colocada em prática em sintonia com a forte propaganda oficial de oferta de terras, que reorienta os deslocamentos de populações de várias regiões do país para o território amazônico (Guimarães Neto, 2002. Joanoni Neto, 2007). Além disso, são registradas outras intervenções, até mesmo com uso da força policial e militar, no sentido de promover deslocamentos inter-regionais de grupos étnicos que tradicionalmente viviam em áreas na Amazônia (como, por exemplo, sociedades indígenas) e que se torna de interesse do capital, sobretudo de empresas privadas. Dessa maneira, foi produzida uma nova configuração política e econômica com apoio do Estado, este organizado institucionalmente segundo a lógica dos militares que o comandavam e estruturado em uma base jurídico-policial; e que usa dos próprios dispositivos de legalidade para suspender a lei e se servir de uma complexa e sofisticada estrutura de informação e repressão (Figueiredo, 2015). É possível observar, num quadro de privatização da terra e forte concentração de investimentos financeiros na expansão da pecuária e do agronegócio, como o aparato estatal-empresarial passa a interferir de maneira crescente nos equilíbrios da biodiversidade e das sociodiversidades locais.

A política de Integração Nacional, sob os governos militares, faz-se necessário esclarecer, não foi resultado de uma demanda interna, reivindicada pelos agentes históricos que habitam o território amazônico, ou mesmo do reconhecimento por parte das populações da necessidade de implantação de serviços públicos para melhor atendê-las. Deve-se analisá-la como resultado de uma posição política do Estado, num quadro de mudanças que começou a ser produzido no cenário político nacional e internacional, principalmente, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com o avanço da guerra fria. A Amazônia passou a ser vista como vital para a segurança nacional. As forças armadas, em sintonia com diversos setores empresariais e amplas parcelas da classe política, trataram de alinhar o Brasil, no âmbito das disputas e dos conflitos políticos mundiais, às determinações do bloco capitalista ocidental, tomando o bloco soviético como principal antagonista, mentor dos grupos de esquerda na América Latina. Nos discursos militares, inicialmente a partir da Escola Superior de Guerra (ESG), em especial nos escritos do General Golbery do Couto e Silva, a efetiva integração econômica da Amazônia aos centros produtivos mais dinâmicos do país foi apresentada, de acordo com ele, como um imperativo à política de segurança nacional.

Depois do golpe militar em março de 1964, emergiu com roupagens novas o discurso da salvação do país ameaçado pelo perigo comunista. A identidade do Brasil proposta era a de um país integrado (repetindo com nova roupagem um discurso já empregado anteriormente na ditadura do Estado Novo entre 1937 e 1945), sob o comando de um governo forte. Novamente se buscou no passado idealizado, nas Bandeiras e nos Bandeirantes, justificativas para os projetos que estavam por vir ('núcleos de colonização' como foram chamados). O bandeirismo foi identificado à 'revolução' e à defesa e preservação dos valores fundamentais do mundo moderno: cristianismo, direito internacional, capitalismo europeu e revolução industrial. A

integração nacional foi o discurso que atuou como ponto central dessa nova identidade, ligada indissolúvelmente à ideologia da segurança nacional sob a política dos EUA para a América Latina. Advém desse contexto, a importância assumida pela figura do Bandeirante/desbravador, identificado pelo que se nomeou de Projeto Rondon, pela exaltação a rodovia Belém-Brasília, pela construção da rodovia Transamazônica, e a tudo que se anunciou como efeitos do 'fermento instintivo dos tempos heroicos' (Ricardo, 1970: 623). Anunciava-se a nova marcha. É o Brasil organizado que, de novo, caminha pra Oeste, realizando o seu 'imperialismo interno', palmo a palmo. Ainda uma luta em expansão, com os primeiros marcos da profundidade. (Ricardo, 1970: 622).

Os principais ideólogos do regime civil militar retomam ideias e obras que justificam a necessidade da 'ocupação dos espaços vazios com os excedentes populacionais' (Bauman, 2005: 55) de algumas áreas do planeta. Isto levou a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL a olhar para a Amazônia como passível de receber levas de imigrante, situação que, somada a outros fatores, especialmente o interesse nos investimentos capitalistas, levando em conta a aliança com os setores empresariais, despertou a reação das forças armadas brasileiras para adotar o lema 'integrar para não entregar'. Um grande projeto nacionalista de reocupação dos espaços amazônicos com incentivos governamentais.

É importante destacar, em primeiro lugar, que esses discursos se repetiram no tempo de forma diferente em vários textos e discursos, segundo contextos políticos específicos. O que os militares, a partir da Escola Superior de Guerra (ESG), fizeram foi usá-los como argumento para o Programa de Integração Nacional e em particular à Operação Amazônia. (Joanoni Neto, 2014: 107). Em segundo lugar, que, ressalvadas as particularidades e deslocamentos de ideias, próprias da dinâmica histórica, a identificação do pioneiro, esse patriota que atende ao apelo da nação e migra para a fronteira, como o bandeirante, o civilizador, é presente e constante tanto nos documentos oficiais como nos discursos de empresas, peças de propaganda e na memória dos moradores dessas áreas. Os objetivos, expressos em discursos, mantiveram-se pautados pela ideia de integração nacional, segurança das fronteiras, progresso, desenvolvimento e civilização.

Com vistas à humanização, integração e valorização do território imenso, ainda em grande parte inaproveitado e deserto, o esquema tripeninsular [...] está, por certo, a indicar-nos [...] três fases sucessivas na ampla manobra geopolítica a realizar [...] 1ª. Fase- articular firmemente a base de nossa projeção continental, ligando o Nordeste e o Sul ao núcleo central do país, ao mesmo passo que garantir a inviolabilidade da vasta extensão despovoada do interior pelo tamponamento eficaz das possíveis vias de penetração; 2ª. Fase- impulsionar o avanço para o Noroeste da onda colonizadora, a partir da plataforma central, de modo a integrar a península Centro-Oeste no todo ecumênico brasileiro; 3ª. Fase- inundar de civilização a Hileia amazônica, a coberto dos nódulos fronteiros, partindo de uma base avançada construída no Centro-Oeste [...]. (Couto & Silva, 1981 [1960]: 13-20)

Seguindo esse projeto, o decreto 61.330 de 11 de setembro de 1967, criou o Grupo de Trabalho para a Integração da Amazônia com forte participação de militares do Conselho de Segurança Nacional e do Estado Maior das Forças Armadas. Um pouco antes já haviam sido aprovadas a Lei 5.173 que reformulou a Superintendência para a Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA criando a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e a Lei 5.174 de outubro de 1966 que '[d]ispõe sobre a concessão de incentivos fiscais em favor

da Região Amazônica e dá outras providências'. Também de 1967 foi o Decreto-Lei nº 291, de 28 de fevereiro que estabeleceu incentivos para o desenvolvimento da Amazônia Ocidental da Faixa de Fronteiras abrangida pela Amazônia Legal.

Nessa configuração política, toda a Amazônia Legal, redefinida política e territorialmente, passava a ter 59,2% do território nacional com 3,7% da população do país. Segundo o discurso governamental, tal situação pressionava o governo a agir sobre a região. Nesse quadro, situam-se as medidas tomadas e a criação do Ministério do Interior sob a responsabilidade do General Afonso Augusto de Albuquerque Lima, pelo General Presidente Costa e Silva por meio do decreto-lei 200 de 25 de fevereiro de 1967 e que colocou sob a competência dessa pasta a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia e a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, a Superintendência para o Desenvolvimento do Vale do Paraíba, a Superintendência para o Desenvolvimento do Sul, a Superintendência para o Desenvolvimento do Centro Oeste, a Superintendência da Zona Franca de Manaus e outros como o Departamento Nacional de Obras de Saneamento, o Departamento Nacional de Obras contra a Seca e a Superintendência do Vale do São Francisco, além do Banco Nacional da Habitação.

Dentre as atribuições do Ministério do Interior, constava-se o desenvolvimento regional, a radicação das populações, ocupação do território, migrações internas, entre outras. Apenas para mencionar, Albuquerque Lima é apontado na literatura sobre os governos militares como pertencente à ala mais radical da chamada 'linha dura', nome de um grupo ou facção militar favorável à manutenção dos militares no poder e a um conjunto de ações (nem sempre legais) contra os opositores do regime ditatorial (Martins Filho, 2004: 133).

Apoiados por essas medidas, na Amazônia, os investimentos no setor primário cresceram rapidamente, já a partir de 1966, com a predominância da atividade de pecuária. Neste ano foram aprovados cinco projetos. Em 1967, aprovados outros 55, majoritariamente para o setor primário, sendo 10% para a agricultura e 90% para a pecuária. A indústria de transformação continuou a receber incentivos, com 31 projetos em 1967 ou 27% dos incentivos totais. As medidas tomadas começavam a formar os contornos daquilo que será, após 1970, uma tendência predominante em toda a Amazônia, ou seja, os investimentos do capital financeiro na pecuária, mais fortemente visível nos estados do Pará e Mato Grosso.

### **O Programa de integração Nacional**

O Programa de Integração Nacional (PIN), foi criado pelo governo militar brasileiro através do Decreto-Lei Nº1.106, de 16 de julho de 1970, assinado pelo Presidente Médici. Procurando fugir dos riscos das 'veleidades alienígenas de penetração' (Couto e Silva, 1981 [1952]: 43), o governo demandou altos valores do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e da United States Agency for International Development (USAID) a título de recursos para os investimentos em infraestrutura. Considerado um dos principais programas do Governo Federal para o desenvolvimento da Amazônia, esse programa 'contava com recursos de US\$ 430.000.000 [...], a serem constituídos nos exercícios de 1971 a 1974, com a finalidade específica de financiar o plano de obras de infraestrutura' (Resende, 1971: 393).

Em razão disso, logo em seu artigo segundo, Decreto-Lei que criou o PIN afirmava:

**Art. 2º** A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.



§ 1º Será reservada, para colonização e reforma agrária, faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para, com os recursos do Programa de Integração Nacional, se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica. (Brasil, 1970, grifo nosso)

No ano de 1971, cerca de dez meses depois, outro Decreto-lei Nº 1.164, de 1º de abril, mudava substancialmente a orientação do texto acima citado, e ampliava a faixa de investimentos em terras consideradas, na maior parte, devolutas do Estado:

Art. 1º São declaradas indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacionais, na região da Amazônia Legal, definida no artigo 2º da Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966, as terras devolutas situadas na faixa de cem (100) quilômetros de largura, em cada lado do eixo das seguintes rodovias, já construídas, em construção ou projeto. (BRASIL, 1971, grifo nosso)

Esse novo Decreto-Lei, além de promover um ajuste no PIN conforme originalmente publicado em 1970, demonstrava o fortalecimento do poder central frente aos grupos políticos regionais. A posse da terra era até então uma importante moeda de troca e barganhas políticas entre os diferentes grupos locais, além de, em vários momentos, financiar governos estaduais (Moreno, 2007: 113). Entre as rodovias incluídas no texto do decreto-lei, encontram-se três que cortam o estado de Mato Grosso em três espaços diferentes, a BR163 na região central do estado em sentido sul/norte, a BR158 no leste do estado em sentido sul/norte e a BR364 (já construída anteriormente, mas agora ampliada) cortando o estado em sentido sudeste/noroeste e a Transamazônica, que se constituiu em corredor migratório do Nordeste brasileiro para a Amazônia e que impactou a ocupação da fronteira Oeste e do estado de Mato Grosso. Foi neste espaço, doravante sob a responsabilidade da União, que se implantaram os projetos de colonização e agropecuários em condições muito favoráveis para o empresariado nacional e projetos de assentamento rurais. Formularam-se políticas públicas que visavam alianças com o empresariado na expansão de um novo mercado de terra e exploração econômica com as lavouras de monoculturas e também com a pecuária, assumindo o discurso de que com tais ações se diminuiriam as pressões no campo em outras regiões do país, sempre em nome da Segurança Nacional.

O relatório da Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral do estado de Mato Grosso, do ano de 1973, apresenta as metas do PIN em sua primeira etapa, destacando a construção da Transamazônica e da Cuiabá–Santarém (BR–163). Já nessa época, os primeiros efeitos do novo modelo de reocupação da terra se faziam sentir e um dos grandes gargalos ao desenvolvimento e modernização era a logística de transporte com base no modal rodoviário, daí a ênfase na importância para a integração do estado ao restante do país:

Alicerçado nesse argumento, nasceu o grande projeto rodoviário, constituído da estrada de rodagem de caráter pioneiro – a Cuiabá–Santarém – eixo longitudinal de 1.750 km que parte da capital de Mato Grosso em direção ao norte, vencendo, igualmente, a floresta amazônica e vasta região virgem do planalto central do Brasil, até encontrar a mais volumosa artéria fluvial do mundo – Rio Amazonas. (Mato Grosso, 1973: 24)

Essas rodovias constituíram a espinha dorsal do gigantesco plano de reocupação que o governo militar projetou e executou na Amazônia. Essa ação, somada a outra denominada 'de colonização' e que foi por diversas vezes afirmada como 'a maior reforma agrária do mundo', muito cedo mostrou seus limites.

O PIN e o PROTERRA foram os programas que mereceram maior atenção e aos quais foi destinada uma soma significativa de recursos. Com o propósito de ocupar uma parte da Amazônia, ao longo da rodovia Transamazônica, o PIN era baseado em projetos de colonização em torno de agrovilas e, segundo a versão da época, buscava integrar 'os homens sem terra do Nordeste com as terras sem homens da Amazônia'. Na prática, verificou-se que a maior parte das cerca de 5.000 famílias deslocadas para a região eram procedentes do extremo Sul do país, principalmente, dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e não do Nordeste. Estudos posteriores demonstraram que os custos do programa foram altos, o número de famílias beneficiadas reduzido e o impacto sobre a região insignificante. O desempenho do PROTERRA também deixou a desejar: o programa desapropriava áreas escolhidas pelos próprios donos, pagava à vista, em dinheiro, e liberava créditos altamente subsidiados aos fazendeiros. Apenas cerca de 500 famílias foram assentadas depois de quatro anos de criação do programa. (Luceiro & Pereira, 2000: 77-8)

### **Urbanização como resultado direto da colonização**

A divisão do estado de Mato Grosso apenas foi consumada em 1977 por meio da Lei Complementar Nº. 31, de 1977 e seu desmembramento originaram o estado de Mato Grosso do Sul. Apesar dos antigos conflitos entre grupos locais que remontam ao século XIX, a divisão apenas foi possível nesse momento de vigência do estado de exceção, atendendo aos objetivos federais e que desconsiderou conflitos de interesses dos grupos regionais. A parte remanescente do estado de Mato Grosso já vinha recebendo fortes investimentos desde 1967. Mantida na Amazônia Legal, possuía em 1970, 38 municípios. Em pouco mais de quatro décadas, esse número saltou para 141, dentre eles 67 não chegavam a 10 mil habitantes e 45 estavam com uma população entre 10 e 20 mil habitantes. Apenas 29 estavam acima de 20 mil habitantes (Miranda, 2016: 33).

Em grande medida, as novas cidades surgiram diretamente ligadas a vários projetos que contavam com investimentos empresariais, sobretudo, os projetos de colonização, implantados no estado com forte estímulo do governo federal, em especial os incentivos fiscais. Esses projetos de colonização, tidos nos discursos do próprio governo como alternativas para a questão agrária brasileira foram, ao fim, grandes projetos de urbanização.

Outros órgãos governamentais importantes para entender essa reocupação da Amazônia foram o Banco da Amazônia (BASA) e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Para entendermos melhor a importância de ambos, há que se lembrar que esse projeto passava necessariamente pelo grande empresariado, aliado do governo militar, beneficiário direto dos recursos financeiros disponibilizados. Nas palavras do ministro do planejamento de 1973, Reis Veloso, em pronunciamento oficial:

... a necessidade de evitarmos uma ocupação predatória, com um conseqüente processo de desmatamento, e de promovermos a manutenção do equilíbrio ecológico, nos leva a

convidar as grandes empresas a assumirem a tarefa de desenvolver esta região (Castro et al., 1994: 77)

Segundo Nepstad, Stickler e Almeida (2008: 42), em 1990, 400.000 km<sup>2</sup> de floresta haviam sido derrubados desde 1970, predominantemente por atividades de pecuária, a mais fortemente estimulada pelos projetos governamentais e voltada para o grande investidor. Isso corresponde a 10% da floresta densa da Amazônia.

Os empresários compravam grandes extensões de terra junto ao INCRA, comprometendo-se a apresentar um plano de ocupação que viabilizasse o estabelecimento de pequenos proprietários em lotes que majoritariamente variavam de 100 a 500 hectares, ou de atividades agropecuárias (frequentemente voltadas para a criação de gado de corte). O tamanho das áreas repassadas para essas empresas variaram muito. Apenas para citar alguns casos, entre os projetos de colonização aprovados para o estado de Mato Grosso, a Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP), recebeu 400 mil hectares para o projeto SINOP. Ela desenvolveu outros projetos no estado. A Integração, Desenvolvimento e Colonização (INDECO), recebeu 400 mil hectares para o Projeto Alta Floresta e também recebeu outros milhares de hectares de terra para desenvolver outros projetos no estado. A Cooperativa Triticola do Iguazu (COTRIGUAÇU) recebeu 1 milhão de hectares, não conseguiu executar o projeto que levava seu nome e teve que dividir essa tarefa com outras empresas. A criação e desenvolvimento de núcleos urbanos foi uma exigência do INCRA para a aprovação de todos esses projetos e como a propaganda foi majoritariamente feita entre pequenos e médios produtores rurais no Sul do país, para estimular o surgimento desses núcleos, os primeiros compradores de terras, em muitos desses projetos particulares, em Mato Grosso, receberam um lote na futura área urbana.

Tanto as propriedades destinadas aos chamados projetos de colonização quanto aqueles para fins agropecuários possuíam expressivas extensões territoriais, o que coloca outro problema. A venda e autorização para o estabelecimento dessas empresas sobre áreas tão grandes partiam do pressuposto de que estavam desocupadas, o que não correspondia às realidades locais como bem sabia o governo federal. Os relatos de conflitos, mortes, ameaças, expulsão de comunidades inteiras com o uso da força tornaram-se frequentes (Guimarães Neto, 2014). É importante destacar que a analogia do discurso histórico que associa essas empresas e empresários que desenvolvem projetos de colonização na Amazônia aos bandeirantes, terem sido chamados na grande mídia de bandeirantes 'modernos' ou 'do século XX', guardam em seu avesso a mesma semelhança com as incursões sertanistas do XVIII, que os marcou como matadores de índios, destruidores de comunidades locais.

A espacialização de territórios diversos, provocada por fortes interesses políticos e econômicos e produzida em nome do Estado e da segurança nacional, acirrou os conflitos entre os diferentes projetos de ocupação e evidenciou a sobreposição de diferentes territorialidades, além de forçar a reterritorialização para uns ao preço da desterritorialização de outros (Haesbaert, 2004).

Novamente aqui a consolidação do que foi visto como integração do território amazônico ao Brasil se deu 'de fora', ou seja, desconsideraram-se as territorialidades dos povos indígenas, os frágeis equilíbrios entre estes e deles para com comunidades quilombolas, extrativistas e posseiros. O que foi apresentado como 'necessidade de sobrevivência' econômica e cultural, com base na oferta de terra e trabalho aos vários grupos estimulados a se deslocarem para a Amazônia, ou para o que se chamou de 'colonização' na Amazônia, foi

manipulado de forma a atribuir os insucessos dos deslocamentos aos pequenos agricultores e trabalhadores rurais.

A justificativa aparecia com o eficiente discurso que afirmava se tratar de um modelo de reforma agrária, associado a outras políticas de valorização agroindustrial no Sul do Brasil (como a denominada revolução verde). Os deslocados – especialmente pequenos proprietários, parceiros, arrendatários do Sul e trabalhadores rurais sem terra do Nordeste – tiveram suas condições de vida violentamente precarizadas, vulnerabilizadas com a crescente concentração da terra. Ianni (1979) analisa esse processo como uma contrarreforma agrária e Martins (1994) destacou por suas paradoxais características conservadoras e militarizadas, quando o discurso que promovia o processo falava em modernização e democratização da terra. Assim despossuídos/expropriados de bens materiais básicos a sua sobrevivência, venderam o pouco que possuíam e ofereceram, em um novo quadro de formação de mão de obra, a sua força de trabalho a fim de participar dos novos projetos econômicos que se abriam na Amazônia. Configurava-se todo um campo de possibilidades para a privatização da terra e dos negócios na Amazônia, agora com a força do capital financeiro, que se tornava proprietário de terra (grupo Volkswagen, Banco Bamerindus, Banco de Crédito Nacional-BCN, entre outros), com altos investimentos na pecuária e na exploração de minerais (a exemplo da Cia. Vale do Rio Doce).

Desde os anos 1980, o Estado viu diminuídas as suas condições de gestão e controle sobre este território. Condição que particularmente se agravou com os processos de privatização que se intensificaram a partir da década de 1990, que tornou o Estado um dos instrumentos do mencionado processo de acumulação e, mais recentemente, refém do discurso construído acerca dos índices provenientes da exportação de *commodities*:

With growing public and private deficits, one of the main sources of foreign currency was exactly the export of soy-bean and a few other primary commodities (Hall et al., 2014). In a situation with challenging macroeconomic adjustment, the rent of agribusiness greatly helped to maintain the Real Plan and fund growing government expenditures. It was also helped by the introduction of tax exemptions, as the 1996 Kandir Law that removed provincial (state) taxes on the export of primary commodities, such as soybean, under the need to mitigate the growing federal deficit created by the Real Plan (although it has penalized the state administrations). Agribusiness exports became even more attractive when Brazil floated the national currency (Real) in 1999, which sent a shock across its economy that set Brazil's soybean boom into motion. This leverage effect of agribusiness rents was facilitated by the favourable market prices in the first decade of the century, which is often described as the 'commodity boom' due to the rising demand (particularly from China). Between 2000 and 2005, the area of soybean production doubled in Mato Grosso (from 3.12 million to 6.20 million hectares, cf. Cunha, 2008) and continued to expand throughout the decade. (Ioris, 2016: 461)

Há que se somar a este quadro, no domínio da produção de mercado, o monopólio da violência e as definições do que seja legalidade ou ilegalidade nas relações de trabalho e quanto ao modo de uso da terra. Sobre esse último ponto, temos lavouras extensivas e monocultoras que colocam esse território entre as fronteiras agrícolas mais problemáticas do mundo em razão da emissão de dióxido de carbono e gás metano e, por consequência, o Brasil como o maior emissor de gases do efeito estufa relacionados à mudança do uso da terra (Coy & Klingler, 2014: 2).

Quanto à exploração da força de trabalho, esse mesmo modelo acima mencionado têm papel crucial na manutenção de formas degradantes de inserção do trabalhador. '[O] agronegócio substituiu a agricultura familiar. E a escravidão não desapareceu [...]' (Harvey, 2013: 121). As constantes denúncias de trabalho escravo em sua forma contemporânea (segundo a designação utilizada pela Organização Internacional do Trabalho: 'trabalho escravo contemporâneo') em finais do século XX e século XXI, bem como os assassinatos de trabalhadores rurais evidenciam uma das faces mais perversas. Dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) mostram que de 1.115 casos de homicídio decorrentes de conflitos no campo foram registrados entre 1985 e 2014. Destes, apenas 12 foram levados a julgamento. Segundo o Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC), desde 1995, quando foi criado o Grupo Especial de Fiscalização Móvel (GEFM) no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego e o Grupo Executivo de Repressão ao Trabalho Forçado (GERTRAF), até o ano de 2011, foram resgatados no Brasil 41.665 trabalhadores da condição de trabalho escravo.

### **Considerações finais**

A análise dos novos espaços criados pela força do capital, que contou com a estrutura de um Estado forjado pela ditadura civil e militar (1964-1985), requer uma postura aberta por parte dos cientistas sociais à compreensão de realidades históricas marcadas não pela homogeneização, nem somente pelas diferenças, mas por novas formas de vida social que pressupõem interações nas quais o outro não desapareça. Espaços de deslocamentos em territorialidades diversas que extrapolam as definições geográficas, linhas divisórias entre unidades políticas, afirmam a sua importância como expressões dos deslocamentos espaços-temporais de diferentes grupos da sociedade nacional sobre territórios ocupados, notadamente, por povos indígenas e comunidades tradicionais que vivem do extrativismo, agricultura de subsistência e que possuem temporalidades diversas.

Esse grande projeto governamental de reocupação da Amazônia e de proteção das fronteiras geográficas do Brasil, instado pela Guerra Fria e levado a cabo por força de uma ditadura, estaria eivado de paradoxos. Se o discurso justificador desse projeto trazia em seu primeiro plano o nacionalismo e a defesa do território, seu resultado foi sua crescente abertura ao capital. Se uma das necessidades prementes das elites agrárias nacionais era a contenção dos conflitos no campo em todo o país, por meio da transposição de pessoas das áreas de litígio para a Amazônia, com a promessa de terra em abundância, seu resultado foi à urbanização e a expropriação do pequeno lavrador. O discurso oficial afirmava a realização do maior programa de reforma agrária do mundo e rapidamente a terra se concentrou, a tal ponto, que é difícil comparar este processo a outros nas diversas regiões do Brasil. Falou-se em modernização e desenvolvimento e de fato foram investidos bilhões de dólares em todo o território, mas basta uma rápida observação para que se verifiquem os alarmantes índices de pobreza e violência, os gravíssimos problemas de infraestrutura, os alarmantes dados sobre o uso dos recursos naturais de toda a Amazônia em benefício de poucos. Se as políticas dos sucessivos governos podem ser chamadas de públicas, seus resultados se apresentam, nesse momento, bastante privatizados ou poderíamos mesmo dizer, surreais.

## Referências

- Bauman, Z. (2005) *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bercovici, G. (2010) "'O direito constitucional passa, o direito administrativo permanece": a persistência da estrutura administrativa de 1967', in E. Teles & V. Safatle (eds.) *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 77-90.
- Brandford, S. & Torres, M. (2017) 'Soy Invasion Poses Imminent Threat to Amazon, Say Agricultural Experts'. *Mongbay*, 8 fev. 2017 [Documento www] URL <https://news.mongabay.com/2017/02/soy-invasion-poses-imminent-threat-to-amazon-say-agricultural-experts/> [Data de consulta em 09 fev. 2017].
- Brasil, Ministério do Planejamento. (1970) *Metas e bases para ação de Governo*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional.
- Brasil. (1996) Portaria nº668, de 1 de novembro de 1996. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Seção 1, p. 22599.
- Castro, S.; Barrozo, J. C.; Covezzi, M. & Preti, O. (1994) *A colonização oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade*. Cuiabá: EdUFMT.
- Couto e Silva, G. (1982) *Conjuntura polícia nacional: o poder executivo & geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Coy, M. & Klingler, M. (2014) 'Frentes pioneiras em transformação: o eixo da BR-163 e os desafios socioambientais'. *Territórios & Fronteiras* 7(1) [Documento www]. URL <http://www.ppphis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/issue/view/14/showToc> [Data de consulta em 21 jun. 2014].
- Figueiredo, L. (2015) *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Freitag, L. & Stanczyk Filho, M. (2010) *Região, espaço e poder*. São Paulo: Alameda.
- Guimarães Neto, R. B. (2002) *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN.
- Guimarães Neto, R. B. (2014) 'História, trabalho e memória política: trabalhadores rurais, conflito social e medo na Amazônia (1970-1980)'. *Revista Mundos do Trabalho* 6(11): 129-146.
- Gomes, A. M. C. (2013) *Olhando para dentro*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Haesbaert, R. (2004) *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' a multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Ianni, O. (1979) *Colonização e contra-reforma agrária*. Petrópolis: Vozes.
- Joanoni Neto, V. (2007) *Fronteiras da Crença. Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: Tanta Tinta/EdUFMT.
- Joanoni Neto, V. (2014) 'Em busca de outros olhares: o período ditatorial brasileiro e a Amazônia Legal', in X. C. Barbosa et al. (org.) *História, memória e direitos humanos. 50 anos da ditadura militar no Brasil*. Salvador: Pontocom.
- Luceiro, E. R. & Pereira, A. J. (2000) 'Reforma agrária no Brasil e a aplicabilidade da proposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST): o "Grupo Coletivo Força Jovem" como forma de assentamento-1997/1998'. *Revista Economia e Desenvolvimento* 11: 70-99.
- Martins, J. S. (1997) *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.
- Martins, J. S. (1994) *O poder do atraso*. São Paulo: Hucitec.

- Mato Grosso (1973) *Relatório da Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral do Estado*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado.
- Miranda L. (2016) *Atlas geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas.
- Moreno, G. (2007) *Terra e poder em Mato Grosso*. Política e mecanismos de burla 1892-1992. Cuiabá: EdUFMT/Entrelinhas.
- Resende, E. (1971) 'Estradas da Amazônia', in Lima et al. (org.) *Problemática da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- Ricardo, C. (1970) *Marcha para Oeste*. 4ª ed. São Paulo: José Olympio.
- Souza, M. L. (2000) 'O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento', in I. E. Castro et al. (org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

A Amazônia e a política de Integração Nacional. O discurso da modernização entre o passado e o presente

Figura 1 - Mapa Rodoviário de Mato Grosso:



Fonte: <http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/11/mapa-rodoviario-mato-grosso.jpg>



## **A permanência na terra como suspeita de atos guerrilheiros em Porto Alegre Do Norte/MT – 1970**

**Luciene Aparecida Castravechi**  
Universidade Federal de Mato Grosso

**Vitale Joanoni Neto**  
Universidade Federal de Mato Grosso

**Abstract:** This article analyses the struggle for land in Porto Alegre do Norte, in the Northeast of the State of Mato Grosso, between 1970 and 1980. The period studied shows that in the Amazon border the public sector was assimilated by the private one, resulting in greater violence against citizens, executed and mutually constituted by both sectors. Our objective is to study the conflicts and violence resulting from the expulsion of squatters by the agricultural enterprise FRENOVA, established in this municipality during the 1970s, with the support of the occupation policies imposed by the dictatorial government for the Amazon. These development projects overlapped with the land of rural workers who had lived in the region since the 1940s and generated disputes over land between squatters and businessmen. In order to prevent the expulsion of squatters, the Prelature of São Félix of Araguaia, under the leadership of Bishop Pedro Casaldáliga, together with the lay and religious pastoral agents, mediated in these conflicts, placing itself between the public authorities (Police, Federal Police and INCRA), rural entrepreneurs and squatters.

**Keywords:** São Félix do Araguaia Prelature, Porto Alegre do Norte City, rural violence, Brazilian dictatorship, modernization policies in the Amazon, mediation

---

O presente artigo busca analisar os projetos de colonização e agropecuários na Amazônia instituídos pelo governo ditatorial. Observamos que a instalação das empresas agropecuárias no nordeste de Mato Grosso, especialmente em Porto Alegre do Norte, possibilitou o emprego da violência com um nítido caráter instrumental para a apropriação de terras, bem como para a expulsão de trabalhadores rurais situados na região antes do estabelecimento dos empreendimentos rurais. A justiça passou a ser menos acionada e os empresários passaram a exercer atos de violência através de milícias privadas, jagunços, capangas, 'seguranças', vigilantes e pistoleiros.

Para compreendermos a violência instituída na fronteira e a sua relação intrínseca entre a esfera pública e privada, constatamos que o monopólio do poder foi desviado para interesses e objetivos privados, a unidade que o desempenhava perdeu legitimidade, surgindo assim, a violência. Caracterizando, o que Martins aponta como um sistema político persistente: 'O Estado [é] baseado em relações políticas extremamente atrasadas, como as do clientelismo e da dominação tradicional de base patrimonial, do oligarquismo. No Brasil, o atraso é um instrumento de poder' (Martins, 1994 apud Brumer; Tavares dos Santos, 2006: 58).

Os grupos dominantes no espaço rural desempenhavam uma posição de domínio, nas esferas econômica, social e política. Estes atuavam em defesa do direito da propriedade privada não dando importância para a sua dimensão social. Como bem demonstra Filho (2001: 22) a violência 'organiza as relações de poder, de território, de autodefesa, de inclusão e exclusão e institui-se como único paradigma'.

Nestas áreas de fronteiras o Estado se fazia pouco presente, tornando assim a esfera pública bastante débil e aprendida pela esfera privada. O projeto de modernização e progresso para a Amazônia ocasionou a deterioração da vida social, excluiu e marginalizou as populações tradicionais (caboclos, ribeirinhos, seringueiros, pescadores artesanais, colonos, extrativistas de vários produtos, índios, negros de quilombos), tanto no âmbito econômico quanto no social, ou seja, a suposta modernização da Amazônia limitou benefícios, violentou e reprimiu os princípios de justiça social e direitos humanos.

Em 1971 a Agropecuária Fazendas Reunidas Nova Amazônia S/A (FRENOVA), grupo formado por seis fazendas: Piraguassu, Tapiraguaia, Sapeva, Codebra, Agrosselva e Campo Verde<sup>1</sup>, adquiriram cerca de 400 mil hectares no povoado de Porto Alegre do Norte. Vale aqui uma breve identificação de algumas dessas fazendas, destacando o fato de que todas receberam incentivos da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) para se instalarem na microrregião do Araguaia em Mato Grosso e uma delas, SAPEVA, ter participação de estrangeiros em sua composição acionária.

A Piraguassu Agropecuária S/A foi um projeto de concessão de terras aprovado pela SUDAM em: 18 de outubro de 1971, com um valor de incentivo recebido de Cr\$7.006.405,00. Essa fazenda tinha 42.673,75 ha, e sua composição acionária apresentava os seguintes nomes: Délio Rodrigues Cardial (21,46%), Geraldo Antônio de Medeiros Neto (21,44%), José Augusto Leite de Medeiros (21,16%), João Carlos de Souza Meirelles (11,13%), João Galdino da Silva Neves (11,1%), Abílio Antônio Motta Filho (8,02%), Jorge Alberto Veiga de Medeiros (2,3%), Milton Leopoldo Endres (1,52%), Renato de Souza Meirelles (1%), Yara Hungria de Souza Meirelles (0,87%).

A Tapiraguaia Agrícola e Pecuária, foi um projeto de concessão de terras aprovado pela SUDAM em 5 de julho de 1967 com incentivo no valor de NCr\$2.566.140,00. O tamanho da propriedade era 21.923 ha, e sua composição acionária tinha os nomes de José Augusto Leite (50%), José Carlos Pires Carneiro (25%) e Antônio Peres Carneiro (25%).

A Sociedade Agropecuária Vale do Araguaia S/A (SAPEVA), foi um projeto de concessão de terras aprovado pela SUDAM em 11 de julho de 1969 no valor de NCr\$6.208.686,00 em incentivos recebidos. Tinha tamanho de 72.587,92ha., e os seguintes nomes em sua composição acionária: Clóvis Galante (34,12%), José Augusto Leite Medeiros (17,29%), Antônio Carlos Peres de Oliveira (8,23%), Jean Jacques Faure (6,71%), Frederic Paul Grover (6,71%), Emile Besson (6,71%), Auguste Le Diagon (6,71%), Rodolfo Autonelli (5,38%), Herbert Gauss (3,19%), Azael Magalhães Rodrigues (2,26%), Radamés Sangiorgi (2,26%), Moacyr Carneiro (0,46%).

A Agropastoril Campo Verde Ltda., foi um projeto de concessão de terras aprovado pela SUDAM em: 12 de novembro de 1970 com NCr\$6.565.129,00 em incentivos recebidos. Essa fazenda tinha 15.000ha., e os seguintes nomes em sua composição acionária: Antônio Carlos Peres de Oliveira (58,53%), Firmino Rocha Freitas (20%), Joaquim Antônio Bittencourt Couto

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Prof. Dr. Fábio Carlos da Silva por disponibilizar os dados em seu projeto 'Expansão da fronteira agropecuária e desenvolvimento da Amazônia brasileira 1850-2010'.

(20%), Tereza Moraes Bittencourt (1,2%), Moema Ribeiro de Lima Freitas (0,15%), José Mauro de Freitas (0,07%), Kalil Rocha Abdala (0,05%).

Estas fazendas eram de propriedade da Empresa de Tapetes ITA, representada pelos empresários José Carlos Pires Carneiro e Silvana Carraro Carneiro, assim como pelos Cartórios Medeiros, sob administração de José Augusto Leite Medeiros e Maria Lúcia Medeiros. A implantação da FRENOVA foi executada por um dos seus diretores, o engenheiro João Carlos de Souza Meirelles, vereador na cidade de São Paulo (1964-1972), e que mais tarde chegou a ser Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (1998-2002), Secretário de Turismo do Estado de São Paulo (2003-2005) e Secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo (2003-2006). Esse senhor é proprietário da Colonizadora Juruena Empreendimentos de Colonização, que inaugurou um projeto de mesmo nome no noroeste de Mato Grosso em 24 de setembro de 1978 com tamanho inicial de 200.000 ha.

Para que possamos compreender melhor os conflitos que serão tratados nesse artigo, far-se-á necessário dar algumas poucas informações que permitirão visualizar melhor o quadro de análise. Em 1967 a Companhia de Desenvolvimento do Araguaia (CODEARA), adquiriu terras próximas ao povoado de Santa Terezinha com área de 196.497,19 ha. A empresa tinha ciência da existência de pequenos produtores na área com direito às suas posses. Apesar disso, não permitiu que estes trabalhadores rurais permanecessem naquelas terras praticando a agricultura de subsistência. Assim, iniciou-se um grave conflito entre posseiros e a empresa que durou até o ano de 1972, quando o INCRA demarcou as propriedades dos trabalhadores rurais com área muito menor do que a originalmente ocupada.

Nesse mesmo ano de 1972, o governo federal por meio de suas agências de segurança nacional, tomou conhecimento da presença de um grupo de guerrilheiros ligados ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) cerca de 700 km ao Norte da microrregião Norte do Araguaia mato-grossense, em um local chamado Bico do Papagaio entre o Sul do Pará e o Norte de Goiás (atual Tocantins), o que deu origem a um conflito armado, conhecido como Guerrilha do Araguaia, que culminou com a morte dos guerrilheiros e muita repressão contra a população local.

Dito isso, é possível agora compreender porque o ano de 1972 originou um período difícil para a população de Porto Alegre do Norte. Toda a área compreendida pelo município de Barra do Garças em Mato Grosso até a divisa com o estado do Pará, dentro da qual está a Prelazia de São Félix do Araguaia, se tornou uma zona de segurança nacional e toda equipe pastoral, inclusive o bispo, foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional e acusados de subversão. As denúncias feitas por Dom Pedro Casaldáliga contra as arbitrariedades cometidas por agentes públicos e empresários contra a população local e a visibilidade que os seus escritos ganharam dentro do Brasil e no exterior fizeram com que entre os meses de setembro a outubro de 1972, o Exército realizasse em São Félix do Araguaia uma Ação Cívico-Social, uma espécie de treinamento antiguerrilha com assistência social para a população daquele espaço. Os militares associaram a resistência armada dos posseiros de Santa Terezinha e os conflitos envolvendo os posseiros de Porto Alegre do Norte contra a FRENOVA às ações organizadas pelo PC do B no Bico do Papagaio.

As Ações Cívico-Sociais foram empreendidas durante a fase mais violenta da ditadura brasileira, no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Dentre essas ações podemos citar o Movimento Brasileiro de Alfabetização, MOBRAL, criado em 1971 e extinto em 1985, cujo objetivo era a erradicação do analfabetismo no Brasil. O Projeto Rondon, criado em 1967 tinha como propósito levar estudantes universitários, especialmente da área da saúde para

prestar assistência à população de áreas carentes do interior do Brasil. Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins, GETAT, criado em 1980, tinha como finalidade coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária no Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Oeste do Maranhão para consumir o quadro imposto ao final da Guerrilha do Araguaia. Martins (1990: 91) aponta que o GETAT não foi instituído no Norte de Mato Grosso, pois os empresários viam a situação da região estável, sendo esta considerada pós-pioneira, mas não para os trabalhadores rurais pobres cercados pelos latifundiários. Essas Ações Cívico-Sociais também podiam assumir um caráter mais pontual, para resolver problemas locais, como as verificadas na área da Prelazia de São Félix do Araguaia no Mato Grosso (Mapa 1 – Área da Prelazia de São Félix do Araguaia no MT):



Fonte: Miranda, Leodete. Mapa do Estado de Mato Grosso – Área em Estudo

Diante deste contexto, no dia 28 de outubro de 1972, apareceu em São Félix do Araguaia um homem de 30 anos de idade, suposto professor assistente da Universidade Federal do Paraná. Este senhor, com nome de Ailson Loper, trouxe uma carta de apresentação do padre claretiano Vicente Fernandez, da cidade de Curitiba. Logo começou a se relacionar com a sociedade de São Félix (comerciantes, fazendeiros e políticos locais). Participou de uma reunião na casa do Dr. Jamil Thomé com a presença de Carlos Alves Seixas, proprietário, diretor técnico da CODEARA e presidente da Associação dos Empresários da Amazônia – AEA, o José Bens, militar aposentado por corrupção e empreiteiro geral da FRENOVA, e Antônio que havia chegado há poucos dias a São Félix. Nesta reunião os presentes fizeram questão de informar a Loper que sabiam que ele era da Polícia Federal e ofereceram serviços, pessoal e conduções das respectivas fazendas. O Antônio, por sua vez, se declarou como agente do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de Mato Grosso.

Ailson Loper conviveu cerca de 20 dias com a equipe da Prelazia, mas se relacionava com pessoas contrárias às ações da Igreja Católica local, ou seja, com comerciantes, fazendeiros e políticos locais. No dia 13 de novembro foi realizada uma reunião na biblioteca da Prelazia de São Félix do Araguaia, na qual estiveram presentes Dom Pedro Casaldáliga, padre Francisco Jentel, padre Pedro Mary Sola e os professores da equipe da Prelazia, pois receberam a notícia de que Ailson Loper havia estado em Porto Alegre do Norte e empreendido ações violentas. Nesta reunião, Loper foi pressionado a revelar a sua verdadeira identidade. O mesmo informou que era o Capitão do Exército Ailson Munhoz da Rocha Loper. Informou que as autoridades do Exército e o Governo Federal estavam convictos de que a casa pastoral de São Félix era um foco de subversão de guerrilha (Brasil, 2014: 125).

Diante o clima de terror instalado na Prelazia, o militar disse aos religiosos que eles seriam responsáveis por criar tal situação. Negou energicamente que existisse tortura no Brasil e que houvesse inocentes nas cadeias do país. A presença do Capitão Ailson Loper na área da Prelazia possibilitou a intensificação de ações violentas por parte da FRENOVA contra os trabalhadores rurais de Porto Alegre do Norte visando expulsá-los de suas terras. O padre Eugênio Consoli, os posseiros João de Souza Lima, José de Souza Costa e Alexandre Quirino de Souza foram levados e detidos na sede da FRENOVA e ali submetidos a interrogatórios, humilhações e vexames durante mais de duas horas, sob a vigilância armada do empreiteiro José Bens e dos seus capangas Raimundo Motorista, Cícero Custeleta, Jurandi e Farmacêutico. Os religiosos da Prelazia foram impedidos de deixar São Félix enquanto o Capitão Loper ainda estivesse presente no povoado. O padre Francisco Jentel foi proibido de celebrar missas e Dom Pedro Casaldáliga foi impedido de relatar na missa os incidentes recentes. Os pilotos dos táxis aéreos foram proibidos de transportarem as pessoas ligadas à Prelazia, enquanto o Capitão Loper estivesse em São Félix. O padre Jentel foi ameaçado caso pretendesse sair e, juntamente com Dom Pedro Casaldáliga, foi submetido a um interrogatório (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.24, 1972: 1-3).

Essa ação deixou claro que o governo militar era conivente com tais medidas que visavam excluir aquilo que era considerado um entrave social para o desenvolvimento da região. A presença dos posseiros, dos povos indígenas, de pequenos povoados e vilarejos foi considerada sério obstáculo à implantação das empresas agropecuárias a partir de 1970, e mesmo que a legislação em vigor garantisse a esses grupos o direito de permanecerem em suas terras (alguns posseiros haviam chegado no local em meados da década de 1940), o fato de não possuírem documentos legais, serviu de pretexto para que as empresas alegassem sua

propriedade e exigissem que a população local se retirasse. O Estado se fez presente para aquela população através da força repressiva que culminou em torturas e humilhações, inclusive de pessoas ligadas à Prelazia de São Félix do Araguaia.

Após a retirada do Exército de Porto Alegre do Norte, a população ainda estava atemorizada e esperava a qualquer momento pela volta dos militares, tanto que quando pousava um avião na sede da FRENOVA, os trabalhadores e os agentes de pastoral enviavam cartas à Dom Pedro Casaldáliga para colocá-lo a par da situação, conforme o relato a seguir:

Chegamos 8 horas. Avião conduzindo dois policiais chegou antes de nós, porém parou na Frenova. Supõe-se que logo estará aqui. O povo de Porto Alegre está disposto a enfrentar a situação e ir até as últimas consequências. Se preciso for irão para a mata por quanto tempo for necessário. Eles mantêm posição firme e cortarão arame quantas vezes for necessário. [...] No entanto nossa posição é de expectativa. São imprevisíveis as atitudes da polícia e da fazenda. Fique tranquilo Pedro, povo sabe o que quer. Vale a pena lutar. (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.60, 1972: 1)

A intervenção do exército em Porto Alegre do Norte fortaleceu ainda mais as ações violentas da FRENOVA contra os posseiros. A inoperância do Estado brasileiro na resolução dos conflitos por terra na Amazônia advém de uma política pautada no estabelecimento de empreendimentos rurais de capital nacional e internacional, em contraposição às antigas formas de manejo da terra praticadas por agricultores pobres através da agricultura de subsistência. O capitão Ailson Loper disse à população local que a sua atuação não tinha relação com os conflitos de terras e que este trabalho competia ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA. Sua missão era acabar com os focos de guerrilha e subversão no Araguaia. Porém, este discurso entra em contradição, quando o mesmo sequestrou os posseiros João de Souza Lima, José de Souza Costa e Alexandre Quirino de Souza e o padre Eugênio Consoli para serem interrogados e humilhados na sede da FRENOVA. Em contrapartida, a agropecuária tomou para si o uso da violência com apoio de uma parcela da polícia militar para garantir a sua supremacia sobre as terras dos posseiros, controlando sistematicamente a contestação da legitimidade dos direitos dos trabalhadores rurais na luta pela terra.

Os agricultores empreenderam a luta pela terra em razão da necessidade de tê-la como meio de produção. Ao resistirem as desapropriações e expulsões buscavam o reconhecimento dos seus direitos e amparo social que o Estado devia lhes garantir. Entretanto, o governo militar tentou de todos os modos abafar esses conflitos a partir da desmobilização de grupos sociais, como a Prelazia de São Félix do Araguaia, impondo a estes uma série de perseguições e torturas, bem como a sua desmoralização (acusavam os padres e agentes de pastoral de práticas subversivas, de serem comunistas, inimigos da pátria) e o enquadramento destes na Lei de Segurança Nacional.

A estratégia dos militares se pautava em desviar um problema de cunho político e social para um foco simplesmente econômico, o qual seria resolvido a partir das desapropriações das terras quando estas fossem de interesse de ambas as partes, ou melhor, no momento em que não lesasse os interesses dos latifundiários. Conforme Martins (1985), a intervenção do exército nos conflitos por terras na Amazônia configura-se como a militarização da questão agrária, pois algumas ações militares foram estrategicamente criadas para conter a resistência dos trabalhadores rurais na luta pela terra. Assim, a intervenção do Estado sobre as vidas das populações em conflitos na Amazônia se deu por meio de mecanismos da inserção de ações

como a Ação Cívico-Social ocorrida em São Félix do Araguaia no ano de 1972, com o intuito de estabelecer uma relação entre o exército e a população local como uma forma de controlar os conflitos sociais provenientes da política econômica e agrária que incentivou a entrada dos investimentos dos empresários do Centro-Sul do país e do exterior nas agropecuárias instaladas na Amazônia Legal.

Para conquistar a confiança dos habitantes de Porto Alegre do Norte, o capitão Ailson Loper reuniu-se com estes no intuito de acalmá-los quanto a sua presença e avisá-los que o INCRA iria regularizar a demarcação de terras na região. Assim, em uma carta direcionada a Dom Pedro Casaldáliga pelo padre Eugênio Consoli, temos a descrição da reunião do militar junto aos posseiros:

Caríssimo Pedro,

'Ele está no meio de nós'

Domingo, dia 12-11-72, estive aqui o capitão Ailson. Conversou uns cinco minutos comigo e quis falar ao povo. A reunião foi feita na escola. Ele se apresentou como seu amigo e todos nós, dizendo até que estava hospedado na casa dos padres em S. Félix. Pedro, o assunto da reunião foi, entre outros, que o INCRA viria aqui. Que tudo seria resolvido. Disse que o povo não precisava de temê-lo, assim como ele também não temia o povo, pois a força de que dispunha, poderia ocupar Porto Alegre em dois minutos. Dizia ao povo que podia falar. (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.59, 1972: 1)

A relação imposta pelo capitão Ailson junto à população de Porto Alegre do Norte assinala que este não deveria ser temido, pois seria um 'aliado' para a resolução dos conflitos de terras. Sua ação assemelhava-se ao perfil da polícia inglesa criada no século XVIII, a qual em linhas gerais, de acordo com Tavares dos Santos (1997: 160), demonstrava que o seu poder dependeria da aprovação do público e desta forma ganharia a sua colaboração voluntária, e não necessitaria da utilização da coerção física. Entretanto, caso não houvesse a sua aceitação naquele local, seu aparato repressivo seria o suficiente para repreender qualquer movimento contestatório à sua presença.

Desse modo, num primeiro momento, o capitão Ailson tentou conquistar a confiança dos trabalhadores rurais informando-os que ele era amigo de Dom Pedro Casaldáliga, se apresentando como uma pessoa confiável e que não precisava ser temida, porém se houvesse revoltas contra ele, estas seriam sanadas com o uso da força. Conforme Tavares dos Santos (1997: 164), o ato de violência vem sempre anunciado ou justificado, como podemos verificar no discurso relatado no documento acima. A ameaça de repressão contra os lavradores está posta em termos claros e por meio de justificativas racionais. O fato do Capitão falar em nome do Estado e de seu projeto de estabelecer um modelo de desenvolvimento econômico que priorizava a grande propriedade, tornava os posseiros e povos indígenas, alvos das ameaças, por serem vistos como incapazes de promover esse projeto. Por isso a violência atingiu em maior grau alguns grupos sociais, acarretando numa série de exclusões e arbítrios, aplicados majoritariamente sobre os mais pobres.

Os projetos agropecuários instituíram uma grande transformação no espaço rural brasileiro, os quais destruíram antigas relações e práticas sociais do cultivo da terra pelos trabalhadores rurais, excluindo esses agentes da cena política e retardando a proposta de reforma agrária, estabilizando, assim, a estrutura fundiária dominante do país até os dias atuais.

De acordo com Sorj (1986: 109), os investimentos em grandes projetos agropecuários não asseguravam altas taxas de lucros, mas as aquisições de terras na Amazônia contribuíram para a supervalorização destas, tendo em vista que estas áreas, até então, tinham baixo valor mercantil sendo valorizadas com os programas do governo federal para a Amazônia, a concessão de créditos subsidiados e incentivos fiscais. Portanto, a compra de terras por empresas do Centro-Sul que não atuavam em atividades rurais, como a FRENOVA, possibilitou a apropriação de grandes lucros diferentemente da lógica tradicional de ocupação da terra, a qual para os trabalhadores rurais tinha como finalidade a subsistência familiar, e, para os empreendedores era caracterizada como um negócio de alta rentabilidade.

Desse modo, a política de modernização do campo se converteu em uma prática de estímulo à concentração de terras, ao passo que os incentivos fiscais conferidos pelo governo colaboraram para a valorização das propriedades, não significando que houve necessariamente uma significativa modernização da agricultura. O que ocorreu de fato, foi a concentração de terras para fins especulativos.

Os recursos da SUDAM foram destinados à expansão de atividades para exportação como a mineração e a pecuária. O setor da agropecuária obteve grande investimento do governo, pois em 1974 criou-se o Programa Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLAMAZÔNIA), com o objetivo de desenvolver as atividades de pecuária, principalmente, no Norte de Mato Grosso, Norte de Goiás e Sul do Pará, em áreas de cerrado, cerradão e mata fina, possibilitando aumentar o rebanho da Amazônia para 5.000.000 de cabeças até o final da década de 1970. De acordo com o jornal O Estado de S. Paulo, o programa levou em consideração dois pontos estratégicos, 'sua adequada localização no espaço amazônico e a crescente tecnificação do setor' (*O Estado de S. Paulo*, de 26 de janeiro de 1974, apud Ianni, 1979: 225). Dessa forma, tornou-se interessante para os bancos, empresas automobilísticas, mineradoras, empresas de construção civil e transportadoras do Centro-Sul investirem na criação de gado na Amazônia, utilizando financiamentos e subsídios do Governo Federal. No Centro-Oeste entre os anos de 1970 a 1980 houve um crescimento das áreas dos estabelecimentos agropecuários de 44,9%, com o aumento de 16.008.922 cabeças na pecuária bovina para corte (Teixeira; Hespanhol, 2006: 58).

A SUDAM, criada em 1966, passou a dar apoio econômico e incentivos fiscais para as grandes empresas que tinham o interesse de ampliar os seus negócios no espaço rural. Esta política fez com que o governo facilitasse o acesso aos recursos públicos pelos empresários que quisessem se dedicar à atividade agropecuária na Amazônia e concomitantemente, o Estado aumentou seu poder repressivo no campo no intuito de garantir a implantação dos empreendimentos econômicos criados com seu apoio.

A rentabilidade econômica oferecida pelo governo ditatorial para as empresas que desejassem investir em atividades na Amazônia mudou a lógica de aquisição de terras naquele espaço. Antes, esperava-se que os posseiros fizessem a ocupação da terra e a desbravassem, logo após vinham as grandes empresas que compravam uma parte da área de terra, frequentemente se apropriando de outros à sua volta. No entanto, com o advento das políticas públicas em benefício do capitalismo no campo, os empresários passaram a expulsar simultaneamente os índios e posseiros das terras, como fez a FRENOVA com os Tapirapé e os trabalhadores rurais de Porto Alegre do Norte.

Esses fatos demonstram que na Amazônia o poder público se tornou uma simples extensão do poder privado. Para aferir isso, basta que levemos em consideração que uma ação de despejo que em tese deveria estar sob a responsabilidade de um oficial de justiça, muitas vezes era efetuada por jagunços das empresas. De acordo com Martins (1985: 59), as políticas



de ocupação do governo ditatorial fizeram aflorar na Amazônia três tipos de violências distintas: inicialmente, a violência física do policial e do jagunço contra o posseiro e o peão, para o estabelecimento da estrutura privada em detrimento da ordem pública; segundo, a violência da justiça, desacreditada pela execução de sentenças de despejos por jagunços, uma política pautada na expropriação territorial em benefício dos interesses da empresa privada em prejuízo dos direitos dos índios e posseiros; por último, a violência direta realizada pelo Poder Executivo, através da ação militar e policial nos problemas fundiários. Sobre os tipos de violência na Amazônia, os relatos de Dom Pedro Casaldáliga são elucidativos:

Chegaram um general, o CORONEL RAMALHO – a quem Deus perdoe! -, quatro caminhões do Exército e dois jipes. Soldados, armas, munições. Vêm procurar terroristas, vêm fazer ‘pesquisas’?! O coronel interpelou a vários de nossa casa em termos grosseiros, idiotas. A mim, por exemplo: ‘Se ouvi falar em Rio de Janeiro’, ‘se estou assustado’, ‘se gosto do exército’... [...] Eles fazem força para dizer e mostrar que estão aqui para ajudar, para fazer umas leves pesquisas. Sabemos que na realidade estão buscando fantasmas: terroristas, guerrilheiros, subversivos. E que toda área está sendo ‘enquadrada’ no férreo esquema da ‘Segurança Nacional’. [...] O exército, como supúnhamos, veio efetivamente em exercício antiguerrilha. E o capitão João Evangelista, cínico e vendido, aproveitou a situação para novamente fazer intrigas contra mim, no que se refere ao conflito posseiros-fundiários. (Casaldáliga, 1978: 67-8)

Os advogados da Prelazia de São Félix do Araguaia que recorriam à justiça para a aplicação do Decreto 70.430 de 1972, bem como afim do reconhecimento dos direitos dos trabalhadores rurais pelo Estatuto da Terra, eram taxados de comunistas e subversivos pelo Conselho de Segurança Nacional. Isto acontecia, como podemos observar, mesmo com o respaldo de leis que em tese deveriam conter as tensões sociais no campo. Conforme o documento acima, verificamos que a luta pela terra em Porto Alegre do Norte se dava na esfera privada tendo como auxiliar o poder do Estado com a atuação da polícia local em prol dos interesses da FRENVA. Este fato é caracterizado por Martins como a ‘militarização da questão agrária’, ou seja, esta é entendida como uma atitude de violência, em que ‘a interferência direta do Poder Executivo, através da ação militar e policial, na questão fundiária, mediante o alijamento da justiça no processo decisório, o alijamento das entidades de representação de classe dos interessados, como o sindicato e o partido político’ (1985: 59). Desse modo, o ato de se privilegiar os interesses de uma empresa privada em detrimento dos direitos de posseiros denota uma política de expropriação territorial estruturada no princípio de dominação que entrelaça o público e o privado, desconsiderando a legislação existente e utilizando da violência para instituir o poder.

Tavares dos Santos nos mostra que ‘a luta pela terra, a violência política e costumeira dos proprietários fundiários e a seletividade do Estado nos conflitos agrários, indicam a continuidade do processo de dilaceramento da cidadania no campo’ (Tavares dos Santos, 2000: 01). Desse modo, temos atrelado aos conflitos no campo uma condição social de limitada cidadania e a imperante violência como prática social corriqueira, a qual segundo o mesmo autor ‘atinge mais a algumas classes sociais do que outras, algumas raças mais do que outras, e as mulheres e os homossexuais mais do que os homens’ (Tavares dos Santos, 2000: 2). A violência no campo não se restringe apenas em expulsar os posseiros das suas terras, mas principalmente em reprimir os movimentos sociais e as manifestações políticas dos

trabalhadores rurais, por esse motivo assassinam os homens e mulheres em idade de trabalhar para dificultar o trabalho familiar (Almeida, 1993).

De acordo com Tavares dos Santos (1999: 20), os processos de exclusão social e econômica, introduzem o uso da violência como preceito social exclusivo de diversos grupos da sociedade, presentes em várias dimensões da violência social e política. As diversas formas de violência utilizadas configuram-se como um processo de dilaceramento da cidadania, e conforme o mesmo autor, a prática da violência em áreas de fronteira, geralmente orientada por mandantes e executada individualmente ou por milícias privadas é caracterizada como violência política, a qual em muitos casos consiste no extermínio físico dos opositores nos conflitos agrários, assim como na perspectiva ostensiva dos assassinatos, sem a penalização dos mandantes e executores (Tavares dos Santos, 1993: 136). Nesta perspectiva, o documento abaixo é elucidativo:

Eu, abaixo assinado, BENEVENUTO GONÇALVES NETO, declaro para os devidos fins que no dia 12 (doze) de novembro do corrente ano, fui violentamente agredido no Patrimônio de Porto Alegre, Estado do Mato Grosso, por um senhor que se apresentou perante o povo desse lugar como sendo CAPITÃO AILSON, DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Na reunião que fez com o povo disse: 'Não adoto a Polícia do Estado de Mato Grosso, eu sou da Polícia Federal e tenho 3 estrelas'. Afirmou que era da Polícia Federal e armado com uma arma que pertence ao senhor José Bens, empreiteiro geral da Fazenda FRENOVA, - por várias vezes ameaçou-me, dizendo que dispararia em caso de eu reagir. Disse ao piloto que o transportou: 'Vigie estes dois homens e se eles correrem, você atire', entregando em seguida um revólver calibre 38 nas mãos do Moacir Ferreira (Piloto). Junto comigo levou preso um outro peão que trabalha comigo na FRENOVA. O nome desse peão é Dorileo, tem por apelido Caboré. Nós dois fomos muito humilhados e ameaçados. Atesto que lá na Sede da FRENOVA, este 'Capitão Ailson' disparou um tiro sob a rede onde dormia o referido peão, obrigando-o a caminhar de um lado para o outro até de madrugada. Aterrorizou com sua violência até uma senhora grávida. (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.07, 1972: 1)

Na medida em que os investimentos econômicos no campo deviam ser assegurados é que a violência contra as famílias de agricultores se tornou legítima para que estas não colocassem em risco os empreendimentos agropecuários, o que nos mostra que mesmo nessas áreas de fronteira, há uma aliança entre elites econômicas e das elites políticas. O Estado que deveria garantir a segurança dos cidadãos, aparece em Porto Alegre do Norte através do excesso de poder que decide sobre o direito à vida daquelas pessoas. A violência empregada de forma racionalizada e burocratizada pelo governo militar se impõe por meio da coerção social para o controle dos lavradores, cerceando os seus direitos e contribuindo, assim, para a manutenção das estruturas produtivas em detrimento da economia de subsistência dos lavradores.

A constituição de milícias privadas, juntamente com o poder legal se tornou uma prática comum na Amazônia. É importante considerar que o capitão Ailson delegou a um civil (Moacir Ferreira, piloto da FRENOVA), o poder de atentar contra a vida dos trabalhadores apreendidos na agropecuária, denotando assim, o uso da violência ilegítima para justificar a preservação dos projetos econômicos no espaço rural. Este fato entra em contradição com a constatação de Tavares dos Santos (1997: 158), de que 'a polícia tem sua positividade ao favorecer tanto o vigor do Estado, quanto a vida dos cidadãos'.

Em Porto Alegre do Norte, o Estado não se preocupava em preservar as mínimas condições de vida da população, que era considerada como um empecilho para o desenvolvimento do capitalismo no campo. O descaso e omissão do Estado se manifestava na falta de assistência social básica como a coleta de lixo, saneamento básico, hospitais e escolas, poucos, insuficientes ou inexistentes. O pouco que havia tinha sido criado e administrado pela Prelazia de São Félix do Araguaia. Os meios de transportes eram precários e as vias mais usadas para chegar à região era através do rio Araguaia ou aéreo. O Estado se fazia pouco presente e naquele momento a Igreja foi a instituição que passou a orientar a vida daquela população através da criação de escolas, postos médicos, Igrejas, espaços de lazer e educação com a construção do Ginásio Estadual do Araguaia.

A Igreja da Prelazia de S.F. do Araguaia, adotou quatro linhas de atuação: saúde, educação, justiça, e fé, por meio das quais se instituíram os primeiros fundamentos dessa noção de política comunitária, tendo em vista que no Araguaia este trabalho teve que partir do zero pela ausência de uma comunidade organizada. 'Era preciso estimular a participação e a organização do povo, que era nula. Então resolvemos buscar um modelo pastoral que atuasse de maneira completa, e não apenas com o trabalho de evangelização' (Casaldáliga apud Vargas, 2003).

A violência no Araguaia é aqui caracterizada como um dispositivo de poder para garantir o exercício da dominação. Porém, esta deveria ser usada em última instância para obter os fins esperados, ou seja, a força só poderia ser empregada para a manutenção da segurança do cidadão e para a vigência do Estado. Entretanto, os posseiros eram vistos como executores de uma agricultura atrasada e irracional, bem como tachados de invasores, desordeiros, aproveitadores, entre outros termos. Ao afirmar que eles haviam invadido terras privadas, criava-se a justificativa para toda a forma de violência utilizada contra os mesmos. Eles foram responsabilizados por ocuparem alegadas propriedades privadas e, conseqüentemente, justificando a violência contra os mesmos, e até os assassinatos.

Para demonstrar que a área da Prelazia de São Félix do Araguaia estava tomada por guerrilheiros, e que a mesma deveria estar sob constante segurança com a finalidade de garantir o seu desenvolvimento econômico, o capitão Ailson Loper em meio a uma reunião com os posseiros de Porto Alegre do Norte apontou três possíveis suspeitos e partiu para a captura dos mesmos alegando que um deles era guerrilheiro, o qual tinha assassinado um colega tenente. O militar chamou o padre Eugênio para ir em busca dos acusados, mas o religioso se recusou e logo após voltou dizendo não os ter alcançado. Armado no meio da rua, ele disse ao povo que entregasse as armas imediatamente. Durante esta encenação, 'o povo ficou indecentemente coagido, sentia-se oprimido de repente sem saber porque, pois, nem entendem de guerrilha e guerrilheiros. As armas foram chegando. O capitão disse que as levaria para a sede da Frenova e depois devolveria' (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.28, 1972: 1). O palco estava montado e os três supostos guerrilheiros foram capturados e levados para o avião da agropecuária, sendo vigiados sob ameaça de um revólver pelo piloto Moacir com a autorização do capitão Ailson Loper de atirar caso estes reagissem. Entretanto, os três suspeitos eram empregados da FRENOVA, demonstrando que toda essa representação foi elaborada pelo militar juntamente com os empregados da agropecuária para tentar convencer os trabalhadores rurais sobre a presença de ameaça subversiva na região, bem como legitimar o uso excessivo da violência naquele espaço.

O religioso Eugênio Consoli, juntamente com os posseiros João da Ponte, acusado de ter ajudado a cortar a cerca da FRENOVA no povoado de Porto Alegre do Norte, juntamente com outros dois vizinhos, Zequinha e Alexandre, foram levados para a sede da agropecuária, onde

passaram a ser interrogados em um quarto fechado, pois eram considerados suspeitos de subversão. Eles foram questionados sobre quem instigava o povo a se revoltar, e sobre uma possível participação do padre Consoli nesses atos. Este último já havia se pronunciado sobre essa acusação, afirmando que ninguém persuadia a população local a se rebelar, esta apenas queria se libertar da opressão da FRENNOVA. O posseiro João da Ponte foi humilhado ao máximo para confessar em que lugar estava a trincheira e os insufladores dos lavradores, caso não revelasse o padre Eugênio seria levado preso. O capitão Loper convidou o posseiro para um duelo oferecendo-lhe um revólver calibre 38 carregado o qual foi negado. O militar jogou a arma no chão e pediu que o empreiteiro José Bens a quebrasse junto com as armas apreendidas dos posseiros. Ainda sobre este episódio, Consoli descreve que 'O capitão, a cada momento, me olhava e dizia: Eugênio, você está vendo, não está tendo coação moral com vocês e vocês desde que chegaram aqui estão sendo tratados muito bem' (Acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia – A17. 2.28, 1972: 2).

De acordo com Yves Michaud (1989: 57), a prática da tortura não se destina apenas a colher informações, ela também deve humilhar, fazer mal e quebrar as vítimas. A violência empregada contra o padre Eugênio decorre da administração do terror pautada não apenas em uma carnificina, pois o capitão Loper o induz a uma chantagem psicológica afirmando que o mesmo foi muito bem tratado e não sofreu nenhum tipo de coação moral. Como Eugênio Consoli poderia contrariar tal fala? Após presenciar toda a farsa acerca da existência de guerrilheiros em Porto Alegre do Norte, assim como testemunhar a tortura e as humilhações pelas quais passou o posseiro João da Ponte. Contradizer as afirmações do militar seria provavelmente assinar a sua sentença de morte, pois ainda, conforme Michaud (1989: 58), o terrorismo de Estado pratica em escala mundial a despolitização da vida.

A narrativa acima, nos faz perceber que ocorre uma desordenada monopolização da violência para se obter a submissão e aceitação da desapropriação ou invasão das terras dos posseiros, ou seja, os espaços não pacificados, conforme César Barreira (2000) dão lugar às práticas radicais de resolução dos conflitos. Assim os problemas agrários são solucionados por meio da agressão física não mediadas pelo poder judicial ou negociadas. Na fronteira amazônica inexistente uma dimensão entre o espaço público e o privado, pois é comum entre aquelas instâncias a prática da violência para resolver questões interpessoais ou com a finalidade de preservar o poder.

No contexto da luta pela terra a violência surge como contraposição de negociações e acordos, demonstrando que as antigas práticas da manutenção da propriedade pelo mando e dominação, como dos coronéis da República Velha, floresceu em novas circunstâncias sociopolíticas durante a ditadura militar, as quais ainda estão presentes na realidade do campo brasileiro. O uso de milícias privadas e pistoleiros foi naturalizado no espaço rural como meios legais para se manter as terras limpas de invasores. Quando as empresas falavam em limpeza da área dos posseiros, os caracterizava como invasores que deveriam ser despejados daquelas terras. Estas ações se tornaram um símbolo da violência no campo como elemento imprescindível na instauração de um novo modelo econômico na Amazônia e aos poucos, da tomada do poder político local, estadual e mesmo do estabelecimento de redes de influências junto às esferas de poder nacional. A repressão em Porto Alegre do Norte se deu à revelia do Estado de Direito, ou na ilegalidade.

A Prelazia de São Félix do Araguaia foi uma instituição legitimadora das resistências dos trabalhadores rurais de Porto Alegre do Norte como providos de direitos sobre as suas posses. Entretanto, esta Igreja juntamente com Dom Pedro Casaldáliga passou a ser vista pelo Estado não como mediadora na luta por terra e sim como um problema de segurança nacional, tendo

em vista que o governo ditatorial os considerava subversivos e incitadores dos conflitos no campo. Os conflitos não se deram apenas entre os posseiros e as agropecuárias, mas também entre as instituições de mediação e os órgãos do Estado no Araguaia. A Igreja tinha dois objetivos: a) manter o trabalhador rural na terra, legitimando o seu acesso à mesma por meio da agricultura familiar de subsistência; b) uma comunidade cristã em que os problemas sociais, políticos e econômicos estavam ligados à atuação das suas pastorais. As denúncias realizadas por Dom Pedro Casaldáliga deram amplitude e divulgação extra local aos conflitos por terra no Araguaia. Assim os trabalhadores rurais emergiram na cena política como agentes reivindicantes por acesso à terra.

## Referências

- Barrozo, J. C. (2009) 'Os assentados e os assentamentos rurais do Araguaia', in M. M. Harres & V. Joaroni Neto (orgs.) *História, terra e trabalho em Mato Grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisas*. São Leopoldo: Oikos.
- Barrozo, J. C. (2008) 'Políticas de colonização: as políticas públicas para a Amazônia e o Centro-Oeste', in J. C. Barrozo (org.) *Mato Grosso: do sonho à utopia da terra*. Cuiabá: EDUFMT/Carlini&Caniato, 15-26.
- Brumer, A. & Tavares, J. V. S. (2006) 'Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX)'. *Revista Nera* 9(9): 49-72.
- Brasil (2014) *Comissão da Verdade. Relatórios textos temáticos/Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV.
- Casaldáliga, P. (1971) *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*. Carta Pastoral. São Félix do Araguaia [documento WWW]. URL <http://servicioskoinonia.org/Casaldaliga/cartas/1971CartaPastoral.pdf> [acesso em 23 nov. 2017].
- Esterci, N. (2008) *Conflito no Araguaia: peões e posseiros contra a grande empresa*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Filho, C. M. (2001) 'Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira'. *São Paulo em Perspectiva* 15(12): 20-27.
- Gorender, J. (1987) *Combate nas trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática.
- Hespanhol, A. N. & Teixeira, J. C. (2006) 'A Região Centro-Oeste no contexto das mudanças agrícolas ocorridas no período pós-1960'. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos* 3(3): 52-65.
- Ianni, O. (1979) *A luta pela terra: história social pela terra e da luta pela terra numa área da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- Martins, J. S. (1985) *A militarização da questão agrária no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Martins, J. S. (1980) *Expropriação e violência*. São Paulo: HUCITEC.
- Martins, J. S. (2009) *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto.
- Martins, J. S. (1996) 'O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira'. *Tempo Social* 8(1): 25-70.
- Martins, J. S. (1990) *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e o seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes.

- Michaud, Y. (1989) *A violência*. São Paulo: Ática.
- Sorj, B. (1986) *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Tavares, J. V. S. (1997) 'A arma e a flor: formação da organização policial, consenso e violência'. *Tempo Social* 9(1): 155-167.
- Tavares, J. V. S. (1993) 'A cidadania dilacerada'. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 37: 131-148.
- Tavares, J. V. S. (2000) *Conflitos agrários e violência no Brasil: agentes sociais, lutas pela terra e reforma agrária*. Pontificia Universidad Javeriana. Seminario Internacional, Bogotá [documento WWW]. URL [http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Violencia\\_Campo\\_Conflitos\\_Agrarios.pdf](http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Violencia_Campo_Conflitos_Agrarios.pdf) [acesso em 23 nov. 2017].
- Tavares, J. V. S. (1999) 'Novos processos sociais globais e violência'. *São Paulo em Perspectiva* 13(3): 18-23.
- Vargas, R. (2003) 'Atuação social ganhou simpatia dos fracos e a ira de poderosos'. *Diario de Cuiaba*, 23 fev. 2003 [documento WWW]. URL <http://diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=131553> [acesso em 05 dez. 2017].

## O Norte Araguaia mato-grossense como uma nova fronteira de expansão da soja Brasil (2000 a 2015)

João Carlos Barrozo

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Juliana Cristina da Rosa

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

**Abstract:** The expansion of soybeans in Brazil occurred in the 1960s, when it became a commercial product, in the midst of the productive modernization process. With the expansion of the agricultural frontier, the development of adapted seeds and new production techniques, it was possible to expand the cultivation of soybeans to the Cerrado biome. The state of Mato Grosso consolidated itself as a major producer of soybeans, corn, cotton and beef, mainly destined for export as commodities. In this context, the northern Araguaia microregion has been configured as the new border of soybean expansion between the years 2000 to 2015, as can be observed through the analysis of official data that point to the expansion of soybean and maize compared to the maintenance or decrease in the production of rice and beans, basic food products in Brazil.

**Keywords:** Expansion, soy, Norte Araguaia, border, commodities, foods

---

### A expansão do cultivo da soja no Brasil em meio à modernização produtiva e à Revolução Verde

Não existe certeza quanto à origem do cultivo da soja no mundo, mas existem documentações de natureza literária chinesa onde há relatos de que a leguminosa já era cultivada e utilizada como alimento há séculos, sendo que:

Muitas obras antigas fornecem indicações sobre os solos adequados para o cultivo, épocas de plantio, métodos de plantio, melhores variedades para diferentes condições e usos, épocas de colheita, métodos de armazenamento e utilização das variedades para os diferentes fins. A recomendação mais antiga remonta ao ano 2207 a.C., indicando ser a soja, talvez, uma das mais antigas espécies cultivadas pelo homem. (Morse, 1950 cfr. Bonato & Bonato, 1987: 08)

Um exemplo é o livro *Pen Ts'ao Kong Mu* escrito para o Imperador *Sheng-Nung* e que contém a descrição das plantas da China. Essas fontes históricas apontam que o cultivo se iniciou no leste da Ásia, sobretudo na parte central da China, e segundo Bonato e Bonato (1987), a soja foi domesticada no norte desse país por volta do século XI a.C. Nos séculos seguintes, a soja foi introduzida na Coreia e Japão, sendo levada para a Europa em 1712 pelo botânico alemão *Engelbert Kaemfer* e cultivada a partir de então no Jardim Botânico de Paris e Jardim Botânico Real, no Reino Unido. Em 1873, *Friedrich Haberlandt*, da Universidade de Viena

teve acesso às 19 variedades do grão oriundas do Japão e China, e distribuiu as sementes para vários países: Alemanha, Áustria, Holanda, Hungria, Polônia e Suíça. Foi a partir da segunda década do século XX que a soja começou a ser apreciada para consumo alimentar em virtude de seu teor de óleo e proteínas, mas no entanto não se adaptou às condições climáticas dos países europeus.

A soja chegou ao continente americano no século XIX e despertou interesse a partir de 1880 nos Estados Unidos da América (EUA). Em 1909 os primeiros testes foram realizados na Argentina '[...] na Estação Experimental de Córdoba (Remussi & Pascale, 1977). Por volta de 1921, foi introduzida no Paraguai e, em 1928, na Colômbia (Verneti, 1974 & Camacho, 1975)' (Bonato e Bonato, 1987: 8).

No Brasil a primeira referência sobre a soja ocorreu em 1882 através dos relatos de Gustavo D'Utra sobre os primeiros testes realizados sem sucesso com algumas variedades do grão no estado da Bahia. Uma década mais tarde, houve o primeiro cultivo bem sucedido realizado por *Franz Wilhelm Daffert* do Instituto Agrônomo de Campinas, seguido por outros casos no estado de São Paulo. Na capital e nas cidades de Campos Novos e Campinas foram testadas sementes de soja amarela e preta, mas o cultivo para alimentação de fato ocorreu somente em 1908 por imigrantes japoneses.

Paralelamente, alguns relatos de testes satisfatórios ocorreram no estado do Rio Grande do Sul em 1901, e mais tarde seu cultivo foi realizado com objetivos comerciais:

A introdução oficial da cultura no Rio Grande do Sul tem sido atribuída ao professor F.G. Graig, da Escola Superior de Agronomia e Veterinária da Universidade Técnica (atual Universidade Federal do R.S.), em 1914 (Reis, 1956). Em 1917, o agricultor Francisco Seibot cultivou a soja no município de Tuparandi, Rio Grande do Sul, com o objetivo de utilizar o grão como 'café'. (Magalhães, 1981)

[...]

Segundo Magalhães (1981), o pastor alemão Albert Lehenbauer cultivou, em 1923, algumas variedades em Santa Rosa, Rio Grande do Sul. Este fato é registrado por quase todas as bibliografias, como ocorrido em 1931. Magalhães (1981), no entanto, corrige a data baseado em carta escrita pela esposa de Lehenbauer, citando que o plantio foi na realidade feito em 1923.

[...]

Em 1941, a soja apareceu pela primeira vez nas estatísticas oficiais do Rio Grande do Sul (Verneti, 1977). Nesse mesmo ano, outro fato de fundamental importância para a implantação definitiva da soja ocorreu no Rio Grande do Sul - foi construída a primeira fábrica de processamento de soja. (Verneti & Kalckmann, s.d.) (Bonato & Bonato, 1987: 08)

Nas décadas seguintes, o cultivo da soja passou a ocupar o lugar das pastagens para o gado e outros cultivos tradicionais como feijão, milho e arroz no sul do país. Segundo a 'Avaliação de sustentabilidade: do crescimento do cultivo da soja para exportação no Brasil' realizada pela *World Wide Fund for Nature* (WWF), ainda na década de 1980 mais de 80% da área plantada com soja estava localizada nos três estados da região sul do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Ao final dos anos 60, era difícil encontrar informações sobre a área cultivada, produção e produtividade de soja, até mesmo em censos agrícolas. A produção de soja começou a



se expandir nos anos 70, estimulada pelo aumento da demanda internacional. Em 1999, 26 dos estados brasileiros já produziam soja. No século XX nenhuma outra *commodity* internacional obteve taxa de crescimento que se iguale à da soja no Brasil. (Jaccound et al., 2003: 13)

A expansão interna do cultivo da soja se intensificou sobretudo na década de 1970, avançando para além das regiões Sul e Sudeste e adentrando para o centro e norte do país. Essa expansão ocorreu num contexto de incentivo por parte do governo federal em relação à produção pecuária de gado bovino, suínos e aves, que criou um mercado consumidor interno da soja como matéria-prima para a alimentação destes animais. Paralelamente, houve a explosão dos preços da soja no mercado mundial e o Brasil passou a ser fornecedor do grão na entressafra da produção norte americana, o maior produtor mundial. O resultado é que no final daquela década, a produção passou de 1,5 milhões para 15 milhões de toneladas (t), o que representa um aumento de 1000%. Além do aumento da área plantada e colhida, houve aumento de produtividade que variou de 1,14 toneladas por hectares (t/ha) em 1970 para 1,73 t/ha em 1979.

O aumento da produção e sobretudo da produtividade tem relação direta com o desenvolvimento de pesquisas e tecnologias que resultaram num processo de modernização produtiva característico da Revolução Verde:

Ainda nos países em desenvolvimento, a partir dos anos 1960, a revolução verde, uma variante da revolução agrícola contemporânea desprovida de motorização-mecanização, desenvolveu-se muito mais amplamente. Baseada na seleção de variedades com bom rendimento potencial de arroz, milho, trigo, soja e de outras grandes culturas de exportação, baseada também numa ampla utilização de fertilizantes químicos, dos produtos de tratamento e, eventualmente, em um eficaz controle da água de irrigação e da drenagem, a Revolução Verde foi adotada pelos agricultores que eram capazes de adquirir esses novos meios de produção e nas regiões favorecidas, onde era possível de rentabilizá-los. (Mazoyer & Roudart, 2010: 28)

Durante a Revolução Verde ocorreu uma seletividade dos produtores que tiveram condições de acesso à tecnologia, à modernização das técnicas, à máquinas agrícolas e mesmo à terra. Aqueles agricultores que conseguiram se adaptar passaram a utilizar novas tecnologias e técnicas de produção:

A Revolução Verde, como se convencionou chamar a transformação radical na qual um novo padrão tecnológico foi introduzido na agricultura tradicional, no qual se reduziu ou abandonou a rotação de culturas, de integração de lavouras com pecuária e adubação com esterco animal, colocando fertilizantes químicos e a mecanização agrícola, a divisão do trabalho e a especialização, como a produção de sementes. (Marta & Figueiredo, 2006: 11)

De fato, durante as décadas de 1980 e 1990 foram desenvolvidos diversos tipos de semente de soja tolerantes aos herbicidas, paralelamente à adoção de técnicas como o plantio

direto<sup>1</sup> que estimulou uma entressafra produtiva -a conhecida 'safrinha'- sobretudo de milho, que despontou nos últimos anos com números expressivos de produção. Esses investimentos em pesquisa, tecnologia e adoção de técnicas modernas são elementos fundamentais para o processo de racionalização da produção no campo a partir desse período.

Em suma, a pesquisa agropecuária desempenhou um papel extremamente importante na conquista e manutenção da competitividade da cadeia produtiva da soja. É essencial que os produtores continuem a melhorar sua competitividade frente aos países competidores, que também conseguem aprimorar seus processos e estruturas de produção e outras políticas de apoio aos produtores. [...] É possível que novos paradigmas venham a ser desenvolvidos, como por exemplo, a agricultura de precisão e a ainda a muito controversa técnica de uso de transgênicos no desenvolvimento de cultivares. (Jaccoud et al., 2003: 13)

No Brasil, a partir da década de 1960, os governos federais investiram em pesquisa e tecnologia agrícola, sobretudo através da atuação da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA). Criada em 1975, a empresa estatal teve influência no processo de expansão da soja, uma vez que desenvolveu novos tipos de sementes adaptadas ao tipo de solo e clima característicos do Centro Oeste e Norte do país. Nesse período ocorreu a 'tropicalização' da soja, com expansão do sul em direção às áreas entre o trópico de capricórnio e a linha do equador, regiões de baixas altitudes, sobretudo no bioma Cerrado localizado no Centro Oeste do país.

Logo, a expansão e o aumento da produção e produtividade inicial da soja estão diretamente ligados à ação estatal, como característica da Revolução Verde, na contramão do que ocorreu nos EUA, onde as pesquisas foram custeadas desde o início pela iniciativa privada:

Após a Segunda Guerra Mundial, centros internacionais de pesquisas agrícolas, financiados pelas grandes fundações privadas americanas (Ford, Rockefeller...) selecionaram variedades de alto rendimento de arroz, de trigo, de milho e de soja, muito exigentes em adubos e em produtos de tratamento, colocando em prática, em estação experimental, os métodos de cultivo correspondentes. Nos anos 1960-1970, as difusões dessas variedades e desses métodos de cultivo permitiram aumentar significativamente os rendimentos e a produção de grãos em muitos países da Ásia, da América Latina e, em menor grau, da África. (Mazoyer & Roudart, 2010: 500-501)

Apesar das diferenças iniciais, nos anos seguintes alguns grupos empresariais '[...]' participam diretamente no processo de pesquisa agrícola, como no desenvolvimento de cultivares em MT, RO e PA<sup>2</sup>. As fundações privadas também se tornam fonte de financiamento

---

<sup>1</sup> Plantio Direto: 'O plantio direto é uma técnica de cultivo conservacionista na qual procura-se manter o solo sempre coberto por plantas em desenvolvimento e por resíduos vegetais. Essa cobertura tem por finalidade protegê-lo do impacto das gotas de chuva, do escoamento superficial e das erosões hídrica e eólica.' Fonte: EMBRAPA. Disponível em: <[http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Milho/CultivodoMilho\\_2ed/mandireto.htm](http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Milho/CultivodoMilho_2ed/mandireto.htm)> [Acesso em 29 abr. 2013].

<sup>2</sup> Siglas dos estados Mato Grosso, Rondônia e Pará.

para a rede oficial de pesquisas' (Jaccoud et al., 2003: 13). Então, a iniciativa privada passou a investir no 'complexo da soja'<sup>3</sup>, pois:

O complexo da soja engloba todos os estágios da cadeia produtiva. É formado por uma série de operações de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização de insumos e produtos derivados do grão. Isto inclui uma série de componentes interativos, sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços, indústrias de esmagamento e processamento, agentes de distribuição e comercialização, assim como o consumidor final. (Jaccoud et al., 2003: 25)

Todo esse complexo tem impactado o Produto Interno Bruto (PIB) dos países produtores de soja como o Brasil e gerado lucro para a iniciativa privada que atua sobretudo por meio de corporações fornecedoras de insumos e tecnologia. Dentro desse contexto, o uso de sementes de soja geneticamente modificadas tem se consolidado na produção do grão a nível global:

Em 1999, mais de 70% dos OGM [Organismos Geneticamente Modificados] cultivados no mundo tinham por vantagem particular o fato de serem tolerantes aos herbicidas totais (isto é, prejudiciais a qualquer planta), permitindo, assim, utilizar esses herbicidas sem se preocupar com os OGM em questão. Porém, esse tipo de herbicida só é pouco ou não é utilizado pela maioria dos camponeses pobres. Ainda em 1999, aproximadamente 80% das superfícies cultivadas com OGM no mundo dedicavam-se à produção de milho e de soja, essencialmente destinadas à alimentação animal nos países desenvolvidos. (Mazoyer & Roudart, 2010: 34)

A adoção desse tipo de semente resultou numa produção de transgênicos que causou debate entre peritos, militantes e pesquisadores em torno das consequências de seu uso para a saúde humana e também em relação à dependência do produtor com relação às empresas que as comercializam.

No Brasil, a transgenia foi regulamentada na metade da década de 1990, quando o governo federal aprovou a Lei de Biossegurança que permitiu o cultivo de soja transgênica em caráter experimental. Através da Lei N. 11.105 de 2005<sup>4</sup> foi liberado o plantio e comercialização de produtos transgênicos em todo o país, que resultou numa maior produtividade e lucro parte do 'complexo da soja'.

Existe uma atuação histórica do poder público do país em relação à expansão do cultivo da soja. Com objetivo de estimular a economia, foram concedidos incentivos e financiamentos, sobretudo através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e em 1996 foi aprovada a Lei Kandir<sup>5</sup> que isentou a partir de então os produtores do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre o produto destinado à exportação. Logo,

---

<sup>3</sup> Jaccoud et al. (2003: 25-26) apontam que '[...] os componentes mais importantes do complexo da soja são: 1) o mercado consumidor, constituído por indivíduos que utilizam o produto final obtido da soja e de seus subprodutos; 2) a rede de atacadistas e varejistas, 3) a indústria de processamento e/ou transformação de produção, 4) as propriedades agrícolas e seus diferentes sistemas de produção, e 5) os fornecedores de insumos (adubos, agrotóxicos, maquinários, implementos e outros serviços.'

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/l11105.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11105.htm)> [Acesso em 05 dez. 2017].

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp87.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp87.htm)> [Acesso em 05 dez. 2017].

essa lei teve impacto direto na expansão da soja, pois sendo uma das principais *commodities*, passou a ser isenta desse imposto quando destinada à exportação.

O resultado desse histórico do processo de expansão da soja no Brasil pode ser observado através das estatísticas sobre a produção do grão. Através de dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é possível observar essa tendência de crescimento entre os anos de 2005 a 2015 e também a partir dos dados quantitativos sobre a área plantada e quantidade produzida dos últimos levantamentos da Produção Agrícola Municipal (PAM)<sup>6</sup>. Observa-se que entre os anos de 2005 a 2015, houve um crescimento da área plantada com soja de 23.426.756 para 32.206.387 ha e a quantidade produzida saltou de 51.182.074 para 97.464.936 t. São números significativos que demonstram a expansão da produção de soja, que tem relação direta com o crescimento da produção e produtividade do milho que teve o plantio intensificado por ter se tornado o principal produto plantado na 'safrinha', ou seja, no período entre safras da soja. Seus números também são significativos: a produtividade do milho contribuiu para o crescimento na produção que era de 35.113.312 t em 2005, e passou para 85.284.656 t em 2015. Esse crescimento se deu numa área que passou de 12.249.101 para 15.846.517 ha, um crescimento que pode ser explicado pelo aumento da produtividade e não da expansão do cultivo.

Apesar dos números indicarem o êxito da expansão da soja no Brasil, existem algumas controvérsias e críticas referentes a alguns elementos constitutivos dessa expansão. O primeiro deles diz respeito ao fato de que essa produção está sendo comercializada *in natura*, ou seja, a maior parte da soja exportada é vendida em grãos, sem nenhum beneficiamento e industrialização, caracterizando o Brasil como grande exportador de matéria-prima, e portanto sujeito às oscilações do mercado internacional.

Produzem-se gêneros alimentícios e matérias-primas para processamentos industriais mais ou menos sofisticados, em conformidade com os movimentos dos mercados, as exigências da agroindústria, as determinações da reprodução ampliada do capital. Ocorre que os setores produtivos articulam-se como um todo, em âmbito nacional e mundial, em geral de modo dinâmico, contraditório, desigual. (IANNI, 2004: 40)

Esses setores produtivos articulados podem ser observados no caso do 'complexo da soja' que está eminentemente ancorado na exportação da soja com uma relação de dependência do mercado internacional que regula seus preços:

No âmbito nacional o mercado da soja, como já mencionado, tem uma sistemática própria de operação. Este mercado é regido pelos preços internacionais balizados pela volatilidade do mercado de *commodities* na Chicago Board of Trade (CBOT), levando-se em conta também as alterações devidas à quebra de safras, e também pela necessidade da demanda dos países consumidores, principalmente pelo mercado chinês. (Missão, 2006: 11)

Mas não é apenas o preço da venda da soja que regula essa dependência, pois o fornecimento de tecnologias e insumos por empresas e corporações internacionais também corrobora com essa situação. Nem todos os produtores de soja tiveram condições de

---

<sup>6</sup> Dados da Tabela 1 ao final desse artigo.

permanecer no negócio durante a expansão da soja, ocorrendo uma intensificação da seletividade dos produtores na medida em que:

Os pequenos produtores foram sendo, gradativamente, afastados das áreas que passavam a ter melhores condições de acesso ao mercado. O uso e a difusão de máquinas fizeram cair a demanda de mão-de-obra e os trabalhadores tiveram que fazer migrações sazonais à procura de trabalho, levando-os a um maior grau de empobrecimento. (Andrade, 2004: 82)

Essa seletividade de produtores de soja caminhou em paralelo com a diminuição do número de postos de trabalho pelo advento do uso de maquinaria para a colheita, um fenômeno característico da modernização produtiva no campo, conforme analisado por Feitosa (2011).

Outro elemento que causa uma série de debates são os conflitos fundiários, jurídicos, socioambientais e interétnicos estão ligados ao fato de que parte dessa expansão da fronteira agrícola se deu sobre territórios com presença de povos indígenas e de outras populações tradicionais. A expansão da soja para áreas do Cerrado e Amazônia também tem gerado críticas por contribuir com o desmatamento desses biomas. O contra argumento do setor é de que a soja avança por áreas já desmatadas ou sobre pastagens degradadas.

E finalmente, uma das principais problemáticas resultantes da expansão do cultivo da soja Brasil diz respeito à substituição de cultivos tradicionais como feijão, milho, arroz e outros legumes, raízes e verduras cultivados anteriormente, os quais deram espaço ao plantio da soja.

A agricultura que se mecanizou, as técnicas de plantio evoluíram, surgiram a agroindústria, as cooperativas, e a infraestrutura disponibilizada fez com que houvesse também uma melhoria sensível nas cidades do interior em decorrência dos melhores ganhos dos produtores com esta cultura. Mas houve também a contrapartida, o lado negativo foi à erradicação das culturas de subsistência das áreas onde se passou a plantar a soja. (Missão, 2006: 09)

Houve então uma diminuição de culturas de subsistência e da produção de alimentos básicos da alimentação do brasileiro, como o arroz e o feijão. Através de dados oficiais do IBGE é possível observar essa tendência pelos dados quantitativos que estão na tabela 1 ao final do texto. No caso do arroz, em 2005 a produção foi de 13.192.863 t e em dez anos sua produção foi gradativamente diminuindo até chegar a 12.301.201 t em 2015. Ocorreu uma tendência semelhante com a produção de feijão que em 2005 chegou a 3.965.847 t, oscilando até o ano de 2015 com uma produção de 3.130.036 t. Outro produto considerado de cultivo tradicional, muito apreciado pela população, é a mandioca. Seu cultivo também diminuiu, e sua produção caiu de 25.872.015 t em 2005 para 23.059.704 t em 2015.

Através dos dados oficiais é possível averiguar uma tendência da diminuição da produção de alimentos básicos que tradicionalmente fazem parte da alimentação da população brasileira. Em contrapartida, a produção da soja e do milho tem aumentado significativamente pois tem como principal destino o mercado externo como *commodities*.

Por fim, toda essa problematização sobre a expansão do cultivo da soja no Brasil foi fundamental para situar a problemática e para contextualizar como a soja avançou sobre o território do estado do Mato Grosso.

## A expansão da soja no estado de Mato Grosso

Em 2015, das 97.464.936 t de soja colhidas no Brasil, 27.850.954 t foram produzidas no estado do Mato Grosso, o que representa 28,5% da safra total, segundo dados do PAM/IBGE. No mesmo período, o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (IMEA) estimou que a safra de 2015/2016 produziu 28,1 milhões de toneladas do grão, sendo que 55% dessa produção foi destinada à exportação, 26% ficou no estado para o mercado interno e apenas 4,7% foram para o mercado interestadual. Destaca-se no novamente o fato de que a maior parte das exportações ocorreu *in natura*, ou seja, a soja foi comercializada em grãos.

Diante desses dados, houve otimismo em relação à produção da soja no estado e para alguns economistas como Lopes (2010: 42) essa expansão trouxe mudanças na '[...] matriz produtiva de Mato Grosso, produzindo fantásticos resultados no âmbito econômico e transformando a economia mato-grossense numa imensa e globalizada plataforma exportadora' (Lopes, 2010: 42).

Tendo a produção de bens primários (grãos, fibras, carnes e madeiras) como a grande locomotiva produtiva, o estado exhibe crescimento em ritmo chinês. [...] Firmou-se como campeão nacional na produção de grãos, algodão e possui o maior rebanho bovino do país. Participamos com 5% de todas as exportações brasileiras e contribuimos com mais de 30% do saldo da balança comercial do país. (Lopes, 2010: 23)

Ainda segundo o IMEA, o Mato Grosso lidera não apenas o *ranking* da produção de soja, mas também de milho, algodão e carne bovina. No entanto, a soja se consolidou como produto com inserção no mercado internacional em constante crescimento e recordes de safras. Os dados oficiais do PAM/IBGE apontam um crescimento na produção constante na última década: de 17.761.444 t em 2005, Mato Grosso produziu 27.850.954 t em 8.983.683 hectares em 2015. A produção de milho ligada plantio de soja e, seguindo uma tendência nacional, cresceu de 3.483.266 t em 2005 para 21.353.295 t dez anos depois.

A atual situação de sucessivos recordes na produção de soja no estado é resultado da sua expansão que está intimamente ligada ao processo de ocupação de seu território de forma mais intensa durante a 'Colonização Recente', sobretudo a partir da década de 1970 a 1980, conforme analisado por Barrozo (2008; 2010). Conforme já apresentando, esse processo foi paralelo ao de modernização produtiva e de investimento no desenvolvimento de pesquisas e tecnologias para a produção da oleaginosa.

Como já exposto, o cultivo da soja no território mato-grossense só foi possível através de pesquisas capazes de encontrar formas da correção do solo ácido, o desenvolvimento de sementes adaptadas ao clima e a adoção de outras técnicas de produção:

O solo ácido teve que ser neutralizado; a fertilidade insuficiente, para realizar a produção, exige adubação e fertilizantes, sendo alterada; as regiões abaixo de 200 metros são desqualificadas, buscando-se identificar as altitudes adequadas à sua produção – acima de 300 metros. Necessita-se também de terrenos planos e drenados abertos, para se instalar a mecanização. [...] Assim, no conjunto de atividades convencionadas como inovação tecnológica deve-se considerar em primeiro lugar, o desenvolvimento de sementes, cujo investimento teve importante participação de organismos de governo como no Centro de Soja da Embrapa, onde se promoveu a

pesquisa básica e de extensão rural, implementado pela Empaer - Mato Grosso. (Marta & Figueiredo, 2006: 2)

Neste contexto, seguindo uma tendência nacional, o cultivo de soja no estado de Mato Grosso se tornou dependente de tecnologia e novos produtos necessários para a produção.

A montante ampliou-se a comercialização de máquinas e equipamentos específicos para plantar e colher a oleaginosa. Em função da qualidade dos solos, foram incorporados adubos e fertilizantes em grande quantidade. Devido à natureza das plantações, extensas e com inimigos naturais, passaram a ser incorporados inseticidas e fungicidas, tratados simplesmente como defensivos agrícolas. (Marta & Figueiredo, 2006: 10)

Desde as primeiras décadas de seu cultivo no estado houve a preocupação não apenas com a necessidade de produzir a soja, mas também de ter produtividade suficiente para a obtenção de ganhos que cobrissem os altos investimentos no uso de técnicas e produtos, além de garantir margem de lucro. Durante esse processo de expansão da soja no Mato Grosso é perceptível que nas últimas duas décadas o crédito estatal para produção foi sendo deslocado para a iniciativa privada.

A partir deste momento, a soja começou a se intensificar no cerrado brasileiro em meio ao esvaziamento da capacidade de financiamento do Estado e o crescimento gradativo do crédito privado das grandes multinacionais, que expandiram suas ações do Sudeste para o Centro-Oeste brasileiro na década de 90. (Brun et al., 2009: 179)

Logo, os investimentos de empresas nacionais, multinacionais e transnacionais se multiplicaram no estado de Mato Grosso, inserindo seus negócios no 'complexo da soja', comercializando tecnologia agrícola, maquinários, adubos, inseticidas, herbicidas e outros insumos.

Dessa maneira, a introdução da soja [em Mato Grosso] atendeu aspectos do mercado oligopolístico considerados a jusante, no qual a aquisição era feita de maneira concentrada, por empresas como a Bunge Alimentos, a Cargill, a ADM, a Sadia, a Perdigão e a Unilever. O controle oligopsônico, portanto, com preços definidos pelo comprador, deve ser observado nas máquinas e outros insumos, como fertilizantes e defensivos agrícolas, cujas empresas são de natureza multinacionais. (Marta & Figueiredo, 2006: 06)

Através de filiais e franquias, várias dessas empresas aproveitam as condições favoráveis da produção da soja e se instalaram no estado. São o caso da *Archer Daniels Midland (ADM)*, *Bunge*, *Cargill*, *Dreyfus* – as denominadas 'ABCD', além da *Noble Glencore*, *Amaggi*, *Coacen*, *Fiagrill*, *Multigran*. Esse fenômeno ocorre em cidades com tendências de se tornarem novas fronteiras de expansão da soja e outros *commodities*, mas principalmente em cidades com as atividades agropecuárias já consolidadas, sobretudo as do médio norte do Mato Grosso, pois:

[As cidades] Lucas do Rio Verde e Sorriso despontaram com alta tecnologia e elevados índices de produtividade, a agricultura apresenta-se como uma das mais eficientes do mundo, sendo fundamental para firmar-se entre os mais importantes polos do agronegócio em Mato Grosso, se destacando no cenário nacional e internacional. A principal fonte geradora de renda desses municípios é composta pela agricultura mecanizada e de precisão, onde os principais produtos plantados são: soja, milho e algodão. (Quevedo, 2008: 20)

Nessas cidades ligadas às atividades do 'complexo da soja', a produção de alimentos, sobretudo frutas, verduras e hortaliças, ocorre nas pequenas e médias propriedades que fornecem gêneros alimentícios para a população, como exemplo, a produção de alimentos em chácaras e sítios situados no município de Sorriso que é o maior produtor de soja, conforme demonstrado por Desconsi (2011).

Diante do 'complexo da soja', criam-se diferentes formas daquilo que é considerado 'trabalho típico'<sup>7</sup>, e no meio rural os trabalhadores 'terceirizados', 'prestadores de serviço', 'autônomos' e 'empregados temporários'<sup>8</sup>, sobretudo nos períodos de colheita da soja.

A safra é vista como um período dinâmico, pois muitos setores passam a funcionar por vinte e quatro horas, neste período aumenta também os empregos agrícolas temporários, especialmente para a colheita. Já na entressafra, algumas agroindústrias reduzem suas jornadas de trabalho. (Custódio, 2005: 106)

A produção da soja tem demonstrado ter dinamizado o setor de prestação de serviços, mas por ser altamente mecanizada, não emprega um alto número de trabalhadores, conforme observado por Feitosa (2011).

Existem significativas questões e problematizações que envolvem a expansão da soja no estado de Mato Grosso, mas que não podem ser suficientemente esgotadas numa única pesquisa. Isso porque a dimensão territorial do estado é de 903.198, 091km<sup>2</sup>, segundo os dados oficiais do IBGE<sup>9</sup>. Uma extensão considerável que abarca os seus 141 municípios, que são distribuídos em 22 microrregiões jurídica e administrativamente delimitadas. Ademais, Mato Grosso possui três biomas distintos e diversos entre si: o Amazônico, o Cerrado e o Pantanal. Em termos hidrográficos, possui três bacias: a bacia Amazônia (no norte e oeste, dividida em cinco sub-bacias); a bacia Araguaia (no nordeste, com duas sub-bacias); e a bacia Platina (ao sul com cinco outras sub-bacias). Trata-se de um estado diverso a partir de suas características naturais, e existem diferenças de relevo e solo que influenciam diretamente na possibilidade de certas áreas serem utilizadas para a produção de soja.

Logo, a expansão da soja no estado não pode ser explicada de forma totalizante e para compreender com profundidade esse processo é preciso recorrer a um recorte temporal e espacial que permita compreender como, dentro do estado que é o maior produtor de soja do Brasil, ainda existem novas fronteiras de expansão da soja. A partir

---

<sup>7</sup> O trabalho típico obedece três principais características: 1) O horário previsto é o de tempo integral; 2) Existem tempos e lugares determinados para a elevação de trabalhadores empregados e autônomos; 3) Grande diversidade de posições e papéis entre o trabalhador formal e o independente (Vasapollo, 2007: 102).

<sup>8</sup> '[...] novas formas de uso e remuneração parecem apontar para uma maior diferenciação no rendimento dos ocupados e para a ampliação da pobreza, implicando um processo de exclusão, muito mais do que integração social' (Pochmann, 1999: 12).

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?lang=&sigla=mt>> [Acesso em 21 fev. 2016].

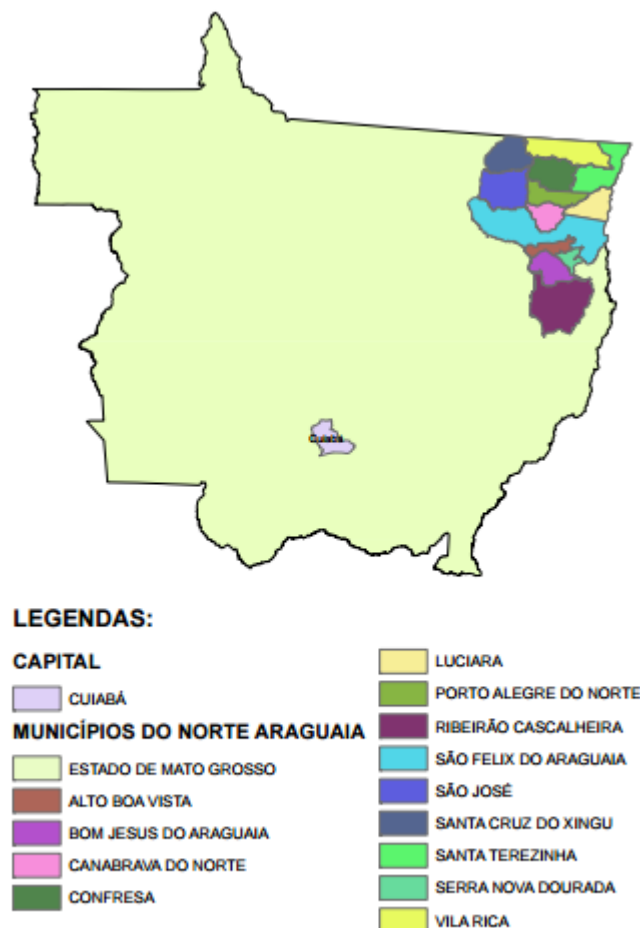


dessa necessidade, foi estabelecido o recorte territorial da microrregião Norte Araguaia mato-grossense entre os anos de 2005 a 2015, período em que é possível identificar que a maior parte dos municípios dessa microrregião estão se consolidando como novas fronteiras de expansão da soja.

### **A microrregião Norte Araguaia mato-grossense: uma fronteira com suas especificidades**

A microrregião Norte Araguaia mato-grossense está situada entre os rios Xingu e Araguaia e tem uma extensão territorial de 84.916,341 km<sup>2</sup>, englobando 13 municípios: Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, Canabrava do Norte, Confresa, Luciara, Novo Santo Antônio, Porto Alegre do Norte, Porto Alegre do Norte, Ribeirão Cascalheira, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, Serra Nova Dourada e Vila Rica (IBGE, 2010)<sup>10</sup>. A localização dessa microrregião dentro do estado do Mato Grosso pode ser melhor observada através do mapa abaixo:

Mapa 1: Localização da microrregião Norte Araguaia



FONTE: Projeto Impactos econômicos, ambientais, sociais e culturais do avanço da agricultura moderna no Norte Araguaia mato-grossense (2015-2017)

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=510030>> [Acesso em 28 maio 2014].

Em termos demográficos, os dados do IBGE apontam uma população de 112.106 habitantes, com densidade demográfica de 1,3 habitantes por quilômetros quadrados<sup>11</sup>. Tal população possui uma significativa diferenciação social ligada em primeira instância ao local de origem, uma vez que sua população é majoritariamente formada por migrantes de outros estados brasileiros, que entraram em contato e, por vezes, em conflito, com os povos indígenas que ali habitavam.

Assim para compreender a expansão da soja na microrregião Norte Araguaia é fundamental observar a historicidade da ocupação e reocupação de suas terras, bem como as diferentes formas de uso e as transformações decorrentes de uma nova lógica do capital. Essa situação pode ser identificada num 'lugar de fronteira', que para Martins (2009: 133), '[...] é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular'. A principal característica da 'fronteira' é a existência de 'conflito' que '[...] faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro' (Martins, 2009: 133).

A dinâmica pela qual a microrregião foi sendo ocupada fornece elementos para problematizar essa multiplicidade de agentes sociais. Até o início do século XX a região era habitada pelos povos indígenas *Karajá*, *Xavante*, *Tapirapé* e *Kayapó*, que já tinham domínio sobre seus territórios. Nas primeiras décadas do mesmo século, alguns migrantes, principalmente maranhenses e paraenses, subiram o rio Araguaia em direção a garimpos como o de Baliza e também à procura de pastagens naturais para criar gado, conforme Barrozo (2007). Alguns destes migrantes se agruparam em povoados às margens de varjões, áreas alagadiças dos rios Araguaia, Tapirapé e Xavantinho, criando gado bovino em retiros. Outra corrente migratória foi constituída majoritariamente por migrantes goianos, mineiros, e maranhenses que se deslocaram para o Araguaia desde o final da década de 1950, ocupando inicialmente as terras da ilha do Bananal. Como ali era território do povo *Karajá*, houve a transformação da ilha fluvial em parque nacional e a população não indígena precisou se deslocar, ocupando terras devolutas principalmente nos municípios de São Félix do Araguaia e Luciara.

Paralelamente e após essas primeiras migrações, o governo federal que considerava aquele território como sendo um 'espaço vazio' começou a estimular a migração. Ainda nos anos 1940 foi criada a Fundação Brasil Central e a Expedição Roncador-Xingu que chegou aos atuais municípios de Aragarças no estado Goiás e Xavantina no Mato Grosso, conforme analisado por Lenharo (1986). No entanto, foi no início da década de 1960 que as terras desta microrregião passaram a ser intensamente compradas por grupos empresariais, formando empresas agropecuárias que obtiveram acesso a incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e crédito subsidiado oferecido pelo Banco de Desenvolvimento da Amazônia (BASA) e Banco do Brasil (BB). Os casos mais emblemáticos são das empresas agropecuárias Suiá Missú e Codeara, sendo que a primeira entrou em conflito com o povo indígena Xavante, e a segunda com os posseiros de Santa Terezinha<sup>12</sup>. Nas décadas seguintes, além das empresas agropecuárias, foram implantados projetos de colonização privados que deram origem aos atuais municípios de Vila Rica e Confresa.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=510030>> [Acesso em 28 maio 2014]. O número se compõe através da soma do número de habitantes dos municípios integrantes, conforme fonte na nota anterior que trabalha com as informações e dados obtidos no Censo 2010 do IBGE.

<sup>12</sup> A empresa agropecuária adquiriu do Estado do Mato Grosso uma área de 695 mil hectares dentro da Terra Indígena Marãiwatsédé que foi analisada por Rosa (2015). A empresa agropecuária Codeara adquiriu terras já reocupada por posseiros no município de Santa Terezinha e foi pesquisada por Esterici (1987).

Desde então, a microrregião Norte Araguaia se caracterizou pela produção de gado bovino, e a partir dos anos 2000 uma nova forma de acesso e uso da terra foi se consolidando e trazendo mais diferenciação social através da agricultura mecanizada e o agronegócio com a produção de *commodities* como soja e milho. Tais transformações podem ser percebidas através dos dados oficiais do IBGE sobre a Produção Agrícola Municipal e dados socioeconômicos que podem subsidiar análises como as realizadas por Bernardes (2009) e Barrozo (2014).

### **A expansão do cultivo da soja no Norte Araguaia mato-grossense**

Como resultado desse complexo processo de reocupação territorial e expansão da soja e milho ocorreu uma série de mudanças em termos econômicos. Atualmente a microrregião Norte Araguaia possui um PIB de R\$ 1.926.621,00 e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) médio passou de 0,487 em 2000 para 0,663 em 2010, além de uma renda *per capita* de R\$ 10.754,26, segundo dados oficiais do IBGE. Esses índices podem ser comparados com os de Mato Grosso, o que revela que a renda *per capita* do estado foi maior, com uma média anual de R\$ 13.668,00<sup>13</sup> e o IDHM em todo estado girando em 0,725 no último Censo do IBGE em 2010<sup>14</sup>.

As estatísticas mais divergentes das médias são dos municípios de Novo Santo Antônio, Luciara e Serra Nova Dourada, que não possuem uma produção agropecuária tão significativa, ocupando, respectivamente, o 138º, 139º e 140º lugar no *ranking* estadual dos 141 municípios em termos de PIB<sup>15</sup>. São os municípios da microrregião que possuem grandes extensões de áreas alagáveis do rio Araguaia, os 'varjões', que não podem ser aproveitados para a produção mecanizada, apresentando um baixo crescimento entre os anos de 2009 a 2012 (disponíveis pelos dados oficiais do IBGE), como por exemplo o município de Luciara que cresceu apenas 18%.

Outros municípios como Confresa (crescimento de 26,93%), Vila Rica (21,68%), Serra Nova Dourada (29,74%) tiveram entre os anos de 2009 a 2012 um crescimento discreto ao serem comparados com os percentuais expressivos de crescimento de 46,11% de Ribeirão Cascalheira, 49,35% de Alto Boa Vista, 51,1% de São Félix do Araguaia, 81,9% de Bom Jesus do Araguaia e principalmente em de São José do Xingú que cresceu 100,5%. Nesses municípios a expansão da soja e do milho se consolidou nos últimos dez anos. Apesar dos limites desses dados oficiais e à demora na atualização dos dados, é perceptível que ocorreram transformações econômicas nesses municípios. Os dados oficiais permitem dimensionar essa expansão, através do Censo do IBGE da Produção Agrícola Municipal<sup>16</sup> apresentado na Tabela 3 ao final desse artigo.

Sobre a produção da soja, em 2005 a área plantada no Norte Araguaia foi de 104.650 hectares, com uma produção de 301.561 T, o que aponta uma produtividade de 2,88 t/ha, aproximada com a média de produtividade do estado que é de 2,9 t/ha, conforme Tabela 2.

---

<sup>13</sup> IBGE Estados 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt>> [Acesso em 03 fev. 2017].

<sup>14</sup> IBGE 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mt&tema=idhm>> [Acesso em 03 fev. 2017].

<sup>15</sup> IBGE 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2010\\_2013/default\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2010_2013/default_xls.shtm)> [Acesso em 03 fev. 2017].

<sup>16</sup> PAM IBGE 2015. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>> [Acesso em 03 fev. 2017].

Dez anos depois em 2015, foram plantados 611.140 hectares de soja onde se produziram 1.991.157 t do grão. A produtividade da soja no Mato Grosso no ano de 2015 foi de 3,1 t/ha, quando o Norte Araguaia superou os números do estado, produzindo 3,25 t/ha demonstrando o que Bernardes (2009) denominou como o 'avanço da técnica'.

Sem dúvida, a melhoria da produtividade, vinculada à utilização compatível com as práticas produtivas dominante, é fundamental para os produtores capitalistas individuais à medida que lhe assegura vantagem competitiva, favorecendo a realização do seu capital em escala ampliada. (Bernardes, 2009: 39)

Ao analisar a distribuição espacial da produção da soja em 2007 no Norte Araguaia, a autora observou que os municípios de Querência, Canarana e Santo Antônio do Leste, situados abaixo na microrregião de Canarana, eram os principais produtores, 'onde a soja é o carro chefe'. A geógrafa apontou para a expansão da soja em direção à microrregião Norte Araguaia: '[...] pode-se observar o progressivo avanço da *commodity* nas áreas permitidas pelo quadro natural, na direção sul/norte, onde a topografia constitui condição essencial da expansão' (Bernardes, 2009: 40).

Outro cultivo que se expandido juntamente com a soja no Norte Araguaia mato-grossense é o milho. Anteriormente cultivado de forma tradicional, sua produção teve um salto de crescimento, pois sua produção está sendo realizada na entressafra da leguminosa, a 'safrinha'. Em todo o Brasil houve crescimento da área plantada e da produção de milho, conforme tabela 1, tendo sua produtividade elevada de 2,86 t/ha em 2005 para 5,38 t/ha em 2015. No Mato Grosso ocorreu a mesma tendência de crescimento da produção, área plantada e produtividade, com 21.353.295 t produzidas e uma média de 5,98 t/ha. No caso da microrregião ocorreu um expressivo aumento da área plantada com milho ao longo dos dez anos: de 19.793 ha para 154.324 ha; a produção chegou a 925.600 t e a produtividade ultrapassou tanto a nacional, chegando a 5,99 t/ha, conforme tabela 3.

Outro fenômeno que ocorreu juntamente com a expansão da soja diz respeito à 'integração' da cultura da soja com a pecuária bovina de corte através de confinamentos. A racionalização da produção foi realizada na medida em que o milho ou o milheto produzido na entressafra da soja é utilizado como alimento para o gado bovino que por sua vez fornece esterco usado na adubação do solo.

Entretanto, a expansão da soja na microrregião Norte Araguaia não apresenta somente resultados positivos, pois carrega consigo os mesmos elementos controversos e problemáticos apontados anteriormente. Um desses aspectos negativos diz respeito à diminuição ou falta de estímulo de crescimento da produção de outros grãos como o feijão e o arroz que são alimentos tradicionais no Brasil.

Na contramão do expressivo crescimento das culturas da soja e milho, na microrregião Norte Araguaia, gêneros alimentícios como arroz, feijão e mandioca tem sua produção estável ou diminuída ao longo dos últimos dez anos. O arroz tinha uma significativa produção na microrregião, mas caiu de 224.184 t para 38.279 t entre 2005 a 2015, mesmo com aumento da produtividade, um dado que indica que sua produção está sendo realizada por produtores que a cultivam em maior escala e uso de tecnologia. O mesmo ocorre em relação ao feijão, sendo que grupos econômicos têm investido na produção do mesmo em larga escala. Ou seja, os dados apontam tendências de diminuição de produção desses gêneros alimentícios por parte de agricultores familiares da microrregião, que passam a vender suas terras ou investir na

produção de leite estimulados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).

Conforme visto anteriormente, essa microrregião é povoada por muitos migrantes nordestinos e nortistas que utilizam a mandioca cotidianamente na sua alimentação. Mesmo assim, a produção de mandioca tem apresentado uma acentuada queda, pois em 2005 produzia 148.080 t e em 2015 apenas 52.710 t. Esse fato, somando ao aumento do número de habitantes fez com que a mandioca se tornasse um produto escasso em cidades como Confresa e Santa Terezinha ao longo dessa década.

### Considerações Finais

Esse fenômeno de redução ou falta de crescimento da produção de alimentos pode resultar na escassez e, conseqüente, no aumento do preço do produto, como ocorreu a nível nacional com o feijão nos últimos cinco anos. Essa situação foi potencializada pela falta de incentivos econômicos ao agricultor familiar e ao produtor em larga escala de produzir alimentos para o mercado interno. Isso porque a Lei Kandir isenta de ICMS os produtos primários para exportação e fica mais rentável produzir *commodities* como milho, algodão, soja e carne destinados ao mercado exterior.

Essa vantagem econômica oriunda de uma escolha política do Estado potencializa a expansão da soja em novas fronteiras como a microrregião Norte Araguaia e a região conhecida como Matopiba<sup>17</sup>. Segundo dados do IBGE (2010), seu território abrange 33.929.100 hectares, onde são produzidas quantidades significativas de grãos como soja, milho e arroz, além de algodão e pecuária bovina de corte e de leite. Essa produção tem resultado num percentual de 50% do PIB dos estados que a compõe. Resta saber quais serão os impactos ambientais, sociais e culturais do avanço do cultivo da soja nessas novas fronteiras, um assunto que necessita de pesquisas.

## TABELAS

TABELA 1										
Área plantada, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias										
Unidade Territorial – Brasil										
Ano	Variável x Produto das lavouras temporárias									
	Área plantada (Hectares)					Quantidade produzida (Toneladas)				
	Arroz (Casca)	Feijão (Grão)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)	Arroz (Casca)	Feijão (Grão)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)
2005	3.999.315	3.965.847	1.929.672	12.249.101	23.426.756	13.192.863	3.021.641	25.872.015	35.113.312	51.182.074
2009	2.905.202	4277674	1.796.966	14.144.321	21.761.782	12651144	3486763	24403981	50.719.822	57.345.382
2011	2.855.312	3907926	1.756.686	13.605.369	24.032.410	13476994	3435366	25349542	55.660.235	74.815.447
2013	2.386.821	3041299	1.560.263	15.708.367	27.948.605	11782549	2892599	21484218	80.273.172	81.724.477
2015	2.162.178	3.130.036	1.536.161	15.846.517	32.206.387	12.301.201	3.090.014	23.059.704	85.284.656	97.464.936

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

<sup>17</sup> Um acrônimo formado a partir das sílabas iniciais dos estados que a compõe: Maranhão; Tocantins, Piauí e Bahia.

O Norte Araguaia mato-grossense como uma nova fronteira de expansão da soja Brasil (2000 a 2015)

TABELA 2										
Área plantada, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias										
Unidade Territorial - Mato Grosso										
Ano	Variável x Produto das lavouras temporárias									
	Área plantada (Hectares)					Quantidade produzida (Toneladas)				
	Arroz (Casca)	Feijão (Grão)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)	Arroz (Casca)	Feijão (Grão)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)
2005	855.067	42.244	38.498	1.073.146	6.121.724	2.262.863	66.122	517.479	3.483.266	17.761.444
2009	280.707	153.525	36.924	1.665.470	5.831.468	792.671	190.128	525.617	8.181.984	17.962.819
2011	205.627	169.917	25.067	1.922.621	6.455.871	654.716	196.006	355.896	7.763.942	20.800.544
2013	157.903	207.158	23.236	3.416.701	7.931.905	497.283	279.617	335.736	20.186.020	23.416.774
2015	187.817	239.841	20.489	3.570.606	8.983.683	607.759	318.881	292.059	21.353.295	27.850.954

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

TABELA 3									
Área plantada, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias									
Unidade Territorial - Norte Araguaia (MT)									
Ano	Variável x Produto das lavouras temporárias								
	Área plantada (Hectares)				Quantidade produzida (Toneladas)				
	Arroz (Casca)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)	Arroz (Casca)	Mandioca	Milho (Grão)	Soja (Grão)	
2005	82.801	12.610	19.793	104.650	224.184	148.080	44.348	301.561	
2009	33.730	9.420	22.080	104.555	87.680	112.290	75.713	311.737	
2011	13.160	4.230	41.740	151.523	40.211	50.470	157.106	480.893	
2013	10.690	3.900	90.199	364.246	32.466	47.320	481.285	1.087.411	
2015	11.855	4.190	154.324	611.140	38.279	52.710	925.600	1.991.157	

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

## Referências

- Barrozo, J. C. (2007) 'Incertezas no Araguaia: a enxada enfrenta o trator', in V. Joaroni Neto (org.) *Política, ambiente e diversidade cultural*. VI Seminário do ICHS/UFMT, Cuiabá: EdUFMT, 36-47.
- Barrozo, J. C. (2014) 'A expansão da cultura da soja no Araguaia: impactos socioambientais', in *11º Congresso Nacional Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (ALASRU)*, México.
- Barrozo, J. C. (org.) (2010) *Mato Grosso: a (re)ocupação da terra na fronteira amazônica (Século XX)*. São Leopoldo: Oikos; Unisinos; Cuiabá/MT: EdUFMT.
- Barrozo, J. C. (org.) (2008) *Mato grosso: do sonho à utopia da terra*. Cuiabá: EdUFMT/Carini e Caniato Editorial.
- Bernardes, J. A. (2009) 'Modernização: a lógica do capital e o direito dos excluídos', in J. A. Bernardes & R. C. Arruzzo (orgs.) *Novas fronteiras da técnica no Vale do Araguaia*. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 25-46.
- Bonato, E. R. & Bonato, A. L. V. (1987) *A soja no Brasil: história e estatística*. Londrina: EMBRAPA-CNPSo (Documentos, 21).
- Brun, A. L. et al. (2009) 'Alguns impactos da expansão da produção de soja no município de Sorriso-MT'. *Revista Desenvolvimento em Questão* 7(14): 173-200.
- Custódio, R. C. (2005) *Sorriso de tantas faces: a cidade (re) inventada no Mato Grosso – pós 1970*. Dissertação (Mestrado em História), UFMT, Cuiabá.

- Desconsi, C. (2011) *A marcha dos pequenos proprietários rurais: trajetórias de migrantes do sul do Brasil para o Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Editora E-papers.
- Esterci, N. (1987) *Conflito no Araguaia: peões e posseiros contra a grande empresa*. Petrópolis: Vozes.
- Feitosa, B. S. O. (2011) *O despertar de Sonora-MS: mundo rural, história e memória de migrantes*. Dissertação (Mestrado em História), UFMT, Cuiabá.
- Ianni, O. (2004) *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jaccound, A. et al. (2003) *Avaliação de sustentabilidade: do crescimento do cultivo da soja para exportação no Brasil*. WWF [documento WWW]. URL [assets.panda.org/downloads/sustainabilityassessmentpt\\_fs60.pdf](http://assets.panda.org/downloads/sustainabilityassessmentpt_fs60.pdf) [acesso em 24 nov. 2017].
- Lenharo, A. (1986) 'A Terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50'. *Revista Brasileira de História* 6(12): 47-64.
- Lopes, V. (2010) *Mato Grosso: território de oportunidades*. Cuiabá: Entrelinhas.
- Marta, J. M. C. & Figueiredo, A. M. R. (2006) 'Uma interpretação política da introdução da soja no cerrado de Mato Grosso', in *XLIV Congresso da Sober: 'Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento'*. Fortaleza-CE [documento WWW]. URL <http://ageconsearch.umn.edu/record/148633/files/949.pdf> [acesso em 24 nov. 2017].
- Martins, J. S. (2009) *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2a ed. São Paulo: Contexto.
- Mazoyer, M. & Roudart, L. (2010) *História das Agriculturas do Mundo: do neolítico à crise contemporânea*. Trad. C. F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo/Brasília: Editora Unesp/NEAD/MDA.
- Missão, M. R. (2006) 'Soja: origem, classificação, utilização e visão abrangente do mercado'. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais* 3(1): 7-15.
- Pochmann, M. (1999) *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto.
- Quevedo, J. L. T. (2008) *Configurações do espaço regional do agronegócio da soja em Lucas e Sorriso MT*. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFMT, Cuiabá.
- Rosa, J. C. (2015) *A Luta pela terra Marãiwatsédé: povo Xavante, agropecuária Suiá Missú, posseiros e grileiros do Posto da Mata em disputa (1960-2012)*. Dissertação (Mestrado em História), UFMT, Cuiabá.
- Silva, J. G. (1980) *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vasapollo, L. (2004) *A Europa do capital: transformações do trabalho e competição global*. Trad. M.J. Britto Leite. São Paulo: Xamã.

## Capital paulista no Araguaia: a política de incentivo fiscal da SUDAM como financiadora de empreendedores

Armando Wilson Tafner Junior

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Fábio Carlos da Silva

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Abstract:** The expansion of the agricultural frontier in Brazil to the Amazon in the second half of the twentieth century occurred in a directed way, privileging the interests of the great capital and leaving aside a population of different ethnic groups already established in the region. The fiscal incentives implemented by the SUDAM, since 1966, favored the expansion of the businesses of families of rural farmers and entrepreneurs in the Center-South of Brazil, mainly in São Paulo, who acquired thousands of hectares of State lands, at derisory prices, mainly in the states cut by the Belém-Brasília and Cuiabá-Porto Velho highways. Among the pioneer projects approved by SUDAM, the largest landholding was the Suiá-Missu S/A Agropecuaria, until then the largest latifundio in Latin America belonging to the Ometto family, resident in the State of São Paulo. The article analyzes the business trajectory of the Ometto family from the interior of São Paulo to the state of Mato Grosso, and the main social and economic effects and impacts of the family business in Mato Grosso.

**Keywords:** Agricultural Frontier, Amazon, Ometto Family, March for West, SUDAM, Mato Grosso

---

### Introdução

A expansão territorial em direção ao Oeste do Brasil teve início com os bandeirantes no fim do século XVI, que tinham por objetivo explorar novos horizontes em busca de metais preciosos. Com a chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX, principalmente italianos, a expansão da fronteira econômica no Brasil ocorreu em decorrência das atividades agrícolas. O café e a cana-de-açúcar no período referido eram os principais produtos cultivados pelos proprietários de terra em São Paulo. À medida em que a necessidade de novas terras para o cultivo aumentava, as plantações iam se direcionando para o Oeste. A partir da década de 1960 a fronteira agropecuária atinge com intensidade a Amazônia. A 'ocupação' do vazio demográfico e a busca pela integração econômica de regiões afastadas do centro industrial fizeram com que o governo incentivasse os grandes capitalistas a expandir seus negócios para a região amazônica.

O estado do Mato Grosso foi o estado da Amazônia que obteve o maior número de projetos aprovados pelo governo federal, entre 1966 e 1979, para promover a agropecuária e a colonização da região. Entre os capitalistas que submeteram projetos agropecuários com o



intuito de receber incentivos fiscais fornecidos pelo governo federal estava a família Ometto. Esta família, de origem italiana, é atualmente proprietária de usinas produtoras de açúcar e álcool no interior de São Paulo. Os patriarcas da família vieram para o interior de São Paulo para trabalharem nas fazendas de café, como tantos outros imigrantes italianos que abandonaram sua terra natal para viverem na América. Conseguiram se estabelecer no Brasil e montaram um grande patrimônio no estado de São Paulo. Na década de 1960, expandiram seus negócios para a Amazônia.

Este artigo procura mostrar os motivos que fizeram com que a família Ometto viesse para o Brasil, de que forma conseguiram se estabelecer no estado de São Paulo e ampliar os negócios para a Amazônia. Posteriormente explica como se deu a colonização no estado do Mato Grosso, e por fim, analisa as modificações socioeconômicas, que as empresas comandadas pelo Grupo Ometto, provocaram na região do Araguaia.

### **A Marcha para o Oeste**

Com o estouro da crise mundial de superprodução, em 1929, nem o governo federal e nem o governo estadual conseguiram proteger o café. Ficou a cargo do mercado selecionar os cafeicultores que ainda conseguiam produzir o grão. Em meio à recuperação da economia brasileira, mediante a crise mencionada, Washington Luís, então presidente da República e que teria seu mandato até 15 de novembro de 1930, foi deposto de seu cargo no dia 24 de outubro de 1930. Júlio Prestes, que já estava eleito como seu sucessor, foi impedido de assumir o cargo, que foi assumido por Getúlio Vargas no dia 3 de novembro de 1930.

O golpe de estado foi uma ação extrema, tomada por parte da elite política e militar do Brasil devido à discordância desta perante o rompimento da denominada política do café-com-leite, na qual os presidentes eleitos eram indicados alternadamente pelos estados de São Paulo e Minas Gerais. Washington Luís e Júlio Prestes eram indicados por São Paulo e o ato de estarem na presidência de forma consecutiva, significava o rompimento de um acordo informal, o que gerou a revolta – comandada principalmente pelos estados de Minas Gerais (estado que teria o poder de indicação), Rio Grande do Sul (estado onde nasceu Getúlio Vargas) e Paraíba (estado onde nasceu João Pessoa, então vice de Vargas) – e findou o golpe militar. Júlio Prestes foi exilado e a junta militar formada por ministros militares entregou a presidência da República a Getúlio Vargas. Era o fim da chamada República Velha (1889-1930).

As primeiras ações do governo Vargas favoreceram a criação de uma política que integrasse todo o território nacional, articulando economicamente as diferentes regiões. Isso só poderia ocorrer por meio do povoamento do Oeste brasileiro. As terras amazônicas, até 1930, eram associadas economicamente com a exploração de alguns produtos que tivessem demanda no mercado externo. Primeiro foram as drogas do sertão, posteriormente os metais preciosos descobertos pelos bandeirantes e, por fim, o ciclo da borracha (1879-1912). Após 1930, a Amazônia passou a sofrer mudanças significativas em sua paisagem. A nova política de integração do mercado tinha a intenção de consolidar o desenvolvimento do sistema capitalista, atendendo aos interesses da burguesia do Centro-Sul, principalmente de São Paulo, que comandava a economia no país. Isso viria por meio da expansão da indústria nacional formada pela acumulação do capital cafeeiro exportador e pela indústria internacional, que era atraída por esse poder de investimento que foi formado na Marcha Pioneira. Dessa forma, o governo federal iria acabar com os 'vazios demográficos' do Oeste brasileiro, incorporando-os na economia nacional, formando um importante mercado consumidor, fornecedor de matéria-prima e servindo de reserva de mão de obra. Nascia assim a 'Marcha para o Oeste'.

As verdadeiras razões da Marcha para o Oeste eram: a abertura de frentes fornecedoras de produtos alimentícios mais baratos para os centros urbanos emergentes e a contensão dos conflitos sociais já verificados em outras regiões do país, direcionando os excedentes populacionais para os vazios demográficos. (Pessoa, 1999: 47)

Para fazer com que a integração econômica acontecesse, o governo passou a investir em infraestrutura, principalmente nas esferas da comunicação e transporte, facilitando o encontro entre capitalistas e proletariado.

A indústria acabou por se concentrar no Sudeste, tendo São Paulo como locomotiva industrial que impulsionava a economia brasileira. Este era o caminho do país que foi consolidado no primeiro governo Vargas (1930-1945). Foi nesse período que o estado de Mato Grosso começou a ter um maior impulso demográfico. A partir da década de 1930, o incentivo à colonização do estado passou a ser intensificado e aumentaria significativamente na década de 1960. As ditaduras, de Vargas e a militar (1964), moldaram a atual estrutura agrária de Mato Grosso.

Na década de 1930 os primeiros projetos de colonização foram implantados na região sul do Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, onde havia um contingente populacional que compunham cidades e povoados, onde já existia certa atividade de produção de matérias primas e já contava com alguma infraestrutura. Na parte norte, que corresponde ao atual estado de Mato Grosso, onde está localizada a Amazônia mato-grossense, não havia infraestrutura alguma, as produções agrícolas eram, basicamente, de subsistências produzidas por pequenos camponeses que ali se instalaram e por tribos indígenas que estavam espalhadas por todo estado. Era esse espaço que deveria ser integrado à economia nacional. Um 'espaço vazio', onde os índios e camponeses, que o habitavam, foram ignorados pelas ações governamentais de ocupação da Amazônia (Martins, 1980).

O governo federal conseguiu fazer com que a Amazônia mato-grossense se tornasse produtora de alimentos e matérias-primas para abastecer o Sudeste e, dessa forma, o Mato Grosso foi incorporado economicamente como região periférica brasileira.

Nas décadas de 1940 e 1950, as vendas de terras devolutas, que eram executadas por meio da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT), constituíam-se na maior receita do estado de Mato Grosso. Terras foram privatizadas sem saber o que e quem estavam nelas. Os investimentos particulares, em conjunto com os estatais, passaram a atrair um grande contingente de imigrantes que acreditavam em uma possível melhora em suas condições de vida, pois assim eram condicionados a acreditar devido ao estímulo do governo federal.

As políticas getulistas e suas propagandas governamentais não eram, de fato, trabalhadas em cima do poder de atração, mas sim baseadas na expulsão do excedente populacional de nordestinos e sulistas. O Nordeste brasileiro passava por uma estagnação econômica, muito por conta de a estrutura agrária ser latifundiária, dificultando o acesso dos trabalhadores às terras. Na região Sul, ocorria o contrário, as famílias iam dividindo suas terras que ficavam pequenas e não atendiam mais as necessidades das novas famílias que iam se formando e, junto a isso, ainda havia a mecanização da agricultura que substituía o homem e aumentava o contingente de desempregados.

As circunstâncias criadas pelo Estado fizeram com que a Amazônia mato-grossense absorvesse o excedente populacional de outras regiões. Os agricultores tentavam se organizar com o intuito de cobrar ações governamentais que pudessem promover mudanças na

sociedade em que viviam. A reforma agrária era a principal exigência. Os líderes passaram a ser perseguidos e presos; muitas vezes mortos. Essa foi a reação do Estado (Rodrigues, 1991).

A fronteira agropecuária ia avançando de fato. Os camponeses que habitavam as novas terras não conseguiam resistir ao avanço do capital. O Mato Grosso passava a ser a nova fronteira agropecuária do país, assimilando o excedente populacional de outras regiões, aliviando possíveis tensões nas terras de origem e criando novas tensões na fronteira. Estes imigrantes já na década de 1950, passaram a ser consumidores de produtos industrializados do centro e fornecedores de matérias-primas para as mesmas indústrias fabricantes desses produtos.

Estabeleceu-se, assim, a ideia de integração do mercado nacional, e muitos desses imigrantes acabaram por não conseguir firmar-se em suas terras. Más colheitas, dívidas com os bancos, doenças entre outros problemas faziam com que os camponeses vendessem suas terras para capitalistas maiores (Siqueira, 1997). Dessa forma, continuava a política de concentração de terras no Mato Grosso, iniciada no século XVIII, sendo que nesse momento da história, os pequenos proprietários vinham antes ao Oeste, preparar as terras para os latifundiários que iriam adquiri-las posteriormente.

A política colonizadora estabelecida no Estado Novo, foi a manutenção de um processo de colonização que sempre se manteve no leito dos conflitos sociais. O que se passaria anos depois da queda de Vargas ilustraria as tendências latentes há muito tempo. A ocupação das áreas [das novas áreas do Oeste brasileiro] levou a uma redistribuição das pequenas propriedades e à concentração de terras, acompanhada de trabalho assalariado. (Lenharo, 1985: 57)

Restava aos pequenos proprietários servir como mão de obra, vendendo a sua força de trabalho, sendo que muitas vezes labutavam nas terras que antes eram de sua propriedade. O capitalista adquiria as terras e mantinha o antigo dono como empregado, pois o mesmo já não tinha para onde ir e, ou permanecia sendo assalariado ou iria se aventurar mata adentro.

Com as inúmeras transações de terras, surgiram, na efervescência dos negócios imobiliários, as especulações.

Ao lado dessa concentração de terras ocorreu uma grande especulação das mesmas, isto é, eram adquiridas, não para nelas se produzir, mas, sim para revendê-las a elevados preços. [...]Doações, concessões, venda, enfim, uma orgia de transações imobiliárias fazem milionários da noite para o dia, beneficiando 'tubarões' de todos os matizes, parentes, amigos e afilhados políticos. (Siqueira, 1990:130)

Os grileiros, que apareceram de forma atuante na Marcha Pioneira, continuavam a ter nicho de mercado preservado na Marcha para o Oeste. Embora o último período mencionado fosse mais rigoroso com a documentação, a fiscalização das terras vendidas era ineficiente. Muitas vezes ocorria a venda da mesma terra por diversas vezes. A terra era vendida pela CODEMAT para que fosse cultivada, mas devido à especulação, ela era vendida e se obtinham lucros fáceis. Era um investimento para o comprador. Problemas como o desemprego e a concentração de terras começaram a aparecer, sendo derivados do comércio de terras e pela não produção sobre as mesmas. Os pequenos agricultores que não conseguiam trabalho foram adentrando as florestas em direção ao Oeste e, assim, os camponeses passaram a ser denominados de posseiros. Como visto, desde o século XVIII, já havia produtores que estavam

produzindo no Mato Grosso em terras onde não havia proprietários de fato, mas a atuação de posseiros nunca foi tão grande em seu contingente populacional como na Marcha para o Oeste. Esses posseiros que estavam adentrando a floresta iriam se encontrar com os nordestinos, que fugiam da seca e atraídos pela borracha na Amazônia, e que tiveram principalmente os estados do Amazonas e Pará como destino, também tiveram que embrenhar-se na mata, devido ao declínio da produção do látex, passando a produzir somente para a sua subsistência.

O resultado dessas ações imobiliárias foi o empobrecimento dos campos na Amazônia. A agricultura familiar foi sendo inapelavelmente aniquilada pelos capitalistas que instalavam suas empresas com proteção legal. A figura do fazendeiro aparecia na Amazônia. Junto com ele estavam os seus jagunços e capatazes, empregados obedientes que cumpriam as ordens do fazendeiro a qualquer custo.

Vargas, por meio das políticas implementadas no Estado Novo, conseguiu expandir a produção agrícola até a Amazônia, ocasionando uma divisão entre o centro urbanizado, onde a densidade demográfica era maior, e a periferia rural. Dessa forma o Brasil começava a deixar de ser predominantemente rural. O Estado coordenava essa evolução que, de forma tendenciosa, promovia a 'união' do capitalista e do trabalhador e, 'por seu caráter estritamente conservador, a modernização foi abortiva, produzindo o aleijão social de um povo pobre num país muito rico' (Freitas, 1999: 219).

O processo de colonização da Amazônia, entre 1930 e 1964, foi construído pela elite localizada no Centro-Sul que formava a classe burguesa industrial e financeira, e que estendeu os seus negócios para as novas terras. A Amazônia mato-grossense foi uma das partes da nova frente pioneira. A ocupação do Norte do estado aos moldes do sistema capitalista gerou, principalmente se comparada a zona rural com a urbana, um abismo econômico, exclusão social e educação desigual, fazendo parecer que as duas regiões não estavam no mesmo planeta. O capitalismo, e suas perversas contradições, 'vai penetrando no campo, aumentando o preço da terra e estabelecendo diferenças' (Piaia, 2003: 38).

Com a definição de quem era o centro e de quem era a periferia na geopolítica brasileira, a sociedade passou a ser dividida entre: os grandes detentores do capital, sendo a minoria da população; e os trabalhadores braçais, a grande maioria dos trabalhadores brasileiros. Na periferia, essa divisão foi ainda mais gritante. Era o capitalismo se estabelecendo na fronteira.

Em essência, o capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia. Ele mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas. Ao mesmo tempo, pois, mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas em mercadorias, tornando-as adjetivas de sua força de trabalho. (Ianni, 1996: 8)

Com o objetivo de que seus interesses fossem atendidos, os capitalistas atuavam em outras esferas e componentes da sociedade. Além da economia, também trabalhavam na esfera política – e atualmente ainda assim o fazem – ocupando cargos públicos, financiando campanhas de políticos, influenciando o jurídico e com essas articulações criam, mudam e extinguem leis conforme o próprio interesse, colocando suas intenções e seus negócios dentro da lei, fazendo parecer que a desigualdade é um processo natural. Porém, os fatores colocados até aqui mostram que, na verdade, ocorreu um processo forçado para promover a desigualdade social e a concentração de terra, não havendo naturalidade alguma. O controle do

capital pertencente a uma minoria provoca a exploração de uma maioria devido à busca pelo lucro, proporcionando assim, um desenvolvimento excludente.

A região amazônica, por meio desse sistema, entre 1930 e 1964, sofreu profundas mudanças geográficas – em sua paisagem – e políticas – em suas relações sociais. A política de integração nacional desse período fez com que o governo federal criasse leis, decretos e órgãos públicos de todas as ordens (conselhos, institutos, departamentos, superintendências) que passaram a comandar a economia nacional. Os capitalistas, então, tinham o aparato do governo, articulando condições para que eles conseguissem maximizar seu lucro. E foi exatamente por isso que a Marcha para o Oeste teve seu início. A fronteira agropecuária avançava por meio da dominação econômica.

Vargas foi presidente do Brasil em dois períodos, a saber, 1930-1945 e 1951-1954. Entre os anos de 1946 e 1964, dois ex-ministros de Getúlio Vargas foram presidentes do Brasil: Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e Jânio Quadros (1961). Além destes presidentes, Juscelino Kubitschek (1956-1961) agiu intensivamente nas esferas de transporte, comunicação e indústria, o que facilitava e atraía a atuação do capital no Oeste brasileiro.

Em 1961, Jânio Quadros renunciou à presidência do Brasil pressionado pelos ministros militares, quando estatizou jazidas de ferro localizadas em Minas Gerais, que estavam em poder do capital privado. Constitucionalmente, João Goulart, então vice-presidente deveria assumir a presidência, mas estava na China, em uma viagem diplomática. Foi classificado como comunista pelos militares e impedido de assumir o cargo de presidente do Brasil. Após conversas e negociações entre governadores de estado e militares, João Goulart assumiu o comando do país. Primeiro como chefe de Estado parlamentarista e, posteriormente, após um plebiscito popular que definiu que o regime presidencialista voltaria a ser o regime político vigente no Brasil, João Goulart foi nomeado presidente da república em 6 de janeiro de 1963. Em 13 de março de 1964, o então presidente decretou a nacionalização de refinarias privadas de petróleo e a desapropriação de terras que seriam destinadas à Superintendência de Políticas de Reforma Agrária (SUPRA), criada por ele em 1963. Os militares consideravam uma ação comunista e a situação, que já era tensa, ficou insustentável; e assim, João Goulart foi destituído da presidência da república no dia 18 de abril de 1964.

A partir de 1964, uma nova forma de ocupação da Amazônia seria implementada. Por meio de incentivos fiscais e créditos facilitados, os capitalistas latifundiários devido à concentração de terras proporcionada pela Marcha para o Oeste, foram privilegiados novamente, com alguns até mesmo aumentando o tamanho de seu latifúndio. Para viabilizarem o êxito dessas ações políticas, o governo militar criou órgãos públicos, sendo a SUDAM um deles, e instalou toda a infraestrutura capaz de dar sustentações às mais diversas atividades que fossem de interesse da burguesia agrária brasileira.

Devido ao estado de Mato Grosso possuir ampla extensão territorial, com grandes extensões de terras planas, este passou a ser a grande fronteira agropecuária do Brasil. A Revolução Verde, então tida como a modernização da agricultura implantada pelo Grupo Rockefeller, na década de 1960, teve muitos de seus propósitos impulsionados no estado. De positivo ficou muito pouco. Atrás do discurso de implementação de novas formas de cultivo, estava o intuito da acumulação capitalista, ampliando o mercado das indústrias estadunidenses. A modernização da Revolução Verde não interferia na estrutura fundiária de Mato Grosso, ao contrário, ratificava-a, aumentando o grau de concentração de terra.

Esses latifundiários reproduziam seu capital e conseguiam capital de giro para poder dar prosseguimento as modernizações propostas, aumentando o seu lucro. Ainda, possuíam os títulos sobre a terra, que comprovando que eram suas, poderiam receber os incentivos

fornecidos pelo governo federal, ou seja, posseiros não tinham acesso a esse crédito e nem capital para produzirem de forma automatizada. Os índios não tinham o seu direito à terra respeitado, pois não possuíam o título de posse. Dessa forma, os conflitos sociais eram inerentes à realidade da época, sendo abafados de forma brutal pela ditadura.

Muito embora em 1964, quando o golpe de Estado que emergiu o Brasil em 21 anos de ditadura militar, houvesse no Congresso Nacional mais de duzentos projetos de lei de reforma agrária, nenhum deles chegou a ser apreciado. O que se fez nas terras do Brasil, daí por diante, foi reprimir com força das armas não só as Ligas Camponesas, que tinham programas de conquista sociais além da reforma agrária, mas também a Igreja e os sindicatos rurais mobilizados na luta por uma legislação trabalhista mais justa para o homem do campo. A expulsão de famílias inteiras para fora das terras que lhes dariam tão somente a miserável sobrevivência tornou-se cotidiana em todo o país, recrudescendo por todos os rincões o desaparecimento e assassinato de líderes camponeses, advogados sindicalistas, religiosos e outros tantos envolvidos na defesa do trabalhador rural. (Rodrigues, 1991:21)

Com forte repressão aos pequenos o resultado das políticas creditícias, e de incentivos fiscais, foi marcado pelo favorecimento a alguns grupos privilegiados da sociedade brasileira. O dinheiro público foi destinado aos grandes capitalistas do país, principalmente paulistas, enriquecendo ainda mais os empresários do Centro-Sul, que eram detentores do título da terra, nem sempre adquirido de forma lícita.

O processo de ocupação da Amazônia, como se procurou mostrar, decorreu da forma pela qual os projetos agropecuários foram implantados, particularmente no período em que mais violentamente o regime militar agiu no país. Naquele período, as empresas, para poderem aplicar o incentivo fiscal, passaram a adquirir títulos de propriedade de terras, que obedeciam à lógica da 'grilagem legalizada'. Ou seja, um 'procurador' obtinha-os através de procurações passadas por pessoas que, às vezes, nem sabiam o que estavam assinando ou, então, até recebiam uma certa quantia em dinheiro para assinarem. De posse desta procuração, o 'procurador' dava entrada no órgão governamental competente e obtinha em nome de terceiros os títulos de propriedade de terras devolutas. Como se sabe, anexava ao processo duas declarações sabidamente falsas, uma de que nas terras solicitadas não havia índios, e outra de que não havia posseiros. Com os títulos em mãos, diga-se de passagem, com todo o 'falso levantamento de divisas' feito por profissionais habilitados (engenheiros civis, arquitetos, agrimensores, etc.), passava a oferecê-lo, aos grupos econômicos do Centro-Sul do país, isto quando não foram estes mesmos grupos que executaram o processo de grilagem sobre essas terras e obtiveram os títulos por esse caminho. (Oliveira, 1990: 83-84)

Os latifundiários, atraídos pelos incentivos e radicados pela má (ou não) fiscalização expandiam os seus negócios para a Amazônia. Essa ação se reflete na má distribuição de terra existente ainda hoje na região e no estado de Mato Grosso.

## **A Política de Incentivo Fiscal da SUDAM**

O processo de expansão da fronteira agropecuária em direção ao Oeste tinha por objetivo apoiar a iniciativa privada a ampliar os seus negócios na nova região. No período da ditadura militar, em que o governo estava sob o comando do Marechal Castelo Branco, ocorreu à implementação de políticas públicas para promover a ocupação da Amazônia pelo capital privado. A transformação da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia) em SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) fez parte deste processo denominado Operação Amazônia. A política de incentivos fiscais, chamada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1990) de 'pílula dourada', atraiu grandes grupos econômicos, sobretudo do Centro-Sul. Também a SPVEA ganhará nova e mais ampla dimensão.

Transformada na SUDAM tornar-se-á, a exemplo do que ocorre com a SUDENE em relação ao Nordeste, num órgão capaz de planejamento, coordenação e controle do desenvolvimento da área amazônica [...]. Será uma série de deduções e isenções que irá alcançar, principalmente, os impostos de renda, de exportação e importação, e graças à qual terá esta região possibilidades idênticas às do Nordeste quanto à atração de recursos do setor privado, certamente sensível à incentivos tão pragmáticos (Marechal Castelo Branco, 2 de setembro de 1966 cfr. Cardoso & Müller, 2008: 122).

A conduta foi a mesma nos governos que sucederam o de Castelo Branco. O Ministro do Interior, General Costa Cavalcanti, ao qual a SUDAM respondia, foi o mesmo durante os governos de Costa e Silva e de Garrastazu Médici, sendo que, em várias oportunidades afirmou que a participação dos grupos econômicos do Centro-Sul era fundamental para o progresso amazônico.

O modo operante do governo militar, diante do processo de ocupação econômica da Amazônia, pode ser entendido como um patrocínio do poder público aos grandes grupos econômicos. O acesso às terras amazônicas por parte dos capitalistas foi emoldurado por grilagens, falsificações, compras, e, nos projetos aprovados pela SUDAM destinados ao Pará e ao Mato Grosso, pode-se constatar a afirmação de que não havia índios e posseiros nas regiões de execução do projeto. A ocupação, devido aos motivos mencionados, foi marcada pelo confronto entre os atores que lutavam pela demarcação de seus territórios.

Vê-se que foi a FUNAI que emitiu a certidão negativa, afirmando que não havia índios na região e foi, a prefeitura de Barra do Garças, que emitiu documento, afirmando que não havia posseiros.

Foi dessa forma, com certidões emitidas por prefeituras municipais e pela FUNAI (anteriormente pela SPI), que os projetos agropecuários passaram a ser implementados na Amazônia.

Os empresários investiram nessas empreitadas da ocupação da Amazônia pela pata do boi, sendo que o resultado, hoje, é no mínimo melancólico. Pois o rastro deixado por este processo foi quase sempre marcado pelo sangue. Sangue derramado das nações indígenas e dos posseiros. Sangue derramado dos peões no trabalho de 'abertura da mata'. (Oliveira, 1990: 68)

As três famílias, mencionadas na introdução deste trabalho, todas descendentes de imigrantes italianos e instaladas em São Paulo, fundaram a Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia.

As famílias Do Val, Lunardelli e Ometto resolveram então se organizar e fundaram a Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia – depois Associação dos Empresários da Amazônia [...]. Não por coincidência os três primeiros e únicos projetos que tiveram a aprovação da SUDAM ainda no ano de 1966, foram de empresas dessas três famílias [...]. A partir de 1967 amplia-se exponencialmente a constituição de empresas agropecuárias na Amazônia. (Pompermayer, 1991: 423)

Muitas promessas foram feitas pelos pecuaristas que se associaram a esta organização. A de maior audácia foi a de que em consequência da implementação de diversos empreendimentos pecuaristas, Belém iria ser o maior porto exportador de carne do mundo, superando o de Chicago, nos EUA, que até então era o maior porto exportador de proteína animal (Oliveira, 1990).

### **A Atuação da Família Ometto no Araguaia**

A Agropecuária Suiá-Missú foi registrada na Inspetoria Comercial do Estado do Mato Grosso em 21 de novembro de 1962 e transformada em Sociedade Anônima em 16 de julho de 1965. Como as tentativas de plantação de café e cana-de-açúcar não se tornaram viáveis, o projeto encaminhado pela família Ometto para a SUDAM já visava à criação, recria e engorda de gado bovino de corte. Posteriormente seriam implantados abatedouros, câmaras frias e equipamentos para aproveitamento de resíduos dentro da própria fazenda.

O projeto compreendia a implantação e desenvolvimento de cinco núcleos: o núcleo sede, instalado em 1966, os núcleos Fontoura, União, Roncador e Xavantes, instalados em 1969, 1972, 1973 e 1975, respectivamente. Para tanto o empreendimento contava com uma área de 646.824 hectares dos 800.000 hectares que a área da fazenda possuía.<sup>1</sup> Este chegou a ter o status de maior latifúndio da América Latina.<sup>2</sup> As obras de infraestrutura previstas neste projeto eram: casa grande para gerência; casa grande para viajantes e hóspedes; casa grande para uso pessoal da administração e hóspedes; sete casas para o pessoal da administração; prédio para arquivo; prédio grande para: farmácia; escritório; armazém e almoxarifado; residência com seis cômodos e mais quatro quartos com 12 camas e banheiros ao todo; barracão para abrigar máquinas e veículos; oficina mecânica; serraria; prédio para a Casa de Força; prédio para o alojamento de 50 pessoas (peões e vaqueiros); paiol; caixa d'água a oito metros de altura para 15 mil litros; duas casas geminadas para trabalhadores; 16 currais; e por fim seis açudes.

Tudo foi previsto que ser construído até o fim de 1971 e seriam adquiridos, ainda no ano de 1966, para o início da criação de gado bovino: 186 touros, 2.000 vacas e 2.000 novilhas. Para tanto investimento, o repasse do governo ao Grupo Ometto foi de CR\$7.878.000.000,00

---

<sup>1</sup> Segundo a matéria da Rede Brasileira de Justiça Ambiental 'Suiá-Missú, Mato Grosso: Sob ameaças, os Akwe-Xavante retornam ao seu território', a propriedade tinha cerca de 1,5 milhões de hectares conforme o demarcado na época, segundo a pesquisa.

<sup>2</sup> Otávio Ianni em sua obra *Ditadura e Agricultura* (1979), afirma que o maior latifúndio das Américas era o da Jarí Florestal Agropecuária, pertencente ao norte-americano Daniel Ludwig, proprietário da National Bulk Carriers, que estava localizada nos estados do Pará e do Amapá e tinha uma área de 3,5 milhões de hectares.



(sete bilhões e oitocentos e setenta e oito milhões de cruzeiros). Um montante de dinheiro significativo que iria gerar apenas 80 empregos permanentes e um desmatamento de 108 mil hectares já no ano de 1966 para o estabelecimento do núcleo sede.

Em 29 de junho de 1971 o Grupo Ometto solicitou a SUDAM a aprovação de uma atualização financeira de seu projeto agropecuário, que, como mencionava o primeiro projeto, era de interesse da região devido à colaboração ao desenvolvimento econômico da Amazônia que o empreendimento proporcionava, e por esse motivo, estava 'objetivando poder usufruir dos benefícios da legislação de Incentivos Fiscais para a Amazônia' (SUDAM, 1971:1)

Como de costume na família Ometto, as propriedades eram divididas entre os familiares e já em 1971, o quadro de acionistas que no projeto original constava de somente três nomes, havia aumentado para 28, sendo 50% do empreendimento controlado por duas pessoas jurídicas do Grupo e os demais 50% por 26 membros da família Ometto, conforme quadro 1.

Das obras mencionadas, que deveriam estar prontas em 1971, foram construídas apenas: a casa sede; o prédio para o alojamento de funcionários; duas casas geminadas; caixa d'água; almoxarifado; e por fim 22 currais. Nesse novo projeto o governo federal repassou ao Grupo Ometto uma verba de CR\$390.000.000,00, mesmo com a Agropecuária Suiá-Missú já apresentando uma receita positiva com a venda de gado de corte. (Junior & Silva, 2015: 98)

Conforme o rebanho ia aumentando, crescia a necessidade de formação de novos pastos o que levou ao aumento da área desmatada e eclosão de conflitos. Ariosto da Riva, que se associou inicialmente aos Ometto, logo desistiu da sociedade e vendeu sua parte nas terras para o Grupo Ometto devido a conflitos com posseiros e índios.

Esses conflitos passaram a incomodar o Grupo Ometto. Ariosto procurou novas terras desocupadas, mais ao norte do Mato Grosso, onde hoje está localizado o município de Alta Floresta. O Grupo Ometto fez o mesmo, vendeu suas terras a empresa Liquifarm Brasil S/A, depois de entrar em litígio com os índios Xavantes quando foram iniciar as obras para estabelecer o núcleo que levava o nome da tribo.

A igreja católica interferiu junto aos índios que eram transportados para outras terras em aviões e helicópteros militares. O Grupo Ometto, após a venda de suas terras, adquiriu 200 mil hectares na Serra do Cachimbo, montando a Agropecuária do Cachimbo S/A. A então Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A pertencia ao capital estrangeiro. A Liquifarm Brasil S/A, que detinha 99,99% das ações da Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A, tinha como principal acionista a Liquipar S/A, que detinha 99,99% das ações da companhia. Esta última tinha como principais acionistas a Liquigás Holding Jersey Ltda. (51%) e a Capitalsin International Ltd. (49%), localizada em Nassau, Bahamas<sup>3</sup>. Consta no Processo SUDAM nº 06149/74 que a empresa apresentou certidão negativa de aldeamento indígena na área do empreendimento, emitida pela FUNAI, não havendo, conseqüentemente, restrição à utilização das mesmas e, também, que a Prefeitura Municipal de Barra do Garças certificou a inexistência de posseiros na área da fazenda. Francisco Matarazzo Sobrinho foi o primeiro presidente da Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A.

Já na Agropecuária do Cachimbo S/A, localizada no então distrito de Matupá, pertencente ao município da Chapada dos Guimarães, possuía uma área de 207 mil hectares e

---

<sup>3</sup> Em 1984 a Agip Petrolí, que atualmente tem o Vaticano como maior acionista, se tornou acionista majoritária da Liquifarm do Brasil S/A, e em novembro de 2010, a Justiça deu como veredicto o direito de volta as terras aos índios Xavantes para a região. O Vaticano recorreu.

novamente recorreu a SUDAM para estabelecer um projeto de criação de gado, sendo aprovado em 20 de setembro de 1974, obtendo o benefício do incentivo fiscal de Cr\$76.837.510,00. O quadro acionário era formado por empresas pertencentes ao Grupo Ometto, conforme quadro 2.

Transformando o quadro acionário de nome de empresas para nome de pessoas temos como principais acionistas da Cia. Industrial e Agrícola Ometto: Luiz Ometto (7º filho), João Ometto (6º filho), Virgínio e Antônio Ometto (filhos de Constante). A Cia Industrial e Agrícola São João apresentava Hermínio Ometto e João Ometto Sobrinho (filhos de José) com principais acionistas. A Usina Santa Lúcia S/A, tinha como componentes do quadro acionário Inez Ometto Zancaner, Narciso Ometto, Almerinda Ometto Colombo e Maria Ometto Ferraz (filhos de Jerônimo). A Indústria de Produtos Alimentícios Piraquê S/A possuía como acionistas os quatro filhos de Jerônimo mencionados na última empresa, mais Celso Colombo, marido de Almerinda. Por último a Usina Boa Vista S/A possuía o mesmo quadro acionário da primeira empresa mencionada, a Cia. Industrial e Agrícola Ometto.

A área para formação de pastos já no primeiro ano foi de 39.950 hectares. O rebanho em 1981 atingiu a quantidade de 65.783 cabeças entre animais puros e mestiços. Em 1983, a Agropecuária do Cachimbo S/A se torna Colonizadora Agropecuária do Cachimbo e o Grupo Ometto passou a lotear as suas terras para a formação de um centro urbano, que deu origem ao atual município de Matupá, fundado em 14 de setembro de 1984 pela família Ometto.

Matupá foi elevada à categoria de município em 4 de julho de 1988, através da Lei estadual nº5.317, e o loteamento feito pelo Grupo Ometto foi protocolado no INCRA, previsto para ser implementado em três etapas que assentaria uma população de 300 mil habitantes na cidade sem edificações, sendo que, a partir desse contingente os prédios seriam liberados.

## Considerações Finais

A região do Araguaia foi a região onde foram implementados os três primeiros projetos da política de incentivo fiscal da SUDAM. A região foi a porta de entrada para capitalistas já estabelecidos em São Paulo, expandirem os seus negócios para a Amazônia.

A atuação do Grupo Ometto na região do Araguaia foi de intensa exploração da terra e de mão-de-obra. Adquiriram e reproduziram dezenas de milhares de cabeça de gado, e para tal desmataram centenas de hectares, sempre em comum acordo com o governo federal, que atestava em leis, a atuação não só do Grupo Ometto como de outros grupos localizados no Araguaia e na Amazônia à dentro. A vinculação da família Ometto com a ditadura militar não é documentada, mas antes dos militares assumirem o poder, membros da família estavam vinculados em cargos públicos espelhados por municípios do interior de São Paulo.

## Referências

- Cardoso, F. H. & Müller, G. (2008 [1977]) *Amazônia: expansão do capitalismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais [documento WWW]. URL <https://static.scielo.org/scielobooks/mnx6g/pdf/cardoso-9788599662731.pdf> [acesso 24 nov. 2017].
- Cavalcante, M. & Fernandes, B. (2006) 'Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso'. *Revista Nera* 9(8): 109-121.
- Cintra, M. (1986) *João Ometto: uma trajetória de vida*. São Paulo: Marca D'água.

- Constantino, N. S. (1991) *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: ESTEF.
- Costa, F. A. (1998) *Grande empresa e agricultura na Amazônia: dois momentos, dois fracassos*. Belém: Novos Cadernos do NAEA.
- Figueiredo, M. (1998) *A visão de Hermínio Ometto*. Araras: Comissão de Biblioteca de Araras-SP.
- Furtado, C. (1987) *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional.
- Gombini, R. (2006) *Corações partidos no porto de Gênova*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade do Estado de São Paulo.
- Ianni, C. (1963) *Homens sem paz: conflitos e os bastidores da emigração italiana*. São Paulo: Difel.
- Ianni, O. (1979) *Ditadura e agricultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Junior, A. W. T. & Silva F. C. (2015) 'Expropriação de terras e exclusão social na Amazônia Mato-Grossense'. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP* 8(2): 87-117.
- Klein, H. S. (2000) 'Migração internacional na História da América', in B. Fausto (org.) *Fazer a América*. São Carlos: Edusp.
- Kowarick, L. (1994) *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra.
- Levy, M. S. F. (1974) 'O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972)'. *Revista Saúde Pública* 8(supl.): 49-90.
- Moreno, G. (1993) *Os (des) caminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso*. Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Parecer Nº 295/66-AT-STO (1966) *Projeto de investimento para ampliação de uma empresa pecuária, no Distrito de São Félix, Município e Comarca de Barra do Garças, Estado do Mato Grosso*. Belém: SUDAM.
- Pessoa, J. M. (1999) *A revanche camponesa*. Goiânia: Editora UFG.
- Pompermayer, M. J. (1991) 'Strategies of Private Capital in Brazilian Amazon', in M. Schmink & C. Wood (orgs.) *Frontier Expansion in Amazonia*. Gainesville: University of Florida Press.
- Putnam, R. (2005) *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Soares, A. (1975) *História da formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Conquista.
- SUDAM (1971) Processo Nº 02863/71. *Colaboração Financeira dos Recursos oriundos do Artigo 1º alínea "b" do Decreto-Lei nº 756 de 11 de agosto de 1969*. Belém: SUDAM.
- SUDAM (1974a) Processo Nº 03374/74. *Colaboração Financeira dos Recursos oriundos do Artigo 1º alínea "b" do Decreto-Lei nº 756 de 11 de agosto de 1969*. Belém: SUDAM.
- SUDAM (1974b) Processo Nº 06149/74 *Colaboração Financeira dos Recursos oriundos do Artigo 1º alínea "b" do Decreto-Lei nº 756 de 11 de agosto de 1969*. Belém: SUDAM.
- Távora, F. L. (2011) *História e economia dos biocombustíveis no Brasil*. Brasília: Centro de Estudos de Consultoria do Senado Federal.

## Figuras, Quadros e Tabelas

Figura 1 – Afirmação de certificação da FUNAI e da Prefeitura de Barra do Garças

2.2.3 - Situação Perante a Fundação Nacional do Índio

A Empresa apresentou certidão negativa de aldeamento indígena na área de seu empreendimento, emitida pela FUNAI, não havendo, conseqüentemente, restrição à utilização da mesma.

2.2.4 - Posseiros

A Prefeitura Municipal de Barra do Garças, certificou a inexistência de posseiros na área da Fazenda.

Fonte: SUDAM, 1966

Quadro 1 - Quadro de acionistas da Agropecuária Suiá-Missú em 1971.

Acionista	%	Posição familiar
Cia Industrial e Agrícola Ometto	24,86	—
Usina Santa Lúcia S/A	24,86	—
Orlando Chesini Ometto	4,75	Filho de Pedro
João Ometto	4,02	6º irmão
João Guilherme Sabino Ometto	3,83	Filho de João
Hermínio Ometto	3,77	Filho de José
João Ometto Sobrinho	3,44	Filho de José
Virgíno Ometto	2,79	Filho de Constante
Dimas Cêra Ometto	2,47	Filho de Luiz
Luís Antônio Cera Ometto	2,47	Filho de Luiz
Ernesta Ometto Maurano	2,35	Filha de Luiz
Izaltina Ometto Silveira Mello	2,35	Filha de Luiz
Natalina Ometto Gonçalves	2,35	Filha de Luiz
Odete Ometto Altério	2,35	Filha de Luiz
Helena Ometto Moreno	2,21	Filho de Pedro
Homero Corrêa de Arruda	2,13	Genro de Constante
Luiz Ometto	1,99	7º irmão
Nélson Ometto	1,66	Neto de Constante
Orlando Ometto	1,51	Filho de Constante
Antônio Ometto	1,48	Filho de Constante
Olga Ometto de Toledo	0,69	Filha de José
Noemy Ometo Corrêa de Arruda Guedes Pereira	0,52	Neta de Constante
Homero Corrêa de Arruda Filho	0,52	Neto de Constante
Gilberto Rügger Ometto	0,37	Neto de José
Luiz Carlos Moreno	0,08	Genro de Pedro

Capital paulista no Araguaia: a política de incentivo fiscal da SUDAM como financiadora de empreendedores

Fernando Manoel Ometto Moreno	0,08	Neto de Pedro
Ana Maria Ometto Moreno	0,07	Neta de Pedro
Narcisa Chesini Ometto	0,03	Esposa de Pedro

Fonte: SUDAM, 1971

**Tabela 1 – Balanço Financeiro da Agropecuária Suiá-Missú S/A no ano de 1971.**

Discriminação	Ano			
	1967	1968	1969	1970
RECEITAS TOTAIS	360.000.000	560.200.000	578.400.000	513.000.000
Déficit Estrutural	—	—	—	—
CUSTOS TOTAIS	328.551.000	420.004.000	439.921.000	474.187.000
Custos Fixos	222.872.000	224.282.000	224.962.000	228.422.000
Custos Variáveis	105.679.000	195.722.000	206.959.000	245.765.000
<b>Rendimento Financeiro</b>	<b>31.449.000</b>	<b>140.196.000</b>	<b>146.479.000</b>	<b>38.893.000</b>

Fonte: SUDAM, 1971

**Tabela 2 – Quadro Acionário da Agropecuária do Cachimbo S/A em 1964**

Acionista	%
Cia. Industrial e Agrícola Ometto	30,0
Cia. Industrial e Agrícola São João	30,0
Usina Santa Lúcia S/A	16,5
Indústria de Produtos Alimentícios Piraquê S/A	16,5
Usina Boa Vista S/A	7,0

Fonte: SUDAM, 1974b

## Lucas do Rio Verde/MT: modernização agrícola e expropriação dos agricultores

Fernanda Celina Nicoli da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Edison Antônio de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

**Abstract:** The expansion of agricultural frontiers in the Brazilian Amazon occurred in many places, together with the transformation of its agricultural profile. In the case of the state of Mato Grosso, and specifically the municipality of Lucas do Rio Verde, a series of plans and programs during the civil-military government stimulated migration to that region. However, in the municipality, a model of aquaculture that was highly dependent on new technologies and capital was encouraged, in which the majority of the decapitalized farmers could not continue to produce without specific State incentives, leading to their expropriation and consequent land concentration.

**Keywords:** Agricultural frontier, agricultural modernization, civil-military dictatorship, colonization, oral history, Lucas do Rio Verde

---

O golpe civil-militar de 1964 mergulhou o Brasil em uma ditadura que iria perdurar por mais de duas décadas. A ditadura civil-militar durou muito graças ao apoio da sociedade civil, parte da Igreja católica e setores da indústria e grande parte dos grandes fazendeiros. O cientista político uruguaio René Armand Dreifuss (1981), escreveu um clássico sobre o golpe. Dreifuss documenta bem a conexão entre militares e civis, o que prova que o golpe, além de militar, também foi civil. Documenta as ações do IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) na articulação e financiamento da derrubada do presidente João Goulart. A partir do golpe de Estado de 1964 no Brasil e do estabelecimento da ditadura militar, a Amazônia transformou-se num imenso cenário de ocupação territorial massiva, violenta e rápida. Neste contexto histórico-político, os novos bandeirantes retornam à cena da cartografia política brasileira para fincar definitivamente as esporas no território norte mato-grossense, redefinindo e apropriando espaços, onde vendem os sonhos, projetam as cidades, selecionam seus ocupantes e forjam identidades.

O debate teórico em torno do desenvolvimento no período mais recente vem sendo acompanhado pela reflexão de diversos autores. Neste campo podemos destacar Souza Martins, que sobre o termo fronteira, nos revela que ela de modo algum, se reduz e se resume à fronteira geográfica:

Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano. (Martins, 1997:13)

Souza Martins afirma ser a fronteira, também chamada frente pioneira, tão característica da história do Brasil, e dos chamados 'países novos' e extensos, mais do que fronteira demarcada pela expansão geográfica da economia capitalista, tem sido, sobretudo, fronteira do humano. De acordo com o referido autor, 'a fronteira é o espaço próprio de encontro de sociedades e culturas entre si diferentes, como as sociedades indígenas e a chamada sociedade civilizada; lugar da pretensa epopeia da frente pioneira e dos também chamados 'pioneiros' e 'civilizadores'. É o lugar da busca desenfreada de oportunidades, mas também do genocídio dos povos indígenas, do massacre dos camponeses pobres, da subjugação dos frágeis e desvalidos' (Martins, 1997:13).

Nesta perspectiva, Tavares do Santos considera que a fronteira gera a exclusão social. 'É justamente neste nomadismo dos colonos brasileiros que se opera o inverso da seleção social: em outras palavras, a produção social da exclusão é uma das dimensões do processo de colonização'. (Santos, 1993: 244). De qualquer forma, seja como um lugar de refúgio e reconstrução, seja como um lugar de desilusão e fracasso, a fronteira é o lugar da utopia.

Acontece que havia entre os camponeses das regiões de origem, de certa forma acuados pela falta de terras, um desejo de reproduzir-se como camponeses, quer tratando-se deles mesmos em melhores terras ou em áreas mais extensas, ou de seus filhos em condições semelhantes. Por conseguinte, esta 'sede de terra' fez surgir, também, um 'sonho da terra' entre esses camponeses que queriam continuar sendo camponeses. (Santos, 1993: 258)

Vários autores das ciências sociais afirmam que a história da formação do território brasileiro é marcada pela expansão do espaço produtivo, mediante a incorporação de novas áreas ao processo de produção que, conseqüente, irão formar as novas cidades da Amazônia mato-grossense. Neste contexto, podemos afirmar que, a transformação da agricultura na Amazônia Legal se intensificou por meio de uma série de programas e planos de incentivos durante o Governo Civil-Militar pós 1964. Esses programas visavam promover uma modernização na agricultura brasileira e atendiam a proposta do Estado Brasileiro em tornar o País num grande exportador, principalmente de produtos agrícolas. No entanto, isso ocorreu sem serem respeitadas as especificidades das populações, o que gerou formas desiguais de acesso à terra e inúmeros conflitos sociais. (Joanoni Neto, 2014).

A Amazônia dentro dessa perspectiva era compreendida pelo Estado como um 'espaço vazio', assim diversos programas e planos do Estado com o apoio da iniciativa privada, buscaram promover uma intensa migração para essa região, principalmente a partir da década de 1970. Numa preocupação que também era geopolítica, de integrar o território amazônico ao restante da economia do país, uma série de políticas públicas foram implantadas visando a colonização e ocupação da fronteira norte mato-grossense. Esses movimentos migratórios para a Amazônia, impulsionados pelo Estado através de políticas oficiais, procuravam diminuir as 'tensões' no campo de outras regiões brasileiras, ocasionadas por uma estrutura fundiária excludente e, além disso, devido à expulsão e expropriação das famílias do campo decorrente da valorização da dita modernização agrícola já em curso, por exemplo, no Sul e Sudeste do país.

Muitos dos chamados projetos de colonização, implantados durante o governo civil-militar tiveram a condução do Estado ou da iniciativa privada e tornaram-se empreendimentos imobiliários, nos quais não houve o assentamento das pessoas na terra com igualdade de

oportunidades. A Amazônia é heterogênea, contraditória, desigual. A região amazônica possui uma riqueza em diversidades naturais, sociais, econômicas, culturais e políticas. Por outro lado, apresenta contradições, conflitos e grandes potencialidades para os povos da floresta, como índios, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, garimpeiros e outros. Grandes desafios apresenta também aquela região frente às novas territorialidades do capital e da informação. Em vez disso muitas das terras amazônicas brasileiras foram comercializadas ou cedidas pelo próprio Estado à iniciativa privada, como nos projetos de colonização privados.

No município de Lucas do Rio Verde/MT, localizado na área de transição dos biomas Cerrado e Floresta Amazônica na região médio-norte do Estado de Mato Grosso, houve a implantação dos chamados projetos de colonização pública, a fim de intensificar a ocupação desse espaço, bem como aliviar as ‘tensões’ em outras regiões. No entanto percebemos que um fator importante capaz de impulsionar a transformação da agricultura nesse local foi a atuação de programas específicos para o desenvolvimento do Cerrado, como o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER).

Aliados a esses programas específicos, o Cerrado mato-grossense também recebeu a contribuição do crédito rural fornecido pelos bancos estatais como o Banco do Brasil e a atuação da pesquisa agropecuária realizada principalmente pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), que propiciou a produção de determinadas *commodities*, como é o caso da soja, nos solos e climas adversos do Cerrado.

No entanto, quando nos referimos aos incentivos para a ocupação e a agricultura no Cerrado, devemos lembrar que entre os agricultores, houve um acesso desigual aos meios para se produzir em um modelo proposto, o que gerou enorme concentração de terras e de renda nessas áreas. Nesse sentido, nossa preocupação será compreender como esse processo se desencadeou em Lucas do Rio Verde/MT.

Para isso, através de relatos orais e pesquisa bibliográfica, iremos caracterizar quais os grupos que participaram no momento da intensificação da ocupação e quais as principais dificuldades encontradas em praticar a agricultura no município, que fez com que muitos não tivessem condições de manter suas terras ocasionando a concentração fundiária.

### **A ocupação de Lucas do Rio Verde/MT e a transformação de seu perfil agrícola**

A abertura da rodovia BR 163, que foi executada pelo 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9º BEC), no início da década de 1970 se tornou a principal via de acesso para Lucas do Rio Verde e região norte de Mato Grosso. A partir desse período houve a venda de terras nesse local, intensificando dessa foram o processo migratório do Sul para a Amazônia. Os agricultores que adquiriram terras nesse período, mais tarde seriam denominados ‘posseiros’, no entanto eles compraram áreas, mesmo que legalmente fossem consideradas devolutas.

No fim dos anos de 1970, seguindo a política de colonização especificada no Estatuto da Terra de 1964, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) passou a demarcar as terras próximas a essa rodovia, também conhecida como Cuiabá-Santarém, com o objetivo de mais tarde instalar projetos de colonização. No caso de Lucas do Rio Verde, o INCRA entrou em contato com as cooperativas Holambra do interior de São Paulo e foram realizados estudos de viabilidade com a finalidade de implantar um projeto de colonização em conjunto nesse local. No entanto, essa ação público-privada que envolvia o INCRA e a cooperativa foi adiada em virtude da urgência do Estado em desmantelar o crescente acampamento de



agricultores expulsos do campo que se reuniram na localidade de Encruzilhada Natalino, Ronda Alta no Rio Grande do Sul (Rocha, 2010).

Assim em 1981 foi criado o Projeto Especial de Assentamento (PEA) Lucas do Rio Verde, com a finalidade de assentar os agricultores sem-terra do Sul do país. Porém, de acordo com Rocha 2010, demonstrando a falta de interesse do Estado em administrar o projeto, em 1982 foi fundada a Cooperativa Agropecuária Lucas do Rio Verde Ltda (COOPERLUCAS) trazendo para esse espaço algumas famílias vinculadas à Holambra, firmando a parceria público-privada na condução do projeto de colonização. É nesse momento inclusive que ocorre a regularização fundiária das terras dos chamados 'posseiros' em Lucas do Rio Verde. Há ainda outro grupo que constituiu essa formação inicial, vinculados à COOPERLUCAS e ao Projeto de Colonização Piúva, projeto este vinculado ao PRODECER II.

Com isso, podemos perceber a complexidade que implicou a ocupação de Lucas do Rio Verde, pois vários grupos foram envolvidos nesse processo. A intensidade da migração nesse período remete às questões que havíamos colocando anteriormente, relacionada a intenção do Estado em ocupar esse espaço e também a expropriação que ocorria em outras regiões brasileiras. O que devemos nos atentar nesse caso, é que essas ações acabaram trazendo vantagens para esse local o que despertou o interesse de certos grupos, já que esses benefícios como o Projeto PRODECER facilitariam a implantação de um modelo de agricultura altamente dependente de capital, que possui como características a utilização em larga escala da tecnologia no campo com uso de máquinas, adubos químicos e produção para exportação, resultados do processo de modernização conservadora do campo brasileiro, que produziu uma intensa concentração fundiária, a monocultura e a não reforma agrária. A proximidade com a BR-163, como um importante eixo de escoamento, características geográficas como topografia plana, ideal a 'maquinização', estações do ano bem definidas, uma chuvosa e outra seca, luminosidade propícia e abundância de recursos hídricos, aliada à pesquisa agrícola, além de recursos financeiros importantes destinados à fronteira agrícola do Cerrado, foram os motivos específicos que tornaram esse espaço propício para a implantação desse modelo de agricultura e um alvo de interesse para a implantação de vários projetos de colonização.

Através do método de história oral e da análise de bibliografia já produzida sobre Lucas do Rio Verde e região, percebemos que a forma como foram implantadas essas políticas demonstram a desigualdade de oportunidades. Por mais que esses grupos fossem distintos, as políticas voltadas à agricultura em larga escala demonstraram que a proposta era manter preferencialmente os agricultores capitalizados e que detinham um perfil empresarial. Dessa forma a financeirização da agricultura em Lucas do Rio Verde de modo perverso explorou, excluiu e expropriou os trabalhadores e consolidou a estrutura da média e grande propriedade rural.

Dentre os próprios 'posseiros', grupo que não participou diretamente dos projetos de colonização, haviam aqueles que não se encaixaram no perfil de empresário rural. Esse grupo teve suas terras regularizadas em 1982, como coloca Rocha (2010) 'no final de 1979 com a chegada dos funcionários do INCRA na região estabeleceu-se um acordo informal entre os posseiros e o Executor do INCRA para regularização das terras' (Rocha, 2010: 89). Assim, ressalta a autora, já no fim dos anos 1970 criou-se uma situação de muita instabilidade na qual esses 'posseiros' teriam que demonstrar 'boas intenções', ou seja, a intenção de produzir no modelo proposto e inclusive estabelecendo contatos políticos para que suas terras fossem regularizadas.

Além dos 'posseiros' que tiveram suas terras expropriadas pelo INCRA, por não seguirem os 'acordos' estabelecidos pelo executor do projeto, sucedendo inclusive situações de

violência, entendemos ainda que dentro desse grupo havia aqueles que apesar de terem mantido parte de suas áreas de terra, teriam maior dificuldade em produzir por serem descapitalizados. Podemos observar essa questão, no relato da agricultora M.C.<sup>1</sup>, que comprou terras, migrando com sua família no ano de 1980, e que com a chegada do INCRA passaram a serem denominados ‘posseiros’. Atualmente ela reside em sua pequena propriedade nas proximidades do perímetro urbano de Lucas do Rio Verde.

Quando nós chegamos, ficamos... Bom, eu na verdade quase não trabalhei mais, só em casa, porque na roça não tinha como. O primeiro ano ajudamos o pai a catar raiz, no caso os meus irmãos a catar raiz lá, onde é que nós tava morando, dois anos catamos raiz lá, que eles plantavam arroz na época. (...) E depois o V. [marido dela] trabalhou cinco anos de empregado, fazendo casa, construir, ele trabalhou lá no Arlindo no Lago Azul lá trabalhou um ano e meio fazendo barracão e a sede dele e depois quando começou a cidade aqui que o INCRA entrou, ele construiu casa do INCRA em Lucas do Rio Verde. (...) Então, tem casa que o V. fez lá naquela praça, como que é... Pioneira lá tem ainda duas casas de madeira lá do INCRA, feita. (...) Ele tinha que trabalhar lá porque é o único serviço que entrou ali, porque daí nós não tinha máquina no caso, e nós tinha só a terra no caso né, não tinha dinheiro, e daí ele começou a trabalhar de empregado e quando entrou o INCRA pegamos cento e cinco hectares aqui, daí que começou, compramos um trator e começamos a trabalhar na terra, mas lá, eu acho que já... Eu não sei bem quando a época, mas acho que uns oito ou nove anos que nós tava aqui que começamos a trabalhar na roça nós também [...]. (Relato de M. C. Entrevista realizada na residência da entrevistada, dia 01 de fevereiro de 2016, duração da entrevista 20min 27s)

Identificamos no relato de M. C. que era importante possuir um mínimo de capital para praticar a agricultura na região. Por isso, nos primeiros anos em que sua família esteve no município, eles desempenharam outras funções que não a agricultura. Esse modelo agrícola requeria muitos investimentos, desde a abertura da área ‘desmate’, bem como a preparação do solo, que não produzia o tipo de cultura que se almejava sem a correção de nutrientes adequada. Portanto a necessidade de investimento era intensa, não só em relação à abertura e correção do solo, mas também a tecnologia para produzir como maquinário e insumos, desse modo o fato de possuir a terra não garantia mantê-la produzindo no modelo estabelecido.

Mais tarde a instalação do Projeto Especial de Assentamento – PEA de Lucas do Rio Verde manifestou o descaso ainda maior com os trabalhadores, pois os agricultores sem-terra trazidos de Encruzilhada Natalino em Ronda Alta, dependiam dos auxílios estatais, por serem descapitalizados. Em relação à produção agrícola eles se viram endividados nos primeiros anos que praticaram a agricultura em Lucas do Rio Verde, que necessitava primeiramente da preparação do solo, utilização de maquinário e tecnologia para se produzir nesse perfil agrícola. O relato de A.I.J.O., agricultora de Ronda Alta que veio para o município por intermédio do projeto do INCRA em 1981, demonstra a precariedade de condições destinada aos assentados em Lucas do Rio Verde.

---

<sup>1</sup> Como uma opção metodológica, decidimos não revelar os nomes das pessoas entrevistadas apontando apenas as iniciais de seus nomes.

[...] eles davam um tanto, por exemplo, o governo ajudou a abrir (...) eu acho que um hectare, não tenho certeza se eram um ou dois hectares, na frente só (...) aí vinha adubo e semente pra plantar isso (...) a gente plantava de maquininha, aquelas matracas que fala. Porque tinha, era pouquinho, mas tinha, é que era muita gente, aí tinha, eu não lembro, um trator ou dois com plantadeira, mas para fazer tudo, aí quando chegava às vezes lá no último já tinha passado a época, ficava muito tarde, não dava tempo pro pessoal plantar tudo, ajeitar. Nós era pouquinho mesmo, aí eu e ele [o marido] ia plantando e plantava. (Relato de A. I. J. O. Entrevista realizada na residência da entrevistada, dia 24 de maio de 2016, duração da entrevista 26min 22s)

Nesse relato podemos perceber o grande número de pessoas atendidas pelo projeto, esses agricultores em sua maioria eram descapitalizados, e ainda não recebiam as condições necessárias para produzir no modelo proposto, já que como a entrevistada aponta o número de maquinário era reduzido. Assim, a falta de maquinário disponível e a forma como era articulada a utilização deste, nos mostra o descaso com as famílias envolvidas nos projetos de colonização. O que se percebe é que o modo como era pensado a produção agrícola, impedia que o produtor descapitalizado produzisse em tal modelo.

Com a falta de estrutura, que não foi devidamente ofertada no projeto, o endividamento dos produtores ocasionado pela imposição de um modelo agrícola altamente dependente de capital e assistência técnica, gerou consequências extremamente perversas, pois a grande maioria não teve condições de manter seus lotes de 200 hectares, das 203 famílias que migraram, menos de 14 permaneceram no município (Zarth, 1998), demonstrando o descaso do Estado em oferecer condições para assentar as famílias descapitalizadas.

Em relação aos agricultores trazidos por intermédio da cooperativa, chamados 'paulistas', eles também se viram presos à valorização da chamada modernização agrícola. Isso pode ser observado através da atuação da cooperativa COOPERLUCAS, que de acordo com Santos (2009), o crescimento acelerado, o distanciamento dos interesses dos sócios-fundadores, por conta da burocratização, contribuiu para a manipulação dos associados. Assim, esses agricultores com experiência no cooperativismo viram reduzir a sua possibilidade de questionamentos afastando-os do projeto inicial, que era a assistência aos pequenos produtores. Para o agravamento da situação, houve a queda da cooperativa devido a um suposto desvio de recursos, tornando ainda mais difícil a resistência de seus associados. (Santos, 2009).

O Projeto de Colonização Piúva, promovido pelo PRODECER II e também vinculado à cooperativa, no entanto era mais vantajoso de acordo com Rocha 2010, pois recebeu infraestrutura, contando com assistência técnica e maiores recursos, motivo que o fez tornar-se mais atrativo aos agricultores. Contudo, ser selecionado para participar do projeto requeria que o agricultor se enquadrasse no perfil empresarial, excluindo assim muitos trabalhadores.

No relato de O.E., agricultor aposentado que reside em Lucas do Rio Verde, percebemos que alguns agricultores migraram sem necessariamente manterem ligação com os projetos de colonização. No caso do entrevistado ele comprou terras em Lucas do Rio Verde a partir da venda da sua propriedade no Rio Grande do Sul. Porém, a lógica seria a mesma, da produção agrícola dependente de capital, de modo que o entrevistado teve que vender sua área de terra.

[...] Lá no sul a gente saía. Dez, quinze minutos já estava no comércio e aqui levava meio dia, pra ir no banco levava um dia e mal atendido que era um colosso, ficava a semana inteira, nem olhavam pra gente e tinha que vim pra casa lavar a roupa, pra semana que

vem voltar. (Relato de O. E. Entrevista realizada na residência do entrevistado, dia 17 de dezembro de 2015, duração da entrevista 12min 31)

Nesse caso, o entrevistado relata as dificuldades em conseguir financiamento no banco para custear a produção. O agricultor migrou em 1982, nesse período os agricultores de Lucas do Rio Verde buscavam financiamento na agência do Banco do Brasil no município de Diamantino. Percebemos nesse relato que além da dificuldade de locomoção por conta da precariedade das estradas, obter o financiamento era algo dificultoso. O. E. descreve que no Banco sua figura era vista com indiferença, ficando claro o descaso com os pequenos produtores descapitalizados.

A financeirização da agricultura ocorreu de forma tão intensa que muitos trabalhadores não conseguiram produzir e sem alternativas venderam suas terras a preços irrisórios, ou trocaram por passagem ou em alguns casos por comida. O que demonstra a precarização do projeto em Lucas do Rio Verde, de modo que o Estado além de não fornecer uma estrutura adequada, foi extremamente seletivo com os agricultores, que não puderam produzir no modelo proposto, o que se manteve foi o controle da terra para o benefício do capital.

No caso de Lucas do Rio Verde os projetos de colonização foram um fracasso, no que diz respeito a garantia do uso social da terra. A implantação desses projetos se deu com a falta de infraestrutura e recursos básicos como a saúde, educação, estradas. Essa série de adversidades demonstra que os projetos de colonização e assentamento, durante a ditadura civil-militar, não foram elaborados para incluir os trabalhadores, mas sim atender a pretensão de uma modernização técnica da agricultura, que se consolidou nesse local tendo como característica a presença das médias e grandes propriedades rurais.

Com o fracasso dos projetos de colonização devido à falta de condições proporcionada pelo Estado aos agricultores descapitalizados, somente os agricultores mais capitalizados, que já tinham algum conhecimento técnico continuaram produzindo, esses foram adquirindo terras ampliando ainda mais a concentração fundiária no município.

### **Considerações finais**

Assim, os projetos de desenvolvimento agrícola para o Cerrado, como por exemplo, o PRODECER, priorizaram a produção da soja e demais *commodities* agrícolas, como milho e algodão, impondo uma lógica contrária às especificidades produtivas do Cerrado mato-grossense e da população residente, ou ainda dos colonos descapitalizados que migraram.

Desse modo, é possível perceber que foi preconcebido um modelo, onde políticas públicas, planos e programas, acabaram valorizando e priorizando a grande propriedade monocultora. A forma como o Estado conduziu essas políticas, demonstra que ocorreu em detrimento à fixação dos trabalhadores no campo, à pequena propriedade, ou seja, o uso social da terra.

No caso de Lucas do Rio Verde a introdução de novas tecnologias e a consequente financeirização da agricultura que ocorreu de maneira tão intensa e sem ajuda estatal acabou gerando a expropriação dos agricultores menos capitalizados. Sendo um elemento que marca os relatos dos entrevistados que é evidenciado em suas memórias, de modo que eles não conseguem pensar outra forma de agricultura que não a maquinizada e quimificada.

No contexto das Políticas de Colonização no Brasil Contemporâneo, destacamos a expansão do capitalismo na chamada fronteira agrícola, através do processo de 'modernização do campo', onde um conjunto de políticas públicas foram lançadas visando ampliar as bases

para sua industrialização. O avanço do capital feito rolo compressor, no chamado ‘progresso a qualquer custo’, tudo esmaga na rota da acumulação e da sua reprodução, teve o seu campo de atuação ampliada. É neste contexto, que entendemos a luta pela terra, as relações de poder e dominação, estudando o desenvolvimento econômico, social e político da sociedade contemporânea. A ocupação da Amazônia brasileira (e mato-grossense) está inserida nesse processo histórico de disputas, interesses e contradições pela questão agrária, fundiária e ambiental. Estamos diante de um processo de luta para entrar na terra. Terra esta, que foi mantida improdutiva e apropriada privadamente para servir de reserva de valor e/ou reserva patrimonial às classes dominantes, e não para as pessoas que foram expulsas do campo ou da cidade e seguem em busca da terra prometida em regiões da fronteira em expansão da sociedade brasileira. Nas palavras de Barrozo (1992:08), ‘as profundas transformações que a agricultura brasileira tem passado a partir da década de setenta do século XX revela também, suas contradições presentes no interior da estrutura agrária e revela sua componente contemporânea: a luta pela reforma agrária’.

Dado o exposto, podemos perceber o desmonte do discurso da reforma agrária. A forma como foi conduzida a colonização, a precarização dos projetos e do acesso aos meios de produzir na terra, em benefício de uma financeirização cada vez maior no campo, transformou o acesso a produção agrícola em algo extremamente seletivo. Desse modo, quando os agricultores tiveram acesso à terra, mas não desfrutaram das mesmas oportunidades para produzir nela, e assim perderam suas propriedades, a ‘reforma agrária’ concebida pelo Estado, passou a ser vista como ineficaz.

Tendo em vista esses aspectos eles apontam que a questão agrária no Brasil foi pensada em favor do discurso da modernização e não em favor dos trabalhadores. Assim, podemos afirmar que a chamada modernização agrícola é um discurso que procura justificar a expansão do padrão tecnológico da agricultura, mas isso se deu mantendo velhas práticas como a permanência e valorização da grande propriedade, a concentração de renda, a exploração e expropriação dos trabalhadores do campo.

Mapa 1 – Localização do município de Lucas do Rio Verde – MT



## Referências

- Barrozo, J. C. (2008) 'Políticas de colonização: as políticas públicas para a Amazônia e o Centro-Oeste', in J. C. Barrozo (org.) *Mato Grosso do sonho à utopia da terra*. Cuiabá : EdUFMT/Carlini & Caniato Editorial.
- Dreifuss, R. A. (1981) *1964: A conquista do estado*. Petrópolis: Vozes.
- Joanoni Neto, V. (2014) 'Em busca de outros olhares: o período ditatorial brasileiro e a Amazônia Legal', in X. C. Barbosa et al. (org.) *História, memória e direitos humanos. 50 anos da ditadura militar no Brasil*. Salvador: Editora Pontocom.
- Ianni, O. (1979) *Colonização e contra-reforma agrária da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- Ianni, O. (1986) *Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia, 1964-1978*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Martins, J. S. (1997) *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC.
- Rocha, B. N. (2010) '*A trama do drama: a trama das fronteiras e o drama dos migrantes nas configurações do desenvolvimento de Lucas do Rio Verde – MT*'. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Santos, J. V. T. (1993) *Matuchos: exclusão e luta – do Sul para a Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, S. A. L. (2009) *Percursos e percalços no cerrado mato-grossense: memórias da cooperativa e da migração - Lucas do Rio Verde (1981-1987)*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- Souza, E. A. (2013) *O poder na fronteira: hegemonia, conflitos e cultura no norte de Mato Grosso*. Cuiabá: Editora da UFMT.
- Zarth, L. L. (1998) *Desencanto na nova terra: assentamento no município de Lucas do Rio Verde – MT na década de 80*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

## Agricultural Frontiers as Controversial Place-making Territories

Antonio A. R. Ioris  
Cardiff University, UK

**Abstract:** The intricacies of one of the most relevant agricultural frontiers in the world today – the State of Mato Grosso, in the Brazilian Amazon – are considered through an examination of place-making. Vast areas of rainforest and savannah were converted, since the 1970s, into places of intensive farming, to fulfil exogenous demands for land and agricultural production. Instead of merely studying the constellation of interconnected places, we examine the politicised genesis of the emerging places and their trajectory under socio-ecological disputes. Empirical results reveal three main moments of place-making characterised, respectively, by displacement, replacement and misplacement. In order to understand those intricate processes, it is necessary a qualitative intellectual jump: from place-making on the frontier to place-making as an ontological frontier in itself. Mato Grosso remains an unsettled frontier between a new socio-spatiality (shaped by fast economic growth) and the perpetuation of old practices (marked by exclusion and tensions).

**Keywords:** place soybean, landscape, agribusiness, Mato Grosso, Brazil

---

The new master he faced was nature, but since nature is passive, man was the only active agent present, and was free to do what he would. It was in the exercise of this freedom that the particular kind of individualism associated with frontier society developed.  
Walter Prescott Webb (1952: 29)

[The] dignity of agriculture arises from the fact that tilling the soil not only procures means of subsistence but in this process prepares the earth for the building of the world.  
Hannah Arendt (1998: 138)

### Introduction

Our departure point is the dramatic spatial change and socio-ecological tensions associated with the expansion of the agricultural frontier in the State of Mato Grosso, in the centre-

north of Brazil and in the geographical core of South America. Vast areas of Amazon rainforest and savannah vegetation were converted, since the 1970s, into places of intensive farming and now constitute the world's fastest expanding area of agribusiness activity (Deininger and Byerlee, 2011). These will be analysed from the perspective that the semiotic and material frictions of modern agribusiness cannot be properly understood without reference to place-making; that is, 'the set of social, political and material processes by which people iteratively create and recreate the experienced geographies in which they live' (Pierce et al., 2011: 54). Place-making entails symbolic and material practices and discourses that create new built forms, new meanings, new social relations, and politicised interactions. In Mato Grosso, agribusiness production has certainly been a powerful place-making engine, given that in just a few decades it was transformed from a remote, largely forgotten part of Brazil into one of the most strategic hubs of production and export in the country. The intensification of agribusiness has produced spatial enclaves where capital dynamically circulates, as in the case of the large-scale farms and grain processing units around the main towns and in the countryside, and only marginally benefited wider regional society (particularly because agribusiness is largely exempt from taxes). Especially in the Teles Pires river basin – our main case study area, situated in the north of Mato Grosso, at the transition from savannah to forest ecosystems – the landscape in the rainy season is dominated by huge plantation farms that grow basically soybean in succession to a few other crops, such as cotton, maize and millet. The region is mostly occupied by first- or second-generation farmers, rural workers and commercial partners who now depend on the productivity of soybean and on its price in globalised markets (Ioris, 2017a). Those are all integral components of a dynamic place-making phenomenon, particularly because the intense production of soybean-dominated agriculture provides a very specific sense of place.

However, the modernisation of agribusiness in relation to place-making has not been sufficiently recognised by scholars working on the political-economy of agri-food networks. On the contrary, the geographies of food and rural development have remained largely elusive regarding the production of space under globalising pressures and the resulting repercussions in terms of nested, place-based contradictions. Where the juncture between globalised forces and localised spatial outcomes has been acknowledged by social scientists, there is often limited conceptualisation and limited critical assessments of the place-related intersections between the intensification of agri-food systems and the complexification of specific time-space interactions (at farms, regions, countries and beyond). For most academics, agriculture happens in places that are already established and they normally focus on topics such as natural resources, techno-economic trends and socio-economic institutions. Much less is known about industrialised agribusiness and its urban and regional repercussions in terms of place-making, social change and capitalist advance. And there is still a need for dedicated examinations of the range of connections between agribusiness development and place-making, that is, the intensely politicised processes of inclusion and exclusion mediated by the appropriation and transformation of the material and immaterial components of the lived reality. It is necessary to examine capital accumulation as a process of uneven development and global connections, but also with the emergence, interaction and transformations at the local scale (Pred and Watts, 1992).

In the case of the Teles Pires, a region previously characterised by exuberant natural scenery and numerous indigenous groups has been irreversibly jolted by roads, new towns and soybean fields that constitute now very different places. The place-making experience has combined elements of the ultra-modern economic boom with pre-capitalist practices left over from the conquest of the territory. Such extraordinary geography in the making



challenges conventional analytical approaches and seems to demand novel interpretative procedures. As discussed below, the transformation of the Teles Pires happened in less than five decades, always resorting to the monochromatic, but powerful, excuse of economic growth at any price. There was a constant promise of rationality, progress and welfare underpinning public policies and government action. To justify the imposition of the new agricultural frontier, the official discourse emphasised that it was 'no man's land', an empty space willing to accept the displacement of existing socio-natural processes and their replacement, even if against the wishes of those already living there. Against what were considered rudimentary, excessively simplistic places, an even greater simplification was imposed: develop or die. The next pages will demonstrate that the synthesis of this vicious dialectics between displacement-replacement is the resulting pervasiveness of misplacement.

In order to cope with the intricate ontological questions related to place-making at the agricultural frontier we can find unexpected assistance in the ideas of a 'very special geographer': the recently deceased poet Manoel de Barros (1916-2014), regarded by the critics as one of the great names of contemporary Brazilian literature. The need to liberate the reality from its pre-arranged place-based configurations, and recreate the world, permeates Manoel's long and incredibly original artistic construction. Manoel left a vast artistic production full of incredible images and lavish verses that basically deal with what is considered secondary or irrelevant (e.g. encounters with stones, birds, insects, horses, organic and decaying matter, the habits of scattered rural families, etc.). From the micro and insignificant the poet constructs an argument about some of the most universal and unending questions of human existence. He understood that 'Things don't want to be seen by reasonable people' [*As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis*] (Barros, 2013: 278) and also that 'That which goes nowhere has a great importance' [*As coisas que não levam a nada têm grande importância*] (Barros, 2013: 135). His attempt to go beyond the conventional and polite forced him to develop a new language, which he defined as the 'archaic Manoelian idio-dialect' [*idioleto manoelês arcaico*].

It is a fortunate coincidence that Manoel was born in Mato Grosso and spent his early years on the shores of the Paraguay River, where distances were immense and time seemed to move very slowly. In his words, his family lived 'in a place where there was nothing (...) and we had to invent' the world; 'invention was required to enlarge the world' and 'disturb' the existing, normal meaning of things. Manoel's ontological proposition was that Mato Grosso had yet to be 'invented' in order to decipher still unarticulated truths. Manoel realised, since his childhood, that the immensity of Mato Grosso was incomplete and, consequently, his world had still to be created, that is, the intense and sophisticated exchanges with nature and the small number of inhabitants needed to be complemented with broader social intercourses and connections with wider Brazilian and international society. A new reality needed to be invented was not only to be true, but because it was necessary to unlock the deep structures of the existing world. Central to Manoel's ontology is the difference between 'invention' and 'lie', in other words, the realisation that invention is diametrically in opposition to falsehood. In a public interview, Manoel de Barros – turned into the documentary 'Only Ten Percent is Lying' [*Só Dez por Cento é Mentira*] by Pedro Cezar, released in 2010 –<sup>1</sup> Manoel claims that only 10% of his argument is a lie and 90% is

---

<sup>1</sup> Information about the documentary can be seen at: [www.sodez.com.br](http://www.sodez.com.br). The poet was extremely reserved and his work was only revealed to the wider public in recent decades when some well-known intellectuals started to praise the relevance of Manoel's poetry.

invented [*Tenho uma confissão a fazer: noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira*]. In his verses he already states that ‘all that I didn’t invent is false’ [*Tudo que não invento é falso*] (Barros, 2013: 319). But, crucially, the new reality needs to maintain the organic ontology that rightly encompasses everything, including organisms, people, stones, fluids, landscapes and unsaid sensations. In his highly original poetry, ‘The trees commence me’ [*As árvores me começam*] (cfr. Barros, 2013: 311).

Before moving into the production (‘invention’, in the Manoelian sense) of Mato Grosso’s new agricultural frontier, a few words on methods are necessary. The present discussion is based on longitudinal fieldwork in the Teles Pires (involving three main fieldtrips) between 2013 and 2015, and follow up contacts with key players. The region was chosen because it is the main centre of soybean production in Brazil and it is recognised as a relevant experience of agricultural development. The analysis of the mechanics of place-making involved 28 semi-structured interviews, informal discussions and walks in the fields with farmers, attendance of public meetings, and the analysis of secondary data. With the help of local academics of the Federal University of Mato Grosso (UFMT) and of the State University of Mato Grosso (UNEMAT), key interviewees and informants were identified, initial contacts were set up, and the research then followed a snowball approach. Interviews and other qualitative material were transcribed, coded and assessed in Portuguese; only the extracts reproduced in this paper were translated into English. The study focused on the most emblematic municipalities in the region – Sorriso, Sinop and Lucas do Rio Verde – which were established after the construction of the BR-163 motorway, with a length of 1,777 km, to connect Cuiabá with Santarém in the neighbouring State of Pará. The research dealt with material and figurative changes in these three municipalities: Sinop (the main commercial and services centre in the micro-region), Sorriso (one of the main agribusiness municipalities in the country) and Lucas do Rio Verde (a key agro-industrial centre). Inspired by Manoel’s ontological proposition about the world to be invented, we will demonstrate the troubling trajectory of places at the Teles Pires frontier and how place-making there has unfolded through a disconcerting dialectics of displacement-replacement-misplacement.

### **Invention through Displacement (1940s-early 1980s)**

In stark contrast to the (fabricated) image of ‘democracy and egalitarianism’ ideologically associated with the American West by Frederick Jackson Turner (1920), the agricultural frontier in Mato Grosso, as much as in the United States, was initially based on a widespread practice of displacement. For many generations, the north of Mato Grosso was a faraway place, a universe apart and homeland mainly to secluded First Nation peoples (Buarque de Holanda, 1994). That began to change in the first decades of the twentieth century due to ideological calls for modernisation, progress and integration of areas considered wasteland. The federal administration launched the March for the West in 1937 and the Roncador-Xingu expedition in 1943 to fill the geographical voids still uncomfortably visible on national maps (Villas Bôas and Villas Bôas, 1994). But the integrationist project didn’t include the locals and their socio-ecology; on the contrary, the rest the country fell over the region bringing back the spectres of Alexander, Alaric and Pizarro. New places were forged out of the remnants of the cultures, values and, ultimately, places of those who used to live in the region (indigenous groups and squatter peasants) and also out of the destruction of socio-ecological communities. The occupation of the north of Mato Grosso, financed and stimulated by state agencies, happened through the widespread and systematic grabbing

[*grilagem*] of indigenous land (Oliveira, 2005)<sup>2</sup> In tandem with initiatives undertaken by the national government, the state (i.e. provincial) administration systematically sold large tracts of land at very low cost to property speculators, certainly without much interest in exploring the areas. Vast state-owned areas, with hundreds of thousands of hectares – described as *glebas* – were easily transferred to new owners by corrupt officials and many were later sold to colonisation firms (Moreno, 2007). The fact that these *glebas* were demarcated from distant offices without any fieldwork opened the door to major imprecision, inadequate property boundaries and monumental fraud.

The decisive phase of spatial transformation came with the resolve of the ruling military between 1964 and 1985 to force agriculture development upon the remote corners of the Centre-West region. Three National Integration Plans and other similar programmes, with international funding, were introduced in the 1970s. The State of Mato Grosso was actually considered the 'paradise of private colonisation' projects (Oliveira, 1989: 106), which since 1974 replaced the initial focus on public farming schemes (Santos, 1993). It was essentially a counter agrarian reform process that played a crucial role in the spatial expansion of capitalism in the country. Impoverished small farmers were brought from the southern states to try the same strategy adopted by their ancestors, who previously had to leave Germany and Italy and move to Brazil in the nineteenth century in search of a piece of land and a secure future (Schwantes, 1989). The region was aggressively advertised to prospective farmers as an opportunity to restart their lives anew, in a clear mechanism of 'place myth' that is necessary when negative stereotypes of the new frontier abound but there is an 'imperative for accumulation' (Brannstrom and Neuman, 2009: 125). Social mobility was notoriously restricted in the Brazilian countryside, but the frontier raised the promise of social betterment and the possibility to own a much larger property. Early research conducted by Oliveira (1983) in the region ascertained that families of farmers coming from the south were indeed in search of better conditions in the context of the progress announced by the government. In practice, poor peasants and small farmers struggled to reinitiate their lives in the adverse places of the frontier. The situation was worse for the indigenous populations, who could either move to precarious and fragile reservations or be decimated by diseases and abject exploitation.

The overall course of events was similar, but with relevant differences, to the genesis of capitalist farming described by Marx to explain the growing appropriation of collective land and expulsion of former peasants from their land in Ireland, England and Scotland. Marx argued that this separation of the peasantry from the land was a necessary condition for the development of capitalism, because it 'freed' the emerging proletariat from the land and permitted industrialisation and its capital-labour relation. It was a profound change of social and ecological conditions described as the primitive accumulation of pastures, forests, rivers, turfs, etc. This turbulent and often violent process not only fostered further industrialisation and helped the development of the wide capitalist order, but it also altered the pattern of agricultural production and commercialisation. Land was increasingly placed in the hands of a few large-scale landowners, which was essentially the 'usurpation of the common land and the accompanying revolution in agriculture' with acute effects on agricultural labourers (Marx, 1976: 888). According to Marx, land property relations are important pillars of capitalism and serve to explain the victory of capital. 'Modern landed

---

<sup>2</sup> Manuel de Barros (2013: 221) suggests that such forms of land use were a type of 'nothing-estates' [*nadifúndios*] where people used to speak the 'frog-dialect' [*Dialeto-Rã*] and had their own particular time and space.

property (...) cannot be understood at all, because it cannot exist, without capital as its presuppositions, and it indeed appears historically as a transformation of the proceeding historic shape of landed property by capital so as to correspond to capital' (Marx, 1973: 252). There are, however, crucial distinctions between the European experience of primitive accumulation in the early phases of capitalism and what happened in the Amazon as part of the expansion of Brazilian capitalism.

First, the main provider of capital and promoter of economic activity in the Brazilian case was the national state, which mobilised international funds through loans from multilateral banks. Second, the displacement of the peasants, squatters and Indians in Mato Grosso was associated with the previous displacement of poor subsistence farmers and labourers in other parts of the country, who were then encouraged to move to the growing agricultural frontier. Third, the pattern of production was highly unstable because of the serious dependence on government incentives and subjected to the hegemonic development priorities of industries and banks in the main economic centres (São Paulo in particular). The process of displacement in Mato Grosso happened as a coordinated form of primitive accumulation imposed by the political centres of Brazil which, like in the Europe, made pervasive use of fraud and violence. For instance, a farm to the southeast of the city of Sorriso (known as *Agropecuária Morocó*), in the centre of the Teles Pires region, which belonged to the American farmer Edmund A. Zanini was illegally transferred and sold to other farmers in 1972, leading eventually to a judicial proceeding. (The Zanini family fled Mato Grosso in 1977 and the dispute was only resolved by the courts in 2011.) Three decades later, Sorriso, located at the edge of the forest and with huge areas of easily cultivable land, is now one of the main hubs of soybean production for the entire country (Jepson et al., 2010). In a book by the local historians Dias and Bortoncello (2003), the brutality of displacement is cleverly concealed and Sorriso is praised as a beacon of abundance and economic growth that compensated for the 'loss of the paradise' in the south of Brazil (this is epitomised in the words of the poem 'My Place' on the cover of the book).

The town of Sinop, which is now the most important settlement in the region (113,000 inhabitants), had a similar trajectory, with the acquisition of 645,000 hectares in 1970 by another colonisation company, known as Gleba Celeste. The urban area of Sinop started to be opened in 1972 – the streets were named, ironically, after tree species, just as deforestation advanced rapidly. Residents came from the southern states and the majority acquired a piece of land of between 10 and 300 hectares (Santos, 2011). The founder of Sinop, Ênio Pipino, famously declared that Gleba Celeste 'was a green world, sleeping, in the loneliness of the Amazon' (in Souza, 2006: 144) and also that he was 'planting civilisations' and creating a liveable Amazon by opening roads and clearing forests and jungles (Pipino, 1982). Since then, the vector of displacement underpinning place-making continued unabated, as an persistent phenomenon based upon dispossession and constant movement rather than upon stability, through which different layers of belonging, ties to land and group identity are revealed (Connor, 2012).

Despite the immediate success of the new agricultural frontier, at the same time as new farmers continued to arrive in the Teles Pires region, most ruined entrepreneurs left for other parts of the Amazon and beyond. Tragically, a significant proportion of those who came in search of their own piece of land eventually returned to their places of origin in the south (alternatively, had to find employment in the increasingly large agribusiness farms): since 1980 migration out of Mato Grosso intensified and the rate even doubled in the 1990s compared to the 1970s (Cunha, 2006). This was particularly evident in the municipality of

Lucas do Rio Verde, which relocated 203 families of small farmers from the State of Rio Grande do Sul (Oliveira, 2005). After a difficult beginning, just a minority of the original pioneers remained in Lucas do Rio Verde – less than 10% – while most lost their properties due to the operational adversities, unfulfilled promises and accumulated debts (Oliveira, 1989; Santos, 1993). The fact that the frontier was strategically open for just a relatively short period of time in the 1970s and 1980s suggests that the vector of displacement conceded some space to the consolidation of landed property and the emerging of new socio-economic and politico-spatial relations. Gradually, many of the new farmers lost their land, which was more and more concentrated (through buying or leasing) in the lands of small number of large-scale landowners. The new phase was increasingly influenced by the operation of transnational companies and by the liberalising reform of the national state, which facilitated the entry of international investors and agro-chemical companies. In that sense, what has been happening in Mato Grosso in the last three decades, since the end of the 1980s, followed the well-known pattern of ‘land grabbing’ described in the international literature. That has unfolded though the dynamic of replacement, leading to the widespread feeling of misplacement, discussed below.

### **The Force of Replacement (end of 1980s-2000s)**

The previous section discussed how the invention of new places at the frontier was achieved through displacement, involving the arrival of thousands of migrants in the short interval of only a few decades, the large-scale removal of the original vegetation, and the introduction of a gradually more intense production. Public and private agencies (i.e. controlled by the state or owned by private business enterprises) obviously had to make allowances to overcome the residues of pre-capitalist society, but the driving-force of displacement was hegemonic. The transition to a new socio-spatial order was not automatic and natural resources (land, water, timber, bushmeat, etc.) were made available with the dislodgment of those already living in the region. Nonetheless, displacement could not happen in isolation and, even as the existing socio-spatial features were being displaced, another key force – replacement – was emerging. Especially from the late 1980s to the first decade of the new century, some of the groups initially attracted to the agribusiness frontier were becoming redundant and had to swiftly adapt to a reality fraught with unexpected difficulties. It became increasingly clear that land in the new places was no longer available to all newcomers. Less productive workers and decapitalised farmers were largely replaced by a small number of skilled machine operators (trained to cope with the rapid automatisisation and informatisation of farming procedures) and by a small number of increasingly wealthy landowners in possession of vast properties. The initial movement of attraction and displacement, followed by the growing importance of repulsion and replacement, can be explained by the political genesis and perverse evolution of place-making at the Teles Pires agricultural frontier.

In the first period of the frontier, due to the political and economic risks involved, a large number of migrants were needed for the consolidation of the frontier, thus justifying investments in infrastructure, securing policy concessions and satisfying public opinion that something was being done about agrarian tensions in the south. Soon after this first impetus, several political and economic constraints affected the ability of the federal administration to keep the doors wide open (in particular the burden of public debt and high inflation in the late 1980s). In this way the same frontier that attracted migrants, as a seductive mirage and promise of a better life to most, began to replace the majority of those

initially involved. Those original farmers who found themselves in a cycle of debt had essentially three options: become labourers in rural properties, try to receive a small plot in agrarian reform projects or transfer their activity to a small farmstead near to the towns. Not only the small farmers faced difficulties in maintaining their activities in areas of the agricultural frontier, but many large property owners and rural companies struggled to cope with the costs of transportation, distant markets, low productivity and, especially, dwindling subsidies and incentives.

It should be noted that replacement was not only restricted to the concentration of landed property and the conversion of the weaker farmers into farm labourers. It involved other profound changes in economic and technological trends, including the substitution of the various crops unsuccessfully tried in the 1970s (coffee, cassava, guaraná, pepper, rice, etc.) with the overpowering presence, higher profitability and symbolic importance of soybean (predicated on the use of intense agronomic techniques, expensive machinery and profound financialisation of production). As observed by Marx (1976: 905), the capitalist farmer results from the enrichment of some individuals who usurped the common land (with the impoverishment of 'the mass of the agriculture folks') and managed to benefit from technological revolutions. The Teles Pires has actually become a large soyscape that hosts an essentially soybean-based economy. In this particular context of place-making, the soybean was victorious from the outset, inevitably, because it played a central role in the consolidation of a model of regional development reliant on crop exports, in the hands of large-scale farmers. Those who controlled soybean controlled the flows of money, to the extent that what really started to matter in the region was the phantasmagoric entity of 'soybean-money' and 'soybean-based' social status. The production of soybean continued to expand almost uninterrupted during the 1980s and 1990s in Mato Grosso.

At any rate, the advance of soybean production was not linear. Because of state reforms and monetary stabilisation plans, the early 1990s constituted a challenging period for the Brazilian agriculture sector. Agriculture was increasingly influenced by events taking place outside the sector, including trade liberalisation, deregulation, credit reforms and removal of price support policies (Helfand and Rezende, 2004). After a moment of great turbulence, there was a revitalisation of the frontier since the end of the decade, helped by currency devaluation in 1999, foreign investments in productive, and speculative, ventures; and growing demands from Asia (especially from China). Many transnational corporations (TNCs) were attracted to the Teles Pires in the period between 1999 and 2005, when booming commodity prices resulted in a sizable increase in crop production, albeit increasingly under the influence of replacement.

The overall experience was rich of surprising and remarkable developments. For instance, to avoid the replacement of those who had been replaced, the municipal authorities of Sorriso and Sinop temporarily operated a form of 'place filter' that prevents the entrance of poor migrants: at the bus station there is a formal check and those unable to demonstrate means or income receive a free ticket back to their homelands. Such form of spatial filter operates in the opposite direction when the same authorities organise farm fairs to attract attention by those willing to do business in the municipality. The same frontier that attracted migrants, as a seductive mirage and promise of a better life to most, began to replace a significant proportion of those initially involved. The impact of replacement pressures can be appreciated in the following interview extract:

I came to Mato Grosso 29 years ago, lost my initial property because of the banks [*impossibility to pay back the loans*]... and I am now trying to preserve my small piece

of land, only 1.5 hectares large, in Sinop. I sell my milk directly to my clientele; I refuse to give it to the industry because they pay almost nothing. I try to survive, but so much is still lacking. When I go to the hospital, I am really humiliated... Soybean is not helping us at all and the future is not looking any better... (Interview with small-scale farmer, Sinop, Jul. 2015)

There are also other political and symbolic repercussions of the uncompromising replacement of farmers and technologies in the Teles Pires. Soybean production has been constantly portrayed by sector representatives as a fine expression of technological efficiency and administrative knowhow, which is used as undisputed evidence that rational, high-tech development works. The claim is that technified agribusiness has replaced the tradition of chaos, incompetence and turbulence typically associated with previous rounds of economic development in the Amazon with a new socio-spatial reality based on rationalism, knowledge and competence. The argument demonstrates the true narcissism of the frontier, in which self-constructed claims of heroism and unquestionable achievements serve to fulfil a prophecy of success and sanction the new agricultural frontier as the triumph of determination and entrepreneurialism against what was considered a place of ignorance and backwardness. It is an essentialist perspective by those who control place-making that, in practice, constantly denies alternative forms of agriculture or a different socio-economy. The symbolism and rhetoric of the successful frontier plays an important role in the definition of the new agriculture places against other possibilities who are outside (what Massey, 1994, describes as the production of selective inclusion and boundaries of exclusion). Although 'a great part of the land title in the Brazilian Amazon doesn't pass a serious judicial examination' (Oliveira, 2005: 91), the high productivity of soybean and the impressive expansion of areas under cultivation are used to vindicate the violence, the mistakes and the illegality employed for the creation of the frontier.

However, the narcissism of the frontier is insufficient to conceal the mounting contradictions of what Heredia et al. (2010) describe as the society of agribusiness. As in most of the Amazon region, agribusiness development superimposed an urban logic, and globalisation tendencies, over regional place-making (Rempel, 2014). Less than 30% of the population now live in the countryside and landowners typically live in the cities and commute every day, only spending more time in the rural property during seeding and harvesting periods. Those towns are defined by Elias (2007) as agribusiness municipalities with high levels of urbanisation and a range of specialised services to attend to the demands of modern agriculture (including logistics and financial services), but also with marked contrasts between the wealthy centre and a growing urban periphery consisting of low-paid workers and the unemployed. There are sustained cases of racial and socio-economic discrimination against those in the periphery. Normally those who came from the Northeast or other parts of the Amazon and who are typically non-white migrants (such as the majority of the residents interviewed in the periphery of Sinop and Sorriso, respectively in the deprived neighbourhoods of Boa Esperança and São Domingos). The mismatch between the narcissism of the frontier and the crude experience on the ground produces a tough synthesis to pull off. As observed by Otsuki (2012: 908-909), 'the frontier is a place in which various utopian visions collide' and in the case of the Brazilian Amazon '[i]llegality and the associated deforestation will never be entirely overcome if we do not grasp this creative process of place-making.'

### **The Resulting Misplacement**

From the above analysis, it is clear that place-making in the Teles Pires produced urban and rural landscapes of intense economic activity that are also fraught with difference, tensions and unevenness. The high-tech agriculture practiced in the Teles Pires did secure national and international prestige among agribusiness players and is now widely praised for its productivity, rationality and entrepreneurialism. At the same time, there are striking contrasts, for example, between wealthy urban areas and agribusiness farms on the one hand, and the poverty of urban peripheries and small family farms on the other. Those differences are typical of *nouveau riche* regions, particularly in Latin America, where the accelerated expansion of a lucrative economic sector benefits primarily those with monopoly power over land, resources and markets. However, because of the distinctive origins and the turbulent advance of the agricultural frontier, it seems that there is more than just ostentation and socio-spatial inequality in the Teles Pires. The empirical evidence, primarily from long interviews with the locals, suggests that those living in the region have to constantly reinterpret their existence. Despite signs of progress and opulence, place-making in the Teles Pires continues to be in a state of great uncertainty and complex constraints. One main source of instability is the fact that, because of the politico-economic crisis of the 1990s, the region was inserted too easily into the circuits of global agri-food markets and neoliberal economic reforms (Ioris, 2015). Public and private life has been affected by those adjustments which, despite renovating the regional economy, reinforced the pattern of socio-ecological exploitation, vulnerability and political subordination (Ioris, 2016).

What is also particularly unique about the case of the Teles Pires is that the unsettling dialectics of displacement and replacement continues to define place-making in the region long after the opening of the agricultural frontier. Present-day circumstances, marked by the hegemony of neoliberal agribusiness at the expense of any other socio-economic alternative, remain directly based on the original mechanisms of territorial conquest and political control put in practice since the middle of the last century (Ioris, 2017b). The violent displacement of the earlier socio-ecological reality was not followed by a condition of spatial stability, but was instead complemented, and magnified, by a never-ending replacement of people, knowledge and social practices. Rather than the more common succession of displacement by emplacement (as the consolidation of the spatial configuration that characterises most areas of agricultural frontier), what happened in the Teles Pires was the consolidation of displacement by new waves of replacement. It is precisely this synergy between displacement and replacement that facilitated the employment of some of the oldest methods used during the grabbing of the Brazilian territory, such as highly exploited labour, large-scale deforestation and coordinated deception. The main source of this perverse renewal of displacement through replacement is the intersection between national economic growth policies and the demands of powerful local groups. The agricultural frontier was established to serve, and continues to attend, primarily, the politico-economic agendas of such groups. Certainly the main authority that decides the future of the region is located elsewhere, as actual place-making is embedded in trans-spatial flows and international networks through which power is exercised extra-territorially.

All things considered, place-making in the Teles Pires continues at a fast pace, but remains based on a fundamental paradox between the presumption of progress and collective achievement, and the concealment of the fact that most social and economic opportunities are increasingly restricted. While agribusiness is ubiquitous, not as merely an economic activity, but as the holy grail of modernisation and is formally available to all; in



reality it is touched by very few. The local population now lives a strange, increasingly troubled, disconnection between the proclaimed success of the agricultural frontier and the emerging realisation that not everything corresponds to those claims. In various contacts with farmers and residents, what became clear was the rising concern with, among other issues, the long-term viability of soybean production; the risks of a very narrow economic base; the isolation of the region in relation to input suppliers and soybean buyers, and the hidden agenda of politicians and sector representatives. These suggest that several decades of the spatial dialectics of displacement and replacement actually resulted in a pervasive, although often silent, sentiment of misplacement. Despite all the positive images transmitted daily in the local and national media, the region seems misplaced, its future is ambiguous and most of the population still struggle to reconcile being and belonging. New places have been produced, and afterwards many have been destroyed, because of the alleged advantages of the agricultural frontier, whereas these are, in effect, signs of great weakness. Moreover, misplacement is not a passive synthesis of displacement and replacement, but it is actually the third term of a highly idiosyncratic trialectics (cfr. Ioris, 2012) and, therefore, has also become a central driving force in the process of place-making. For instance, the sense of misplacement in the Teles Pires is appropriated by the hegemonic groups and then used as justification for new rounds of capital accumulation (more recently under strong calls for efficiency, better logistics and competitiveness).

The empirical evidence, primarily from documents, meetings and interviews, suggests that despite signs of progress and opulence life in the Teles Pires remains in a state of great uncertainty and stiff constraints, particularly to small farmers living in-between large estates:

When rains we can see the '*veneno*' [literally, 'poison', but actually meaning agrochemicals] coming down the river, destroying our waterbodies, and with the hydropower dams now it is only getting worse. It started with cattle, the cutting of trees, now soybean... These farmers don't care that we are seeing, that it is affecting our life... We could do more, but we need more things, more help [from the government]. (Interview with a small-scale farmer, Mar. 2014)

Interview extracts like this expose a situation in which many social groups are always 'out of place' due to policies and measures that consolidate the agricultural frontier as narrow places of settlement and production. In addition, there are serious concerns in the Teles Pires with, among other issues, the long-term viability of soybean production; the risks of a very narrow economic base; the isolation of the region in relation to input suppliers and soybean buyers; and the hidden agenda of politicians and agribusiness leaders that seem to exclude the many people:

We live because we are obstinate, because we occupy our space, but I am really concerned about the continuous difficulties. What kind of development is this that leaves us with only a tiny bit of space? (Interview with a small-scale farmer in an agrarian reform project, Dec. 2014)

Those trends affect not only peasants and family farmers, but similarly disturb the situation and the prospects of large-scale farmers:

I arrived here in Sinop 36 years ago; I came with strength and innocence, there was so much to do what I didn't have time to think [about the changes]. The government then needed to maintain territorial sovereignty and used the farmers to occupy the land. People like me agreed, because they wanted more land. Our dream was to have a [rural] property, it was a family dream, something from my grandfather. (...) Initially, we had rice, then gradually soybean. It was a great period, the structural problems were still there, but things really improved [in our lives]. We managed to evolve, technologically speaking, productivity increased a lot. What the farmers could have done, we did. But now lots of people are deep into debts, the last decade has been very difficult. Many will leave the sector, I am afraid... The big companies created a monopoly... I am anticipating that I myself will also file bankruptcy, maybe next year... Only those with good savings or excellent credit will remain. Those who can, go into politics. What we really need is more incentives to hard work. (Interview with a soybean farmer, Sinop, Jun. 2015)

Such comments suggest that several decades of the spatial dialectics of displacement and replacement actually resulted in a pervasive sentiment of *misplacement*. Despite all the positive images transmitted daily in the local and national media, the economic success of the region seems misplaced, its future is ambiguous and most of the population still struggle to reconcile being and belonging. The fact that misplacement is the dialectical synthesis of the interplay between displacement and replacement taking place in the Teles Pires, further reveals the full extent of the colonisation of space by capital (along the lines of the Marxist ideas about the production of private landed property and primitive accumulation). A clear indication of that is that present day agriculture in the Teles Pires is now decisively associated with the activity of transnational corporations (controlled either by national or international capital, as mentioned above) in charge of selling off farm inputs and controlling credit and foreign trade. More importantly, new places have been framed because of the alleged advantages of the agricultural frontier, whereas these are, in effect, signs of great weaknesses of its narrow production base. Something that is particularly relevant in the Teles Pires is that the unsettling sense of misplacement, which results from dialectics of displacement and replacement, continues to define place-based interactions in the region long after the initial opening of the agricultural frontier. Present-day circumstances, marked by the hegemony of agribusiness at the expense of any other socio-economic alternative, remain directly based on the original mechanisms of territorial conquest and political control put in practice since the middle of the last century. The violent displacement of the earlier socio-ecological reality was not followed by a condition of spatial stability, but was instead complemented, and magnified, by a never-ending replacement of people, knowledge and social practices.

Finally, the recognition that misplacement has also been converted into a force for place-making has another unexpected and probably surprising result: the progressive and disturbing shrinking of space in the Teles Pires. This raises the spectre of another uncomfortable paradox, which is a growing number of places that together represent a much-abridged social space. The regional space has not only been produced through place-making, but has also been wasted, corrupted and ultimately diminished. In other words, if the physical map of Mato Grosso retains the same area (around 90 million hectares) and the Teles Pires has the same boundaries as 40 years ago (with an increasing number of municipal authorities), the social and socio-ecological space has gradually reduced year by year because of place-making. The process of place-making has relied on the acute degradation

of nature, the destruction and waste of timber, land and biodiversity, and on the subjugation of those who came to the region naively in search of an improved future. An important element of the reduction of space when the agricultural frontier advances is the decoupling of intense farming from food production. This problem is not unique to the Teles Pires region, but it is particularly embarrassing that the main area of agribusiness production in the country is, in effect, a large food desert where most of the basic staple foods, such as rice, beans and vegetables, are imported from other Brazilian states; in addition, large agribusiness farms are less agro-ecologically complex (i.e. in terms of biodiversity) and less efficient than smaller farm units. The prevailing direction of place-making under the influence of agribusiness has produced a reality of prevalent misplacement, in which places are less ecologically viable, more unstable and much smaller than during the previous socio-spatial situation.

### **The Frustrated Invention of Mato Grosso**

Due to the convergence of developmentalist policies and the attraction of large contingents of migrants, the northern section of Mato Grosso has become one of the last, and most important, frontiers of agricultural expansion in the world. Instead of a gradual advance of private property and market transactions as in other areas of agricultural frontier, the government planned and imposed the new places in the Teles Pires upon vast areas and easily mechanisable tablelands since the 1970s. The main conclusion that can be drawn from the specific historico-geographical experience is that it followed a very different trajectory to that proposed by Manoel de Barros. In the 1920s, the poet wished for an 'invention' of Mato Grosso, because it was a world apart, fraught with anachronisms and subject to spatial forces that isolated people into remote communities. Manoel's main proposition was to reconfigure those places and realise human potentialities at the same time, but he also warned about a rival pathway, which was qualitatively inferior and would produce a misleading reality based on lies and wrongdoing. From the empirical evidence available, there is plenty of material to infer that Manoel's stipulation was not observed. On the contrary, the geographical typology provided by Manoel – that is, the difference between invention (as something genuine and positive) and falsehood (as inauthentic and dubious) – helps us to realise that place-making in the Teles Pires has been an accumulation of lies, instead of the proper invention of the world. That happened through another crucial paradox (in a long sequence of perverse paradoxes, some discussed above): what was considered too simple a space was displaced and replaced with an even simpler space, which is only deceptively more sophisticated or more advanced.

The false place-making at the new frontier (in the Manoelian sense) followed a distinctive spatial dialectics of displacement, replacement and, in the end, misplacement of economy and society. What existed before had to be violently displaced through the firm hand of the state and the involvement of a large number of impoverished farmers from the south of Brazil (and also some business enterprises in search of the easy, subsidised government incentives). The region was opened up to public and private colonisation schemes (either promoted by the national and provincial levels of the state or by private companies) and rent-seeking companies in an intense place-making process boosted by the state through the construction of roads, airfields, storage facilities and the growing expansion of urban settlements. Soon after the frontier was considered irreversible, there was an opportunity to accommodate the needs and aspirations of all those initially involved. Although at first the aim was to occupy areas considered (or made) empty and cope with

major structural deficiencies in the best way possible, since the 1980s the main driving-force was to replace the promise of land for all and emphasise high-tech, efficient agribusiness production as the only way forward. Instead of making the world bigger, as Manoel wanted, place-making has been characterised by spatial compression through the accumulation of land and accelerated financialisation of production (particularly under the sphere of influence of TNCs and private banks). The ultimate result is that Mato Grosso's space has been shrinking since the early days of the agricultural frontier, due to socio-cultural and socio-ecological erosion. Another factor is the growing hegemony of neoliberalised agribusiness, which has further reduced socioeconomy, agri-food production and interpersonal interactions to the narrow practices and distorted semiotics of agribusiness.

The frontier is not only a chain of numerous places that are profoundly interconnected (a simultaneous diversity, as described by Pred and Watts, 1992), but the new places also reveal a great deal about tensions related to spatial change and are themselves geographical frontiers between the new spatiality of agribusiness and old, exclusionary practices. Beyond the apparent uniformity of crop fields and the homogeneity of plantation farms there are major social inequalities, the almost forgotten genocide suffered by indigenous groups and the risks of a socio-economy reliant on a single activity (soybean). Although the advocates of agribusiness make optimistic claims about the 'brave new places', they systematically pursue strategies that are inherently partial and leave most of the population and socionature behind. The places dominated by agribusiness in the Teles Pires are based on a totalising activity that has excluded and undermined alternative forms of production and livelihoods that do not fit in the modernist spatial plan. That leads us to a final and very disturbing observation (which has worldwide repercussions): there was nothing inevitable in the process of rural and regional development promoted in the Teles Pires, but at the same time the problems, conflicts and injustices that characterise its turbulent geographical trajectory were all more or less visible from the outset. Very little could have been different, considering the past process of territorial conquest in Brazil and the brutal advance over the Amazon in the last century. In other words, the new places at the frontier have been impregnated with the worst forms of money-making, aggression and racism. The consequence is that, more than the soybean, the deceptiveness of place-making is the main contribution of this agricultural frontier to the rest of the world.

## References

- Arendt, H. (1998) [1958] *The human condition*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- Barros, M. (2013) *Poesia completa*. São Paulo: LeYa.
- Brannstrom, C. & Neuman, M. (2009) 'Inventing the "Magic Valley" of South Texas, 1905-1941'. *Geographical Review* 99: 123-145.
- Buarque de Holanda, S. (1994) *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Connor, T. K. (2012) 'The Frontier Revisited: Displacement, Land and Identity among Farm Labourers in the Sundays River Valley'. *Journal of Contemporary African Studies* 30: 289-311.
- Cunha, J. M. P. (2006) 'Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste Brasileiro: O caso de Mato Grosso'. *Revista Brasileira de Estudos de População* 23: 87-107.

- Deininger, K. W. & Byerlee, D. (2011) *Rising Global Interest in Farmland*. Washington D.C.: World Bank.
- Dias, E. A. & Bortoncello, O. (2003) *Resgate histórico do Município de Sorriso*. Cuiabá: Edição das autoras.
- Elias, D. (2007) 'Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: Notas teórico-metodológicas', in M. E. B. Sposito (ed.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo Expressão Popular, 113–138.
- Helfand, S. M. & Rezende, G. C. (2004) 'The Impact of Sector-specific and Economy-wide Policy Reforms on the Agricultural Sector in Brazil: 1980-98'. *Contemporary Economic Policy* 22: 194–212.
- Heredia, B.; Palmeira, M. & Leite, S. P. (2010) 'Sociedade e economia do 'agronegócio' no Brasil'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 25: 159–196.
- Ioris, A. A. R. (2012) 'Applying the Strategic-relational Approach to Urban Political Ecology: The Water Management Problems of the Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brazil'. *Antipode* 44: 122–150.
- Ioris, A. A. R. (2015) 'Cracking the Nut of Agribusiness and Global Food Insecurity: In Search of a Critical Agenda of Research'. *Geoforum* 63: 1–4.
- Ioris, A. A. R. (2016) 'Rent of Agribusiness in the Amazon: A Case Study from Mato Grosso'. *Land Use Policy* 59: 456–466.
- Ioris, A. A. R. (2017a) *Agribusiness and the Neoliberal Food System in Brazil: Frontiers and Fissures of Agro-neoliberalism*. London: Routledge.
- Ioris, A. A. R. (2017b) 'Encroachment and Entrenchment of Agro-neoliberalism in the Centre-West of Brazil' *Journal of Rural Studies* 51: 15–27.
- Jepson, W., Brannstrom, C. & Filippi, A. (2010) 'Access Regimes and Regional Land Change in the Brazilian Cerrado, 1972-2002'. *Annals of the Association of American Geographers* 100: 87–111.
- Marx, K. (1973) [1857–1858]. *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy*. Trans. M. Nicolaus. London: Penguin.
- Marx, K. (1976) [1867] *Capital: A Critique of Political Economy (Volume 1)*. London: Penguin.
- Massey, D. (1994) *Space, Place, Gender*. Cambridge: Polity Press.
- Moreno, G. (2007) *Terra e poder em Mato Grosso: política e mecanismos de burla 1892-1992*. Cuiabá: EdUFMT/Entrelinhas.
- Oliveira, J. M. (1983) *A esperança vai na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso de Sinop*. MSc dissertation, FFLCH/USP, São Paulo.
- Oliveira, A.U. (1989) *Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos*. Campinas: Papyrus.
- Oliveira, A.U. (2005) 'BR-163 Cuiabá-Santarém: geopolítica, grilagem, violência e mundialização', in M. Torres (ed.) *Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163*. CNPq: Brasília, CNPq, 67–183.
- Otsuki, K. (2012) 'Illegality in Settlement Heterotopias: A Study of Frontier Governance in the Brazilian Amazon'. *Environment and Planning D* 30: 896–912.
- Pierce, J.; Martin, D. G. & Murphy, J. T. (2011) 'Relational Place-making: The Networked Politics of Place'. *Transactions of the Institute of British Geographers* 36: 54–70.
- Pipino, E. (1982) 'Não há "inferno verde" (interview by O. Ribeiro)'. *Contato* 33: 3–6.
- Pred, A. & Watts, M. J. (1992) *Reworking Modernity: Capitalisms and Symbolic Discontent*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Rempel, E. T. (2014) *Políticas públicas ambientais e seus nexos com a educação: um estudo no Município de Sinop-MT*. Cuiabá: EdUFMT.
- Santos, J. V. T. (1993) *Matuchos: exclusão e luta*. Petrópolis: Vozes.

- Santos, L. E. F. (2011) *Raízes da história de Sinop*. Sinop: Arte Design.
- Schwantes, N. (1989) *Uma cruz em Terranova*. São Paulo: Scritta.
- Souza, E. A. (2006) *Sinop: história, imagens e relatos*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT.
- Turner, J. F. (1920) *The Frontier in American History*. New York: Henry Holt and Company.
- Villas Bôas, O. & Villas Bôas, C. (1994) *A Marcha para o Oeste: a epopéia da expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Globo.
- Webb, W. P. (1952) *The Great Frontier*. Austin, TX: University of Texas Press.

**A la memoria de nuestro amigo y colega Ken Henriksen**

**'Inocentes' caricaturas: eugenia, raça e nação em cores**

Leonardo Dallacqua de Carvalho

**Redes sociais e educação informal: entre o *scemo del villaggio* e o pensamento crítico**

Alexandre Anselmo Guilherme

Bruno Antonio Picoli

**'A lo largo de la vida': ¿educación o aprendizaje?**

Paula Guimarães

**Educação matemática e linguística nos jornais pedagógicos para professores das escolas de imigração alemã do sul do Brasil**

Gelsa Knijnik

Maria Luísa Lenhard Bredemeier

Fernanda Wanderer

**Formación de profesores de educación inicial en Brasil y Colombia: comprensión hermenéutica del discurso del profesor egresado**

Adriana Pineda Robayo

Vera Lucia Felicetti

**'The Intellectual as Transgressor': Richard Shaull and Latin-American Pedagogical Thinking**

Danilo R. Streck

**Os *Anales del Museo Nacional de México*: sua importância histórica para construção da identidade nacional**

Ana Carolina Machado

**Memoria agonística en *El hombre que amaba a los perros* de Leonardo Padura (2009)**

Hans Lauge Hansen

**Notas para un abordaje de la literatura policial argentina desde una perspectiva de la sociología de la cultura**

Hernán Maltz

**Dossiê: Amazônia, modernização e desenvolvimento**

**Apresentação**

Antônio A. R. Ioris

Vitale Joanoní Neto

**A Amazônia e a política de Integração Nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente**

Vitale Joanoní Neto

Regina Beatriz Guimarães Neto

**A permanência na terra como suspeita de atos guerrilheiros em Porto Alegre Do Norte/MT – 1970**

Luciene Aparecida Castravechi

Vitale Joanoní Neto

**O Norte Araguaia mato-grossense como uma nova fronteira de expansão da soja Brasil (2000 a 2015)**

João Carlos Barrozo

Juliana Cristina da Rosa

**Capital paulista no Araguaia: a política de incentivo fiscal da SUDAM como financiadora de empreendedores**

Armando Wilson Tafner Junior

Fábio Carlos da Silva

**Lucas do Rio Verde/MT: Modernização agrícola e expropriação dos agricultores**

Fernanda Celina Nicoli da Silva

Edison Antônio de Souza

**Agricultural Frontiers as Controversial Place-making Territories**

Antonio A. R. Ioris